

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**A INICIATIVA PRIVADA PROMOVE O LAZER EM SÃO PAULO:  
O CASO DO PARQUE SHANGHAI  
(1937-1968)**



**HENNAN GESSI**

**GUARULHOS  
2017**

**HENNAN GESSI**

**A INICIATIVA PRIVADA PROMOVE O LAZER EM SÃO PAULO:  
O CASO DO PARQUE SHANGHAI  
(1937-1968)**

Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientação: Prof. Dr. Fernando Atique (03/2015 a 12/2015) e (01/2017 a 10/2017).

Profa. Dra. Manoela Rossinetti Rufinoni (01/2016 a 12/2016).

**GUARULHOS  
2017**

Gessi, Hennan.

A Iniciativa Privada Promove o Lazer em São Paulo : o Caso do Parque Shanghai (1937-1968) / Hennan Gessi. – Guarulhos, 2017. 301f.

Dissertação (Mestrado História e Historiografia) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento ou Programa de Pós Graduação de História, 2017.

Orientador: Fernando Atique. Manoela Rossinetti Rufinoni.

Título em inglês: The Privates Initiative Promote Leisure in São Paulo: the Case of Parque Shanghai (1937-1968).

1. Parque Shanghai. 2. Iniciativa Privada. 3. Lazer. 4. São Paulo. I. Gessi, Fernando Atique. A Iniciativa Privada Promove o Lazer em São Paulo : o Caso do Parque Shanghai (1937-1968) II.

**A INICIATIVA PRIVADA PROMOVE O LAZER EM SÃO PAULO:  
O CASO DO PARQUE SHANGHAI  
(1937-1968)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre em História  
História: Instituições, Vida Material e Conflito  
História do Urbanismo

Aprovação

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Fernando Atique  
Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

---

Prof. Dra. Maria Lucia Caira Gitahy  
Universidade de São Paulo (Usp)

---

Prof. Dra. Manoela Rossinetti Rufinoni  
Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

Aos meus pais

## AGRADECIMENTOS

Em 2015, quando principiei a investigação, jamais poderia imaginar que esta alcançaria tamanha densidade. Uma pequena nota de rodapé, um parque de diversões batizado com o nome de uma cidade chinesa, administrado por imigrantes alemães, que funcionou no Parque Dom Pedro II, em meados do século XX, inusitado... Essa aparente conjuntura desconexa que a primeira vista causou enorme estranhamento, curiosamente, me despertou grande interesse, e o curso da pesquisa demonstrou, para minha sorte, uma complexidade ainda maior, que procuro desvendar nas páginas a seguir. Contudo, finalizar esse trabalho, só foi possível em função da contribuição de inúmeras pessoas e instituições que estiveram envolvidas neste processo, que citarei a seguir.

Inicialmente gostaria de expressar minha gratidão ao meu orientador Fernando Atique, que contribuiu nesses mais de dois anos de mestrado para o meu amadurecimento intelectual. Contudo, mais que um orientador dedicado, considero Atique um grande amigo. Agradeço, sinceramente, por sua paciência, por cada conversa, conselho e ideia compartilhada, enfim, por sua parceria.

Agradeço também à professora Manoela Rossinetti Rufinoni, pela disponibilidade em me orientar durante o período em que o professor Atique realizou pós-doutoramento na *New York University* e pelas preciosas contribuições à pesquisa. A professora Maria Lucia Caira Gitahy, pelas aulas, debates, e sugestões bibliográficas, determinantes para constituição da pesquisa. Aos professores do departamento de História da EFLCH e aos servidores da UNIFESP pelo auxílio durante esses anos.

Agradeço aos funcionários das instituições pesquisadas, dentre as quais, o Arquivo Histórico de São Paulo; a Junta Comercial do Estado de São Paulo (JUCESP); a Cinemateca Brasileira; a Produtora Karmatique; o Arquivo Nacional; a Biblioteca Nacional; o Arquivo Nacional; o Museu Histórico Nacional; o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro; o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro; o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC); a Junta Comercial do Estado do Rio de Janeiro (JUCERJA); o Registro Civil de Pessoas Jurídicas (RCPJ); pelas orientações, materiais e disponibilidade em contribuir com a pesquisa. Agradeço a Nelson Waller e Bernardo Waller, atuais proprietários do Parque Shanghai do Rio de Janeiro, por me receberem e por suas considerações a respeito do empreendimento.

Agradeço aos amigos do grupo de pesquisa Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica (CAPPH) da Unifesp. A cada ano as brilhantes pesquisas efetuadas por cada um de vocês, nossas reuniões, viagens de estudos, cafés, sopas, etc. atestam que a escolha pela História foi acertada.

Agradeço aos meus colegas de mestrado por cada aflição e afago que compartilhamos nesses quase três anos, bem como aos parceiros de velha data do Colégio Notre Dame, do Copi e da graduação da Unifesp, sempre acessíveis para uma boa conversa. Agradeço ao meu amigo e cuidador Didi. De verdade, obrigado por escutar meus devaneios e minhas loucuras.

Agradeço à minha família, sobretudo, aos meus pais, Marcello Gessi e Rosely Rodrigues, e aos meus irmãos, Gabriel e Gustavo Rodrigues, Bruno Gessi e Luis Fernando Bonfim pelo companheirismo. A propósito, aproveito o espaço para me desculpar por esses anos em que o intenso envolvimento com Parque Shanghai tornou cada um de vocês “forçados expectadores”. Confesso, extrapolei em pelo menos uma hora os quinze minutos que eu solicitava do tempo de vocês a cada explanação.

Agradeço a Renata Geraissati por sua afeição e companheirismo. Saudades do nosso tempo!

Agradeço, por fim, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento concedido (Processo 2014/25057-8), que oportunizou a execução da pesquisa.

## **RESUMO**

Esta pesquisa buscará evidenciar a participação da iniciativa privada no processo de difusão de espaços de lazer em São Paulo por meio da análise da trajetória de uma experiência: do Parque de Diversões Shanghai, empreendimento privado surgido na capital paulista em meados década de 1930 no contexto de sua vertiginosa expansão. Destarte, para a construção dessa pesquisa, serão examinadas, com especial cuidado, fontes textuais e iconográficas com a intenção de compreender o modo de inserção deste equipamento na cidade em uma época em que a questão do lazer estava sendo introduzida, tendo em vista as graduais conquistas no campo do trabalho, a ampliação das demandas por novos espaços de lazer e os debates em torno da regulamentação do direito ao lazer.

Palavras-chave: Parque Shanghai; Iniciativa Privada; Lazer; São Paulo; Urbanização.

## **ABSTRACT**

This research seeks to highlight the participation of the private sector in the process of dissemination of leisure spaces in São Paulo through the analysis of one experience: the Parque Shanghai, a private enterprise created in São Paulo during the 1930's in the context of its expansion. The research will examine, with special care, textual and iconographic sources trying to understand the way which this equipment occupied in the city, at a time when the question of leisure was being introduced, dialoguing with the achievements in labor, the expansion of demands for new spaces and the debates around regulation of the leisure right.

**Keywords:** Parque Shanghai; Private Enterprises; Leisure; São Paulo; Urbanization.

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> - Plano do Birkenhead Park onde se pode notar a implantação de vias internas para passeios .....	44
<b>Figura 02</b> - Panorama do Stanfor Park localizado na cidade de Chicago, EUA, no ano de 1915 .....	45
<b>Figura 03</b> - Aspecto dos equipamentos e de atividade de lazer decorrida no Parque Infantil de Santo Amaro, na cidade de São Paulo .....	47
<b>Figura 04</b> - Vista dos fundos da edificação, da piscina e do tanque para diversões do Parque Infantil da Barra Funda.....	47
<b>Figura 05</b> - Ferris Wheell.....	62
<b>Figura 06</b> - Retrato de Paul Boyton .....	63
<b>Figura 07</b> - Aparelho de diversão Shoot-the-Chutes .....	64
<b>Figura 08</b> - Elephant Hotel .....	64
<b>Figura 09</b> - Portão de entrada da Steeplechase .....	64
<b>Figura 10</b> - Adultos e crianças se divertindo no Shoot-the-Chutes .....	65
<b>Figura 11</b> - Steeplechase.....	65
<b>Figura 12</b> - Retrato de George Cornelius Tilyou .....	65
<b>Figura 13</b> - Elmer Dundy e Frederic Thompson idealizadores do Luna Park. ....	67
<b>Figura 14</b> - Fachada do Luna Park.....	67
<b>Figura 15</b> - Show de luzes no Luna Park. ....	67
<b>Figura 16</b> - Ficha Consular de Qualificação de Gaspar José Luis Zaragueta.....	101
<b>Figura 17</b> - Ficha Consular de Qualificação de Maria Micaela Echaniz Zaragueta.....	102
<b>Figura 18</b> - Ficha Consular de Qualificação de Enrique Pio Gaspar Zaragueta .....	102
<b>Figura 19</b> - Ficha Consular de Qualificação de Nelida Raquel Zaragueta .....	102
<b>Figura 20</b> - Ficha de Registro de Estrangeiro de José Maria Zaragueta.....	102
<b>Figura 21</b> - Retrato de Manoel Valentias Caballero.....	104
<b>Figura 22</b> - Aspecto da Roda gigante na Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes.....	104
<b>Figura 23</b> - Water Shoot. X Feira internacional de Amostras do Rio de Janeiro.....	108

<b>Figura 24</b> - Autódromo. X Feira internacional de Amostras do Rio de Janeiro.....	108
<b>Figura 25</b> - Aspecto da Montanha Russa construída na XI Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro.....	109
<b>Figura 26</b> - Anúncio do Parque Shanghai na XI Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro.....	111
<b>Figura 27</b> - Demonstração esportiva da Polícia Militar durante a XI Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro.....	112
<b>Figura 28</b> - Militares e famílias se divertindo na roda gigante do Parque Shanghai na XII Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro.....	112
<b>Figura 29</b> - A Personagem Renée em fotografia realizada na XII Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro.....	115
<b>Figura 30</b> - A personagem Tarzan e outros artistas da XII Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro.....	115
<b>Figura 31</b> - Partida de um comboio da montanha russa construída pelo Parque Shanghai na Feira de Amostras de 1939. ....	115
<b>Figura 32</b> - Croquis da atração Acroplano oferecida pelo Parque Shanghai na Feira de Amostras de 1939.....	116
<b>Figura 33</b> - Croquis da atração Torre para Lançamento de Paraquedas oferecida pelo Parque Shanghai na Feira de Amostras de 1939. ....	116
<b>Figura 34</b> - Croquis da atração Trem Pneumático oferecida pelo Parque Shanghai na Feira de Amostras de 1939.....	116
<b>Figura 35</b> - Torre para Lançamento de Paraquedas em Coney Island.....	116
<b>Figura 36</b> - Anúncio da Exposição Nacional de Pernambuco divulgando a presença do Parque Shanghai.....	117
<b>Figura 37</b> - Fachada do Pavilhão da Prefeitura de Recife instalado na Exposição Nacional de Pernambuco.....	118
<b>Figura 38</b> - Fachada do Pavilhão da Anti-Comunismo instalado na Exposição Nacional de Pernambuco.....	118
<b>Figura 39</b> - Vista Panorâmica do Parque Shanghai na XIII Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro.....	120
<b>Figura 40</b> - Aspecto da “Batedeira”. Atração do Parque Shanghai na XIII Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro.....	120
<b>Figura 41</b> - Atrações do Parque Shanghai na XIII Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro.....	121

<b>Figura 42</b> - “Rumba”. Aparelho de diversão do Parque Shanghai de fabricação brasileira .....	121
<b>Figura 43</b> - Capa do jornal O Estado de São Paulo de 07 de setembro de 1940 anunciando o início da I Feira Nacional de Indústrias .....	122
<b>Figura 44</b> - Anúncio da Feira Nacional de Indústrias divulgando a presença do Parque Shanghai e suas atrações.....	122
<b>Figura 45</b> - Anúncio divulgando atrações gratuitas do Parque Shanghai na “Cidade da Folia.....	125
<b>Figura 46</b> - Anúncio divulgando o cortejo do Rei Momo para posse na “Cidade da Folia” .....	125
<b>Figura 47</b> - Tira em quadrinhos ilustrando a experiência de “Vieira” e “sua família” na III Feira Nacional de Indústrias e no Parque Shanghai. ....	128
<b>Figura 48</b> - Propaganda da IV Feira Nacional de Indústrias publicada no Dia de Reis de 1944. ....	128
<b>Figura 49</b> - Propaganda da IV Feira Nacional de Indústrias destacando as variadas atrações mecanizadas oferecidas pelo Parque Shanghai .....	129
<b>Figura 50</b> - Anúncio de divulgação da presença do Parque Shanghai na Quinta da Boa Vista.....	135
<b>Figura 51</b> - Perímetro de Irradiação elaborado por Ulhôa Cintra e Prestes Maia .....	140
<b>Figura 52</b> - Ilha dos Amores .....	141
<b>Figura 53</b> - Registro da ocupação da Várzea no início do século XX.....	144
<b>Figura 54</b> - Anúncio que revela distância de 300 metros entre o Parque Shanghai e a Praça da Sé.....	152
<b>Figura 55</b> - Anúncio de divulgação do Show de Adoniran Barbosa no Parque Shanghai. ....	154
<b>Figura 56</b> - Anúncio de divulgação do Show de Grande Otelo e outras atrações musicais no Parque Shanghai .....	154
<b>Figura 57</b> - Anúncio de divulgação do Gran Circo Norte Americano que se apresentou no Parque Shanghai .....	154
<b>Figura 58</b> - Anúncio publicado no dia seguinte a inauguração do Parque Shanghai na Várzea do Glicério.....	154
<b>Figura 59</b> - Planta do terreno ocupado pelo Parque Shanghai na Várzea do Glicério	159
<b>Figura 60</b> - Convite da missa de 7º dia de Gaspar José Luis Zaragueta .....	162
<b>Figura 61</b> - Ficha de Registro de Estrangeiro de Bernhard Waller .....	164

<b>Figura 62</b> - Ficha de Registro de Estrangeiro de Berthold Wronke .....	164
<b>Figura 63</b> - Festa de Natal do Filho do Comerciante (SESC) .....	167
<b>Figura 64</b> - Festa de Natal dos filhos dos empregados da CMTC.....	167
<b>Figura 65</b> -Dia do Trabalho” no Parque Shanghai. ....	168
<b>Figura 66</b> - Anúncio da empresa S.A. Armando Busseti Comercial Importadora aludindo ao Shanghai .....	168
<b>Figura 67</b> - Festa de Natal organizada pelo jornal Folha da Manhã no Parque Shanghai .....	169
<b>Figura 68</b> - Festa de Natal organizada pelo jornal Folha da Manhã no Parque Shanghai .....	169
<b>Figura 69</b> - Festa de Natal organizada pelo jornal Folha da Manhã no Parque Shanghai .....	169
<b>Figura 70</b> - Festa de Natal organizada pelo jornal Folha da Manhã no Parque Shanghai .....	169
<b>Figura 71</b> - Anúncio das Festas Joaninas promovidas pela Associação Portuguesa de Desportos no Parque Shanghai. ....	170
<b>Figura 72</b> -Anúncio do show de Emilinha Borba promovido no Parque Shanghai no Grande Carnaval Salton.....	170
<b>Figura 73</b> - Anúncio do show de Black-out promovido no Parque Shanghai no Grande Carnaval Salton .....	170
<b>Figura 74</b> - Fotografia do jornal Diário da Noite evidenciando aspecto de degradação próximo ao Parque Shanghai .....	174
<b>Figura 75</b> - Fotografia do jornal Diário da Noite destacando a estrutura do Parque Shanghai. ....	174
<b>Figura 76</b> - Anúncio de venda da montanha russa do Parque Shanghai .....	175
<b>Figura 77</b> - Aspecto da montanha russa do Parque Shanghai no Parque da Quinta da Boa Vista .....	175
<b>Figura 78</b> - Cena do filme Maria 38 gravada no Parque Shanghai do Rio de Janeiro .	182
<b>Figura 79</b> - Cena do filme O Grande Momento gravada no Parque Shanghai de São Paulo .....	182
<b>Figura 80</b> - Fotografia do Parque Dom Pedro II de 1971 .....	184
<b>Figura 81</b> - Fotografia do Parque Dom Pedro II da década de 1950.....	184
<b>Figura 82</b> - Aspecto do Parque Japonês. ....	188

**Figura 83** - Torre dos Ingleses.....188

**Figura 84** - Estrutura da montanha russa do Parque Shanghai da cidade de São Paulo189

### ÍNDICE DE TABELAS

**Tabela 01** - Eventos em que o Parque Shanghai participou como itinerante .....130

### ÍNDICE DE MAPAS

**Mapa 01** - Cidades brasileiras em que o Parque Shanghai esteve presente como itinerante ..132

**Mapa 02** - Parque Dom Pedro II em 1945.....141

**Mapa 03** - A cidade de São Paulo de 1930. ....151

**Mapa 04** - Mapeamento da cidade de São Paulo Vasp Cruzeiro de 1954.....165

**Mapa 05** - Mapeamento da cidade de São Paulo de 1958 .....166

**Mapa 06** - Parque Dom Pedro II em 1958.....183

**Mapa 07** - Parque Dom Pedro II da década de 1970 .....183

**Mapa 08** - Mapa da cidade de Buenos Aires. ....188

## SUMÁRIO

Introdução.....	17
Capítulo 1: “Produzindo Gargalhadas”: o lazer, da contemplação à diversão .....	27
1.1 Do Direito à Preguiça à formação de um campo de estudos .....	27
1.2 As especificidades do lazer .....	34
1.3 O lazer como objeto utilitário.....	41
1.4 Cidade, segregação e lazer .....	50
1.5 O lazer mecanizado e os parques de diversões .....	58
Capítulo 2: “Os paulistanos se divertem?”: lazer e urbanidade na identidade da metrópole. ....	73
2.1 Chutes, Chistes e Cinemas: notas sobre os espaços d e lazer paulistanos .....	84
2.2 Parques nos “quatro cantos” da cidade: a geografia do lazer mecanizado da Pauliceia .....	94
Capítulo 3: Os primórdios do Parque de Diversões Shanghai: sua itinerância no Brasil	99
Capítulo 4: “Uma Roda (da Fortuna) Gigante”: a fixação do Parque Shanghai em São Paulo no Rio de Janeiro e sua conexões empresariais na América Latina .....	133
4.1 "A luta dos cidadãos contra o Rio” ou das urbanidades em conflito .....	142
4.2 "Um negócio da China em São Paulo": em busca de um território para as diversões .....	149
4.3 “Trombadas Municipais”: querelas entre o Parque Shanghai e a prefeitura.....	152
4.4 Novos Alvos para Antigas Máquinas.....	161
4.5 Não mais “um Comércio”: a reformulação simbólica e espacial do Parque Shanghai Carioca .....	171
4.6 São Paulo “cedendo ao Progresso”: o desmonte do Parque Shanghai Paulistano.	175
4.7 Uma incursão Latino-Americana: de Parque Japonês a Parque Retiro.....	185
Considerações Finais .....	189
Referências bibliográficas .....	193
Fontes da pesquisa .....	206

Anexo I – Itinerários dos Bondes de São Paulo .	218
Anexo II – Levantamento realizado em periódicos	221
Anexo III – Entrevista com Nelson Waller	285
Anexo IV – Questionário Parque Shanghai	288
Anexo V – Inventário Parque Shanghai de 1954	298

## Introdução

A palavra lazer revestiu-se de um significado onírico na contemporaneidade, atrelada a uma dimensão libertadora do cotidiano, como é possível ver em variados suportes de mídia. Entretanto, em perspectiva histórica, a pergunta “o que é o lazer?” ainda permite investigações. Em definição preliminar, entende-se o lazer como “uma realidade fundamentalmente ambígua e que apresenta aspectos múltiplos e contraditórios” (DUMAZEDIER, 1973, p.21; MARCELLINO, 1990, p.35). Tais atributos já se fazem presentes, segundo vários autores, em suas possíveis origens. Há autores que apontam a existência do lazer já na Antiguidade,<sup>1</sup> outros o consideram um produto da sociedade moderna urbano-industrial.<sup>2</sup>

A perspectiva do lazer conectada ao período industrial é adotada por uma ampla gama de teóricos, dentre eles, o sociólogo Joffre Dumazedier. O autor revela ser inadequado supor a existência do lazer nos períodos arcaico e pré-industrial, salientando que a fruição “corresponde a uma liberação periódica do trabalho”.<sup>3</sup> Ou seja, no entendimento de Dumazedier, trabalho e lazer estão pautados por uma organização temporal, se configurando como atividades que se desenvolvem em períodos opostos, diferentemente das relações de trabalho e não-trabalho concebidas nas sociedades antecedentes à industrial, que em sua visão, se emaranhavam por estarem assentadas em ritmo natural (DUMAZEDIER, 1974, p. 26-28).

---

<sup>1</sup> Sobre a suposta emergência do lazer na Antiguidade destacamos as análises dos estudiosos Sebastian de Grazia e Frederic Munné. Ambos apontam que a fruição era caracterizada pela distinção social, ou seja, era permitida aos cidadãos livres que não trabalhavam, constituindo-se pela busca de conhecimento, ligado à sabedoria e ao “ofício de pensar” (GRAZIA, 1966; MUNNÉ, 1980, p.430-431). Contudo, Munné acrescenta à ideia de lazer como objeto de reflexão e símbolo de classe, que na sociedade romana as atividades eram permitidas aos menos abastados e estavam associadas ao descanso, tendo em vista a recuperação das energias para o trabalho e divertimento, mediante espetáculos de entretenimento, dentre os quais, a prática do pão e circo, oferecida pelos imperadores aos populares, visando subjugar-los (MUNNÉ, 1980, p.431).

<sup>2</sup> O capítulo apresentará os distintos enfoques sobre o conceito de lazer, bem como suas dimensões práticas. Salienta-se, previamente ao debate, que não admitimos uma possível perenização conceitual e prática do lazer, pois o entendemos como produto da inter-relação humana, política, econômica e cultural no tempo. Ou seja, o lazer não pode ser compreendido como um fenômeno estático, estando sujeito a constantes transformações e ressignificações, tendo em vista as conexões que estabelece com o meio social.

<sup>3</sup> Outra prática vinculada pelo autor ao período arcaico e pré-industrial no intuito de diferenciá-la do conceito de lazer é a ociosidade. Segundo Dumazedier, a ociosidade que permeava a vida dos privilegiados era associada aos valores nobres - sabedoria e desenvolvimento do corpo e do espírito humano -, não se definindo em relação ao trabalho, ou seja, a ociosidade nega o trabalho, não é nem um complemento nem uma compensação deste, que era atribuído a outros grupos sociais (DUMAZEDIER, 1974, p. 27). Algo também enfatizado por Nelson Marcellino, que diferencia o conceito de ociosidade do de ócio. Para o autor “o ócio sem o trabalho é a ociosidade”. Ou seja, por sua conexão com o trabalho, o ócio, é definido como digno, já a ociosidade, por negar o trabalho, é tratada como destruidora. Para Marcellino, o ócio se configura como uma possibilidade de lazer, “a opção pelo não uso do tempo em atividades”, mas sim na contemplação (MARCELLINO, 1990, p.32-33).

Victor Andrade de Melo e Edmundo de Drummond Alves Junior ressaltam que “desde épocas remotas” são verificados momentos de diversão nas organizações sociais. No entanto, a emergência de um tempo livre, no qual se pode usufruir de atividades de lazer, condicionado à rotina do trabalho, ocorre a partir da Revolução Industrial e, mais incisivamente, no século XIX. Em diálogo com as formulações de Dumazedier, os autores delimitam o lazer como um fenômeno moderno, surgido com a “artificialização” do tempo do trabalho, que sucessivamente se afastou do ritmo da natureza e passou a ser ditado pelo relógio, caracterizando-se por um limite arbitrário<sup>4</sup> (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p.26-28).

No entanto, embora o marco de constituição de um campo de estudos de lazer, seja percebido a partir de meados do século XX, sobretudo a partir do entre guerras, dicionários produzidos no século XIX e nas décadas iniciais do XX, já trazem verbetes sobre este conceito. Recorreu-se, então, àquilo que Reinhart Koselleck denominou de história dos conceitos – *Begriffsgeschichte* (KOSELLECK, 1992). Ou seja, nesta análise, interessou-nos perceber como os léxicos desses dicionários, em diferentes países, poderiam apontar para uma ascendência entre indústria e lazer no tempo e em sociedades específicas. Em especial, procuramos observar as definições produzidas por dicionários ingleses e franceses, tendo em vista a importância dessas nações no incremento da industrialização e nos estudos de lazer. Na realidade brasileira, os dicionários oitocentistas também foram interessantes de serem analisados, pois, por um lado, mostraram conexão com o desenvolvimento industrial do país, mas, por outro, permitiu-nos notar interações e peculiaridades entre as perspectivas formuladas nos contextos europeus. De toda forma, percebeu-se que a palavra “lazer” encontra raízes no vocábulo latino *licere*, que significa “ser lícito”, “ser permitido”. Esta definição etimológica é encontrada em dicionários ingleses e franceses desde o século XIX; nos brasileiros ela começa a ser apontada no século XX.

Torna-se importante, então, apontar algumas dessas publicações. Editado em 1881, em Londres e Edimburgo, o *Etymological and Pronouncing Dictionary of the English Language*, produzido por James Stormonth, determinou o lazer como “liberdade de ocupação; conveniência de tempo; livre de emprego ou de pressa;

---

<sup>4</sup> Esta concepção é também admitida pelo sociólogo Humberto Luís de Deus Inácio, que corrobora Melo e Alves Junior sustentando uma posição dicotômica entre lazer e labor, indicando que “as parcializações e temporalizações pré-estabelecidas” são aspectos sociais específicos do período industrial (INÁCIO, 1997, p.7-9).

negócio” (STORMONTH, 1881, p. 318, tradução minha).<sup>5</sup> Cinco anos mais tarde, publicado somente em Londres, o *Webster's Complete Dictionary of the English Language*, de Chauncey Goodrich e Noah Porter, delimitou o lazer como “liberdade de ocupação; negócio; tempo vago; tempo para livre emprego; oportunidade conveniente”<sup>6</sup>, assemelhando-se, em conteúdo, ao trabalho de Stormonth. Curioso notar que ambos utilizam o termo “negócio”, evidenciando que já em fins do XIX o valor econômico se revelava como uma dimensão do lazer. Este dicionário ainda contém o termo *leisurely*, um advérbio significando “vagarosamente”; “deliberadamente”; “lentamente” (GOODRICH; PORTER, 1886, p. 764-765, tradução minha).<sup>7</sup>

Publicado em 1919, o *Oxford Dictionary of Current English*, abriga os termos *leisure* e *leisurely*,<sup>8</sup> embora não agregue a dimensão de “negócio” como nos demais trabalhos precedentes. Este dicionário formula o conceito como “tempo à disposição do indivíduo”; “oportunidade de fazer alguma coisa proporcionada pelo tempo livre”, concepção, ainda que em outras palavras, previamente concebida no século XIX, caracterizando o lazer como atividade de livre escolha e fruída em um tempo particular (FOWLER, H; FOWLER, F, 1919, p.465, tradução minha).<sup>9</sup>

Na França, o *Dictionnaire de l'Académie Française*, publicado em Paris, em 1835, revela o lazer como um “espaço de tempo adequado para fazer algo conveniente”, “para se fazer algo que se quer”, “ter recreação”.<sup>10</sup> (DUPONT, 1865, p.39, tradução minha).

Editado em 1900, o *Dictionnaire de la Langue Française*, de Émile Littré e A. Beaujean, admite perspectivas do *Dictionnaire de l'Académie Française*, delineando o lazer como “um tempo para fazer algo que se quer”, contudo, acrescenta os termos

---

<sup>5</sup> Na versão em inglês do *Etymological and Pronouncing Dictionary of the English Language* encontramos a seguinte definição “freedom from occupation, business, convenience of time, free from employment or hurry” (STORMONTH, 1881, p. 318).

<sup>6</sup> Na versão em inglês do *Webster's Complete Dictionary of the English Language* encontramos a seguinte definição “freedom from occupation, business, vacant time, time free from employment, convenient opportunity” (GOODRICH; PORTER, 1886, p. 764-765).

<sup>7</sup> No *Webster's Complete Dictionary of the English Language* o vocábulo *leisurely* é definido como “deliberated”, “not hasty”, “slow”, “slowly” (GOODRICH; PORTER, 1886, p. 764-765).

<sup>8</sup> No *Oxford Dictionary of Current English* *leisurely* é definido como deliberado, sem pressa. Em inglês “deliberated”, “without haste”, guardando similaridade com o *Webster's Complete Dictionary of the English Language* (FOWLER, H; FOWLER, F, 1919, p.465, tradução minha).

<sup>9</sup> Na versão em inglês do *Oxford Dictionary of Current English* observamos como definição “time at one own disposal”; “opportunity to do for afforded by free time” (FOWLER, H; FOWLER, F, 1919, p.465).

<sup>10</sup> Na versão do *Dictionnaire de l'Académie Française* o vocábulo lazer é definido como “signifie un espace de temps suffisant pour faire quelque chose commodément”, “temps dont on peut disposer ou l'on fait ce qu'on veut”, “avoir des loisirs”. (DUPONT, 1865, p.39).

“disponível”, “ocupações” e “alívio”.<sup>11</sup> Dessa forma, sua compreensão sobre o conceito vai além de um tempo para realização de uma atividade que se deseja, pressupondo a ocorrência do lazer após ocupação prévia, além de enfatizar as sinestésias que as práticas de lazer podem proporcionar aos indivíduos (LITTRÉ; BEAUJEAN, 1900, p.654, tradução minha).

Em 1930, de acordo com Dumazedier, o *Dictionnaire de Français Larousse* define o lazer como “distrações às quais podemos nos entregar de espontânea vontade durante o tempo não ocupado pelo trabalho comum”. Interessante observar o uso da expressão “trabalho comum”, referindo-se provavelmente ao “trabalho profissional”, delimitando o lazer diametralmente oposto ao mesmo. Porém, em sua descrição conceitual, não dimensiona o lazer como uma “sensação”, o que demonstra um entendimento parcialmente distinto do dicionário da “*Langue Française*” (DUMAZEDIER, 1973, p.30).

Tanto no **Dicionário da língua portuguesa**, produzido pelo brasileiro Antonio de Moraes Silva, publicado em Lisboa, no ano de 1813, quanto no **Dicionário da língua brasileira**, de Luiz Maria da Silva Pinto, publicado em 1832, no Brasil, em Ouro Preto, as delimitações do conceito são sucintas. Silva apresenta o lazer como “vagar”, “comodidade” (SILVA, 1813, p.210), enquanto Pinto, define o termo como “vagar”, “tempo para fazer alguma coisa” (PINTO, 1832, p.65). Ademais, ambos atrelam o surgimento do vocábulo lazer exclusivamente à palavra inglesa *leisure*, o que denota certa ascendência da Inglaterra sobre Portugal e o “Brasil Colonial” e recém independente, e nos permite supor que o concebiam como uma invenção inglesa.<sup>12</sup>

Francisco Júlio Caldas Aulete, no **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**, publicado em 1964, baliza o lazer como “tempo disponível para se fazer alguma coisa devagar” (AULETE, 1964, p.2345). O **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, editado em 1975, revela que a palavra lazer provém do arcaísmo “lezer”, definindo-o como “ócio”, “descanso”, “vagar” (FERREIRA, 1975, p.825). O **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da**

---

<sup>11</sup> O *Dictionnaire de la Langue Française*, apresenta as definições “espace de temps nécessaire pour faire quelque chose à son aise”, “temps qui rest disponible après les occupations”, “état dans lequel est permis de faire ce qu' on veut” (LITTRÉ; BEAUJEAN, 1900, p.654).

<sup>12</sup> O **Dicionário de medicina popular e das ciencias accessorias**, publicado em língua portuguesa, no ano de 1890, por A. Roger e F. Chenoviz, na cidade de Paris, não abriga o termo lazer, o que nos permite inferir que o mesmo ainda não se configurava como uma “preocupação” das ciências médicas.

**Língua Portuguesa**, elaborado por Antonio Geraldo da Cunha, em 1982, ratifica a definição de Ferreira, incluindo o vocábulo *passatempo* à sua definição (CUNHA, 1982, p.468).

Em versão mais recente do **Dicionário Aurélio**, editada em 2010, o conceito é elucidado como “tempo de que se pode livremente dispor, uma vez cumpridos os afazeres habituais”, “atividade praticada nesse tempo”; “divertimento”, “entretenimento”, “distração”, “recreio” (FERREIRA, 2010, p.1246).

Analisando a etimologia do lazer no decorrer dos séculos XIX e XX, e em uma edição do XXI, percebe-se o quanto a definição foi diversificada. Curioso notar, nos dicionários ingleses, concretamente, e franceses, de maneira subjetiva, que a questão de um “tempo livre” para fruição, despontava desde o século XIX, mostrando, então, a chave que seria explorada a partir do entre guerras *de lazer com um período de tempo que se opõe ao trabalho*. No Brasil, no século XIX, o conceito emerge de modo superficial, possivelmente pela não organização industrial massiva. Todavia, observando as descrições léxicas dos séculos XX e XXI, após a consolidação não apenas da industrialização, mas de estudos no campo “recreacional” e, também, de uma “indústria do lazer”, constatamos transformações, integrando-se novos termos às definições antecedentes.

Os dicionários podem ser vistos como documentos em que comparecem duplas estruturas organizacionais da vida urbana. Por serem escritos por homens “letrados”, muitas vezes mostram uma língua que se aparta daquela comum, falada e transmitida por gerações sem o rigor disciplinador da escola. Por outro lado, conforme avança a ideia de cientificização e da “necessidade de modelos e regras”, investigações sociais começam a reunir palavras de forma a diagnosticar problemas urbanos, morais, sociais, e propor, assim, suas eliminações e correções.<sup>13</sup> O lazer, dessa maneira, ao ser visto nos dicionários descortina uma presença que possui um investimento simbólico, que é o de lidar com as perspectivas morais e pecuniárias que dizem respeito ao não-trabalho. Estas, podem ser compreendidas em trajetórias de empreendimentos de lazer, como veremos no decorrer da análise que será realizada sobre o *Parque Shanghai*, objeto dessa pesquisa. Seu historial, porém, será tratado mais à frente. Por ora, apresentaremos alguns dados da modalidade de entretenimento a que este pertence: *o parque de*

---

<sup>13</sup> Maria Stella Bresciani, ao coordenar juntamente com Christian Topalov um grupo de pesquisadores da Argentina, Brasil e França, permitiu ver como os vocábulos se mostram como superfícies de investigação das práticas sociais no urbano, e abrem janelas novas para o debate historiográfico (BRESCIANI, 2001).

*diversão mecanizado*, indicando sua dimensão e impactos na sociedade hodierna que, a propósito, estimularam a nossa investigação.

Segundo a Associação das Empresas de Parques de Diversões do Brasil (Adibra),<sup>14</sup> instituição fundada em 1989 que gerencia o setor, – auxiliando, por exemplo, na obtenção de linhas de crédito junto a instituições como o BNDES<sup>15</sup> e a FINEP,<sup>16</sup> bem como na redução de impostos para importação de equipamentos – oitenta empresas, que representam cerca de trezentos parques de diversões e fornecedores, integram o seu quadro de associados. A significativa quantidade de empreendimentos vinculados a esta organização,<sup>17</sup> reconhecida por entidades como a Embratur, diante do destacado papel que este formato de diversão assumiu no âmbito do turismo brasileiro, com público estimado em milhões de pessoas que movimentam cerca de um bilhão de reais anualmente, e o apoio de instituições como a *International Association of Amusement Parks and Attractions (IAAPA)*, que congrega entre suas afiliadas empresas do porte da *Walt Disney Company*, evidenciam a magnitude do setor, embora o fechamento temporário de parques como o Playcenter (2012)<sup>18</sup> e o Hopi Hari (2017),<sup>19</sup> fixados na e próximo da cidade de São Paulo respectivamente, localidade que comparativamente a outras do país possui maior destaque econômico e que detém ampla população, portanto, maior potencial de consumo, alertem para o seu arrefecimento. De fato, o surgimento de novas tecnologias e problemas sociais como os de ordem financeira e de deslocamento, acarretaram em alterações no ritmo e na escolha dos espaços de lazer no decorrer tempo, contudo, o formato se reinventa constantemente, e

---

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www.adibra.com.br/index.html>. Acesso em: 07 set. 2017.

<sup>15</sup> O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) é uma empresa pública brasileira que se destaca por realizar financiamentos de longo prazo. Micro, médias e grandes empresas em distintos setores, dentre eles, comércio e serviços, são contempladas por esta organização.

<sup>16</sup> A FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos) é uma instituição pública brasileira de fomento à ciência, tecnologia. Auxilia projetos públicos e privados.

<sup>17</sup> Dentre elas, o Parque Shanghai.

<sup>18</sup> Após cinco anos de inatividade, o Playcenter reabrirá em São Paulo em uma versão distinta. O Shopping Aricanduva, localizado na Zona Leste da cidade, foi escolhido como a nova sede deste empreendimento, que voltará a funcionar em dezembro de 2017. Embora seu novo espaço seja dezessete vezes menor, já que ocupará uma área de 5 mil m<sup>2</sup> do shopping, sendo o antigo terreno, na Avenida Marginal Tiête, que atualmente comporta estabelecimentos comerciais e prédios residenciais, de 85 mil m<sup>2</sup>, o Playcenter promoverá versões de brinquedos que fizeram sucesso na obsoleta unidade conjuntamente a um novo “cardápio de atrações” baseado em simuladores surgidos como avançar da eletrônica (FOLHA DE SÃO PAULO, 09/09/2017).

<sup>19</sup> Após ficar três meses fechado em função de problemas financeiros o Hopi Hari foi reaberto ao público no início de setembro de 2017. Apesar de possuir capacidade acima de 20 mil pessoas, a nova aposta do parque é limitar o número de frequentadores em 5 mil por dia. Justificam seus administradores que o volume menor de ingressantes proporcionará maior satisfação no público, que terá a oportunidade usufruir das atrações com maior conforto e regularidade. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/reabertura-oficial-do-hopi-hari-tem-publico-timido-na-entrada-e-brinquedos-em-testes.ghtml>. Acesso em: 07 set. 2017.

essa característica peculiar, talvez seja o principal motivo de sua trajetória centenária no Brasil.

Apontar um parque de diversão mecanizado pioneiro no país não foi possível nessa investigação, mas sabe-se que após rapidamente se expandir nos EUA, nas últimas duas décadas do século XIX, o formato não demorou a chegar ao Brasil. Em 1899, o imigrante italiano Pascoal Segreto, conhecido especialmente por suas iniciativas no âmbito do cinema brasileiro,<sup>20</sup> inaugurou na cidade do Rio de Janeiro o Parque Fluminense. Promovendo atrações como tiro ao alvo e roda gigante, este empreendimento integrou uma extensa lista de negócios no ramo de entretenimento fomentados pelo estrangeiro,<sup>21</sup> que ficou conhecido como “Ministro das Diversões” (MARTINS, 2004, p.28). Sua notoriedade no setor, inclusive, propiciou que o italiano fosse designado como responsável pelas atividades oficiais de entretenimento do país em 1908, ano da Exposição Nacional Comemorativa do 1º Centenário de Abertura dos Portos do Brasil, que também contemplou um parque mecanizado (MORAES, 2014, p.233-235). Além das iniciativas de Segreto, nas primeiras décadas do XX, identificamos a existência de um parque de diversão no Colyseu Curitibano (1905-1913), espaço de lazer que promovia múltiplos atrativos (BRANDÃO, 1994, p.26-45).

Realizadas às considerações sobre a “indústria parqueira” e os primórdios dessa atividade no país, discutiremos sobre como o Parque Shanghai se tornou objeto dessa dissertação. O interesse por problematizar o lazer em perspectiva urbana foi despertado durante a graduação, quando realizamos pesquisa sobre o Estádio do Pacaembu. Ao analisarmos os eventos organizados em seu espaço, desde sua inauguração (1940) até o Jogos Pan-Americanos (1963), percebemos que este não sediou apenas grandes espetáculos esportivos, mas também apresentações artísticas e celebrações políticas, configurando-se um ambiente multimodal. Após a conclusão desse trabalho optamos por permanecer investigando espaços de lazer paulistanos. A partir de pesquisa bibliográfica e um levantamento em periódicos sobre parques de São Paulo, encontramos indícios da existência e operação itinerante e fixa durante aproximadamente três décadas do Parque de Diversões Shanghai, decidindo tornar sua trajetória na Pauliceia objeto de investigação do mestrado.

---

<sup>20</sup> Pascoal Segreto esteve à frente da montagem da primeira sala de exibição de filmes permanente do país ((MARTINS, 2004).

<sup>21</sup> Cabaré *Moulin Rouge*, Salão das Novidades, Cassino Nacional, teatros São Pedro e São José, restaurantes e botequins foram outros empreendimentos de Segreto.

Aprofundando a pesquisa, identificamos que esta empresa de diversões esteve presente em diversas cidades do Brasil, que foi implantada por estrangeiros, possuindo conexões com empreendimentos em outros países da América do Sul, e que permanece ativa no Bairro da Penha, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Para compreensão do curso da unidade paulistana, diante das conexões com as outras experiências nacionais e internacionais, tornou-se relevante, então, uma análise de maior fôlego, que possibilitou a constatação de que assim como a trajetória Pacaembu, a do Parque Shanghai reservou muito mais que acontecimentos e interesses vinculados ao lazer.

Metodologicamente a micro-história foi de grande contribuição ao estudo realizado. Como proposto por Ginzburg em sua explanação sobre o paradigma indiciário, na qual elucida que a experiência individual é capaz de produzir um saber eficaz, pois a microanálise consegue captar o funcionamento de mecanismos que o nível macro muitas vezes omite, ao selecionarmos a trajetória do Parque Shanghai como objeto de estudo, pretendeu-se demonstrar como esse caso singular desvelou implicações de grandes densidades para sociedade período (GINZBURG, 1998).

Apesar do grande volume de fontes mobilizadas na pesquisa, privilegiamos as “de periodismo”. Em nossa visão os periódicos são ótimos “termômetros” do ambiente social, levando-nos a perceber, além dos condicionantes que deflagraram pautas, argumentos e espaços nas páginas de notícias.

Isto posto, apresentaremos brevemente os quatro capítulos que integram a dissertação. No primeiro analisamos o conceito de lazer e suas transformações no tempo. Dessa maneira, a partir de produções de teóricos desse campo de estudos, debatemos a relação que o lazer mantém com trabalho, suas especificidades, “finalidades sociais”, bem como sua problemática expansão no ambiente urbano. A dimensão mecanizada do lazer, possibilitada pela ascensão industrial, que levou a máquina a ser adaptada como entretenimento, despontando dentre diversos equipamentos inventados, os primeiros parques de diversões mecanizados, também é assunto do capítulo inicial.

No segundo capítulo, foi problematizada a expansão das atividades de lazer na cidade de São Paulo fomentada por agentes privados no contexto de seu crescimento urbano. A iniciativa privada, desde fins do XIX, promoveu divertimentos na capital paulista, e alguns destes, impactaram significativamente em seu território, atraindo legiões e interferindo na dinâmica dos bairros. O circo e o cinema, modalidades que rapidamente se consolidaram em São Paulo, agregando das massas aos mais abastados,

foram selecionados para uma análise pormenorizada. Também apresentamos brevemente as experiências iniciais de parques de diversões mecanizados na cidade de São Paulo, percebendo que, antes mesmo da chegada do Parque Shanghai, embora incipiente, o formato já aparecia com certo destaque.

Já no terceiro, discutimos o período em que o Shanghai operou como parque itinerante, identificando as diversas localidades (de norte a sul) em que a empresa de diversões esteve presente no Brasil a partir de 1934. Atração de diversas feiras e exposições industriais organizadas no período, o Parque Shanghai, com estrutura imponente, financiada não apenas por seus empreendedores, mas também pelo Estado Novo, beneficiou o regime simbolicamente, e foi favorecido com concessões, em função da estreita relação que mantinha com as autoridades governamentais.

O último capítulo versou sobre o período em que o Shanghai se consolidou como parque fixo. Entre os anos 1940 e 1960, na Várzea do Glicério em São Paulo e em São Cristóvão no Rio de Janeiro, esta empresa de diversões, com sua estrutura mecânica, promovendo shows, festas institucionais, dentre outros eventos, fez a alegria de milhares de frequentadores. Alterações administrativas e conflitos com autoridades políticas também ocorreram nesse período, ocasionando sua transferência para o bairro da Penha, na cidade do Rio de Janeiro, em 1962, e o encerramento de suas atividades na capital paulista, em 1968.



# Capítulo 1

## “Produzindo Gargalhadas”: o lazer, da contemplação à diversão.

*Com seus filhos ao lado estão indo ao parque  
Eufóricos brinquedos eletrônicos  
Automaticamente eu imagino  
A molecada lá da área como é que tá  
Provavelmente correndo pra lá e pra cá  
Jogando bola descalços nas ruas de terra  
É, brincam do jeito que dá  
(...)  
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo  
Pra molecada frequentar, nenhum incentivo  
O investimento no lazer é muito escasso  
O centro comunitário é um fracasso.<sup>22</sup>*

O levantamento realizado em dicionários permitiu-nos detectar que o lazer é objeto do pensamento social desde o século XIX. Ademais, propiciou que verificássemos a recorrência de sua “problematização” em perspectiva com a questão do trabalho. Para além dos verbetes lexicais, outras produções emergidas naquele período propõem reflexões sobre o tema, dentre elas, o manifesto político “O Direito à Preguiça”, escrito por Paul Lafargue,<sup>23</sup> e publicado em 1880 no jornal francês *L'Égalité*. Seu texto foi considerado pela historiografia e pela sociologia do trabalho, documental importante para a compreensão da crítica ao capitalismo e aos regimes disciplinadores da produção fabril. Convém, então, tecer algumas considerações a respeito desta obra, como contribuição à formação de um campo de estudos sobre o lazer.

### 1.1 - Do Direito à Preguiça à formação de um campo de estudos

Em seu texto, Lafargue analisa a sociedade industrial na França do século XIX, se contrapondo vigorosamente à ideologia do trabalho e ao controverso voluntarismo<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> Canção denominada *Fim de semana no Parque*, do grupo Racionai's MC, 1993.

<sup>23</sup> Nascido na colônia espanhola de Santiago de Cuba, porém radicado na França, Lafargue foi co-fundador do Partido Socialista e se tornou referência do movimento operário europeu (FERREIRA, 2010, p.19).

<sup>24</sup> Ao discorrer sobre o voluntarismo da classe operária ao trabalho Lafargue emprega em seu manifesto expressões como “religião do trabalho” e “paixão pelo trabalho” evidenciando uma acentuada crítica a postura operária no que tange aos condicionamentos impostos pelo processo de produção industrial (LAFARGUE, 1991, p. 25). Segundo o autor, “todas as misérias individuais e sociais tiveram origem na paixão proletária pelo trabalho”, que na maneira como estava organizado social e economicamente provocava “o depauperamento das forças vitais do indivíduo” (LAFARGUE, 1991, p. 15-19). No entanto, apesar de criticar a conduta proletária, o autor não deixa de sublinhar as estratégias de contenção imprimidas pela classe patronal, exaltando também a cumplicidade eclesiástica, ocorrendo “sacrossantificação” do trabalho visando à manutenção do controle social. (LAFARGUE, 1991, p.15).

da classe operária ao labor, criticando sua submissão às condições hostis conformadas no âmbito da produção capitalista. O autor vale-se de uma abordagem um tanto enérgica na busca de deslindar a temerosa condição operária. Desta maneira, ressaltava a fatigante jornada de trabalho no interior da fábrica, que ocupava entre doze e catorze horas da rotina diária operária (LAFARGUE, 1991, p.25). Contudo, enfatizava especialmente as complexas condições externas ao ambiente de trabalho, dentre elas, o extenso percurso entre moradia e trabalho, dificultado não apenas pela trajetória laboral, mas também pela precária condição habitacional, inadequada ao repouso, à convivência e à sociabilidade. Esses fatores, conjugados à má alimentação da classe trabalhadora, tornavam ainda mais significativa a penúria operária cotidiana, influenciando demasiadamente o que concernia à expectativa de vida desse grupo social. (LAFARGUE, 1991, p. 28-29).

Por conseguinte, Paul Lafargue, no intuito de conscientizar e estruturar a classe operária para ação revolucionária defendia a redução do tempo de trabalho fabril, justificando a relevância da prática de outras atividades pautadas na liberdade de escolha do proletariado, definidas como indispensáveis ao equilíbrio rotineiro de suas vidas. Ou seja, Lafargue não era contrário ao trabalho, já que o via como um importante motor para o desenvolvimento imaginativo e criativo humano, além de um meio para a satisfação de suas carências vitais, mas refutava o trabalho alienado, orientado pela concessão do operariado de sua força produtiva à burguesia, que aspirando preminentemente seu fortalecimento econômico e social negligenciava as necessidades e aptidões deste grupo social.

Lafargue propôs, então, uma notável redução da jornada de trabalho fabril, a qual deveria ocupar três horas da rotina diária do trabalhador, algo que beneficiaria inclusive a incorporação de um maior contingente ao mercado, refreando as possibilidades de desemprego (LAFARGUE, 1991: 35).<sup>25</sup> Segundo o autor, esta redução

---

<sup>25</sup> Outros estudiosos do lazer discorrem sobre a redução da jornada de trabalho. Corroborando Paul Lafargue, Bertrand Russell, nas primeiras décadas do século XX, sugere que a redução possibilitaria além do direito à fruição, oportunidade de emprego aos indivíduos. Segundo o autor, a evolução técnica permitiu maior disponibilidade de tempo para o lazer, assim quatro horas diárias de labor seriam suficientes para manutenção das necessidades da vida (RUSSELL, 2012, p.13). Como Russell, Jean Fourastié, embasado no progresso técnico-científico, salienta sua relevância ao abrandamento da rotina de trabalho. De acordo com o autor, entre o início e meados do século XX a rotina de trabalho sofreu alterações significativas, reduzindo-se a carga de mais de 3500 horas anuais para aproximadamente 2000 horas (FOURASTIÉ, 1971, p.198-200). Gaelzer e Dumazedier também tratam da progressiva redução da jornada de trabalho desde meados do século XIX. A autora revela que entre 1850 e 1950 a semana média de trabalho na América foi reduzida de 70 para 40 horas (GAELZER, 1979, p.101). Já o autor enfatiza a

provocaria uma melhoria na qualidade de vida do proletariado, já que haveria incremento de tempo livre pós-trabalho e, conciliada a uma adequada divisão de lucros, propiciaria que desfrutassem das “benesses” produzidas durante a jornada fabril (LAFARGUE, 1991:32).

Em suma, o manifesto de Lafargue tem por objetivo criticar a conformação do trabalho industrial, valorizando a preguiça, compreendida como lazer. Tida, como dito, como uma das produções pioneiras dos estudos sobre lazer, essa obra serve de mote a uma grande gama de teóricos que problematizam o lazer em perspectiva com o trabalho.

Dentre os temas que norteiam tal debate, observamos o apelo ao lazer como fator de compensação das insatisfações geradas no trabalho; críticas à alienação do lazer e do trabalho perante o controle político-econômico exercido sobre essas atividades; a percepção de lazer e trabalho como elementos da esfera humana que demandam um desenvolvimento harmônico, pois se influenciam mutuamente, além da concepção de que trabalho e lazer devam ocorrer sincronicamente, uma vez que todas as atividades humanas propiciam formação e diversão.

Bertrand Russell utiliza-se de uma abordagem compensatória ao debater a relação do lazer com o trabalho. O autor propõe o lazer como o único meio pelo qual se obtém satisfação, censurando a moral do trabalho difundida na sociedade moderna industrial, apontando o labor como um expediente de sobrevivência (RUSSEL, 2012, p.12).

Ao discutir as categorias de prazer que condicionam as atividades de lazer, Russell mais uma vez utiliza-se de uma crítica ao trabalho revelando uma interferência sobre as escolhas dos indivíduos:

Os prazeres das populações urbanas se tornaram, na maior parte, passivos: veem-se filmes, assistem-se a partidas de futebol, ouve-se rádio e assim sucessivamente. Isto ocorre, de fato, pois as energias ativas dos indivíduos são consumidas absolutamente pelo trabalho. Se as pessoas tivessem mais tempo livre, voltariam a desfrutar de atividades em que tivessem um papel ativo (RUSSELL, 2012, p. 13, tradução minha).

De acordo com o autor, o lazer deve estar ligado às atividades que propiciam um “prazer intelectual”, possível para além do abrandamento do trabalho, pela educação da

---

redução de 80 para 45 horas ocorrida na França entre as últimas décadas do século XIX e os anos 1970, acrescentando, ainda, que em conjunto com a regulamentação de férias anuais, o tempo livre do trabalhador foi elevado em aproximadamente mil e quinhentas horas por ano (DUMAZEDIER, 1974, p.22).

população, valorizando-se diferentemente da categoria anterior à participação ativa do indivíduo no lazer (RUSSELL, 2012, p. 20).

Além de Russell, outros autores problematizam o lazer na ótica de compensação. Horácio Pacheco indica a fruição com o objetivo de restabelecer as virtudes humanas, abaladas pelo modelo de produção industrial (PACHECO, 1981, p.19). Ethel Bauzer Medeiros e Humberto Luís de Deus Inácio colocam que cada vez mais o trabalho formal passou a ser interpretado como meio de subsistência, enfatizando que apenas as atividades desenvolvidas fora desse ambiente passaram a ser objeto de interesse, fonte de realização e desenvolvimento pessoal (MEDEIROS, 1971, p.102; INÁCIO, 1997, p.19).

Opondo-se ao trabalho, bem como ao lazer como modelos de vida, Herbert Marcuse denota que como ambos são designados pelo sistema político-econômico capitalista, emergido com o advento da sociedade industrial, não se configurando como atividades livres, mas, sim, como mecanismos de controle, exploração e coibição (MARCUSE, 1982, p.62-63).

A dimensão de lazer e trabalho como atividades da esfera humana é objeto da *Carta do Lazer*, desenvolvida após o II Congresso Internacional da Fundação Van Clé, em 1976. De acordo com esse manifesto:

Para evitar a dupla personalidade criada pela forte oposição entre o tempo do “homo faber” e do “homo ludens”, é indispensável que o trabalho, tanto quanto o lazer, permitam a expressão individual e facilitem a descoberta de um equilíbrio no seio da sociedade. Se três condições – direito ao trabalho, humanização do trabalho e garantia de nível satisfatório de vida – devem ser atendidas para conferir ao tempo do homem um mínimo de significação, elas não são suficientes, de per si, para assegurar a realização do indivíduo (CARTA DO LAZER, 1976).

A importância da harmonização entre as relações de lazer e trabalho é salientada por Joffre Dumazedier. Atividades humanas do cotidiano, segundo o autor, trabalho e lazer não são desconexos, mas, sim, elementos que estabelecem reciprocidade, assim, estando um em desequilíbrio, por consequência afetará o outro (DUMAZEDIER, 1973, p. 93-94):

O trabalho só será humano se permitir ou suscitar um lazer humano. Porém, o lazer que não passar de uma simples evasão do trabalho, de uma fundamental falta de interesse pelos problemas técnicos e sociais do trabalho, só será uma falsa solução dos problemas da civilização industrial. Não é possível também tratar separadamente e, cada um de seu lado, os problemas próprios do lazer e os que pertencem ao trabalho. A humanização do trabalho pelos valores do lazer é inseparável da humanização do lazer determinada pelos valores do trabalho (DUMAZEDIER, 1973, p.110).

Em consonância com Dumazedier, Georges Friedmann, delinea o ser humano como indivisível, presumindo que suas ações, embora distintas, dialogam entre si. Dessa forma, ao dissertar sobre lazer e trabalho, aponta a inevitável interferência que se constitui nesta relação:

Um homem não tem uma personalidade em seu lar e uma outra, completamente diversa, em seu trabalho, ele é um único e mesmo homem. Projeta suas preocupações pessoais, suas frustrações, seus temores, sobre seu posto de trabalho e, reciprocamente, de seu posto de trabalho sobre seu lar. A necessidade de interesse, de significação, de participação, de realização que não são satisfeitas através das tarefas racionalizadas da vida de trabalho, nas oficinas, escritórios, minas, construções, as tensões latentes que desenvolvem no psiquismo de muitos indivíduos, mantêm sua pressão fora do trabalho e influenciam as atividades que procuram durante as horas de “liberdade” (FRIEDMANN, 1972, p. 156).

Ou seja, Dumazedier e Friedmann não se opõem ao trabalho, ressaltando, distintivamente de Russell, que assim como o lazer, este deva ser objeto de satisfação pessoal, e não apenas um meio de sobrevivência humano, possuindo um papel capital no desenvolvimento da personalidade dos indivíduos. No entanto, indicam que possíveis entraves de mobilidade ou ascensão profissional, além da falta de iniciativas inclusivas empresariais, condicionando a ausência ou a uma irrisória participação do empregado nas atividades e na progressiva construção de onde trabalha suscitam exaustões psíquicas, dentre elas permanentes tensões nervosas e estágios de depressão, que influenciam sua produtividade no ambiente de trabalho e em suas vivências exteriores<sup>26</sup> (FRIEDMANN, 1972, p.164-167; DUMAZEDIER, 1973, p.106-110). Esta concepção é sublinhada por Eric Fromm, revelando que à medida que o trabalho não permite reflexões, se conformando como simples rotina, o potencial criativo e a autonomia de pensamento do trabalhador acabam suprimidos, desmotivando o indivíduo pelo impedimento do exercício da plenitude de sua capacidade (FROMM, 1976, p.128).

David Riesman, ao criticar o modelo de trabalho industrial, exprime que a busca pela autonomia humana exclusivamente por meio do lazer é uma tarefa problemática, já que não ocorre reversão da insatisfação profissional por meio dele, que se torna fecundo para os indivíduos na medida em que seu ofício também o é (RIESMAN, 1971, p.60).

---

<sup>26</sup> Ainda que ressalte a falta de iniciativas inclusivas no ambiente de trabalho por parte dos dirigentes Dumazedier problematiza também o interesse de grande parte dos trabalhadores no que concerne às ocorrências surgidas neste, bem como sua exígua participação em atividades sindicais. Dessa forma, critica a classe laboral quando seus interesses se resumem apenas aos salários e à vida extra-profissional, enfatizando a importância do diálogo e de sua contínua participação nas decisões e consequente construção do local em que estão empregados, além de uma maior interação aos sindicatos (DUMAZEDIER, 1973, p.106-108).

Desse modo, Marcellino coloca: “considerar apenas uma esfera da atividade humana, seja o trabalho ou o lazer, é entender o homem de maneira parcial”, concluindo que a valorização do lazer como único meio de satisfação é inconveniente e denota riscos, dentre eles, fruições estimuladas como “fugas das adversidades rotineiras”, baseadas em “simples consumo” e “alienadas” (MARCELLINO, 1990, p. 24-25).

Friedmann, ao tratar da busca dos sujeitos em atividades de lazer no que compete à realização de virtualidades não concebidas em sua rotina profissional, coloca que nem sempre as insatisfações no trabalho incitam os trabalhadores a procurarem em seus momentos de lazer atividades sócio-culturais distintas de sua realidade corrente para compensação das frustrações (FRIEDMANN, 1972, p.157). Ou seja, segundo o sociólogo, dentre as atividades preferidas pelos laboriosos em seu tempo livre, tendo por base sua formação educacional e a ausência de estímulos coletivos de cultura, notabiliza-se a tendência pela prática manual (FRIEDMANN, 1972, p. 159). Ainda que não se posicione contrário ao desenvolvimento de tais atividades, ressaltando a importância da prática de alguns “hobbies manuais” pelos trabalhadores que se configuram como uma “reação à preponderância da velocidade, do objeto padronizado, da organização vinda de cima, do trabalho em cadeia”, não deixa de realçar a necessidade do desenvolvimento de atividades de distintas dimensões, que mobilizem outros aspectos fundamentais à formação do indivíduo, tendo relevância, nesse sentido, a atuação das instituições culturais enquanto agente promotor (FRIEDMANN, 1972, p.167).

Na relação do lazer com o trabalho, outra questão apontada por Dumazedier denota o quanto o primeiro passou a incidir sobre o segundo, e vice-versa. Conforme o sociólogo, o progressivo valor obtido pelo lazer no tempo, permitiu inspirar para além da conduta praticada nos momentos de “distrações”, se tornando um significativo referencial no que tange à escolha da carreira profissional (DUMAZEDIER, 1973, p.98):

O lazer não mais se satisfaz em coexistir com o trabalho, de agora em diante ele irá condicionar o exercício do trabalho em si mesmo. Se o próprio lazer passa a constituir um dos fatores de adaptação do trabalho ao homem, teremos mais uma vez de pensar sobre a direção que tomará o trabalho humano (DUMAZEDIER, 1973, p. 102).

O sociólogo Domenico de Masi crítica a divisão entre trabalho e lazer, defendendo que tais atividades humanas, conjuntamente ao estudo, ocorram simultaneamente:

A plenitude da atividade humana apenas é alcançada quando se acumulam o estudo, o trabalho e o jogo (...) Aquele que é mestre na arte de viver faz pouca distinção entre o seu trabalho e o seu tempo livre, entre a sua mente e o seu corpo, entre a sua educação e a sua recreação. Distingue uma coisa da outra com dificuldade. Almeja a excelência em qualquer coisa que faça, deixando, aos demais, a tarefa de decidir se está trabalhando ou se divertindo. Ele acredita que está sempre fazendo as duas coisas ao mesmo tempo (MASI, 2000, p.99).

Criticando vigorosamente o regime do trabalho industrial, que passou a ser “categoria dominante da vida humana” o autor evidencia que sua dinâmica impôs uma ruptura entre trabalho e lazer, que anteriormente eram concomitantes, visto que “o camponês e o artesão viviam no mesmo lugar em que trabalhavam”, e “o tempo que dedicavam ao trabalho se misturava aos das tarefas domésticas, ao dedicado a cantorias e a outras distrações” (MASI, 2000, p.98). Esta perspectiva, de matriz *ruskiniana* e pré-rafaelita, apareceria ainda em William Morris, e no grupo de socialistas utópicos, que emergiram na segunda metade do século XIX, em meio ao apogeu da época vitoriana (BENEVOLO, 2001, p.166).

Além de criticar a falta de flexibilidade e ludicidade no paradigma do trabalho industrial, De Masi, em diálogo também com Friedmann e Dumazedier, revela a importância do desenvolvimento cognitivo por meio da atividade profissional, indicando que o ofício não pode se limitar à mera ação executiva (MASI, 2000, p.98). Dessa maneira, o trabalhador precisa se sentir atraído para desenvolver sua função com prazer, possibilitado, na ótica deste autor, mediante atividade “predominantemente intelectual, inteligente e livre”, que não imponha “regras burocráticas” (MASI, 2000, p151).

Isto posto, De Masi formula o conceito de “ócio criativo” pautado na crítica à convicção de que uma jornada extensa de trabalho, solidificada em um ambiente direcionado exclusivamente para essa finalidade desestimula a criatividade do trabalhador. Em sua visão, muito mais frutífero ao estímulo humano e necessário ao desenvolvimento da sociedade, seria unir o “tele-trabalho”, - operado nas residências, sendo o exercício profissional estruturado na escala de “cinco ou seis horas por dia, de três a quatro dias por semana”, durante três quartos do mês - ao ócio. (MASI, 2000, p.120). De acordo com o sociólogo, o abrandamento da rotina de trabalho propiciaria uma vida mais adequada às pessoas, que teriam tempo e vigor para atenderem melhor às próprias necessidades físicas e psicológicas. Para De Masi, “o cérebro precisa do ócio para produzir ideias” e o trabalho mais do que ser engessado por uma determinada

perspectiva de tempo e espaço, necessita de uma imaginação criativa e de uma integração com as demais atividades do ser humano (MASI, 2000, p.158-159).

Debatida a gênese do lazer, além de sua relação com o trabalho e, especialmente, sua dimensão profissional, discutiremos, agora, sobre suas singularidades, embora não seja possível tratá-lo isoladamente, tendo em vista, como já apontado, ser este um fenômeno da sociedade, operando e estando sujeito a ingerências nos/dos elementos que a compõem.

## 1.2 - As especificidades do lazer

A pesquisa teórico-bibliográfica permitiu a identificação de três categorias para a definição do conceito de lazer: a) o lazer como uma *atitude*, desconsiderando a influência do tempo; b) a delimitação do lazer como *tempo exterior* ao concedido ao trabalho profissional e às necessidades biológicas; e, c) o lazer como um *misto de atitude e tempo*. A última categoria é assumida quase que totalmente pelos estudiosos do lazer, que embora se valham de parâmetros similares, conservam também peculiaridades na formulação conceitual.

A compreensão do lazer como “atitude” é dissertada pelo teórico Max Kaplan. Conforme o autor, qualquer experiência vivida se configura como ocasião para o lazer, sendo a satisfação o elemento primordial da prática. Dessa forma, inclusive o trabalho, se proporcionar prazer ao indivíduo pode ser considerado lazer (KAPLAN, 1975). Em análise sobre a formulação conceitual de Kaplan, empreendida por David Surdam na obra *Century of the Leisured Masses: entertainment and the transformation of twentieth-century America*, transparece outro aspecto, problematizado pela relação que estabelece com o lazer: a liberdade. Segundo Surdam, Kaplan evidencia a “livre eleição” e a “percepção psicológica de liberdade” como essenciais ao lazer, embora aponte que raramente a fruição não esteja condicionada a fatores econômicos, que além de gerar exclusões, interferem nas escolhas dos indivíduos induzindo a preferências (SURDAM, 2015).

A restrição do lazer ao tempo é versada por Jean Fourastié que o entende como um período em que o ser humano dispõe após o cumprimento do trabalho profissional e das necessidades biológicas. Dessa forma, classifica como circunstância de lazer as atividades de distração, as atividades de cunho intelectual e cultural, dentre outras práticas do cotidiano desenvolvidas pelos indivíduos externamente ao trabalho profissional (FOURASTIÉ, 1979).

Grande parcela de estudiosos fundamentam o lazer considerando as perspectivas de tempo e atitude.<sup>27</sup> No que tange à questão temporal, nos deparamos com duas classificações, ainda que estabeleçam conexões mútuas. Assim, teóricos como Joffre Dumazedier, Norbert Elias, Eric Dunning, Victor Andrade de Mello, Edmundo de Drummond Alves Junior, consideram o lazer como uma atividade que se desenvolve em um “tempo livre”, enquanto Nelson Marcellino e Humberto Luís de Deus Inácio, a delimitam como uma atividade praticada em um “tempo disponível”.

O segundo grupo de autores citados considera a ideia de “tempo livre” problemática, revelando que “tempo algum pode ser considerado livre de coações ou normas de conduta social” (MARCELLINO, 1990, p.29; INÁCIO, 1997, p.16). Porém, ainda que o primeiro grupo utilize o conceito “tempo livre”, corrobora do mesmo ponto de vista que o segundo, indicando a manipulação do tempo subordinada às normas sociais. Em nossa visão, se configura uma distinção entre os dois conceitos, no que concerne ao conteúdo das atividades que abarcam. Enquanto “tempo livre” corresponde a uma série de atividades ocorridas num tempo oposto ao do trabalho profissional, “tempo disponível” diz respeito à oposição ao labor e às demais atividades exercidas fora deste, restringindo-se às práticas de lazer. Contudo, nas duas concepções, a fruição é vista como uma possibilidade após o cumprimento das obrigações cotidianas das pessoas, se desenvolvendo em um período reduzido<sup>28</sup> (MARCELLINO, 1990, p.32).

A julgar por tais perspectivas, o lazer não pode ser visto como um sinônimo de tempo livre, e, sim, uma dimensão de tempo no cotidiano. Todavia, como atividade humana, se concatena de diversos modos com as demais atividades da vida, como explicitado por Elias e Dunning em análise das categorias de tempo livre (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 107-109).

As categorias de tempo livre concebidas pelos autores são: “Trabalho Privado e Administração Familiar”; “Repouso”; “Provimentos das Necessidades Biológicas”; “Sociabilidade”, “Atividades Miméticas ou Jogo” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.108).

A este trabalho, interessa, explicitamente, a categoria das “Atividades Miméticas ou Jogo”, como atividades de lazer, em especial, porque estamos realizando um trabalho de história social, e não de sociologia. Assim, seja atuando ou como expectador,<sup>29</sup> a

---

<sup>27</sup> A perspectiva de atitude concerne à satisfação provocada pela atividade de lazer.

<sup>28</sup> Segundo Norbert Elias e Eric Dunning cerca de metade do tempo livre dos indivíduos é destinado aos trabalhos extraprofissionais (ELIAS; DUNNING, 1992, p.107).

<sup>29</sup> Em conformidade com Elias e Dunning, Marcellino salienta que o lazer não está restrito a atividades práticas, uma vez que a “atitude ativa” independe da situação prática ou contemplativa. Dessa forma,

fruição deve estar condicionada ao anseio do sujeito que a exerce. Nessa categoria se enquadram atividades culturais como ir ao teatro, ao cinema, concertos, além da prática e apreciação de atividades esportivas e *hobbies*, tendo como principal função cultivar a personalidade (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 108-109).<sup>30</sup>

Dumazedier, como Elias e Dunning, diferencia as categorias de tempo livre. Sua classificação não é idêntica à da dupla de autores, mas estabelece analogias. No seu entendimento, o tempo livre contempla as “obrigações institucionais”, que correspondem às atividades familiares, socioespirituais e sociopolíticas<sup>31</sup> e o lazer,<sup>32</sup> não englobando categorias como as de “Provimento das Necessidades Biológicas”, “Sociabilidade” e “Repouso”, ainda que relacione algumas atividades de tais características como também pertencentes ao lazer, conforme a liberdade de escolha e a sensação produzida no indivíduo.

Assim sendo, para Dumazedier, lazer é “definido por oposição ao conjunto das obrigações da vida cotidiana” (DUMAZEDIER, 1973, p.31). Portanto, se configura como “um tempo para realização da pessoa com fim último” (DUMAZEDIER, 1974, p. 91). Isto significa que “o sujeito pode entregar-se de livre vontade seja para repousar, se divertir, desenvolver sua formação desinteressada e sua capacidade criadora” buscando satisfazer às necessidades da personalidade (DUMAZEDIER, 1974, p.34). As atividades<sup>33</sup> de lazer contempladas no tempo destinado à fruição apresentam caráter liberatório, pessoal, desinteressado e hedonístico.

O “caráter liberatório” é definido pelo cumprimento das “obrigações institucionais”, estabelecidas pelas estruturas constitutivas da sociedade. Contudo,

---

mesmo como expectador, a satisfação provocada pela atividade é o que a torna significativa (MARCELLINO, 1990, p.31).

<sup>30</sup> Os autores enfatizam que os indivíduos ainda podem dedicar parte de seu tempo livre a atividades religiosas, a atividades devotadas às necessidades de formação interessada, dentre elas, o estudo privado objetivando progresso profissional; bem como a atividades que visam autodesenvolvimento, sendo um exemplo o trabalho voluntário (ELIAS; DUNNING, 1992, p.108-109).

<sup>31</sup> Ainda que diferencie tempo livre de tempo de trabalho profissional, a categoria “obrigações institucionais” agrega atividades de ambos. (DUMAZEDIER, 1974, p.94). Victor Andrade de Melo e Edmundo de Drummond Alves Junior compartilham essa visão de Dumazedier (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p.32).

<sup>32</sup> Melo e Alves Junior dialogam com Dumazedier classificando o lazer como uma dimensão de tempo livre, possibilitada após o cumprimento das obrigações domésticas e religiosas. Porém, não englobam, como Dumazedier, as obrigações sócio-políticas, mas pontuam, como Elias e Dunning, as necessidades físicas como atividades de tempo livre (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p.32).

<sup>33</sup> Segundo Dumazedier, as atividades de lazer possuem as dimensões reais e fictícias. As atividades reais são fundamentadas em modificações de ritmo, lugar e estilo de vida, e as atividades fictícias assentadas em projeções, configurando-se como recursos a vida imaginária. O sociólogo francês aponta como atividades reais a prática de jogos e esportes, além de viagens, e como atividades fictícias, a fruição em cinemas e no teatro (DUMAZEDIER, 1973, p.33).

Dumazedier explana que se as atividades de lazer correspondem a algumas dessas finalidades, não se transformando em obrigação, tornam-se lazer parcial, denominado como “semilazer”.<sup>34</sup>

Quanto ao caráter desinteressado, o sociólogo afirma que as atividades de lazer não devam possuir finalidade material, funcional e doutrinária, pois “lazer não está submetido a fim lucrativo, como o trabalho profissional, a fim utilitário, como as ocupações domésticas, a fim ideológico ou religioso, como as obrigações políticas e espirituais” (DUMAZEDIER, 1974, p.95).

O “caráter pessoal” é vinculado às necessidades dos sujeitos, oferecendo as atividades de lazer possibilidades de libertação das fadigas físicas e nervosas que contrariam seus ritmos biológicos. Ou seja, as práticas de lazer são definidas como “reparadoras”, diante das tensões provenientes das obrigações usuais dos indivíduos, a julgar pela complexidade das relações estabelecidas com o meio social. Ademais, permitem que as pessoas se libertem do tédio, das alienações, que provocam um sentimento de privação e o desejo de ruptura com universo cotidiano, propiciando equilíbrio, um meio de suportar as disciplinas e coerções concatenadas à vida. Para o autor, as atividades de lazer ainda proporcionam ao ser humano o desenvolvimento de sua personalidade, viabilizando a emergência de condutas inovadoras e criadoras pautadas nas escolhas e aprendizagens do indivíduo (DUMAZEDIER, 1973, p. 33-34).

Por fim, o caráter hedonístico é caracterizado pela busca nas atividades de lazer de prazer e felicidade. Se estas não possibilitarem tais sensações o lazer acaba comprometido, perdendo o sentido, tendo em vista a satisfação ser uma condição inerente<sup>35</sup> (DUMAZEDIER, 1974, p. 95-96).

Para além do tempo, a euforia provocada pelas “distrações” também é apontada por Norbert Elias e Eric Dunning como premissa do lazer, evidenciando a procura das pessoas por atividades que geram “excitação”, tida como “o condimento de todas as satisfações próprias dos divertimentos”. Ademais, determinam como referência para

---

<sup>34</sup> O conceito de semilazer é definido por Dumazedier como uma atividade mista de lazer e obrigação institucional, seja ela profissional, familiar, sócio-espiritual, sócio-política, ou que assuma um fim lucrativo ou utilitário, sendo produzida na intersecção entre as obrigações primárias e as obrigações de lazer (DUMAZEDIER, 1974, p.95). Na obra **Introdução ao Lazer** os autores Victor Andrade de Melo e Edmundo de Drummond Alves Junior também se utilizam desse conceito para caracterizar as atividades mistas, porém na perspectiva lazer/trabalho, excluindo atividades de cunho religioso e político (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p. 35-36).

<sup>35</sup> Sobre o prazer, a felicidade e a euforia como perspectivas primordiais nas atividades de lazer, também consultar GAELZER, Lenea. **Lazer: benção ou maldição?**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1979.

análise da excitação o agente envolvido na fruição, revelando que mesmo quando as atividades de lazer são desenvolvidas em grupo, a intensidade da excitação se manifesta de forma peculiar em cada indivíduo (ELIAS; DUNNING, 1992, p.116).

Compreendendo o lazer como “a busca da excitação” pelos sujeitos, criticam a percepção da fruição como um artifício de atenuação das tensões humanas, como ressaltado por Dumazedier. Associando a tensão com a excitação, os autores não a reputam como algo desagradável, indagando: “se as tensões devem ser avaliadas, pura e simplesmente, como perturbações das quais as próprias pessoas procuram se ver livres, porque é que no seu tempo de lazer elas voltam sempre a procurar uma intensificação das tensões?” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 142-143). Assim sendo, tendo por base os estímulos e as sensações despertadas por meio das atividades de lazer, afirmam:

De uma maneira simples ou complexa, a um [sic] nível baixo ou elevado, as atividades de lazer proporcionam, por um breve tempo, a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com frequência, estão ausentes nas suas rotinas habituais da vida. A sua função não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, uma libertação das tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental. O caráter essencial de seu efeito catártico é a restauração do tônus mental normal através de uma perturbação temporária e passageira de excitação agradável (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 137- 138).

Ainda que determinem a “tensão-excitação” como condição *a priori*, Elias e Dunning acentuam que as atividades e acontecimentos associados ao lazer devam estar assentados no controle individual e social. Valorizam-se, então, as “excitações agradáveis”, “desprovidas de perigo”, condenando-se as “excitações sérias”, descontroladas, que podem ocasionar riscos aos sujeitos envolvidos, bem como ameaçar a ordem social (ELIAS; DUNNING, 1992, p.125). Para os autores o “bom” lazer deve ser capaz de “produzir um descontrole de emoções agradável e controlado” (ELIAS; DUNNING, 1992, p.73).

José Vicente de Andrade também baliza o lazer na conjuntura entre tempo e atitude. De acordo com o autor, o lazer se perfaz quando as pessoas se satisfazem, corresponde “ao estado de espírito, à capacidade psíquica e a integração total dos indivíduos, visando o melhor aproveitamento, de todas as realidades do corpo e da mente, do tempo e do espaço” (ANDRADE, 2001, p.52). Embora norteie o lazer pelos conceitos de tempo e atitude, o autor exhibe outra classificação no que concerne às atividades, denominadas “espontâneas”; “esporádicas”, “habituais” e “programadas”.

As atividades espontâneas são definidas como “consequência não prevista de alguma ação fundamentada naturalmente em decorrência de algum evento, situação ou

circunstância prevista ou imprevista” (ANDRADE, 2001, p.110). Andrade revela que devido à sua conformação despreziosa e surpreendente, as atividades espontâneas possuem maior qualificação do que as previstas, pois acarretam efeitos psicossomáticos mais intensos nos indivíduos (ANDRADE, 2001, p.110-111).

As atividades esporádicas, por sua vez, se manifestam como fruição “de ocasião”, “de oportunidade”, se caracterizando como um conjunto de atividades específicas que se efetuam segundo disponibilidade de tempo, não pautados por periodicidades, assim como durações determinadas (ANDRADE, 2001, p.113). Segundo Andrade, a ausência de compromisso e planejamento prévio para efetuação, bem como a fuga da rotina, incrementam as expectativas e a excitação no decorrer de seu desfrute (ANDRADE, 2001, p.113).

Já as atividades habituais são geralmente praticadas após o cumprimento das rotinas de trabalho profissional e pessoal. Para Andrade, fruídas em um tempo restrito, estas se manifestam como “uma espécie de estado ilusório que ofuscam cerceamentos, carências, aflições e preocupações”, permitindo que a consciência oculte de alguma maneira as vicissitudes “individuais, familiares, econômicas e profissionais” conformadas no cotidiano (ANDRADE, 2001, p.114). Essa categoria de atividade permite compreender outra dimensão do lazer tratada por Andrade: sua singularidade. Assim, em consenso com Dumazedier, Elias e Dunning, revelam que o lazer está fundamentado nos aspectos peculiares da personalidade, ou seja, uma expressão subjetiva, fruto de livre escolha se caracterizando como um fenômeno amplo. (ANDRADE, 2001, p.77-89).

O lazer é um fenômeno integralmente dependente das estruturas psicológicas, das infra-estruturas [sic] sociais, dos níveis mentais e individuais e das próprias capacidades orgânicas de quem o exerce ou pretende exercê-lo. Por ser subjetivo, sua mensuração é sujeita a múltiplas possibilidades de erros de interpretação, pois cada pessoa é única e diferente de todas as demais. (ANDRADE, 2001, p.77)

As atividades programadas são as mais disseminadas e menos eficientes em termos de qualidade dos efeitos psicossomáticos que provoca nos sujeitos. Segundo o autor, essa modalidade, amplamente dominada por ações mercadológicas, é pautada, sobremaneira, pelo poder de compra/consumo dos indivíduos, caracterizando-se pela exclusão, não priorizando as realidades pessoais e culturais, bem como o incentivo ao encontro humano e à criatividade na escolha da atividade de lazer (ANDRADE, 2001, p.111).

Tais perspectivas são debatidas por Inácio, que ao ressaltar os aspectos tempo e atitude como reguladores do lazer, revela que este se perfez ao longo do tempo de maneira conflituosa, diante dos valores difundidos na sociedade. Ou seja, segundo o autor, a obtenção de tempo de lazer é fruto das lutas e reivindicações dos trabalhadores e da concessão das classes dirigentes, que progressivamente solidificou o tempo de fruição mediante uma manipulação ideológica que incentivava as pessoas a assumirem uma atitude consumidora. (INÁCIO, 1997, p.17-20). Porém, assim como discorre sobre a atitude de lazer privilegiada pelo capital, o sociólogo disserta sobre uma atitude de lazer pautada em valores humanos. Inácio forja, então, duas categorias de lazer: “abstrato e concreto”<sup>36</sup> (INÁCIO, 1997, p.24).

O lazer concebido sem contribuir para a emergência de valores sociais e pessoais que permitam o desenvolvimento humano se define como abstrato, se conformando como instrumento de manipulação. Já o lazer desenvolvido por meio da contestação dos valores alienantes balizados pela dinâmica da sociedade capitalista, que contribui para uma crítica da realidade e conseqüente emancipação humana, “incentivando a criação e recriação de identidades individuais e coletivas”, a cooperação e a solidariedade entre as pessoas é definido como lazer concreto (INÁCIO, 1997, p.24).

Tal qual Inácio, Victor Andrade de Mello e Edmundo de Drummond Alves Junior compreendem o lazer pela conjunção dos parâmetros tempo e atitude.<sup>37</sup> Ainda em consonância com Inácio, Melo e Alves Junior, exibem o florescimento do lazer por meio das tensões historicamente travadas entre trabalhadores e patrões, diante da busca por tempo liberado de trabalho, reivindicado e conquistado gradualmente pelos primeiros, contudo, regulado pelos segundos através de iniciativas de controle e obtenção de lucros (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p.29).

Entendem, porém, que somente no campo da cultura é possível encontrar uma definição mais precisa de lazer, pois “as atividades de lazer são atividades culturais”, que englobam as diversas linguagens e manifestações humanas. Afirmam, então, “como

---

<sup>36</sup> As definições de lazer apresentadas pelo autor estão baseadas nos conceitos de trabalho abstrato e trabalho concreto criados por Karl Marx. De acordo com Inácio, o trabalho abstrato corresponde ao trabalho-fábrica, considerado alienante, em contrapartida, o trabalho concreto concebe valores sociais úteis ao desenvolvimento humano, possibilitando a libertação (INÁCIO, 1997, p.11).

<sup>37</sup> Conectando a atitude à busca pelo prazer na fruição, os autores colocam que este sentimento não deva ser compreendido como exclusividade dos instantes de lazer, enfatizando que as demais atividades cotidianas praticadas pelas pessoas devam ser regidas por esta sensação. Melo e Alves Junior concedem especial atenção ao prazer nas atividades de trabalho, defendendo que haja empenho para que este se transforme, sobremaneira as concepções dos trabalhadores sobre o mesmo. Em síntese, os autores acreditam que o trabalho deva se constituir como um elemento de desenvolvimento humano e não só um instrumento de subsistência (MELO; ALVES JUNIOR, 2003:31).

a cultura é permeada por disputas de poder, manipulações, trocas e resistências, a compreensão do lazer como uma de suas dimensões, define-o com base na dialética do diálogo e do conflito” (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p. 26-32).

Nelson Marcellino também denota o lazer como um fenômeno conflituoso. Segundo o autor, o lazer deve estar centrado no prazer pessoal e na atuação social do sujeito, revelando que a fruição é “um tempo privilegiado para vivência de valores que contribuem para mudanças de ordem moral e cultural” (MARCELLINO, 1990, p.41). Ou seja, em sua visão, o lazer é uma ocasião de “encontro consigo próprio, de reflexão”, bem como um momento para o desenvolvimento de relações interpessoais, de “convivencialidade”, oportunidade para troca de conhecimentos e experiências entre os indivíduos e conseqüente formulação de novos valores sócio-culturais. (MARCELLINO, 2007, p.15-19). Contudo, ainda que enalteça sua perspectiva humana e social, Marcellino acentua em tom de crítica a disseminação do lazer na sociedade através de propósitos funcionais, em que o intento de revigoração, conjuntamente ao emprego de valores moralistas e mercadológicos norteiam a fruição, se configurando o lazer como instrumento de dominação e alienação, visando à manutenção do “status quo” por intermédio de iniciativas assentadas em um “falso humanismo”, que mascara as reais pretensões de controle psicológico e social (MARCELLINO, 1990, p.39).

### **1.3 O lazer como objeto utilitário**

A apropriação utilitarista do lazer é fundamentada sob um recorte classista. Nesse prisma, a utilização do lazer é norteadada pela tentativa de disciplinarização dos corpos,<sup>38</sup> mais especificamente, das ações no espaço dos sujeitos menos abastados pelos que detém o poder político-econômico e gerenciam as práticas no território. O recorte temporal tem início com o advento do industrialismo em que um intenso controle social empregado pela elite industrial desencadeou insatisfações e lutas por parte do operariado, que passou a reivindicar uma condição adequada de trabalho e a redução da jornada que o ocupava quase que integralmente. A aceitação das demandas trabalhistas percorreu um longo e árduo caminho marcado por resistências, greves e prisões

---

<sup>38</sup> Michel Foucault, analisando instituições como o exército, o convento e as oficinas, evidencia que a utilização de métodos disciplinares atravessam o tempo. Contudo, de acordo com o autor, mesmo não sendo produto do industrialismo é neste período que a disciplina se torna um meio de dominação. Assim, Foucault revela que no período industrial através da disciplinarização se institui uma política de coerções aos trabalhadores fabris, “manipulando seus gestos e comportamentos visando à formação de corpos ao mesmo tempo obedientes e úteis”, ou seja, “corpos dóceis”, eficazes nas operações do mundo do trabalho para geração de benefícios econômicos aos patrões, todavia impotentes politicamente, estritamente sujeitos à dominação (FOUCAULT, 1987, p. 118-119).

perpetradas aos que ousassem desafiar as leis do capital (NIEMEYER, 2002, p.36). Gradualmente efetivadas, especialmente o abrandamento da rotina de trabalho e, conseqüentemente, a maior disponibilidade de tempo distante do espaço da fábrica, tornou-se motivo de preocupação das classes dirigentes, que julgavam os “de baixo” incapazes de desfrutarem adequadamente dessa concessão podendo ocasionar riscos à manutenção da ordem vigente. O lazer despontou, então, como uma possibilidade de se estender o domínio empreendido no ambiente do trabalho sobre a vida privada do trabalhador. Dessa maneira, sua difusão e fruição no tempo livre estava assentada por meio de um rígido controle institucional sobre o meio social, que objetivava não apenas preservar a mão de obra, mas padronizar o comportamento do operariado através de princípios morais.

Victor Andrade de Melo problematizando a configuração do lazer na Inglaterra na transição do século XVIII para o XIX revela que no florescimento da industrialização o controle das práticas desenvolvidas no tempo do não trabalho já eram compreendidas como uma “dimensão fundamental para garantir o progresso” (MELO, 2010, p.25). Dessa forma, o autor enfatiza que por meio de imposições jurídicas, apoiadas em iniciativas religiosas<sup>39</sup> e de policiamento sobre o espaço, emergem as “recreações racionais”, valorizando-se atividades como o escotismo e o esporte, relevantes à regulação física e mental dos trabalhadores, em detrimento dos encontros nas tabernas, bem como as festas populares, ambientes de diversão considerados inconvenientes, que sofreram agudas oposições por estarem atrelados aos costumes da classe laboral e por serem, na ótica das autoridades, propícios à organização e disseminação de ideais contestatórios ao regime fabril (MELO, 2010, p.13-19):

Nesse cenário, foram entabuladas ações de controle que iam desde a melhoria da eficiência da atuação judicial/policial à criação de “organizações humanitárias”, normalmente de cunho religioso, destinadas a “amenizar” as diferenças. Fundamentalmente, buscava-se aumentar o rigor de normas

---

<sup>39</sup> Melo evidencia as iniciativas de cunho religioso como significativas ao controle do operariado. Destacando a ação do metodismo na Inglaterra o autor revela que o pecado era utilizado uma ferramenta para tal empreendimento, “tratava-se de disciplinar o trabalhador, de levar a coerção para o interior de cada indivíduo (...) a felicidade só poderia ser encontrada no trabalho e em Cristo” (MELO, 2003, p.14). Assim sendo, segundo o autor os metodistas combatiam aos divertimentos populares, enaltecendo que este deveria conceder espaço a prática religiosa, pois “se a obrigação era considerada uma virtude suprema, o ócio deveria ser substituído pela prece e oração” (MELO, 2003, p. 14-15). Ressaltando as operações do Metodismo Edward Thompson aponta, “incluiu entre suas proibições os jogos de cartas, as roupas coloridas, os ornamentos pessoais e o teatro. Escreveram-se opúsculos contra as danças e as canções “profanas”. Consideravam-se profundamente suspeitas as artes e a literatura que não tivessem motivações devocionais” (THOMPSON, 1987, p.300). Ademais, discorre sobre a atuação das escolas dominicais, que se empenhavam em regular a conduta da classe laboriosa permitindo apenas “lazer produtivos”, como o corte de lenha, entre outras práticas manuais, condenando, em contrapartida, atividades lúdicas como os jogos (THOMPSON, 1987, p.256).

sociais. Tratava-se de manipular e reformular códigos culturais, no intuito de promover comportamentos considerados adequados para não pôr em risco o *establishment*. (MELO, 2003, p.13).

A emergência de atividades de “recreação racional” levou à difusão de espaços para fruição, sendo o parque urbano um equipamento proeminente aos “divertimentos adequados” desde o século XIX, especialmente na Europa e nos EUA. Porém, a existência de espaços de lazer, distintos do arquétipo idealizado nos “oitocentos”, era notável em períodos precedentes, como aponta Carlos Augusto da Costa Niemeyer, enfatizando que estes se configuravam como “ambientes privados”, detendo “traços pinturescos e evocadores de um passado romântico”, além de se caracterizarem como uma espécie de “reserva biológica”, tendo em vista o desenvolvimento de uma integração entre o homem e a natureza em seu interior por meio da contemplação de seus elementos (NIEMEYER, 2002:28-29).

Hugo Segawa denomina esses espaços de lazer como “jardins públicos”. Típicos do século XVIII, o autor salienta que surgiram como alternativa às praças medievais. Símbolo de distinção social, os jardins prezavam por uma estrutura organizada e elaborada plasticamente, em oposição à “concentração caótica e complexa da praça” frequentada pelas massas (SEGAWA, 1996, p.49):

O passeio ajardinado será a instância radical do estabelecimento da ordem pública, o grande teatro onde os homens vão se comportar como atores, a fim de serem sociáveis uns com os outros na cidade (...). Os atores e os figurinos estão definidos: não mais a massa popular, mas segmentos sociais privilegiados com a expansão das classes mercantil e burguesa (e seus subprodutos) nas grandes cidades do século 18, em busca de formas de promoção social mediante novas formas de sociabilidade (SEGAWA, 1996, p.49).

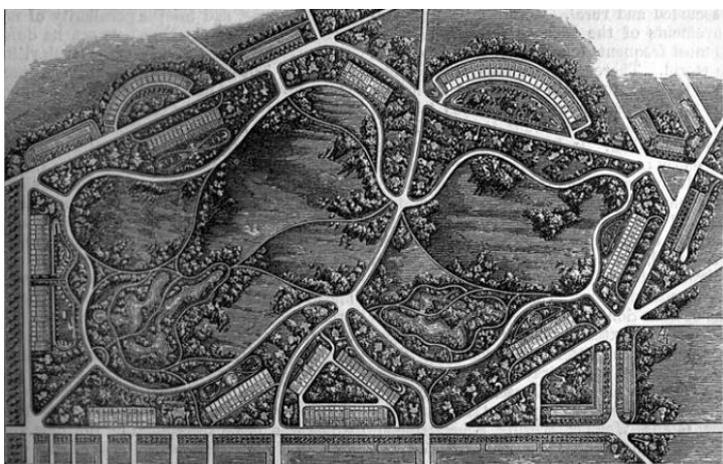
Na visão de Segawa, a finalidade disciplinar, mote da fruição ativa disseminada com a construção de parques urbanos, já se fazia presente nos jardins públicos, espaços de lazer que valorizavam não apenas o espetáculo estético possibilitado pela contemplação da natureza, mas também se constituíam em benéficos ao desenvolvimento da moralidade, embora suprimissem a sociabilidade popular, tendo em vista os códigos de conduta que regiam sua apropriação.

No transcurso do XIX, o tempo livre conquistado pelas reivindicações dos trabalhadores fabris suscitou temor na classe patronal, desencadeando iniciativas de controle, e passou a ser uma preocupação do “Movimento Higienista”, que pautado pelo sanitarismo e apoiado pela ciência, para além das ações que promoveu no espaço urbano visando sanar os problemas ambientais advindos do industrialismo, buscava em suas

operações moralizar as classes populares, reputadas como ignóbeis (NIEMEYER, 2002, p.26).

Segundo Maria Stella Bresciani, os higienistas orientados pela medicina e a ascendente psicologia social, intervindo “física” e moralmente, pretendiam “transformar a cidade de meio corruptor em meio formador”. Dessa maneira, criar medidas preventivas e definir “condutas salutaras” à vida dos populares, combatendo seu “espírito vicioso” por meio do emprego de atividades convenientes durante o tempo de folga era a premissa deste movimento e impactaria menos o custo econômico, evitando interrupções no trabalho que prejudicariam o sistema de produção (BRESCIANI, 1985, p.27-31; BRESCIANI, 1994, 29-30).

“Localizar as diversões do trabalhador, moralizá-las e submetê-las a regras” consistiu em uma iniciativa conjunta entre os higienistas e as autoridades político-econômicas, despontando uma valorização do parque urbano como espaço apropriado de lazer ao meio social. O lazer ativo, voltado às massas, passou a condicionar a estrutura desses ambientes privilegiando grandes vias internas destinadas para passeios, áreas para prática de esportes e recreação, em geral (BRESCIANI, 1985, p.31; NIEMEYER, 2002, p.29).



**Fig. 01** Plano do Birkenhead Park onde se pode notar a implantação de vias internas para passeios.

**Fonte:**

<http://jardinhistoricosbrasileros.blogspot.com.br>

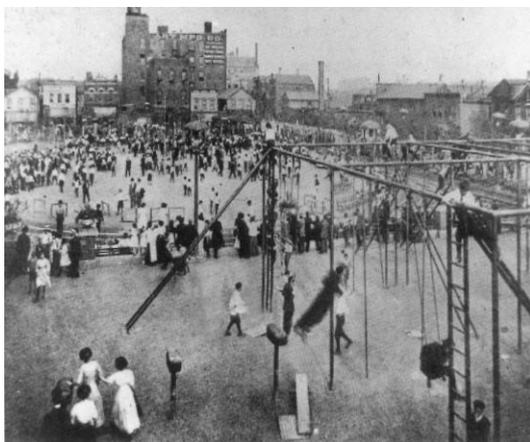
Disponível

em:

<http://jardinhistoricosbrasileros.blogspot.com.br/2015/07/birkenhead-park-e-o-parque-publico.html> . Acesso em: 07 dez. 2016.

Pioneiro do lazer ativo, em 1843, nos arrabaldes de Liverpool foi inaugurado o *Binkinhead Park*, contendo diversos campos de críquete e grandes vias internas designadas para passeio de pedestres e carruagens (NIEMEYER, 2002, p.29). Parque urbano, que inspirou o projeto mais emblemático do século XIX voltado ao desfrute de um lazer de massa, o *Central Park*, idealizado pelo arquiteto e paisagista norte-americano Frederick Law Olmsted foi aberto em 1858 na cidade de Nova York (NIEMEYER, 2002, p.29).

Segundo Carlos Augusto Niemeyer, desde meados do século XIX, espaços de lazer foram elaborados nos EUA, destacando-se, nesse contexto, a atuação do *Movimento de Parques Americanos*. Os projetos concebidos por este grupo comportaram parques para fruição contemplativa e ativa (NIEMEYER, 2002, p.42). Dentre os parques contemplativos, destacamos o *Pleasure Garden*, que se conformou “nas metrópoles industriais com propósitos racionais” e reformadores, consistindo como um antídoto aos rigores do industrialismo, onde, por meio de atividades culturais como concertos e exposições desenvolvidas em ambiente que prestigiavam a natureza, se pretendia dignificar a população. (NIEMEYER, 2002, p.43). Dirigidos especialmente às camadas populares, tendo em vista sua concentração em bairros operários, os modelos *Sports Fields* e *Reform Park*, conectados à tendência de lazer ativo, inversamente aos *Pleasure Garden*, abrigavam amplas áreas pavimentadas, contemplando playgrounds e equipamentos esportivos para ocupação “sadia do tempo livre e ao mesmo tempo difusão de valores higiênicos”, buscando regredir “as tensões do mundo do trabalho” (NIEMEYER, 2002, p.44; NIEMEYER, 2006, p.5-6). Ademais, o *Reform Park*, objetivava adaptar e integrar os imigrantes incentivando o aprendizado dos valores nacionais em seu espaço (NIEMEYER, 2002, p.44).



**Fig. 02** - Panorama do *Stanfor Park* localizado na cidade de Chicago, EUA, no ano de 1915. Este parque é um exemplo da tipologia o *Reform Park* que se consolida a partir do século XX, inspirando, o planejamento e a execução de parques urbanos em São Paulo, dentre eles, os “Parques Infantis” que igualmente ao “Stanfor” foram alocados próximos aos bairros operários com intuito de previsão social.

**Fonte:** (MOSSER, 1991).

Segundo Jhoyce Póvoa Timóteo, o modelo *Reform Park*, se desdobra nas primeiras décadas do século XX vinculado ao projeto político assistencialista norte-americano do *New Deal*, mantendo, como no período antecedente, a finalidade de intervenção nos hábitos comportamentais das classes populares, intentando por meio de um “discurso de humanização da vida deste grupo social”, torná-lo absolutamente previsível (TIMÓTEO, 2008, p.82).

O controle sobre o trabalhador por meio de “atividades adequadas” em “recintos salubres” era motivo de ingerência política. Dessa forma, a “intervenção higiênica” era

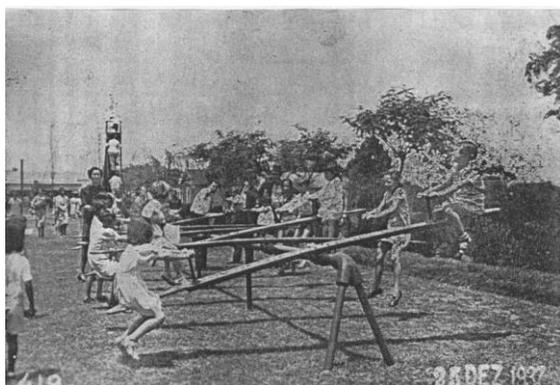
valorizada nos discursos dos planejadores do espaço urbano. Timóteo em análise do projeto de lazer concebido pelo urbanista e político Luiz Ignácio Romero de Anhaia Mello para cidade de São Paulo no final da década de 1920, revela que em sua concepção, as atividades de recreação eram úteis ao controle e à propagação de hábitos adequados às classes populares, tidas como moralmente degradadas. (TIMÓTEO, 2008, p.62). O lazer do operariado era visto como infrutífero e nocivo, pois feria os princípios que normatizavam o espaço da fábrica, entendidos pelas autoridades como ideais para regulamentar as ações dos sujeitos na sociedade (DECCA, 1987, p.89).

Assim sendo, Timóteo coloca que o projeto de “lazer organizado” criado por Anhaia Mello pretendia ser uma extensão da rotina fabril, internalizando nos trabalhadores uma disciplina corporal sob a justificativa de um avanço em sua condição de vida objetivando “mapear as diferenças” no intento de padronizar e dominar o operariado, bem como “formar cidadãos úteis à pátria” (TIMÓTEO, 2008, p.61-66). A regulação sobre os populares não deveria ser arbitrária, mas conduzida por meio de estímulos que gerassem autorreflexão, sendo a transformação do meio em que este grupo social circulava necessária para o desenvolvimento das percepções que uma vida sadia proporcionaria (TIMÓTEO, 2008, p.68). Denominada “Política Expressiva”, a proposta de Anhaia Mello visava, então, desmobilizar os hábitos lesivos da população não pela proibição, mas pela substituição mediante a criação de novos referenciais, sendo a difusão de espaços de lazer para promover a cultura de um corpo saudável por meio do esporte, assim como conscientizar a população pelo desenvolvimento de atividades educativas nesses ambientes as soluções idealizadas pelo urbanista paulistano (TIMÓTEO, 2008, p.69-71).<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Apesar de nutrirem distinções a respeito do planejamento urbanístico para a cidade de São Paulo, dentre elas, ao que tangia à estruturação de seu crescimento - pois Mello era adepto da imposição de um limite à expansão urbana da Capital Paulista e se posicionava contrariamente à sua excessiva centralização, enquanto Prestes Maia não era avesso à sua ampliação, além de considerar a centralização como característica das “grandes metrópoles”, tendo em vista que a disseminação de diversos núcleos desequilibraria orçamento da administração pública por gerar maiores expensas -, as proposições sobre o lazer de ambos eram similares (ANDRADE, 1998, p.360). Analisando o relato empreendido por Prestes Maia em sua obra **Melhoramentos de São Paulo**, publicada em 1945, momento de encerramento de sua primeira gestão à frente da Prefeitura de São Paulo, percebe-se que ao discorrer sobre a construção do Parque Infantil da Vila Romana, Prestes Maia informa que aquele espaço de lazer comportava profissionais especializados, bem como equipamentos educativos, sanitários e recreativos, não se configurando como “mero recanto provido de aparelhos esportivos”. Soma-se a isso, seu discurso na inauguração do Estádio Municipal do Pacaembu, obra finalizada em seu governo, em que exaltou para além de sua monumentalidade arquitetônica, a importância dessa edificação no incentivo à prática de atividades físicas e no desenvolvimento da educação cívica, o que o aproximava dos ideais difundidos por Anhaia Mello, que defendia reger a conduta das classes populares a um comportamento e estilo de vida “apropriados” (MAIA, 1945, p.28; ESTADO DE SÃO PAULO, 28/04/1940, p.8). Compreendida a afinidade político-ideológica dos projetos de lazer de Anhaia Mello e Prestes Maia, referendamos o

Conectado à perspectiva do “*Reform Park*” norte-americana, a proposta de lazer de Anhaia Mello para a cidade de São Paulo enaltecia a criação de parques para fruição ativa, que em seu entendimento era a ideal no “combate à ociosidade da classe operária gerada pela diminuição da jornada de trabalho”, bem como proficua ao preparo para a rotina que enfrentavam na cidade (TIMÓTEO, 2008, p.85). Do mesmo modo que os “*Reform Park*”, Mello acreditava que por se tratar de um projeto de lazer popular, os parques teriam de ser erguidos por meio de financiamento público. Além disso, corroborava esse modelo, concedendo especial atenção às crianças, vulneráveis a atropelamentos e à falta de orientação nos momentos em que se divertiam nas ruas, defendendo que nos parques urbanos deveriam existir especialistas para aplicação de atividades recreativas que educassem socialmente tanto o público infantil, quanto o adulto (TIMÓTEO, 2008, p.86).<sup>41</sup>

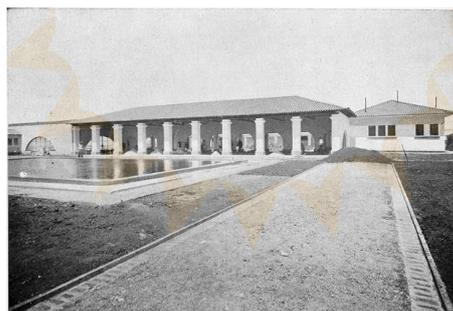


**Fig. 04** - Vista dos fundos da edificação, da piscina e do tanque para diversões do Parque Infantil da Barra Funda. Sendo a prática esportiva uma das ferramentas utilizadas para educação do cidadão, influenciado pelo modelo *Reform*, nos Parques Infantis de São Paulo eram disseminados equipamentos para tal finalidade.

**Fonte:** (ACROPOLE, 02/1940, p.20).

**Fig. 03** - Aspecto dos equipamentos e de atividade de lazer decorrida no Parque Infantil de Santo Amaro, na cidade de São Paulo. Esse registro fotográfico, além de evidenciar semelhanças estruturais entre o parque brasileiro e o norte-americano da fotografia anterior, diante da presença da educadora supervisionando as crianças, é uma representação simbólica da perspectiva de “lazer regrado”, planejado e fruído sob constante vigilância.

**Fonte:** (NIEMEYER, 2006, p.11)



pensamento de Jhoyce Timóteo, que exprime, que “ambas as propostas de lazer objetivavam algum tipo de comportamento disciplinador (...). Além disso, os dois projetos de lazer partiam do princípio de que detinham o conhecimento sobre a melhor forma de lidar com o tempo livre das camadas populares”, revelando um pensamento tecnocrático (TIMÓTEO, 2008, p.103).

<sup>41</sup> Em análise da tipologia *Reform Park*, compreendemos sua referência no sistema de lazer concebido por Anhaia Mello. Segundo Niemeyer, este sistema de Anhaia Mello previa “tirar crianças da rua, estendendo-se num segundo momento aos demais setores marginalizados da sociedade levando-os para local protegido onde encontrar[iam] chuveiros, refeitório, biblioteca, gabinete médico-odontológico, generosos *playgrounds*, quadras e piscinas públicas sob supervisão de recreadores, assistentes sociais e higienistas (...)” também dizia que esses espaços fariam parte “de uma bem delineada política de bem estar social de forte apelo cívico e caráter pedagógico buscando promover padrões de higiene e civilidade” (NIEMEYER, 2006, p.5).

Ainda que não faça menção ao *Reform Park*, Henrique Dumont Villares, em seu estudo *Urbanismo e problemas de São Paulo* se concatena com esta tipologia de lazer, indicando, como Anhaia Mello, a necessidade de interferência política no meio operário para o oferecimento de lazer higiênico em seu tempo livre, destacando, inclusive, a apropriação infantil da rua para o lazer como fator de risco:<sup>42</sup>

A autoridade municipal de hoje não se pode desinteressar das condições de vida do seu operariado. Compete-lhe saber como eles vivem e mesmo proporcionar-lhes passatempo sadio para as horas de lazer. Não há mais evidente atestado da impropriedade de um distrito, como zona residencial, do que o espetáculo de crianças brincando na rua, expostas a toda sorte de perigos materiais e de nocivos contágios morais (...) Onde há facilidades para recreação sadia, diminui o número de delinquentes. É a falta de oportunidades para distrações salutares que arrasta ao vício adolescentes e adultos (VILLARES, 1948, p.176).

Em substituição à rua, ecoando a nítida noção do segundo pós-guerra, sistematizada por arquitetos como Le Corbusier,<sup>43</sup> Villares propõe que a cidade deveria ser equipada com parques, dentre outras opções de lazer, como museus e bibliotecas públicas, que agregassem crianças, adolescentes e adultos. Contudo, enfatizava que um número adequado desses espaços não era o suficiente, sendo imprescindível que o “público aprendesse a usufruir dessas oportunidades de recreio”, pois, do contrário, “toda a despesa feita e todo esforço gasto teriam sido desperdiçados sem benefício para a coletividade” (VILLARES, 1948, p.177). Assim, em analogia com as proposições do *Reform Park*, manifestava:

É necessário que em cooperação com a autoridade encarregada dos parques e jardins, o departamento de educação se incumba de manter, nos lugares destinados à infância e à adolescência, instrutores aptos a guiar e orientar suas distrações. Com algumas acertadas medidas de policiamento cortês e sensato, é fácil educar a população a comportar-se com disciplina, decência e asseio nos logradouros que a cidade lhes oferece para sua comodidade e recreação (VILLARES, 1948, p. 177-178).

---

<sup>42</sup> Em consonância com o *Reform Park*, Villares, mais que criticar a utilização da rua para o lazer, aponta que estatísticas levantadas nos EUA evidenciam que “a cidade que não proporciona *play-grounds* e espaços adequados e convenientemente aparelhados à população infantil dos bairros populares, vê crescer a delinquência de menores, a ociosidade e a criminalidade em geral” (VILLARES, 1948, p.177).

<sup>43</sup> Em detrimento da rua como ambiente de diversidade, possibilidade de interação social, a partir de meados da década de 1940 não só por Le Corbusier, mas também pelas concepções que orientavam o planejamento urbano nos EUA, privilegiou-se a funcionalidade, sua apropriação para “circulação motorizada”, “máquina de tráfego” (FRÚGOLI JR, 1995, 16-18). Dessa maneira, como exposto por Henrique Villares, e retomando pressupostos da Carta de Atenas desenvolvidos na década anterior, em vista de um lazer higiênico, priorizou-se a fruição em “espaços úteis”, onde mediante a atuação de técnicos que representavam os ideais do Estado deveriam se difundir princípios homogêneos, que regulariam as relações sociais desenvolvidas no espaço urbano (FRÚGOLI JR, 1995, 16-18; VILLARES, 1948, 177-178).

Tendo como objeto de análise outra experiência de controle sobre o operariado - o Núcleo Fabril,<sup>44</sup> unidade de produção industrial implantada no campo - Telma de Barros Correia, na obra *Pedra: plano e cotidiano operário no sertão* por meio da análise da implantação desse equipamento no continente europeu, nos EUA e no Brasil evidencia as ações de lazer regrado promovidas pelos patrões no intuito de controlar as práticas dos operários após o término do expediente e nos momentos de folga. Dessa forma, Correia ao descrever os diversos equipamentos de lazer construídos pelos industriais para que operário desfrutasse em seu tempo livre, revela como os primeiros concebiam, disseminavam e criavam mecanismos para que os segundos se enquadrassem em tal perspectiva de lazer. Como pontuado pela autora:

Promoviam-se [...] atividades de regeneração das energias para o trabalho, submetidas ao controle da fábrica. Favorecia-se a prática de esportes sadios e submetidos a regras, como o futebol, de atividades que desenvolvessem

---

<sup>44</sup> Telma Correia, ao analisar a experiência da implantação do Núcleo Fabril no campo, o distingue do modelo industrial instituído nas cidades. Segundo a autora, apesar das duas formas objetivarem o controle sobre a rotina do trabalhador pós o exercício na fábrica, o núcleo fabril, carregava “enormes diferenças na forma de gestão do trabalho”, na qual o padrão detinha “condições de gerir a vida do lugar com grande autonomia” no que concerne às autoridades urbanas, religiosas, bem como da concorrência por mão-de-obra diante do isolamento deste em relação à cidade (CORREIA, 1998, p.11-12). Dessa maneira, Correia aponta o núcleo fabril como “um equipamento de arregimentação, fixação e controle do trabalhador, em cuja organização a segurança da propriedade e da produtividade do trabalho foram questões centrais. A criação desses equipamentos inseriu-se em um esforço amplo das elites na organização da sociedade do trabalho e do preparo de trabalhadores para indústria. Princípios liberais, noções positivistas, teorias médicas, ideias de catolicismo social, técnicas de engenharia, noções de dever e lealdade, padrões de moral e civilidade foram mobilizados pelos industriais na concepção de ordem urbana e social dos núcleos que criaram” (CORREIA, 1998, p.11). Tal qual Correia, por meio da Investigação de um objeto específico, a invenção e a atuação do SESI (Serviço Social da Indústria) no Estado de São Paulo, Barbara Weinstein, discorre sobre a questão do “lazer regrado”. Instituído em 1946, durante a presidência de Eurico Gaspar Dutra, segundo Weinstein, o SESI detinha a função de ensinar os trabalhadores fabris “hábitos de higiene e alimentação adequados, aumentar sua produtividade e orientar seu comportamento enquanto consumidores” (WEINSTEIN, 1999, p.169). Dessa forma, desenvolvia uma série de iniciativas a baixo custo, com o lema de “combate à carestia”, dentre elas, a criação de postos de abastecimento de alimentos, a distribuição de alimentos nas indústrias do Estado através da elaboração das cozinhas distritais, a implantação de clínicas nos bairros operários para atendimento médico e social, além da visita de técnicos da instituição a domicílio tentando sanar problemas da vida privada, que carregavam objetivos ideológicos de controle político-social, tendo em vista pretensões como de desmantelamento do comunismo e supressão das cooperativas sindicais (WEINSTEIN, 1999, p. 167-169). No que tange ao lazer, igualmente aos dirigentes dos núcleos fabris perscrutados por Correia, o SESI preocupava-se com a elaboração de atividades recreativas adequadas que seriam desenvolvidas durante o tempo livre dos trabalhadores. A instituição problematizava a carência de espaços apropriados e a cultura operária que conjuntamente levavam a escolhas de lazer questionáveis e geravam “hábitos prejudiciais”. Assim sendo, passou a oferecer divertimentos sadios aspirando através da “educação operária” contribuir para formação social (WEINSTEIN, 1999, 258-262). Dentre os empreendimentos do SESI destacamos os Jogos Operários do Dia do Trabalho, a criação de clubes operários, a organização de equipes de futebol ligadas a fábricas ou bairros operários, o incentivo técnico e financeiro à prática de esportes como boxe, handball, tênis de mesa, ciclismo, natação, vôlei e xadrez. Além do esporte, a instituição oferecia sessões de filmes em sindicatos, produzia peças de teatro amadoras, promovia festejos de confraternização, de *reveillon* e formaturas de estudantes ligados ao operariado. Curioso notar que pela “profunda influência da Igreja Católica” sobre os profissionais da entidade, o SESI condenava o carnaval, em sua ótica “incompatível com a organização racional do trabalho”, onde se predominavam “insinuações lascivas” e “práticas anti-higiênicas” (WEINSTEIN, 1999, 258-262).

práticas manuais – como o bordado – e de espetáculos de conteúdo moralizante nos teatros e cinemas (CORREIA, 1998, p.135-136).

Ou seja, o lazer promovido deveria se constituir como uma atividade “útil, visível e coletiva” aos trabalhadores de acordo com a ótica patronal, que, por sua vez, por meio de instrumentos julgados adequados os controlava (CORREIA, 1998, p.135-136).

#### 1.4 Cidade, segregação e lazer

No decorrer do tempo, um debate sobre a relevância do lazer aos indivíduos, bem como a elaboração de uma estrutura para fruição na superfície urbana, foi objeto de discussões em diversos eventos no campo do urbanismo e do lazer, dentre eles, o IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), a Conferência de Genebra de Direitos Humanos ao Tempo Livre e o II Congresso Internacional da Fundação Van Clé.<sup>45</sup>

Ocorrido em 1933, o IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna – CIAM -, inspirou a criação da Carta de Atenas, cuja versão<sup>46</sup> mais conhecida foi redigida por Le Corbusier no mesmo ano, em que ressaltou a importância da utilização do espaço da cidade para essas atividades:

Deve ser estabelecido um programa de entretenimento comportando atividades de todo o tipo: o passeio, solitário ou coletivo, em meio à beleza dos lugares; os esportes de toda natureza: tênis, basquete, futebol, natação, atletismo; os espetáculos, concertos, teatros ao ar livre, jogos de quadra e torneios diversos (LE CORBUSIER, 1993, p.39).

---

<sup>45</sup> Nas quatro primeiras edições dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos, como descrito por Atique, “salta aos olhos um início de teorização sobre os problemas decorrentes da metropolização das cidades” (ATIQUE, 2005). Ainda que um debate específico sobre lazer não tenha sido contemplado como nas “Cartas” citadas, e que as mesmas guardem especificidades de acordo com a época em que foram publicadas, por se tratar de uma proposição que igualmente despontou como preocupação urbana nas primeiras décadas do século XX, percebemos conexões entre temáticas empreendidas nesses congressos e as acepções que norteavam a difusão do lazer no meio social entre 1920 e 1930. No I Congresso Pan-Americano, ocorrido em 1920, na cidade de Montevidéu, no Uruguai, nos deparamos com a influência do pensamento higienista, desenvolvendo-se discussões sobre salubridade e previdência social, questões que pautavam o lazer naquele período (ATIQUE, 2005). A temática da habitação social, privilegiada nesses eventos, no IV congresso, sediado em 1930, no Rio de Janeiro, por meio da noção da implantação das “casas econômicas”, mais uma vez favorece um debate sobre a assistência social aos menos abastados, sendo na ótica de Marisa Varanda Teixeira Carpintéro, um meio de o Estado incorporar o trabalhador à “ordem dominante”, ou seja, de discipliná-lo, assemelhando-se aos postulados promovidos no âmbito do lazer. (CARPINTÉRO, 1997, p.187).

<sup>46</sup> São, pelos menos três, as versões emanadas do IV CIAM: a de Le Corbusier, de 1943, que ficou mais conhecida; a Joseph-Louis Sert, de 1942, de nome “*Can our cities survive?*”, e uma do GATEPAC, publicada em Barcelona, em 1933, intitulada: “*Conclusiones del IV Congreso Internacional del C.I.R.P.A.C. sobre la ciudad funcional.*” Para mais informações a respeito das outras versões e sua circulação, ver HELIODÓRIO; SAMPAIO, 2001. Entretanto, adiantamos que não endossamos a matriz teórica usada na análise do autor, que considera a estrutura “ideias fora do lugar” um marco referencial.

No ano de 1967, na cidade de Genebra, foi solicitada por instituições que atuavam nas áreas de esporte, recreação e tempo livre a Associação Internacional de Recreação, que estruturasse e redigisse uma Carta de Direitos Humanos ao Tempo Livre, concluída em meados de 1970. Em diálogo com a Carta de Atenas, seus Artigos IV e V, enfatizam o direito dos sujeitos de conhecer e participar das diversas opções de recreação em seu tempo livre como, “esportes, jogos, viagens, teatro, dança, música, artes visuais e ciências”, cabendo às autoridades, planejadores urbanos e arquitetos criarem instalações no espaço ou concederem assistência ao “planejamento de oportunidades de recreação para que o homem exerça atividades de lazer de sua predileção” (CARTA DE DIREITOS HUMANOS AO TEMPO LIVRE, 1970). No ano de 1976, após o II Congresso Internacional da Fundação Van Clé, no Artigo VI da “Carta do Lazer” também é acentuada a necessidade das autoridades garantirem a criação de equipamentos adequados para estimularem a difusão de atividades de lazer no espaço “baseadas em possibilidades pessoais de escolha” (CARTA DO LAZER, 1976).

Contudo, apesar de ser gradualmente reconhecida a importância do lazer, notamos entre as produções dos estudiosos do campo os embates que revelam sua contraditória organização do espaço da cidade. Destarte, observando a paisagem urbana percebemos além da notável falta de espaços adequados para o seu desfrute, que o lazer é, diversas vezes, suprimido por não ser visto como algo prioritário.<sup>47</sup> Dificuldades de acessibilidade, por questões de localização, deslocamento e impedimentos financeiros, devido à má distribuição das áreas com essa finalidade pela cidade, somadas às conturbações advindas do sistema de transporte público, bem como aos elevados preços de várias atrações que divergem do poder aquisitivo de uma significativa parcela da população, alijam os habitantes de sua prática. O temor em função da violência urbana, também pode ser considerado fator de inibição à procura dos habitantes por locais para proveito de seu tempo livre.

---

47 A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda um mínimo de 12 m<sup>2</sup> de área verde pública de lazer por habitante, estabelecendo como ideal 36 m<sup>2</sup>. No Brasil, poucas de suas principais cidades estão de acordo com esse padrão. Segundo a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente a mancha urbana de São Paulo tem 2,6 m<sup>2</sup> por pessoa. Entre as capitais que se destacam com bom índice estão Goiânia, com 94 m<sup>2</sup>, Vitória com 91 m<sup>2</sup>, e Curitiba com 64,2 m<sup>2</sup>. Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,sp-tem-so-2-6-m-de-verde-por-pessoa,872978>; <https://engvagnerlandi.com/2011/08/06/indice-de-areas-verdes-por-habitantes-nas-cidades>. Acesso em 07 de outubro de 2016.

Henri Lefebvre, na obra *O Direito à Cidade*, indica a industrialização como a deflagradora da cidade moderna. A indústria transformou os valores da cidade, moldando-a de acordo com suas necessidades. Dessa maneira, passou a concentrar em seu espaço elementos essenciais ao incremento de seu sistema, dentre eles, o corpo de trabalhadores, as técnicas de produção e o mercado. Com a progressiva expansão da indústria, a cidade, começa a atrair capital e, por consequência, mais investimentos, concentrando um maior número de habitantes, multiplicando os saberes. Assim, para Lefebvre, o crescimento da cidade em conjunto com o do capitalismo industrial, configuraram-se como *indutores* da urbanização (LEFEBVRE, 2011, p.11).

O processo de urbanização é conduzido pelas classes dirigentes que regulam a produção e a apropriação do espaço da cidade, valorizando-se, segundo Lefebvre, o produto em detrimento da obra, ou seja, a troca, o negócio, o consumo e não o uso, as vivências e as experiências das relações humanas conectadas ao espaço. Tal processo, denominado pelo autor de *implosão-explosão* da cidade, provocou o rompimento da organicidade de seu espaço. Assim, diante dos novos parâmetros impostos ao tecido urbano, conformou-se uma segregação socioespacial, simbolizada pelo contraste nas formas de habitar a cidade, e no próprio habitat dos cidadãos, tendo em vista os deslocamentos a que foram sujeitadas as massas desfavorecidas perante as iniciativas e os projetos de remodelação urbana implementados (LEFEBVRE, 2011, p.14).

Dialogando com Henri Lefebvre, Ana de Pellegrin, em *Os contrastes do ambiente urbano: espaço vazio, espaço de lazer*, revela que se constituindo como um espaço político “a cidade é marcada pelo poder”. À vista disso, a elaboração de estratégias e sua execução no que tange à estruturação, demarcação, apropriação e ocupação do espaço ocorrem mediante um arbítrio político-econômico, perpetrando as camadas privilegiadas modelos que julgam adequados de se “experenciar” o ambiente urbano, buscando desarticular as práticas simbólicas das classes populares através da segregação (DE PELLEGRIN, 1999, p.3). Contudo, a imposição de uma autoridade sobre o espaço da cidade se desenvolve de modo conflituoso, gerando disputas entre os atores sociais pertencentes aos distintos conjuntos que o compõe (DE PELLEGRIN, 1999, p.9).

Tais disputas entre a classe dirigente e a classe popular no tocante ao espaço da cidade são objeto de discussão da historiadora francesa Michele Perrot, na obra *Os excluídos da história*. Tendo a cidade de Paris como recorte espacial, a autora versa sobre conflitos emergidos em função da segregação configurada no período industrial,

ênfatizando as práticas de resistência dos operários diante da fixação de limites socioespaciais promovidos por estratagemas do Estado francês, que se utilizou de construções de fortificações, bem como da implementação de *boulevares* no centro da cidade para deslocar o operariado para porção leste, intentando restringir sua circulação e o desenvolvimento de suas atividades, bem como o acuar politicamente, visando romper seu vínculo identitário com o espaço outrora habitado (PERROT, 1988, p. 117-122).

Em *A era do capital*, Eric Hobsbawm, corrobora Perrot, ao discorrer sobre os mecanismos engendrados para desmobilizar o proletariado, ressaltando que a “concentração dos pobres” em bairros populosos era compreendida pelos planejadores urbanos como ameaça, dessa forma, o desenvolvimento de obras públicas serviu como meio de dispersão das massas e de seus distúrbios para as margens da cidade (HOBSBAWM, 1977, p.220).<sup>48</sup>

Raymond Williams, na obra *O campo e a cidade*, ao aludir à conformação do sistema fabril nas cidades inglesas, especialmente Londres, utiliza a literatura como objeto de problematização histórica, expondo os conflitos sociais descritos por literatos do período, que enfatizam do mesmo modo que os planejadores urbanos investigados por Hobsbawm a aglomeração humana na cidade como fonte de perigos sociais (WILLIAMS, 1973, p.293).

Tendo como mote a segregação socioespacial, o autor salienta que a literatura britânica dissertava sobre a distinção social no espaço da cidade, contrastando a faixa leste, onde habitavam os operários, caracterizada pela pobreza, a padronização estética e desconfortável das moradias, comparadas a alojamentos, bem como um ambiente predominado pela escuridão, com a porção oeste, onde se concentravam as elites industriais, qualificada pela iluminação, conforto e a ostentação (WILLIAMS, 1973, p. 299-308).

---

<sup>48</sup> Segundo Telma Correia a segregação espacial na Inglaterra na transição do século XIX para XX visando combater as aglomerações das classes populares não foi unanimidade, sendo objeto de crítica. De acordo com a autora, observadores do período apontavam que a distância imposta pela concentração das elites e dos populares em espaços distintos do território provocava instabilidade, tendo em vista o afrouxamento dos laços entre os dois grupos que dificultava a imposição de métodos de controle social dos ricos sobre os pobres, assim como contribuía para desmoralização dos menos abastados, “ao torná-los independentes na esfera da vida privada” e “privá-los do contato com as virtudes do modo de vida burguês” (CORREIA, 1998, p.29-30). Maria Stella Bresciani, tal qual Correia, aponta que o efeito moralizador da elite sobre os populares propiciado pelo desenvolvimento de iniciativas de controle, como a “caridade”, e pela influência de seu modo de vida, se perdera com a separação espacial entre as distintas classes sociais (BRESCIANI, 1994, p.45).

Williams ainda enfatiza a diversidade de compreensões no campo da literatura sobre a formação de uma consciência coletiva no âmbito da cidade, enquanto alguns escritores apontavam a configuração de uma *atomização* na sociedade industrial na passagem do século XIX para o XX destacando que a vida cotidiana era marcada pela subjetividade e pela indiferença, um “isolamento na aglomeração”, outros, corroborados pelo britânico, indicaram que “em seu interior surgiram formas distintas de pensamento e organização social como reação ao caos”, florescendo nas cidades, através de organizações vinculadas à classe trabalhadora, lutas por direitos e melhorias de condições de vida (WILLIAMS, 1973, p. 291- 311).<sup>49</sup>

Na obra *Planejamento do lazer no Brasil: valores e conteúdos culturais do lazer*, Joffre Dumazedier, tal como Perrot e Williams, ratifica a perspectiva de segregação social no período industrial, realçando os problemas que assolavam o operariado nas cidades, que se configurava como espaço privilegiado de intervenção da elite fabril (DUMAZEDIER, 1980, p.50). Dessa maneira, indagando sobre a apropriação do espaço da cidade industrial para o desfrute do lazer, revela que apesar da gradual conquista de “tempo liberado de trabalho”, diante das reivindicações proletárias, a baixa provisão e a concentração dos equipamentos em determinados espaços da cidade em conjunto com fatores como o as grandes distâncias das moradias em relação aos ambientes de lazer, o cansaço das jornadas de trabalho e a poluição urbana, servem como entraves a fruição (DUMAZEDIER, 1980, p. 51-52). Contemporizando com perspectivas de lazer do “Urbanismo Moderno” previstas na Carta de Atenas,<sup>50</sup> o

---

<sup>49</sup> Do mesmo modo como Williams, Bresciani trabalha em sua obra os aspectos da atomização social e da emergência no seio da população londrina de um fervor por uma vida adequada. Expondo as impressões de Friedrich Engels, em viagem pela Inglaterra na década de 1840, em sua obra é revelada a repugnância do autor socialista à indiferença brutal e o isolamento dos indivíduos voltados aos próprios interesses, evidenciando que a desagregação da humanidade era apreendida em Londres de maneira espantosa, “onde a guerra social, a guerra de todos contra todos” transparecia abertamente (BRESCIANI, 1994, p. 23-24). Nas décadas subsequentes, mais precisamente entre meados 1860 e até finais dos anos 1880, incitados por questões como “más colheitas”, aumento no preço do pão, contração industrial e conseqüente crescimento do desemprego, além da disseminação da cólera, explodem revoltas que desafiam a ordem vigente em manifestações que reúnem milhares de pessoas, causando temores e estimulando medidas repressivas por parte do parlamento para conter as ameaças (BRESCIANI, 1994, p.38-48).

<sup>50</sup> De acordo com a Carta de Atenas os segmentos trabalho, habitação, lazer e transporte são alvos de debate do Urbanismo Moderno. Este manifesto emite as propostas formuladas no IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, ocorrido em 1933, na Grécia, visando sanar as contradições apontadas nesses elementos que se inter-relacionam no espaço urbano. Dessa forma, a Carta de Atenas expressa a necessidade de melhoria no planejamento e na execução de cada um, evidenciando que desequilíbrios particulares interferem no todo, revelando que uma integração adequada propiciaria um salto de qualidade na vida dos cidadãos. Observando o conteúdo específico do lazer descrito na Carta, nos deparamos com insatisfações no que tange à falta de áreas verdes nas cidades desde o século XIX, (CARTA DE ATENAS, p.14) Além da crítica a redução de potenciais espaços para fruição está apontado na Carta à má distribuição destes, concentrados nas periferias da cidade ou próximos a residências da

sociólogo francês coloca que os espaços para fruição deveriam se desenvolver no todo e nas partes do tecido urbano. (DUMAZEDIER, 1980, p. 55-56):

A arquiteta e urbanista Raquel Rolnik, em *O lazer humaniza o espaço urbano*, evidencia como Dumazedier a preocupação do “Urbanismo Moderno” no que tange à estruturação e promoção do lazer no espaço da cidade. No entanto, revela que a gestão das “funções urbanísticas” acabou sob domínio da iniciativa privada, esmorecendo o sentido público, identitário e simbólico da cidade, estimulando a desigualdade social, política e econômica entre os habitantes. Nesta perspectiva, a cidade cada vez mais começou a ser percebida como um espaço desconexo, dominada pela segregação, rompendo-se a dimensão de multifuncionalidade e heterogeneidade diante da ampliação dos espaços privativos, homogêneos (ROLNIK, 2000):

O urbanismo que apostou nas ilhas e nos redutos de qualidade de vida, na esperança de que se alastrassem para o resto do espaço, não deu certo: ninguém consegue conectar nada com nada. Estamos todos absolutamente bloqueados, sem possibilidade de circular pela cidade. Nem sequer os espaços privativos, onde a qualidade de vida está preservada, vigiados dia e noite, oferecem possibilidade de contatos; os oásis, os guetos não são seguros. Isso significa que quanto mais diferença e privilégio existem, mais se exacerba a exclusão, e quanto mais se exacerba a exclusão, mais violenta vai ser a cidade (ROLNIK, 2000).

Assim sendo, para Raquel Rolnik, se faz necessária a implementação de políticas públicas não excludentes que qualifiquem o espaço da cidade e possibilitem que este volte a ser mais democrático, apropriado para o exercício da sociabilidade, da integração e do lazer, propiciando o estreitamento da coletividade e da solidariedade entre os cidadãos (ROLNIK, 2000).

Nelson Marcellino em *Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana* problematiza a configuração dos espaços e equipamentos de lazer contidos no território da cidade, indicando, tal qual Rolnik, a necessidade de uma maior intervenção da administração pública para descentralização,<sup>51</sup> ampliação, manutenção e promoção desses ambientes, sublinhando a necessidade de se planejar uma política de desenvolvimento de corpo técnico, formando profissionais para atuarem no campo do

---

elite, dificultando a acessibilidade e a “higiene” das camadas populares. Considerando o lazer como “necessidade” e relevante à manutenção de “saúde pública” a Carta salienta a importância da difusão de espaços de lazer por toda a superfície da cidade para o atendimento das distintas demandas (CARTA DE ATENAS, p.15).

<sup>51</sup> De acordo com Nelson Marcellino, cada vez mais as camadas desfavorecidas economicamente da população são deslocadas para as áreas periféricas, comprometendo o acesso deste grupo social a serviços de base e espaços e equipamentos de lazer, conformando-se uma segregação sócio-espacial. Para o autor outros aspectos dificultam tal acessibilidade, com destaque para falta de recursos econômicos para circulação na cidade, perante os valores de transporte instituídos (MARCELLINO, 2007, p.19-20).

lazer, dentre eles, animadores culturais,<sup>52</sup> qualificando as atividades oferecidas nos espaços públicos da cidade (MARCELLINO, 2007, p.10). Ademais, Marcellino, revela ser imprescindível para uma fruição adequada nos espaços públicos de lazer a elaboração de uma política de reordenamento do tempo, reduzindo a jornada de trabalho e o tempo de deslocamento entre habitação-trabalho e habitação-espaço de lazer.

Outro aspecto problematizado por Marcellino, em diálogo com Rolnik e Lefebvre, corresponde à apropriação do espaço da cidade pela iniciativa privada. Submetidos à lógica do lucro os valores de uso e fruição da cidade acabam comprometidos, transformando-se em produto para o consumo (MARCELLINO, 2007, p.18). Destarte, em função da privatização dos espaços, cada vez menos se configuram ambientes de lazer para promoção do encontro humano, suprimidos pela “oferta de equipamentos de lazer voltados ao consumo”, tornando-se o *mercolazer*, critério de expansão e manutenção de espaços de divertimento na cidade (MARCELLINO, 2007, p.18).

É cada vez mais evidente a reconfiguração imposta à geografia de nossas urbes pela dinâmica expansiva do *mercolazer*. Como as formas de apropriação da cidade expressam o modo das relações de produção, desenvolvimento desigual, concentração, exclusão, etc., tudo isso também está presente no modo de vida urbano. Nesse sentido, é o poder do dinheiro e da especulação que traça o desenho das cidades. E é aí que o “capital divertido” se faz emblemático. Com seus shoppings, restaurantes, paisagens mercantilizadas, clubes-condomínios etc., alarga fronteiras, cria e combina fluxos, estabelece migrações, privatiza espaços públicos, delimita zonas de exclusão (MASCARENHAS, 2007, p.194).

Ana Carolina Figueira dos Santos e Friedhilde Manolescu em **A importância do espaço para o lazer em uma cidade**, ressaltam que o lazer é um direito de qualquer cidadão, podendo ser usufruído em espaços públicos e privados. Contudo, em consonância com as perspectivas de Rolnik e Marcellino e Lefebvre, problematizam os ínfimos investimentos públicos destinados ao lazer, refutando a privatização dos espaços da cidade mediante a difusão de equipamentos privados e pelo viés das ações imobiliárias<sup>53</sup> (DOS SANTOS; MANOLESCU, 2008, p.3).

---

<sup>52</sup> Segundo Victor Andrade de Melo e Edmundo de Drummond Alves Junior, um animador cultural deve possuir as seguintes características: *liderança*, na perspectiva de mediação o animador deve estimular a participação crítica e ativa do indivíduo/grupo com no qual está desenvolvendo atividades; *criatividade*, este profissional necessita ter capacidade de se renovar para elaborar propostas que dialoguem com o público; *organização*, devotando-se a planejar e executar estratégias operacionais; por meio da apreensão das diversas formas de expressão cultural, bem como de suas contradições, para melhor elaborar uma intervenção pedagógica (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p.79-80).

<sup>53</sup> Ao tratar das ações imobiliárias as autoras criticam o modelo de moradia voltado às classes mais abastadas, ocorrendo uma valorização dos espaços internos e externos das residências com equipamentos de lazer, desestimulando a procura de espaços públicos para fruição, e a conseqüente elaboração de novos

Para as autoras, cada vez mais se evidencia um contraste entre o *mercolazer*, com expressiva infraestrutura, planejamento e promoção de ações pelo espaço da cidade, e os ambientes públicos de fruição, não impulsionados e conservados adequadamente, tornando-se degradados e perigosos,<sup>54</sup> diante da inércia administrativa das gestões públicas no que concerne à geração de programas, atividades e incentivo à apropriação do espaço público para o lazer (DOS SANTOS; MANOLESCU, 2008, p.3):

Deve-se interromper o sucateamento e a privatização dos equipamentos públicos de lazer (...) com financiamento público garantindo o seu uso em caráter aberto, gratuito e polivalente, organizado por uma “política de lazerania”, atenta às riquezas do universo cultural e lúdico das diferentes regiões e locais, com gestão compartilhada com a sociedade civil organizada e engajamento pedagógico de educadores coletivos multiprofissionais em programas de lazer-educação (MASCARENHAS, 2007, p. 194-195).

Tal contraste é objeto de discussão de David Harvey em *Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*, reiterando que a qualidade de vida urbana é tida como uma mercadoria reduzida aos privilegiados economicamente, o que torna implausível o desenvolvimento de um corpo coletivo e obstrui os ideais de “identidade urbana, cidadania e pertença”, acentuando a disparidade social (HARVEY, 2014, p. 48-49). Posto isso, Dos Santos e Manolescu, criticando o controle privado sobre o espaço físico da cidade destacam a importância da ação governamental em sua orientação e ordenação, objetivando proporcionar qualidade de vida para o desenvolvimento do cidadão, devendo a atuação sobre o espaço ser incessantemente debatida e executada segundo as demandas populacionais (DOS SANTOS; MANOLESCU, 2008, p. 4).

De maneira geral, esses autores enfatizam uma dimensão do lazer que é o de seu desenvolvimento e presença nos espaços públicos. Abordagens como as de Telma de Barros Correia e Barbara Weinstein, enquanto historiadoras dos processos de instalação de um privatismo de ações de lazer, e de Henrique Dumont Villares, como proponente privado desses processos, indicam que outras dimensões da temática ainda carecem de

---

ambientes, bem como manutenção dos já existentes. Além disso, esse modelo de moradia reforça a exclusão social, tendo em vista que se restringe às pessoas com maior poder aquisitivo (DOS SANTOS; MANOLESCU, 2008, p.3). Ana de Pellegrin ao examinar a tendência à privatização da cidade aponta que a mercantilização do espaço urbano reduz sua aceção a potência de lucro. Criticando a ação da especulação imobiliária, a autora revela que esta é “ao mesmo tempo, resultado e contribuinte dos desequilíbrios espaciais gerados em vários setores”, dentre eles, o lazer (PELLEGRIN, 1999, p.4).

<sup>54</sup> A consequência da não apropriação dos espaços públicos de lazer, segundo Dos Santos e Manolescu, é um deslocamento das pessoas aos espaços privados diante da sensação de segurança e das atrações oferecidas. No entanto, para as autoras, assim como para Nelson Marcellino, habitantes que não possuem condições de frequentar recintos privados de lazer e se sentem inseguros em espaços públicos acabam buscando a fruição em suas casas, se transformando o lar, espaço não específico de lazer, na principal opção (DOS SANTOS; MANOLESCU, 2008, p.4; MARCELLINO, 2007, p.21-22).

investigações. A problematização da face privada do lazer, em especial em sua organização mecanizada, se mostra, então, necessária, e esta dissertação procura ser uma contribuição a esta discussão, analisando a tipologia parque de diversão.

### **1.5 O lazer mecanizado e os parques de diversões**

A esta altura, a investigação em curso já nos permitiu compreender as distintas apreensões conceituais, usos e implicações do lazer no tempo e no espaço. Porém, uma inquirição pormenorizada do modelo de entretenimento a que pertence o objeto dessa pesquisa ainda não foi procedida, sendo assim, neste momento, problematizaremos a “tipologia de lazer” parque de diversão. Para isso, averiguaremos como se deu a ascensão desse “formato” no meio social, refletiremos sobre as experiências que os indivíduos cultivam neste espaço e o que os levam a elegê-lo para sua recreação.

Ambiente no qual se é simultaneamente exposto a um conjunto de “emoções mirabolantes”, ainda que nem todas sejam proporcionadas por atrativos mecânicos, não há como questionar que a essência de um parque de diversões está associada à automatização, melhor dizendo, na “dialética” desta com o ser humano. No tempo presente, discorrer sobre a “afinidade” que o ser humano conserva com a máquina e os desdobramentos destes laços, parece banal, entretanto, essa relação já não foi estreita e caracterizada pelo arrebatamento (SEVCENKO, 2002, p.73).

A ascensão das máquinas impactou nas estruturas sociais, políticas e econômicas transformando, por consequência, o modo de vida dos sujeitos. De acordo com os autores Sigfried Giedion e Francisco Foot Hardman, a convivência entre homens e artefatos mecânicos já se configurava em tempos mais remotos. Karl Marx aponta que no período manufatureiro – situado entre meados do século XVI e a segunda metade do XVIII – o processo de produção, baseado na divisão e dinamização do labor, objetivando a ampliação da produtividade,<sup>55</sup> recorria esporadicamente às máquinas, contudo, foi no decorrer da Segunda Revolução Industrial, na segunda metade do século XIX, quando se consolidou a organização capitalista do trabalho e a mecanização da produção, que esta se tornou mais assídua (MARX, 1971, p.453-464; GIEDION, 1978, p.23-24; FOOT HARDMAN 1990, p.26).

---

<sup>55</sup> Sobre a “divisão do trabalho”, também consultar MANTEAUX, Paul. **A Revolução Industrial no século XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1980, bem como MARGLIN, S. "Origens e funções do parcelamento das tarefas". in Gorz, A. (org.) **Crítica da Divisão do Trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

As “regras” impostas pelo sistema fabril provocaram efeitos sobre as rotinas habituais do homem. Segundo as análises de Michelle Perrot, Stephen Marglin e Paul Manteaux a concretização da grande indústria acarretou no aniquilamento de um estilo de vida e produção autônomo e cadenciado. Concentrado na fábrica, este modelo produtivo obrigou o trabalhador a se deslocar de sua moradia até o ambiente de trabalho, consolidou a mão-de-obra fragmentada, e avalizou um controle empresarial irrestrito sobre as operações laborais. Interessado em expandir seu patrimônio, o “mandatário”, combinava os esforços dos operários, conduzindo-os a uma avassaladora produção. Para isso, valia-se de uma exacerbada vigilância no intuito de garantir a manutenção da disciplina, despojando quaisquer iniciativas dos laboriosos que pudessem prejudicar seus rendimentos. Essa excessiva autoridade, além de interferir no tempo e no espaço do trabalhador, atenuou seu “poder de barganha”, uma vez que, a qualquer momento, este poderia ser destituído, e o seu lugar, rapidamente ocupado. Em suma, segundo a ótica patronal, controlar a força de trabalho significava aumentar o desempenho, a produção e o lucro, e impedir a fraude e a indolência (MANTOUX, 1980, p.246; MARGLIN, 1980; PERROT, 1988, p.25-42; BRANDÃO, 1994, p.21). Porém, o que fez a classe proletária? Aceitou passivamente os princípios impostos pela fábrica e suas novas tecnologias? Recorrendo novamente a Perrot, bem como às investigações efetuadas por Eric Hobsbawm sobre o mundo do trabalho, constatamos que não.

A historiadora disserta sobre as distintas formas de resistência à maquinaria que eclodiram na França durante o século XIX, ressaltando que “a maioria dos atos implicaram modos de organização”. Por meio de cartazes, petições e como último recurso à destruição das máquinas os trabalhadores franceses lutavam pela manutenção do emprego e melhores salários, criticavam as transformações no processo de produção, o “ingresso à fábrica”, e denunciavam a cobiça e a “concentração de capital nas mãos dos industriais” (PERROT, 1988, p.35-42).

O autor britânico, na obra *Os Trabalhadores: estudos sobre a história do operariado*, nos alerta sobre os movimentos da classe laboriosa inglesa que se posicionavam contrariamente à mecanização do trabalho entre o final do século XVIII e começo do XIX. Hobsbawm pontua que a resistência à maquinaria se manifestou de distintas formas, resultando na quebra dos autômatos. À primeira a vista, esta esteve assentada não em franca oposição às emergentes técnicas produtivas, mas pela insatisfação operária com os ditames patronais (HOBSBAWM, 1981, p.17-19). Em um

segundo momento, revela o autor, que o combate esteve empenhado diretamente contra o próprio instrumento símbolo da Revolução Industrial, tendo em vista as sequelas que sua elevação ocasionou ao proletariado (HOBSBAWM, 1981, p.20-22). Além do cotidiano dos operários, a questão da “anuência maquínica” movimentou os “bastidores da burguesia”. Revela a análise do historiador que inicialmente apenas parte dos empresários passou a utilizar a máquina na fabricação de seus artefatos, no entanto, esta acabou se disseminando mais adiante em função do desequilíbrio competitivo que gerou no meio industrial. Por fim, um último apontamento deste autor é relevante à nossa reflexão: o estímulo do Estado à difusão da maquinaria. Adotada pelos que detinham o controle sobre o processo de produção e abonada pelas autoridades políticas, ainda que o empenho da classe trabalhadora contra o autômato, segundo Eric Hobsbawm, tenha surtido efeito parcial, não foi o suficiente para desmobilizá-lo, e a supremacia “maquínica” logo se fez evidente. Afinal, como advertiu, acidamente, Nicolau Sevchenko ao ponderar sobre a relação humana com a máquina na obra *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*, “na sociedade mecanizada quem deve se adaptar às inovações tecnológicas é o homem e não o contrário” (HOBSBAWM, 1981; p.23-27; SEVCENKO, 2002, p.62-63).

Para tanto, desde o século XIX, ações foram promovidas no meio social no intuito de pacificar a convivência e alterar as percepções dos indivíduos sobre as “novas criaturas” do mundo moderno. É o que Perrot definiu, como “pedagogia da mecanização”, configurando-se nesse contexto as exposições universais como um pertinente dispositivo a esta finalidade (PERROT, 1988, p.46-49). Diz a autora que foram montados “verdadeiros empreendimentos de exaltação industrial”, também relevantes ao desenvolvimento comercial, tendo em vista a perspectiva transnacional de livre mercado fomentada nas exposições universais, que condensavam outros atrativos com o propósito de cativar o público e auxiliar no processo de assimilação das emergentes tecnologias (PERROT, 1988, p.48).

A arquitetura, impulsionada por novas tendências e matérias-primas, foi um dos primeiros artifícios explorados nessas celebrações, como nos mostra Marshall Berman ao narrar o arrebatamento provocado pela estética do edifício-sede da pioneira exposição universal, ocorrida em Londres, no ano de 1851. Segundo o autor, esta construção, denominada “Palácio de Cristal”, foi uma das mais “visionárias e ousadas” do século XIX (BERMAN, 1986, p.224). O entusiasmo despertado em grande parte da população inglesa e em estrangeiros, que desembarcavam em Londres, especialmente

para visitá-lo, foi de tal magnitude, que após ser desmontado no fim do evento este reapareceu em uma “versão ampliada”, em 1854. Além de se apresentar como símbolo daquela capital, o Palácio de Cristal acabou se perpetuando como um ícone das feiras mundiais, ressurgindo em réplicas até os anos 1930. Projeto de Joseph Paxton, que na década anterior já havia planejado o *Binkinhead Park*, logradouro voltado ao lazer popular, como vimos, o Palácio de Cristal, após se fixar, também foi adotado como local de passeios e entretenimento de massas (BERMAN, 1986, p.224-225). A efervescência provocada por esta edificação, que nas palavras de Berman, “chegava a tirar o fôlego” das pessoas, “nutrindo fantasias, miragens e sonhos”, além da funcionalidade que assumiu, se configurando como um espaço de diversão em meados do século XIX, nos evoca uma outra dimensão explorada mais adiante nas exposições universais, que servia, tal qual a arquitetura, como instrumento de sedução em razão do impacto *psicofisiológico* que incitava: o “lazer mecanizado”, sistematizado em forma de “parque” nessas celebrações, sobretudo, a partir do século XX. (BERMAN, 1986, p.223-225).

No entanto, o parque de diversão mecanizado, ou melhor, uma espécie de versão preliminar, floresceu em um desses eventos em 1893, na chamada *World's Columbian Exposition*, ocorrida na cidade de Chicago. Investigação empreendida por Marcelo Martinez evidencia que reunindo cenários e personagens exóticos em área de pouco mais de um quilômetro, que também abrigava um monumental engenho mecânico, - a *Ferris Wheel*,<sup>56</sup> - esta celebração se tornou “paradigma” deste modelo de lazer (MARTINEZ, 1999, p.28). O conjunto de “distrações” disponibilizado ao público nesta exposição, que também congregou em sua impressionante estrutura 65 mil expositores, despertou, concomitantemente à fremente ambiência ali instalada, a atenção de investidores. Assim, impelidos pelo êxito do evento, que atingiu a expressiva marca de mais de 20 milhões de visitantes, bem como pelo prodigioso desenvolvimento tecnológico e o anseio da população por diversões, refletidos igualmente em seu espaço, empresários daquela época presumindo ganhos econômicos decidiram materializar tal experiência sob um específico formato de entretenimento: *o parque de diversão* (OLIVEIRA; RIGHI, 2002, p.28).

---

<sup>56</sup> A *Ferris Wheel* era que conhecemos por roda gigante. Inventada pelo engenheiro George Washington Gale Ferris, sua primeira versão, possuía aproximadamente 80 metros de altura e comportava 36 cabines, cada uma com capacidade para transportar até 60 pessoas (CIUCCI; MANIERI-ELIA; TAFURI, 1975, p.36-37).



**Fig. 05 - Ferris Wheel**  
**Fonte:** Amusing the million. Coney Island at the turn of the century (KASSON, 1978, p.27).

Determinar qual e onde se instalou o primeiro parque de diversão nos EUA após a Feira de Chicago não foi possível nesta investigação, e fica, de fato, meio temerário, uma vez que as ações sociais não obedecem à uma origem, mas a “múltiplas origens”, como nos alerta Josianne Cerasoli (CERASOLI, 2004). Porém, pudemos compreender que esse modelo de entretenimento foi um “acontecimento” no país, se manifestando em diversas localidades entre anos 1890 e 1920. Aponta Martinez que no fim deste período operavam nos EUA cerca de dois mil parques de diversões (MARTINEZ, 1999, p.30). Rem Koolhaas salienta que “resquícios” desse formato de lazer eram perceptíveis em *Coney Island*, região litorânea à leste do Brooklyn, na cidade de Nova York, desde a década de 1880. Esta ilha, definida pelo autor como “jazigo de fragmentos futuristas”, por receber artefatos mecânicos descartados depois de serem exibidos nas feiras, foi plataforma experimental de equipamentos que viriam a compor os parques de diversões mais à frente, dentre eles, o *Loop-the-Loop*, surgido em 1883, e a Montanha Russa, construída na temporada subsequente (KOOLHAAS, 2008, p.53-54).

As análises enfatizam que em seguida à Exposição de Chicago, no decorrer da década, emergiu o arquétipo *Trolley Park*. Assentados em “grandes glebas sem muros” próximos às estações terminais ferroviárias com o propósito de ampliar a circulação de pessoas “sobre os trilhos” em determinadas ocasiões que o movimento arrefecia, especialmente fins de semana, estes comportavam brinquedos mecânicos, áreas para prática de esportes e piqueniques, restaurantes e salões de dança (MARTINEZ, 1999, p. 29-30; OLIVEIRA; RIGHI, 2002, p.28). Em 1894, Paul Boyton<sup>57</sup>, inaugurou o *Paul Boyton's Water Chutes*, que foi sediado inicialmente em Chicago. Parque itinerante,

---

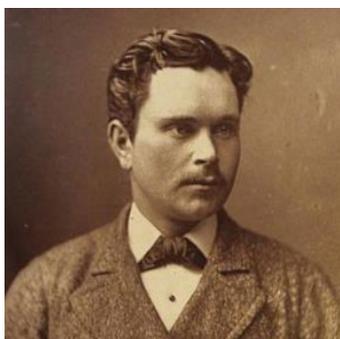
<sup>57</sup> De origem irlandesa, Paul Boyton, além de proprietário de parques de diversões foi mergulhador profissional (OLIVEIRA; RIGHI, 2002, p.29; KOOLHAAS, 2008, p.55).

excursionou por São Francisco, Boston e Filadélfia. Seu principal atrativo, segundo Koolhaas, era o *Shoot-the-Chutes*, “um tobogã mecanicamente içado até o alto de uma torre”, em que o aventureiro escorregava até desembocar na água (KOOLHAAS, 2008, p.55). No ano seguinte, este equipamento estava também disponível aos que aportavam em *Coney Island* em busca de emoções. Ali, Boyton abriu o *Sea Lion Park*, empreendimento fixo que além de promover distrações mecânicas, conservava entre suas atrações dezenas de leões-marinhos (KOOLHAAS, 2008, p.55). O amálgama entre a tecnologia e a natureza, convergidos em espetáculo, foi uma marca desta “fantasiosa” ilha. No repertório: show de luzes que provocava *frisson* nos que ali circulavam e permitia se desfrutar da praia durante o crepúsculo, vaca mecânica em que se obtinha leite fresco e hotel em formato de elefante:<sup>58</sup>

Suas patas tinham 60 pés [18,29 m] de diâmetro. Numa das patas dianteiras havia uma charutaria, na outra um diorama; os clientes subiam por uma escada circular existente numa das patas traseiras e desciam pela escada oculta na outra pata. Havia cômodos distribuídos no quarto traseiro, no ombro, na anca e na tromba. Instalados nos olhos, holofotes piscam irregularmente (KOOLHAAS, 2008, p.55).

A implantação e o instantâneo sucesso de uma pista mecanizada de corrida de cavalo com obstáculos realizada pelo especulador do mercado imobiliário George Cornelius Tilyou<sup>59</sup>, em 1897, confirmou o êxito desta integração (SEVCENKO, 2002, p.74; KOOLHAAS, 2008, p.58). Vejamos:

A *Steeplechase* é uma pista de corrida automática cuja força motriz é a gravidade; seus cavalos se assemelham, em tamanho e formato, a cavalos de corrida. De construção sólida, podem, até certo ponto, ser controlados pelo cavaleiro, que pode acelerar ou desacelerar à medida que ele distribui seu peso em cima do cavalo e se prepara para subir e descer os desníveis da pista, transformando cada disputa numa verdadeira corrida (KOOLHAAS, 2008, p.58).



**Fig. 06** - Retrato de Paul Boyton

**Fonte:** [heartofconeyisland.com](http://www.heartofconeyisland.com) Disponível em: <http://www.heartofconeyisland.com/sea-lion-park-coney-island.html>

Acesso em: 14 mar. 2017.

<sup>58</sup> Projetado pelo inventor estadunidense James Vicent de Paul Lafferty na década de 1880.

<sup>59</sup> Nasceu em Nova York, em 1862. George Tilyou era filho de Peter Tilyou, pioneiro do Surf House, outro empreendimento de sucesso daquela época em Coney Island. Disponível em: <http://www.westland.net/coneyisland/articles/steeplechase1.htm>. Acesso em 17 de maio de 2017.



**Fig. 07-** Aparelho de diversão *Shoot-the-Chutes*

**Fonte:**

heartofconeyisland.com

Disponível em:

<http://www.heartofconeyisland.com/sea-lion-park-coney-island.html>

Acesso em: 14 mar. 2017.



**Fig. 08 -** *Elephant Hotel*

**Fonte:** Amusing the million. Coney Island at the turn of the century. (KASSON, 1978, p.32).



**Fig. 09 -** Portão de entrada da *Steeplechase*. Ir ao parque de diversões era um “acontecimento” e atraía grande público.

**Fonte:**

heartofconeyisland.com

Disponível em:

<http://www.heartofconeyisland.com/steeplechase-park-coney-island.html>

Acesso em: 14 mar. 2017.

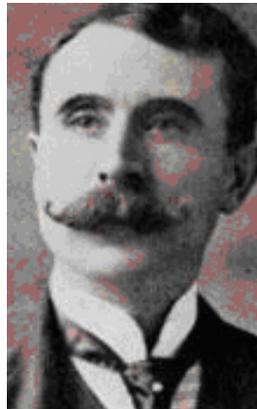


**Fig. 10** - Adultos e crianças se divertindo no *Shoot-the-Chutes*. Não apenas o significativo público, mas os “trajes domingueiros” utilizados nessas ocasiões nos dão indícios de que ir ao parque de diversão era um evento distinto.

**Fonte:** *Amusing the million. Coney Island at the turn of the century.* (KASSON, 1978, p.79).

**Fig. 11** - *Steeplechase*. Fotografia do ponto de partida da pista mecanizada de corrida de cavalos.

**Fonte:** [heartofconeyisland.com](http://www.heartofconeyisland.com)  
Disponível em:  
<http://www.heartofconeyisland.com/steeplechase-park-coney-island.html>  
Acesso em 14 mar. 2017.



**Fig. 12** - Retrato de George Cornelius Tilyou

**Fonte:** *Amusing the million. Coney Island at the turn of the century.* (KASSON, 1978, p.57).

A ressignificação de “elementos terrestres” em diversão pelo viés da espetacularização parecia completa em *Coney Island* no final dos oitocentos. Porém, o século XX reservaria novas surpresas. O “homem chegou à lua pela primeira vez em 1903”. Rem Koolhaas ressalta que esse foi o ano de inauguração de um dos mais grandiosos empreendimentos que existiu na ilha,<sup>60</sup> o *Luna Park*, idealizado por Elmer

---

<sup>60</sup> A *Coney Island* foi transformada em uma península por meio de aterros ao longo do século XX. Manteve, entretanto, a designação original até os dias atuais. Dista do *Central Park*, coração da ilha de Manhattan, aproximadamente 35 km.

Dundy<sup>61</sup> e Frederic Thompson.<sup>62</sup> Configurado em uma área de 15 hectares, este parque se distinguia dos demais que ali operavam por seu caráter temático:<sup>63</sup>

Ao entrar no *Luna Park*, as multidões se transformavam em astronautas numa câmara de vácuo conceitual, por onde todos têm de passar. A viagem à lua se dava na Aeronave Luna IV(...) Uma vez a bordo da grande nave, suas asas enormes sobem e descem, a viagem começa e a nave logo passa trinta metros de altura. Uma ampla e sensacional vista do mar que banha Manhattan e Long Island parece ir sendo reduzida à medida que a aeronave vai subindo. (...) As casas vão diminuindo até que a Terra some de vista enquanto a Lua aumenta cada vez mais de tamanho. Ao passar sobre o satélite lunar, vê-se a natureza árida e desolada de sua superfície. A aeronave pouso suavemente, os passageiros desembarcam e entram nas cavernas frias da Lua (KOOLHAAS, 2008, p.60).

Em pouco mais de quarenta anos o *Luna Park* recebeu por volta de 60 milhões de visitantes<sup>64</sup> (KOOLHAAS, 2008, p.64). Mais que a “psique” estadunidense, “a viagem a Lua” superestimulou imaginações pelo mundo e novos “Lunas” eclodiram em diversos países<sup>65</sup>. No Brasil, a empresa Ferraris e Cia montou um parque com esta denominação na cidade de São Paulo nos anos 1930 (CORREIO DE SÃO PAULO, 17/12/1935, p.6). Todavia, após uma década da inauguração do parque nova-iorquino o “efeito Luna” já se apresentava pela capital paulista, como podemos observar no excerto retirado do periódico **Correio Paulistano** transcrito abaixo:

Cicero da Silva Prado e Eduardo da Fonseca Cotching, no intuito de dotar a cidade de um parque de diversões público do gênero Luna-Park, pedem-lhes que seja concedida, pelo prazo de 20 anos, toda a sorte de terrenos

---

<sup>61</sup> Nascido em Nebraska, Dundy, foi empresário do entretenimento, atuando também em feiras estadunidenses (KOOLHAAS, 2008, p.60). Disponível em: <http://www.heartofconeyisland.com/luna-park-coney-island.html>. Acesso em: 17 de maio de 2017.

<sup>62</sup> Proveniente de Tennessee. Foi um estudante de arquitetura e projetista de parques (KOOLHAAS, 2008, p.60). Disponível em: <http://www.heartofconeyisland.com/luna-park-com-ey-island.html>. Acesso em: 17 de maio de 2017.

<sup>63</sup> Nesse formato de parque, segundo Oliveira e Righi, “a base temática constitui todo o partido arquitetônico da organização espacial, configurada conceitualmente”. Sendo assim, os equipamentos de lazer têm de ser coerentes com o tema central, “que se expressa através de signos, seqüências e hierarquias, inspirados em lugares imaginários e encantados”. O *Luna Park* foi precursor da tipologia “parque temático”, que tem como exemplo mais célebre a Disneylândia, criada pelo cartunista Walter Elias Disney, em 1955 (OLIVEIRA; RIGHI, 2002, p.30-32). Embora parques temáticos e parques de diversões estejam conectados a expressiva modernização tecnológica, conforme os autores, os dois modelos, além de nutrirem diferenças conceituais, mantêm distinções físicas e operacionais. Os parques temáticos são fixos e frequentemente estruturados em grandes áreas, enquanto os parques de diversões se conformam em espaços menores, sendo muitas vezes itinerantes (OLIVEIRA; RIGHI, 2002, p.32). O Parque Shanghai, objeto dessa pesquisa, no decorrer de sua trajetória se manteve esteticamente e operacionalmente como um parque de diversões. Ainda assim, seu nome, inspirado na cidade chinesa de Xangai, alude a perspectivas desveladas em parques temáticos. Como apontou anúncio publicado pelo **Jornal dos Sports**, Xangai, era tida como uma cidade enigmática, reunindo grandes atrativos e encantos que divertiam os que se aventuravam nas rotas do oriente, dessa maneira, a escolha desse epíteto, nada inocente, remetia a fantasia, ao mistério, ali, se experienciaria o desconhecido, algo caro a tais empreendimentos em que o êxito dependia do deslumbramento que despertava no público (JORNAL DOS SPORTS, 07/09/1946, p.6).

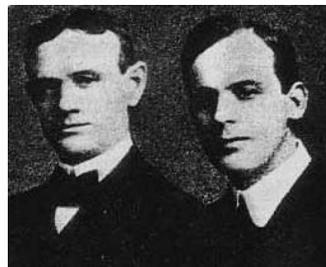
<sup>64</sup> O Luna Park foi vítima de incêndios na década de 40 e acabou fechando em 1946.

<sup>65</sup> Dentre eles Alemanha, França, Suíça, Japão, Austrália e Canadá.

adquiridos pelo governo, no Valle do Anhangabahú, e isenção de impostos municipais. Uma vez que os terrenos pedidos são necessários e já estão destinados a um plano assentado de melhoramentos do dito Valle, a Comissão da Justiça não aconselha o deferimento da petição (CORREIO PAULISTANO, 13/05/1914, p.6).

**Fig. 13** - Elmer Dundy e Frederic Thompson idealizadores do *Luna Park*.

**Fonte:** westland.net. Disponível em: <http://www.westland.net/coneyisland/articles/thompson&dundy.htm>  
Acesso em: 14 mar. 2017.



**Fig. 14** - Fachada do *Luna Park*.

**Fonte:** heartofconeyisland.com  
Disponível em: <http://www.heartofconeyisland.com/luna-park-coney-island.html>  
Acesso em: 14 mar. 2017.

**Fig.15** - Show de luzes no *Luna Park*.

**Fonte:** heartofconeyisland.com. Disponível em: <http://www.heartofconeyisland.com/luna-park-coney-island.html>  
Acesso em: 14 mar. 2017



Para além do mundo do trabalho, das exposições universais, dos parques de diversões e temáticos, no emergente século, um novo fenômeno amplificou a ingerência “maquinica” sobre o cotidiano dos sujeitos. Referimo-nos à ascensão da eletrônica, decorrida, sobretudo, no entre guerras, que potencializou os sentidos humanos por meio de uma gama de invenções, estimulou a massificação tecnológica e “permitiu a interação sinérgica entre os diversos recursos”, elevando-se, assim, ao que Nicolau Sevcenko definiu como *indústria do entretenimento*. De acordo com o autor, esta que

dera os primeiros passos após o surgimento dos parques mecanizados, com o advento da eletrônica e a “difusão das técnicas publicitárias” passou a incidir também sobre a vida privada, consumando o processo de “deformação dos corpos e comportamentos” igualmente aguçados pela ampliação do consumo de outros aparelhos domésticos movidos à eletricidade. Em suma, em tal conjuntura floresceram “novos valores e modalidades de imaginação”, bem como novas sinestesias, que nos propomos nesse momento a analisar levando em conta a experiência lúdica dos sujeitos em parques de diversões (GIEDION, 1978, p.57; SEVCENKO, 2002, p.63-77).

Discussão embrionária no campo do lazer, a experiência lúdica dos sujeitos em parques de diversões é examinada por Marcelo Martinez em *Parques de Diversões. Histórico, Caracterização e Análise da Indústria no Brasil*. Valendo-se das proposições do teórico estadunidense Russell Blaine Nye, sinaliza o autor os estímulos sensoriais irrompidos a partir da interação dos indivíduos com este tipo de ambiente. Dentre eles, citamos: a sensação de se estar em uma epopeia, onde o visitante se “desprende” de sua existência terrena e mergulha num “mundo alternativo”, “dos sonhos”, que contrasta com as vivências do cotidiano. No parque de diversões “o impossível é aceitável e desejável”, o “absurdo e o bizarro” são generalizados, os sentidos humanos são sincronicamente instigados por meio de “um espetáculo unificado e harmonioso”. Ali não há necessidade de se preocupar em manter um comportamento convencional, o pavor, a angústia, o riso, o choro, em síntese, a naturalidade é bem vinda, e o único objetivo é a diversão (NYE, 1981, p. 66-73, *apud* MARTINEZ, 1999, p.61-63).

A exposição de Martinez traz à luz as inusitadas experiências que se vive em parques de diversões. Elas são motivadas por um conjunto de atrações que atordoam os frequentadores, proporcionando-lhes grandes “descargas de adrenalina”. Os brinquedos mecânicos, combinando “deslocamento e aceleração”, “produzem a vertigem no corpo, de tal modo que obliteram os sentidos”; a perplexidade e o medo se propalam entre os aventureiros que nestes decidem se arriscar e são observáveis na inquietude, nas expressões aflitas, na euforia e no alarido ali dissipados (SEVCENKO, 2002, p.73-74). O excerto abaixo em que Nicolau Sevcenko relata sua experiência em uma montanha russa, abre perspectivas para intuir as dimensões sinestésicas que atingem os audaciosos que se atrevem a enfrentarem as engenhocas mecânicas instaladas em um parque de diversões:

Uma das sensações mais intensas e perturbadoras que pode experimentar, neste nosso mundo atual, é um passeio na montanha russa (...) A própria decisão de entrar na brincadeira já requer alguma coragem (...) Mas, uma vez que se entrar, que se aperta a trava de segurança e a geringonça se põe em movimento, a situação se torna irremediável. Bate um frio na barriga, o corpo endurece, as mãos cravam nas alças do banco, a respiração se torna cada vez mais difícil e forçada, o coração descompassa, um calor estranho arde no rosto e nas orelhas, ondas de arrepio descem do pescoço pela espinha abaixo. A primeira fase até que é tranqüila, a coisa se põe a subir num ritmo controlado, seguro, previsível. A gente vai se acostumando, o corpo começa a distender, aos poucos está gostando, vai achando o máximo ver primeiro o parque, depois o bairro, depois a cidade toda de uma perspectiva superior, dominante, se estendendo ao infinito. Aquilo é ótimo, a gente se sente feliz como nunca, poderosa, sobrevoando olímpicamente a multidão de formiguinhas (...) A subida continua sem parar, no mesmo ritmo consistente, assegurado, forte, descobrimos que o céu aberto é sem limites, bate uma euforia que nos faz rir descontroladamente, nunca havíamos imaginado como é fácil abraçar o mundo; estendemos os braços, estufamos o peito, esticamos o pescoço, fazemos bico com os lábios para beijar o céu e... e de repente o mundo desaba e leva a gente de cambalhota. É o terror mais total. Não se pode nem pensar como em fazer para sair dali porque o cérebro não reage mais. O pânico se incorpora a cada célula e extravasa por todos os poros da pele. Não é que não se consiga pensar, não se consegue sentir também. Nos transformamos numa massa energética em espasmo crítico, uma síndrome viva de vertigem e pavor, um torvelinho de torpor e crispação. É o caos, é o fim, é o nada. Até que chega o solavanco de uma nova subida (...) Suor frio, completo descontrolo sobre as secreções e os fluxos hormonais, lágrimas espontâneas, baba viscosa que começa a espumar nos cantos da boca, os olhos saltam das órbitas, todos os pelos do corpo de pé, espetados como agulhas (...) Nem um instante e já mergulhamos outra vez (...) Nem o tempo de piscar e a queda livre que enche as vísceras de vácuo e faz o coração saltar pela boca, e agora, meu Deus, o loop...! Aaaaaaaahhhhhh.....!!!!!! (...) Ao chegar ao fim, desfigurados, descompostos, estupefatos, já assimilamos a lição da montanha russa: compreendemos o que significa estar exposto às forças naturais e históricas agenciadas pelas tecnologias modernas (SEVCENKO, 2002, p.11-14).

A adaptação de práticas de engenharia em assombro se configura como uma dimensão do parque de diversão, no entanto, ali, se espraia toda uma celebração exagerada e caricatural. Antiga frequentadora do Parque Shanghai, Sueli Ambrósio relembra de uma curiosa personagem que ficava em seu portão de entrada, a temida Boneca Gilda:<sup>66</sup>

---

<sup>66</sup> Diversos visitantes da unidade do Parque Shanghai da cidade de São Paulo lembram com pavor desta personagem. Mônica Trench afirma que Gilda “perseguiu seus pesadelos anos a fio”; Márcia Calixto faz uma curiosa comparação com a personagem do cinema americano Tiffany, conhecida popularmente como a “noiva do boneco Chuck”, que assombra os fãs de filme de terror desde os anos 1980. Jarima Lopes, Sílvia Laice, Sérgio de Simone e Márcio Guarnieri guardam na memória suas apavorantes gargalhadas. Além de Gilda, outra personagem marcou época no Parque Shanghai, referimo-nos à Monga, “a mulher que se transformava em Gorila”, que serviu de inspiração ao quadrinista Gualberto Costa e ao cartunista José Alberto Lovreto na criação de uma revista em quadrinhos na década de 1980. Disponível em: <http://www.saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/192/Parque%2BShanghai/pagina/1;> <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/10/1529416-veja-fotos-e-historias-do-parque-shanghai-o-playcenter-dos-anos-1950.shtml;> <http://revistadamooca.com.br/revistavirtual/rm38/files/assets/basic-html/page16.html>. Acesso em: 14 mar. 2017.

Ali começava o sofrimento (...) Entrávamos e, Meu Deus: passar por ela... Era a parte mais difícil. Dizem que tinha uma boneca que ria... Quem disse, não viu. Não era uma boneca que ria, era algo assustador. Usando a linguagem na qual a imagem foi formatada na lembrança, era uma “mulher velha” de saia, blusa, uma bolsa na mão ou pendurada no ombro, algo assim. Os cabelos brancos, puxados para trás em um coque. Hoje sou uma mulher de pequena estatura; com 08 ou 10 anos, imagina... A “velha” para mim era algo gigantesco, colocada a uma altura imensa. Só? Não... As gargalhadas soavam estridentes, enquanto ela movimentava a cabeça para cima e para baixo, chacoalhando o corpo. Terrível, terrível. A prova de fogo era passar por ali. Imagino que eu até quebrava a mão de minha mãe de tanto apertar, procurava abaixar a cabeça para não olhar, mas era mais forte do que eu. Eu levantava a cabeça e olhava para ela... Sua gargalhada ecoava pelo parque todo, entrava nos ouvidos, se emaranhava no cérebro e, até hoje, posso vê-la ameaçadoramente gargalhando para mim. Pode ser que outros contestem a descrição, que não corresponda ao real, mas a imagem que trago da infância é essa. Dentro do Parque tudo transcorria bem, nos divertíamos, mas com uma pontinha de ansiedade: na saída, eu tinha que passar por “ela” novamente (SUELI AMBROSIO, 2017).<sup>67</sup>

A explanação de Sueli Ambrosio remete a uma outra questão pontuada pelos estudiosos, o parque de diversão como um espaço de lazer familiar. Desvelado como um local seguro e agradável, o parque de diversão é considerado uma opção sadia de entretenimento, ambiente de integração, que tonifica as relações interpessoais (MARTINEZ, 1999, p. 61-63). O combustível: a alegria esfuziante propiciada pelos aparelhos mecânicos; sorvete; pipoca; algodão doce; maçã do amor; intérpretes; fotografias; *souvenirs*, em suma, uma infinidade de atrativos, aromas e iguarias que integram parentes e amigos enfeitados pela fascinante conjuntura.<sup>68</sup> A propósito, amizades e, quem sabe, paixões, estimuladas por trocas ansiosas de olhares, sorrisos, conselhos e afagos no “eterno e angustioso percurso das filas”, no pânico suscitado pelos monstros horripilantes de um trem fantasma, ou até por um “inocente esbarrão” em um show qualquer, de palhaços, de mágica ou música, numa atmosfera de absoluta cumplicidade, podem subitamente florescer neste universo de diversões precipuamente

---

<sup>67</sup> Impressões de Sueli Ambrósio sobre o Parque Shanghai descritas em questionário por nós preparado, e respondido em 15/03/2017. Ambrosio foi frequentadora do Shanghai durante os anos 1960 (Anexo IV).

<sup>68</sup> Ainda que tenha o jogo como objeto de análise, o exame conceitual empreendido pelo historiador Johan Huizinga na obra *Homo Ludens* permite-nos estabelecer correlações com o conceito de lazer e suas implicações em um parque de diversões. Segundo Huizinga, o jogo se insinua como “uma atividade temporária e uma necessidade cotidiana”, encerra possibilidades de aprendizado e se configura como expressão de criatividade humana, pressupõe valores estéticos, pois “ornamenta a vida”, além de promover “integrações sociais e espirituais”, características caras ao lazer, apontadas acima. Quanto à vicinalidade em relação à fruição em um parque de diversões citamos que ambos têm um caráter fictício, são permeados por tensões, desafios e excitações, fascinam os envolvidos por meio da fantasia e do mistério que envolvem, em uma partida ou entretendo-se em um parque de diversão as convenções temporariamente esmorecem, os indivíduos são absorvidos intensamente, a alegria e o arrebatamento predominam e continuam sendo projetados mesmo após o fim da experiência (HUIZINGA, 1971, p. 3-25).

fomentado pela iniciativa privada, que será analisada no capítulo a seguir, com base em sua contribuição na produção de espaços de lazer para cidade de São Paulo.



## Capítulo 2

### “Os Paulistanos se divertem?”:

#### lazer e urbanidade na identidade da metrópole.

*Só quero o amor das grandes paixões  
Ser como crianças no parque de diversões  
Aquele amor que em menos de um instante  
Faz a vida girar numa roda gigante..<sup>69</sup>*

A partir de meados dos oitocentos, impulsionada pela Segunda Revolução Industrial, momento em que emerge um rol de descobertas científicas que possibilitam o avanço produtivo e comercial, observamos a ascensão da economia capitalista em perspectiva global. No Brasil, levando em conta mais especificamente nesta investigação a ambiência paulistana, a expansão cafeeira e a incipiente industrialização movimentaram o setor econômico e impactaram as experiências sociais, também “afetadas” em função da inflexão política, com a implantação do regime republicano. Em razão dessas mudanças estruturais, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, a cidade de São Paulo viveu um período de efervescência e transformações. Investimentos em serviços urbanos evidenciavam que a capital paulista começava a adquirir um novo ritmo, que alterou o cotidiano de seus habitantes de maneira significativa. A população, diga-se de passagem, se multiplicou substancialmente naquele período. No final dos anos 1880, São Paulo era constituída de uma população de aproximadamente 48 mil habitantes (HOMEM, 2010, p.128). Em 1890, a cidade já abrigava em torno de 65 mil pessoas, que passaram a 240 mil em 1900, ocorrendo uma explosão demográfica de 269% naquela década (ANTAS JR., 2010, p.160). Em 1920, a população de São Paulo era formada por 579 mil pessoas, ultrapassando um milhão nos anos 30 (ANTAS JR., 2010, p.161). Tal crescimento foi possível em virtude do enorme contingente de imigrantes que chegaram para suprir as demandas de produção com o fim da escravidão, repulsados por cenários desfavoráveis em suas terras natais, bem como para alavancar uma política de embranquecimento empenhada no período pelas autoridades do país.

---

<sup>69</sup> *Roda Gigante*. MmMúsica de autoria de Álvaro Bruno, Dudy, Carlos, Miguel. Banda Biquini Cavado, 2013.

Em análise efetivada do processo de urbanização acelerado da cidade, neste período em tela, Margareth Rago afirmou que a formação de sua população ocorreu “a partir do encontro de várias nacionalidades” (RAGO, 2004, p.389). Para além disso, reconhece que as diversas comunidades que passaram a habitá-la renderam uma profusão de experiências sociais, revelando que essas se desenvolveram na cidade sob uma permanente tensão: a tentativa de impelir modos de vida alicerçados “no progresso, na técnica, na disseminação e incorporação de novos hábitos” por parte dos que controlavam a esfera político-econômica, que rechaçavam as tradições populares, considerando-as “inadequadas, atrasadas e perigosas”, e a oposição a tais códigos de conduta por meio de “transgressões, resistências e estratégias”, elaboradas pelos distintos grupos que sofriam com a imposição de tais normatizações (RAGO, 2004, p.388).

“Legitimadas” por discursos técnicos, as ações dos “organizadores da cidade” logo se dissiparam. O espaço urbano de São Paulo modificou-se em ritmo acelerado. Entre as décadas de 1860 e 1870 foram inauguradas as ferrovias São Paulo Railway<sup>70</sup> e Sorocabana, interligando a capital a regiões do interior e ao Porto de Santos (RAMOS, 2010, p.27). Ainda em fins do século XIX, ocorreu a abertura de diversos loteamentos sobre as antigas áreas de chácaras que circundavam o núcleo fundacional da cidade, tanto em sua porção noroeste, quanto sudoeste e leste. Paralelamente aconteceu, também, a expansão da região central da cidade, com a ampliação da Avenida São João e a inauguração do Viaduto do Chá, permitindo uma fluidez e uma efetiva ligação com partes privilegiadas em termos de inserção de investimentos, como os bairros dos Campos Elíseos e Higienópolis. As gestões de Antonio da Silva Prado (1899-1910) e Raimundo Duprat (1911-1914) deram continuidade às transformações no Triângulo Central<sup>71</sup> e, as estenderam à Praça da República, ao Anhangabaú e a Várzea do Carmo, configurando-se amplas remodelações na cidade (D’ELBOUX, 2015). Em 1900, os primeiros bondes elétricos, gerenciados pela empresa de origem canadense *Light and Power Co Ltd.*, começaram a operar na capital (ULIAN, 2010, p.78). Podemos afirmar que no início do século XX, São Paulo, já vivia a gestação de sua “metropolização”, e as mudanças estéticas, habitacionais e viárias desenvolvidas em seu espaço físico que

---

<sup>70</sup> Em 1946, esta passou a se chamar Estrada de Ferro Santos-Jundiaí.

<sup>71</sup> As ruas que compõem o “Triângulo Central” da cidade de São Paulo tiveram distintas denominações no decorrer tempo, mas a toponímia adotada ainda no século XIX foi esta: ruas Direita, São Bento e XV de Novembro.

provocavam tanto entusiasmo nas elites, prontamente se fizeram presentes em sua produção cultural, não estranhamente também amplamente gerida por esta.

De acordo com Margareth Rago, as reformas urbanas na cidade e o discurso técnico-progressista foram exaltados em produções literárias, jornalísticas e memorialísticas, que retratavam “harmonicamente” e “sedutoramente” a capital. Privilegiando as localidades mais abastadas e as suntuosas construções que começaram a pontuar seu território, bem como apreciando “os padrões de comportamento e convívio” propalados pelas elites, curiosamente diversas dessas produções ocultaram as contradições e, esbatiam os embates sociais. Estes apareciam, sobremeneira, nos relatórios policiais e, também, em denúncias trazidas à tona pela imprensa operária, que alertava sobre os nem sempre convenientes desdobramentos da modernização. Um exemplo desses inúmeros debates que foram minimizados pela imprensa ligada às elites diz respeito à demolição da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Largo do Rosário, ambiente de sociabilidade da comunidade negra. Seu desaparecimento para implantação da Praça Antonio Prado, além de contribuir para a segregação deste grupo social na cidade, foi visto como sendo compensado pelo progresso que se instalaria (RAGO, 2004, p.390; D’ELBOUX, 2015). A segregação socioespacial também se manifestou nos espaços de lazer paulistanos no decorrer do tempo, como ressaltamos no primeiro capítulo. Vladimir Bartalini ao discorrer sobre a fruição em áreas verdes da cidade no início do século XX abordou a estratificação social que se desenvolvia no Jardim da Luz, parque urbano de grande importância para São Paulo.<sup>72</sup> Apesar de estar aberto a pessoas de distintas classes, estas o frequentavam em horários distintos. Segundo o autor, no final da tarde começavam a chegar grupos de operários e, horas depois, era vez dos mais abastados, dentre eles, o prefeito Antonio Prado, apreciador dos concertos que ali se desenvolviam. Além de conjuntos musicais, o parque abrigava outras atrações, como bares, também frequentados pelos abonados (BARTALINI, 1999, p.44-45).

Não apenas nos espaços de lazer ou que amparavam outras formas de expressão cultural e sociabilidade, mas, antes disso, no meio utilizado para chegar a muitos desses locais eram percebidas contradições, bem como os interesses que prevaleciam na cidade nos anos iniciais deste século. Nicolau Sevckenko expõe que no decorrer da década de

---

<sup>72</sup> Criado em 1799 e inicialmente denominado Horto Botânico, este parque urbano foi batizado oficialmente como Jardim da Luz em 1916 pela Diretoria de Obras e Viação Pública (KLIASS, 1993, p.65).

1920 populares insatisfeitos se queixavam das alterações no itinerário dos bondes da Companhia Light aos finais de semana, que privilegiavam a acessibilidade a determinadas áreas da Pauliceia em detrimento de outras, disponibilizando veículos de forma desigual aos bairros e distritos (SEVCENKO, 1992, p.133). Bartalini, Diógenes Sousa e Lorrane Rodrigues dissertaram sobre parcerias realizadas entre esta corporação e outras instituições privadas do período, dentre elas, a Companhia Antartica, que visando estimular a frequência aos parques<sup>73</sup> que abrira naquela época e, por consequência, aumentar o consumo de cerveja em ambos, conseguiu um abatimento nas tarifas de bondes junto à empresa de transportes (BARTALINI, 1999, p.42; SOUSA, 2014, p.19; RODRIGUES, 2014, p.16). Mais que o surgimento de querelas motivadas por presumíveis iniciativas de marginalização social, como as empenhadas pela Light, operações como a da Companhia Antartica, por um outro lado, desvelam que a busca de lucro incitou a ampliação do horizonte de ação por parte dos empreendedores do lazer. De fato, como veremos mais à frente, diversas das opções de diversões surgidas na cidade de São Paulo desde o princípio do XX fomentadas pelo setor privado, em função de suas ambições e estratégias, foram “consumidas” pelas distintas classes sociais, contudo, por ora, mais um apontamento sobre a “regulação excludente” difundida sobre a superfície urbana se faz relevante, tendo a Light mais uma vez como protagonista. Descreve Rago que em festival organizado por trabalhadores em 1919, no Parque da Aclimação, a imprensa operária criticou vigorosamente esta Companhia acusando-a de sabotagem por disponibilizar uma quantidade de bondes aquém do grande público que se dirigia ao evento. Parece que reflexos da greve de 1917 ainda assombravam os “ordenadores” da capital paulista, induzindo-os a buscar maneiras de desarticular as manifestações do operariado. Entretanto, aparentemente, tal ação não impediu que o mesmo se desenrolasse como previsto (RAGO, 2004, p.413-415).

Exprime a autora que jornais eram distribuídos em barracas instaladas na festividade, que abrangia também programação esportiva, teatro ao ar livre e conjuntos musicais. O anseio dos agrupamentos operários responsáveis pela organização daquela celebração, segundo Rago, era o de “elevar o nível cultural das massas proletárias estimulando-as para a luta revolucionária” (RAGO, 2004, p.413-415). A promoção de um conjunto de atividades lúdicas contribuiu para adesões e para estreitar os laços em

---

<sup>73</sup> Referimo-nos ao Parque Antartica e ao Bosque da Saúde.

nome da causa. A propósito, não somente ambientes de lazer como o Parque da Aclimação, mas nos bairros fabris, centros de cultura, sindicatos e periódicos operários, as disparidades provocadas pelo sistema em vigor e as condutas burguesas eram denunciadas e satirizadas pela imprensa operária (RAGO, 2004, p.413-415) Entretanto, em nossa investigação, o que chama atenção é perceber que as manifestações populares espalhavam-se para além dos supostos núcleos de atuação proletários ou de outros grupos sociais marginalizados, atingindo espaços de lazer articulados, inclusive, pela iniciativa privada, como o parque urbano citado, o que abre margem para problematização destes. Não se tratando de um caso isolado – o do Parque da Aclimação em fins dos anos 1910 – em meados da década anterior o Bosque da Saúde já havia sediado festa de “primeiro de maio” promovida pelo Centro Socialista Internacional (BARTALINI, 1999, p.41-42).<sup>74</sup>

Para além dos eventos organizados em parques urbanos, em celebrações como o Carnaval, se percebe a busca de afirmação por parte de comunidades excluídas socialmente. Aponta Olga Von Simson que esta festividade se constituiu como um meio de valorização da cultura negra, estimulando solidariedade entre os membros da comunidade, servindo como instrumento de resistência aos cerceamentos impostos pelas autoridades urbanas (SINSOM, 2007). Contudo, afora os blocos e cordões fundados por agrupamentos negros em bairros como Bexiga e Barra Funda entre os anos 1910 e 1920, o Carnaval integrava também o calendário festivo da elite paulistana, que o celebrava em cursos organizados na Avenida Paulista, bem como em clubes, teatros e cinemas alocados no ou próximos ao Triângulo Central, na Consolação e Higienópolis (SIMSON, 2007; RAGO, 2004, p.410-412).

O exame dos anos iniciais da expansão urbana da capital paulista permitiu-nos compreender certa organização em torno das práticas de lazer já no prelúdio do século XX. As metamorfoses decorridas na cidade, do crescimento demográfico à ampliação dos potenciais energéticos, da dinamização dos deslocamentos às normatizações no trabalho, indubitavelmente resultaram em novas demandas e produções, influíram no

---

<sup>74</sup> Para além das manifestações citadas, a pesquisa em periódicos e bibliográfica permitiu-nos identificar que na década de 1920 o Parque da Aclimação abrigava múltiplos divertimentos. Quadras, botes de aluguel, rinqe de patinação, dentre outros equipamentos esportivos, bar, restaurante, barracões para piqueniques, teatro, salão de baile e casino ocupavam parte de sua estrutura. Fundado pelo médico Carlos José Botelho, em 1892, segundo Kliass, este parque também surgira com a finalidade de ser um centro de criação de vegetais e animais. Não à toa, o Aclimação fora sede de um zoológico nas décadas iniciais do século XX (A GAZETA DE NOTÍCIAS, 25/10/1924, p.5; KLIASS, 1993, p.155).

tempo, e impactaram na dinâmica das atividades de distração.<sup>75</sup> A capitalização do setor, que elevou o lazer a negócio, também deve ser lembrada e, beneficiando-se dessa conjuntura, rapidamente se fez perceptível em distintos formatos e/ou programas de diversões no território da Pauliceia. A chegada e fundação, tal como a circulação de cinematógrafos, trupes circenses e a expansão de teatros<sup>76</sup> por diferentes áreas da cidade que faremos referência na seção a seguir confirmam esta proposição. A grande maioria desses empreendimentos, salienta-se, aproveitavam ou se amparavam em algum tipo de engenho mecânico, o que nos faz presumir que ao menos uma embrionária produção industrial direta ou indiretamente voltada ao lazer já era perceptível nos três primeiros decênios do século, período de significativo fluxo desses gêneros de entretenimento na cidade e do surgimento de outros, como o parque de diversão, também objeto de discussão posterior. A fabricação e o consumo de instrumentos musicais, como piano e gramofone, aventados por Júlio Moraes, e alvarás<sup>77</sup> encaminhados à Diretoria de Obras e Viação da capital por fábricas de brinquedos e de equipamentos esportivos em que requeriam vistoria e solicitavam permissão ao órgão público para avalizarem e modernizarem os meios de produção de seus negócios são outros indicativos de que o lazer expandia-se em estrutura e em alternativas (MORAES, 2014, p. 198-199; EXMO. SENR. DR. PREFEITO DO MUNICÍPIO, 11/01/1921; EXMO. SNR. PREFEITO MUNICIPAL DE S. PAULO, 21/03/1921).)

“O esporte” - opção de entretenimento que aparece em um dos alvarás mencionados - pode se dizer que foi uma das primeiras atividades de lazer difundidas na cidade. O surgimento de espaços como o Hipódromo Paulistano (1875) e o Velódromo de São Paulo (1892), e de clubes como o São Paulo Athletic Club (1888), o Germânia (1899) e o Esperia (1899) ainda no século XIX, comprovam certa primazia e sinalizam

---

<sup>75</sup> A expansão e o aperfeiçoamento dos serviços de transporte, a promoção de atividades de entretenimento próximas às estações ferroviárias, a eletrificação da cidade e os efeitos cênicos que provia aos espetáculos, além da gradual redução da jornada de trabalho favoreceram a locomoção, a segurança e propiciaram tempo livre e novas experiências sensoriais ao público, que cada vez mais amplo em função do significativo aumento da população e incentivado a consumir, viabilizou e sustentou a cadeia de entretenimento florescida em São Paulo.

<sup>76</sup> A respeito dos teatros em São Paulo, verificar a tese de doutorado de Aiala Levy, defendida em Chicago, em 2016, de nome *Foraging in Urban Public: theaters, Audiences and the City in São Paulo, Brazil, 1854-1924*.

<sup>77</sup> Faz-se referência aos alvarás produzidos, em 1921, pela fábrica de brinquedos Brandini & Companhia Ltda., localizada na Avenida Rangel Pestana. Esta indústria solicitou vistoria as autoridades urbanas para um novo motor elétrico que havia acomodado em suas instalações. Também remete-se a uma petição de Luis Caloi, proprietário de oficina de bicicleta batizada com seu sobrenome, instalada na Rua 7 de Abril, em que requisitava permissão para aquisição de um motor que contribuiria para a produção (EXMO. SENR. DR. PREFEITO DO MUNICÍPIO, 11/01/1921; EXMO. SNR. PREFEITO MUNICIPAL DE S. PAULO, 21/03/1921).

que a capital já vivia um movimento esportivo desde os oitocentos (FERRERA, 2008, p.19). Este movimento, segundo impressões de autores como João Fernando Ferreira e Carlos Niemeyer, foi notadamente influenciado pela cultura europeia, fonte de inspiração também de outros formatos de entretenimento<sup>78</sup> que chegaram à cidade de São Paulo. A propósito, uma breve análise histórica dos primeiros clubes esportivos fundados na cidade, possibilitou a compreensão de que os europeus e seus descendentes estiveram ativamente envolvidos com institucionalização do esporte no Brasil, que, em um primeiro momento, sobretudo quando nutria características amadoras, revelava-se como um elemento segregante por seu caráter predominantemente aristocrático. (GESSI, 2013, p.11-19; NEIMEYER, 2002, p.33; FERREIRA, 2008, p.19; RAGO, 2004, p.400-402)<sup>79</sup> Além do Turfe e do ciclismo, esportes praticados nos já aludidos Hipódromo e Velódromo,<sup>80</sup> modalidades como críquete, patinação, tênis, remo, natação e futebol foram introduzidas em São Paulo (GESSI, 2013, p.11-19). As aquáticas trazem à tona o uso dos rios paulistanos a simples fruição e para competições, que, inclusive, revelaram atletas do gabarito de Maria Lenk, como também desvelam a estreita relação que sua população manteve com “as águas” da cidade até meados do século XX, gradativamente esmorecidas em função de intervenções sucedidas em seu espaço, como as de tráfego previstas em planos e projetos urbanísticos elaborados no decorrer desse período. Dentre os desportos aquáticos, a natação, segundo Janes Jorge, conquistou expressivo número de adeptos, se consolidando, ao lado do futebol, que em pouco tempo se espargiu pela cidade, como modalidade popular (JORGE, 2006).

Quando observamos o colossal impacto do futebol na sociedade hodierna, comprovado em estatísticas que indicam que praticantes, fãs e movimentações

---

<sup>78</sup> Dentre eles, os já mencionados cinema e teatro.

<sup>79</sup> Para além de um recorte de classe, dimensões sexistas e étnicas apareciam como entraves à ampliação da cultura esportiva em São Paulo entre os últimos anos do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A respeito desse debate, remete-se ao artigo *A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo (1900-1950)*, já citado neste capítulo, de Margareth Rago (2004). A autora Mônica Schpun em *Beleza em jogo. Cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 1920*, assim como Rago, realiza uma discussão de gênero tendo como mote a prática esportiva paulistana daquela década. Schpun evidencia uma distinta apropriação do esporte entre mulheres e homens. Segundo a autora, naquela época, esperava-se das mulheres que se exercitassem fisicamente na medida do estritamente necessário, para a manutenção da saúde e da forma, em contrapartida, no universo masculino, o esporte era encarado de outra maneira, ligado à ideia de competição, de jogo, de combate, objetivando a formação do cidadão viril (SCHPUN, 2008, p.29).

<sup>80</sup> O Velódromo de São Paulo foi um empreendimento privado de lazer idealizado pela tradicional família Prado. Tommazzo Bezzi foi responsável pela criação de seu projeto e Giuseppe Valori o executor da obra. A estrutura do Velódromo era composta por uma raia elíptica que media 380 metros de comprimento, por oito de largura; duas arquibancadas cobertas, dispostas paralelamente, com capacidade total de duas mil pessoas; um jardim configurado ao centro da raia, que posteriormente foi utilizado para implantação do campo de futebol; uma quadra de tênis e tanques para banho (GONÇALVES JUNIOR, 2008, p.19).

financeiras atingem e/ou ultrapassam a casa dos milhões, números que por si só atestam que este esporte transcende fronteiras econômicas, geográficas e de classe, parece inusitado apontar, que ao menos em São Paulo, a atividade já esteve eminentemente sob égide dos mais abastados. De fato, os primeiros clubes, que em 1901 fundaram a Liga Paulista de Futebol, e, no ano seguinte, começaram a disputar o Campeonato Paulista, eram frequentados pelas elites, contudo, logo a modalidade conquistou legiões. Sua popularização foi acompanhada de mudanças em sua organização. O descontentamento da “nata” que o organizava diante da admissão de equipes de origem popular na Liga, a massificação de seu exercício pelas várzeas e terrenos baldios da cidade, especialmente a partir do segundo decênio do século, bem como sua profissionalização na década 1920, arrefeceram o interesse prático dos “grã-finos” pelo futebol, porém, as elites sociais, permaneceram envolvidas de distintas formas com esta modalidade. O grande público que atraiu já na edição inaugural do Campeonato Paulista,<sup>81</sup> quando ainda era um esporte de privilegiados, desvelou sua potência no que se refere a expectadores, confirmada no decorrer do século, tornando-se o futebol uma das principais paixões nacionais. Partidas disputadas em centenas de campos espalhados pelos bairros da capital patrocinadas por industriais e comerciantes que buscavam ampliar seus lucros aproveitando-se da mobilização provocada pelo jogo de bola e ações tramadas pelas autoridades governamentais igualmente atentas ao seu aceite social, asseveraram sua utilidade à exploração econômica e política (BARTALINI, 1999, p.43-44; GESSI, 2013, p.11-19).

Não é exagerado supor que a construção do Estádio Municipal do Pacaembu sintetize tais dimensões. Uma das motivações para o surgimento deste complexo esportivo, diga-se de passagem, erguido por meio de concreto armado, tecnologia construtiva que juntamente ao futebol se configura como um “caracter da identidade da capital paulista”,<sup>82</sup> foi o crescimento do público nos jogos, que passou a ser maior que a capacidade dos estádios que existiam. Não só as emoções que arrebatavam os corações dos torcedores, mas o preço relativamente baixo das entradas dos espetáculos futebolísticos contribuiu “ao extrapolar de suas arquibancadas” (BARTALINI, 1999, p.43). Curiosamente, o Pacaembu, que a nosso ver consolida a popularização desse

---

<sup>81</sup> O prélio final, entre São Paulo Athletic Club e Clube Athletico Paulistano, reuniu 4 mil expectadores no Velódromo (GESSI, 2013, p.16).

<sup>82</sup> Sobre este assunto consultar o artigo *Uma Relação Concreta a Prática do Futebol em São Paulo e os Estádios do Parque Antarctica e do Pacaembu* (2015), produzido por Fernando Atique, Diógenes Sousa e Hennan Gessi. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142015000100091&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142015000100091&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 14 jul. 2017

esporte na cidade, foi erigido em uma localidade que abrigava a classe abastada, principal alvo dos projetos de moradia urbana constituídos pela Companhia City,<sup>83</sup> que arquitetou o bairro e participou do processo de construção do Estádio, objetivando valorizar seus terrenos (MEHRTENS, 2010).<sup>84</sup> Além da empresa privada, as autoridades públicas estiveram diretamente envolvidas com este projeto, pois enxergavam o esporte como plataforma de afirmação política (FERREIRA, 2008, p.53). Formar cidadãos viris e disciplinados era aspiração do regime estadonovista, vigente no país quando o Estádio do Pacaembu foi inaugurado.<sup>85</sup> A cerimônia de abertura refletiu tais atributos, como podemos perceber na descrição abaixo realizada do desfile programado para o evento:

Haverá o desfile perante as autoridades, como uma homenagem que lhes prestam os esportistas brasileiros. Os esportistas que fizerem jus ao Distintivo da Mocidade deverão vir em uniforme branco (camisas sem mangas para moças e com mangas para homens; sapato e calção brancos). As representações estrangeiras e dos outros estados formarão a testa da coluna. Os esportistas uniformizar-se-ão de acordo com as modalidades esportivas. Os que usarem agasalho irão na retaguarda de cada representação, deixando os que vão de camisa e calção na frente (...) Uma banda militar postada diante do microfone puxará todo o desfile. A distância entre uma representação e a outra será de 10 passos no desfile. As representações marcharão pela pista, do lado da tribuna de honra e quando chegar cada qual a altura da primeira bandeirola vermelha, assim será comandado pelo chefe de cada uma: Tietê ou tal Federação de... , em seguida dará o primeiro silvo de apito que significará sentido! E depois um segundo silvo que corresponde a olhar à direita. O olhar à direita deverá ser feito com energia, e cabeça bem voltada para esse lado, continuando o movimento de braços como na marcha (FOLHA DA MANHÃ, 27/04/1940, p.19).

“Parcerias público-privadas” que alavancaram empreendimentos como o Estádio do Pacaembu se configuraram nas já aludidas exposições universais e também nas Feiras Internacionais de Amostras, celebrações organizadas no Brasil entre o final da década de 1920 e o início da de 1940 que debateremos no capítulo posterior, que tem como objeto a trajetória itinerante do Parque de Diversões Shanghai, empresa privada de lazer que marcou presença em distintos eventos pelo território nacional, propiciando por meio de seus modernos equipamentos – alguns desses que contaram efetiva contribuição financeira das autoridades políticas do país – efusivas experiências de diversão.

---

<sup>83</sup> Sobre a Companhia City ver MEHRTENS, Cristina Peixoto. *Urban Space and National Identity in Early Twentieth Century São Paulo, Brazil: crafting modernity*. Editora Palgrave Macmillan, 2010.

<sup>84</sup> A busca de valorização imobiliária por meio da construção de empreendimentos de impacto que tinham como apelo a questão do lazer já havia ocorrido anteriormente a construção do Estádio do Pacaembu. Inaugurado em 1892, o Parque Villon, denominado atualmente, Parque Siqueira Campos, foi idealizado e implantado por empreendedores imobiliários da região do Alto Caagaçu com esta intencionalidade. Segundo Kliass, o Villon funcionou como parque privado até 1911, tornando-se público após a aquisição da Prefeitura de São Paulo, durante a gestão de Raimundo da Silva Duprat (KLIASS, 1993, p.141).

<sup>85</sup> A inauguração do Pacaembu ocorreu em 27 de abril de 1940.

Tendo como enfoque ainda a questão do lazer em suas dimensões pública e privada, outras reflexões para além das associações mencionadas são oportunas. Aferir que o lazer fomentado por capitais privados historicamente prevaleceu sobre o desenvolvido pelo poder público na cidade de São Paulo em alternativas, quantidades e, quiçá, até em acessibilidade, nos parece uma proposição admissível. Afinal, como veremos adiante, considerável número de empreendimentos de lazer privados de variados formatos e preços se espalharam pela Pauliceia se configurando como opções acessíveis. Em contrapartida, como ponderou Bartalini, entraves e limitadas ações no que concerne à promoção de espaços, sendo que os existentes não atendiam às necessidades da população, pois eram distribuídos inadequadamente e, em alguns casos, como o dos Parques Infantis,<sup>86</sup> se restringiam a atender uma pequena parcela dos habitantes, caracterizam as iniciativas ligadas ao poder público. Descreve o autor que os custos para criação de parques, dentre outros centros de recreação, assim como para execução de reformas nas opções que existiam, segundo relatórios e planos urbanísticos desenvolvidos em diferentes épocas,<sup>87</sup> eram excessivamente onerosos, impedindo o desenvolvimento de novos empreendimentos e a conservação e modernização dos já conformados na cidade (BARTALINI, 1999, p.75-88).

Refletir sobre os conteúdos disseminados nos espaços de diversão públicos e privados nos faz perceber intentos de doutrinação. Embora reconheçamos distinções entre as manobras e aspirações dos setores, compreendendo como problemática, inclusive, a equalização de intencionalidades no interior de uma mesma esfera, homogeneizar culturalmente as massas por meio de programas e discursos, ou até ressignificando práticas e manifestações populares, na ótica de ambos, era estratégico para as ambições que detinham. Como já visto no capítulo anterior, a estrutura dos ambientes de lazer projetados pelas autoridades públicas e o teor das atividades desenvolvidas nestes, nutriam uma indiscutível natureza instrutiva que, inegavelmente, se fez presente no conjunto de entretenimentos promovidos por agentes privados, embora com outras pretensões.

---

<sup>86</sup> Ambiente extracurricular que colaborava a previsão social dos paulistanos, os Parques Infantis foram implementados na cidade de São Paulo a partir da gestão do Prefeito Fábio da Silva Prado (1934-1938). Sobre este tema consultar NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. **Parques Infantis de São Paulo: lazer como expressão de cidadania**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

<sup>87</sup> Dentre eles, o relatório da Comissão de Melhoramentos do Rio Tietê de 1927, o Programa de Melhoramentos Públicos para Cidade de São Paulo contratado em 1950 e o Plano Urbanístico Básico de 1968.

Tratar da dimensão privada do lazer, aliás, é remeter a um debate inveterado, constituído neste campo: a crítica à *indústria cultural*. Não pretendemos realizar, aqui, uma extensa discussão sobre essa questão, amplamente examinada pelos intelectuais alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, porém diversos dos modelos de diversões a que já fizemos referência nessa investigação e que ainda serão debatidos, integram um conjunto sintetizado por ambos no conceito acima destacado em itálico. De modo sumário, a análise efetivada pelos teóricos refuta a falta de criticidade dos conteúdos promovidos nos formatos de entretenimento agenciados pelo empresariado, repletos de fantasias e alegorias, desprezando ou “romantizando” temas caros ao cotidiano dos indivíduos. O rendimento econômico do espetáculo é o que interessa aos fomentadores e a realidade social não vende ingressos como os “mistérios ficcionais” e os “enredos pastelões” que caem no gosto das massas, doutrinadas pelas distintas atrações ofertadas pela Indústria (cinema, teatro, rádio, televisão, etc...) a valorizar tais paradigmas. “Novas histórias, “novos personagens”, “novos cenários”, “novos efeitos”, todavia, tramas com desfecho presumível, que não incitam grandes reflexões e escamoteiam a realidade social, alimentando os devaneios dos expectadores e “ajudando-os” a suportar as desilusões diárias: eis a controversa fórmula de sucesso da Indústria Cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.116-120).

Contudo, ainda que consideremos que estratégias de manipulação e tentativas de homogeneização se manifestem no âmbito do lazer articulado por agentes públicos e privados não referendamos que suas intencionalidades se irradiaram por completo ou se propagaram sem tensões, conflitos e resistências. Casos, como os acima descritos, confirmam esta hipótese, evidenciando “modos diferenciados de organização da vida social” (RAGO, 2004, p.434). Ademais, pontuamos que desconsiderar a agência dos sujeitos nos ambientes que circulam e admitir que absorvem os conteúdos emergidos em suas experiências cotidianas de maneira passiva, são proposições problemáticas, afinal, os indivíduos operam sobre os espaços, ou como dito por Rago “a criatividade humana intervém no curso dos acontecimentos” (RAGO, 2004, p.368). Para além da criatividade, adicionamos as tradições e os costumes como elementos que interferem nas experiências dos sujeitos nos lugares que frequentam, acarretando em choques, supressões e ressignificações, “despertando novas relações intelectuais e sensoriais” (RODRIGUES, 2014, p.12; MORAES, 2014, p.21). Em suma, ponderações desenvolvidas por Michel de Certeau na obra *A invenção do cotidiano*, em nossa visão, sintetizam mais detidamente as reflexões suscitadas nessa seção. Referimo-nos à

problematização que o historiador francês realiza sobre o conceito de *espaço*. Apropriando-nos de seu pensamento entendemos que o espaço (concebido tanto pelo poder público como pela iniciativa privada independentemente de suas intencionalidades) está subordinado às práticas sociais, ou seja: os sujeitos transformam os ambientes conforme o ocupam e o experenciam corporalmente e cognitivamente, atribuindo-lhes, num processo sucessivo, “uma extensa rede de significados” (CERTEAU, 1998, p. 176).

## **2.1 Chutes, Chistes e Cinemas: notas sobre os espaços de lazer paulistanos**

As ponderações realizadas até aqui insinuaram a significativa participação da iniciativa privada na promoção do lazer em São Paulo. De festividades populares ao fomento da música e do esporte, na produção de equipamentos e de estruturas para o desfrute do lazer, percebemos o envolvimento do empresariado na introdução de divertimentos aos paulistanos, estimulando novas formas de consumo no prelúdio da “metrópole paulistana”, conforme expressão de Hugo Segawa. Já neste capítulo, de maneira sucinta, também aventamos a relação de agentes privados com três modelos de entretenimento que, como veremos nessa seção, possuíram destaque em São Paulo desde o primeiro decênio do século XX. Referimo-nos ao circo, ao teatro e ao cinema. Decidimos aprimorar o debate sobre estes não somente pela relevância que detêm no âmbito do lazer privado, mas também em função de similitudes que conservam com o arquétipo de diversão em que está categorizado o objeto que deu origem a essa pesquisa: *o parque mecanizado*, comumente conhecido como *parque de diversão*, que trataremos no subcapítulo ulterior. As fontes consultadas nos levaram a perceber:

*1) Maciça presença de estrangeiros no fomento de divertimentos na Pauliceia.* Companhias cinematográficas, teatros e circos que gozaram de grande prestígio na cidade na primeira metade do século XX, eram administradas por forâneos. A atuação imigrante nos parques de diversões também foi detectada, inclusive o Parque Shanghai foi fundado por um hispano-argentino.

*2) Procedimento de funcionamento.*

Circos, parques de diversões e cinematógrafos montados em São Paulo ocuparam diversas de suas localidades por períodos efêmeros, conservando, com exceção do último, sobremaneira um estilo itinerante. Porém, todos também obtiveram experiências fixas. Mais uma vez o Shanghai pode ser citado como

exemplo, pois após um período itinerante, em que circulou pelo país, acabou se fixando no Rio de Janeiro e em São Paulo. Além desses, exibiremos trupes circenses e cinemas que se estabeleceram na capital paulista. A propósito, presumimos que este segundo formato de diversão, se consolidou de vez como entretenimento popular, após se tornar alternativa fixa de lazer em distintos bairros da cidade. “Negócios de família”, mobilizando o trabalho de diferentes gerações de um mesmo núcleo parental, assim como tidos como autênticos ambientes familiares de diversão, em que pais, filhos, tios, etc. desfrutavam de seus múltiplos atrativos, que desvelavam a hibridização como característica dessas tipologias de lazer, foram outros pontos em comum identificados.

### *3) Empreendedores envolvidos em diferentes ramos do entretenimento paulistano.*

Identificamos casos em que um mesmo empresário tinha seu nome vinculado a circos e parques de diversões e teatros e parques de diversões. Ao que parece monopólios se configuraram no setor de divertimentos. Enriquecimento e status social foram outras consequências do êxito destes empreendimentos.

Antes de exibir os lugares em que percorreram e se estabeleceram em São Paulo, e discorrer sobre quem foram os promotores, suas ações e estratégias de fomento, consideramos relevante apontar que o setor de entretenimentos não deixa de reproduzir, seja na localização geográfica, estrutura arquitetônica e/ou preços estipulados, devendo ser pontuado também o interesse das elites em criar espaços de diferenciação, clivagens sociais. Contudo, nossa intenção aqui não é esquadrihar esse debate<sup>88</sup> e, sim, evidenciar que a iniciativa privada esteve substancialmente envolvida no incremento de divertimentos aos habitantes da cidade mais e menos abastados.

De acordo com os estudiosos de circo, este formato desponta no Brasil na passagem do século XVIII para o XIX. Companhias estrangeiras, formadas por famílias e alguns artistas ambulantes, inicialmente dominavam a atividade no país (RODRIGUES, 2014, p.24). Nas décadas inaugurais do século XX o circo já se sobressaía na cidade de São Paulo. Alvarás de Licença identificados pela historiadora

---

<sup>88</sup> Sobre este debate consultar MORAES, Julio Lucchesi. *Sociedades culturais, sociedades anônimas: distinção e massificação na economia da cultura brasileira (Rio de Janeiro e São Paulo, 1890-1922)*. 391 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Lorrane Rodrigues comprovam tal prognóstico. Entre 1906 e 1912 trupes circenses alternavam temporadas em praças, ruas, avenidas e teatros nos bairros da capital paulista (RODRIGUES, 2014, p.43). Segundo a análise da autora, diversas localidades da cidade, populares e elitizadas, receberam circos. Dentre elas, Rodrigues destaca o Bom Retiro, a Lapa, o Brás, indicando maior incidência, contudo, na Praça João Mendes, região próxima à Sé, e no Largo Coração de Jesus, nos Campos Elíseos. O Largo do Arouche foi outro lugar em que o circo se instaurou. Além desse, também no centro da Pauliceia, acrescenta o pesquisador Walter de Sousa Junior que no início do século a Praça da República<sup>89</sup> e o Largo do Paissandu recebiam espetáculos circenses (RODRIGUES, 2014, p.07-08; SOUZA JR, 2016, p.259-260).

As localizações das trupes circenses incitam reflexões. Ainda que as companhias privilegiassem, sobremaneira, áreas no entorno do Triângulo Central, outras regiões da cidade estiveram no itinerário dessas. Bairros próximos às linhas ferroviárias, que já possuíam certa estrutura fabril, comercial e residencial, acessíveis também por bondes, receberam o circo. (RODRIGUES, 2014, p. 47-48). Como podemos perceber, a escolha dos locais não era aleatória, pelo contrário, Rodrigues revela que antes de se deslocarem, as companhias buscavam se inteirar das possibilidades, e o fluxo de pessoas, era um fator decisivo. Pesquisar novas localidades, bem como articular os procedimentos de instalação era obrigação do “secretário”. Este papel, conforme a autora, não era necessariamente ocupado pelo proprietário da companhia (RODRIGUES, 2014, p.43). Ainda sobre o nomadismo das trupes dois apontamentos são importantes. Como os parques de diversões, dentre outros espaços de diversão configurados em São Paulo, o circo foi permanentemente afligido pelas reformas urbanas. Sendo assim, seus constantes deslocamentos estavam associados às intensas transformações ocorridas no território da cidade. Obras viárias e projetos imobiliários geralmente eram as causas que impediam sua fixação. Além do mais, estabelecer-se num local nem sempre se mostrava vantajoso. De acordo com Rodrigues, a longevidade de um circo também dependia da receptividade do público (RODRIGUES, 2014, p. 44-49).

No começo do século XX, como evidencia o levantamento realizado pela autora, a atuação de um empresário se destacava no setor em número de requerimentos.

---

<sup>89</sup> Fernando Atique também mostrou que a Praça, antes de se transformar física e toponimicamente em elogio ao regime republicano, abrigou espetáculos de cavalinhos e touradas, em função dos animais que aguardavam na área aberta, seu destino de comercialização (ATIQUE, 2004, p.218).

Referimo-nos a Manoel Ballesteros. Treze dos quarenta e nove requerimentos analisados, portanto pouco mais de ¼, foram produzidos por este empresário. Destes, onze foram deferidos, o que indica que Ballesteros detinha bom trânsito com as autoridades públicas. Suas companhias, “Equestre”, “Circo Americano” e “Circo Sport”, estiveram presentes no centro da capital paulista, bem como nos Campos Elíseos e no Brás. Além de Ballesteros, Rodrigues apontou Paschoal Ciocciola como outro empresário do ramo. Três requerimentos do mesmo foram examinados. Para além do circo, notícias publicadas em periódicos revelaram que os empresários, de origem espanhola e italiana respectivamente, atuaram em outros domínios do lazer. Ambos se tornaram sócios do Theatro Sant'anna e do Parque de Diversões Sul-Americano<sup>90</sup> (RODRIGUES, 2014, p.7-8). O primeiro empreendimento, construído na Rua 24 de Maio, foi inaugurado em 1921. Sua capacidade era superior a mil expectadores (O ESTADO DE SÃO PAULO, 22/05/2015).

Uma breve análise comparativa do preço de suas entradas com a do Parque Sul-Americano e de seus divertimentos leva a crer que os empresários empreenderam esforços na promoção de lazer para as classes populares e para as mais abastadas. Enquanto o Sant'anna chegava a cobrar o acesso às suas frisas e camarotes algo como 90\$000 (90 mil réis); e valores intermediários de 6\$700 (6.700 réis) a 17\$000 (17 mil réis), para se desfrutar do parque de diversão bastavam \$300 (300 réis) para ingressar, sendo o brinquedo mais dispendioso – o Chicote – 1\$600 (1600 réis). Uma observação, todavia, não pode deixar de ser realizada. Obviamente o tempo de operação de um brinquedo de um parque de diversão é “infinitamente” mais curto do que o de um espetáculo teatral. Dessa maneira, caso o frequentador decidisse usufruir de uma razoável quantidade de divertimentos do parque, o passeio, conseqüentemente, encareceria. Feita a ressalva, contudo, a diferença de preços, considerando as entradas, como vimos, é significativa (A GAZETA DE NOTÍCIAS, 12/06/1925, p.7).

Registros sobre o Parque Sul-Americano foram encontrados somente no ano de 1925. Além de tratarem da parceria entre os empresários e listarem as atrações e seus preços,<sup>91</sup> as reportagem encontradas confirmam que este era itinerante, pois esteve alocado, em abril de 1925, “na Rua da Consolação, esquina da rua Fernando de

---

<sup>90</sup> O nome de Pascoal Segreto, que como vimos, gerenciava múltiplos empreendimentos de lazer na cidade do Rio de Janeiro, também aparece relacionado ao Theatro Sant'anna e ao Parque Sul-Americano, confirmando que este estendeu suas atividades para a capital paulista.

<sup>91</sup> Além do Chicote, o Parque Sul-Americano oferecia a 1\$000 (mil réis) Balanços Venezianos; Orchestra Original; Casa de Loucos; Carroussel e Aeroplanos (A GAZETA DE NOTÍCIAS, 12/06/1925, p.7).

Albuquerque”, e, em julho, na “Avenida Rangel Pestana, 192”. Uma outra revelação curiosa descrita no jornal ficou por conta da indicação dos aparelhos do Sul-Americano serem provenientes da Exposição do Centenário de 1922, evento no qual Adolfo Morales de los Rios<sup>92</sup> esteve à frente da montagem de um parque de diversões que compôs seu quadro de atrativos (A GAZETA DE NOTÍCIAS, 23/11/1922; A GAZETA DE NOTÍCIAS, 01/04/1925, p.5; A GAZETA DE NOTÍCIAS, 12/06/1925, p.7).<sup>93</sup>

Como já apontado, não apenas experiências itinerantes marcaram a trajetória das companhias circenses em São Paulo. Sousa Junior discorre sobre dois casos, os dos circos Piolin e Irmãos Seyssel.<sup>94</sup> Liderado pelo artista Abelardo Pinto, vulgo Palhaço Piolin,<sup>95</sup> o primeiro se fixou, em 1943, na Praça Marechal Deodoro, no bairro da Barra Funda. Após seis anos ali, o Piolin se transferiu para Avenida General Olímpio da Silveira, localidade próxima ao antigo endereço. Suas atividades foram encerradas no início do ano de 1962, após o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes (IAPC), detentor do terreno, solicitar a saída do circo para construir sua sede (SOUSA JR, 2016, p.261).

---

<sup>92</sup> Nascido em Sevilha, Espanha, em 1858, Adolfo Morales de Los Rios foi arquiteto, urbanista, professor e historiador. Formou-se no curso de arquitetura da Escola de Belas Artes de Paris, onde iniciou sua carreira. Antes de chegar à América do Sul na década de 1890, Rios esteve à frente de relevantes projetos em sua terra natal, dentre eles, o do Banco de Espanha, em Madri, e do Grande Teatro Falla, em Cádiz. Após romper com o Partido Reformista Espanhol, chegou à América do Sul percorrendo países como Chile e Argentina, além de peregrinar por distintas cidades do Brasil até se fixar no Rio de Janeiro. Para além do Parque de Diversões da Exposição do Centenário de 1922, Morales de los Rios projetou edifícios comerciais, industriais, etc. em diversos estados brasileiros, com ações em áreas como saneamento, urbanização e transporte. Teve atuação longeva como educador na Escola Nacional de Belas Artes e na Faculdade de Filosofia e Letras da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Brasil, depois UFRJ. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa285480/adolfo-morales-de-los-rios>. Acesso em: 25 ago 2017.

<sup>93</sup> O nome de Alexandre Vigorito Sobrinho também é citado pelo jornal como responsável pela organização do parque de diversões da exposição do centenário de 1922 (A GAZETA DE NOTÍCIAS, 23/11/1922).

<sup>94</sup> Neste período, além dessas companhias, São Paulo comportava dezenas de circos itinerantes, que circulavam, sobremaneira, por bairros mais afastados do centro. Dentre elas, Sousa Junior destacou: o Circo Oito Irmãos Melo; o Circo François, o Pavilhão Liendo e Simplício, o Circo Arethuzza, o Circo Temperani, o Circo Irmãos Orlandino, o Circo Alcebíades e o Circo Irmãos Queirolo (SOUSA JR, 2016, p.260).

<sup>95</sup> Nascido em Ribeirão Preto, São Paulo, em 1897, antes de se tornar o Palhaço Piolin, Abelardo Pinto conviveu com distintas trupes circenses. Segundo Sousa Junior, este artista “aprendeu as lides do circo” com a primeira geração da família Seyssel, especialmente com Vicente Seyssel, artisticamente chamado Palhaço Puxa-Puxa. Além deste, Pinto acompanhou o Circo Queirolo por algumas temporadas, onde concluiu sua formação e foi batizado como Piolin. Agraciado no picadeiro desde os anos 1920, promovendo diversas peças teatrais e integrando referências do cinema em seus espetáculos, que, inclusive, contemplavam programações de rádio, Piolin, a convite de Pietro Maria Bardi e Lina Bo Bardi, diretor (1947-1996) e projetista do Museu de Arte de São Paulo (MASP) respectivamente, em 1972, ergueu no vão do museu, sua tenda, por uma temporada de três meses. Diga-se de passagem, esta foi uma das últimas do Circo Piolin, em São Paulo. Curiosamente, antes dessa iniciativa, a Avenida Paulista nunca havia recebido circos (SOUSA JR, 2016, p. 259-270; O ESTADO DE SÃO PAULO, 03/06/1972).

Dirigido por Paulo, Henrique e Waldemar Seyssel,<sup>96</sup> após um período itinerante, com temporadas em bairros como Santana e Brás, o Circo Irmãos Seyssel se instalou no Largo da Pólvora, porção central da cidade, em 1940. Permanecendo por onze anos naquela localidade, a companhia se transferiu para o Viaduto Santa Ifigênia, em 1951. A propósito, tal mudança, ocorrera em função de um despejo, situação que continuou assombrando a trupe circense nos dois anos em que promoveu espetáculos no novo endereço, cedido pela prefeitura. Sinaliza Sousa Junior, que em meio a um panorama conflituoso, após uma série de ações jurídicas frustradas empenhadas pelo poder público contra o Circo Irmãos Syessel, este foi arrasado por um suspeito incêndio em dezembro de 1952, não retornando mais às atividades (SOUSA JR, 2016, p. 260).

Tradicionalmente, o circo é definido por seus estudiosos como um entretenimento popular. Souza Junior, em sua análise sobre o “Irmãos Seyssel” e o “Piolin”, valendo-se de memórias de antigos frequentadores, bem como de conteúdos promovidos sob suas tendas, em suas encenações teatrais e outros números artísticos, concebidos e mediados pelos palhaços Arrelia e Piolin, assevera tal suposição. Segundo o autor, ambos atraíam grande público em virtude da habilidade de seus artistas trazerem à baila questões cotidianas do homem comum, como suas aflições e chistes, valendo-se do humor como instrumento de crítica social. A interação com os expectadores, que eram estimulados a participar ativamente das apresentações, também é ressaltada. Investigação realizada pelo autor no Arquivo Miroel Silveira,<sup>97</sup> que conserva um acervo de processos de censura do Departamento de Diversões Públicas, revelou que mais de 400 peças foram encenadas no Circo Piolin enquanto este esteve ativo. Desvela Souza Junior a maestria do Palhaço Piolin em parodiar fatos que estavam em voga no período em que ocorria o espetáculo, apesar de suas exhibições estarem sujeitas à constante inspeção de representantes das autoridades oficiais. O envolvimento

---

<sup>96</sup> Artisticamente conhecido como Palhaço Arrelia, Waldemar Seyssel, Nasceu no Paraná em 1905. Sua família, que desembarcou no Brasil ainda no século XIX, proveniente da cidade de Genoble, França, antes de sua geração já trabalhava com espetáculos circenses. O primeiro circo dos Seyssel inaugurado no Brasil se chamava Fernández. Assim como a carreira de Piolin, a de Arrelia expandiu-se para fora do Picadeiro. Quatro filmes e um programa de televisão na emissora Record, em que promovia números circenses, integraram da trajetória profissional desse artista. A partir da década de 1950, quando se iniciou a massificação dos televisores, os circos possuíam relevante espaço na grade de programação das emissoras. Além do programa de Arrelia, José Carlos Queirolo (Palhaço Torresmo) e Albano Pereira Neto (Palhaço Fuzarca) comandavam o Cirquinho Bombril na TV Tupi paulista e George Savalla Gomes (Palhaço Carequinha) na Tupi carioca (SOUSA JR, 2016, p.259-270).

<sup>97</sup> Pertencente à Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Seu acervo contempla documentação do Departamento de Diversões Públicas do período entre 1920 e 1970.

brasileiro com a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, foi temática explorada naquele picadeiro (SOUSA JR, 2016, p.263-264).

Não exclusivamente o teor dos espetáculos, o preço, atraía as massas ao circo. Sousa Junior alerta que antigos expectadores o elegiam como opção de lazer por se tratar de um divertimento economicamente acessível e que garantia descontração e integração. Não à toa, este é apontado como autêntico espaço de diversão familiar. A busca pelo circo foi intensa desde as primeiras décadas do século XX e periódicos da época colocavam os apreciadores dessa arte a par dos espetáculos organizados na cidade por meio de colunas específicas.<sup>98</sup> A ampla exposição em jornais se coloca como mais um indício da intenção de seus fomentadores em consolidar a atividade como atrativo popular. Os articuladores do cinema, divertimento que emerge na capital paulista simultaneamente ao circo, também utilizavam a mesma estratégia, e tal iniciativa, considerando o volume de anúncios de divulgação, bem como o surgimento de colunas críticas dos espetáculos, que, como previne Moraes, eram arditamente manipuladas pelos empresários do setor para que exaltassem os filmes que detinham os direitos de transmissão visando despertar o interesse do público, atesta utilidade deste veículo de comunicação (MORAES, 2014, p.248-249). Os jornais, ademais, são relevantes à compreensão da expansão deste modelo de entretenimento, nos oferecendo um panorama quantitativo de salas, suas localidades, preços e “personagens” que estiveram envolvidos com a propagação da “sétima arte”<sup>99</sup> pelo território da Pauliceia.

Em **Sociedades culturais, sociedades anônimas: distinção e massificação na economia da cultura brasileira** Júlio Moraes apresenta um extenso balanço sobre os primórdios da atividade cinematográfica na capital paulista. Segundo sua investigação é do “protocircuito do Jogo do Bicho” que emanou o capital, além dos primeiros interessados a investir neste seguimento. A inevitável ligação do cinema com essa prática, apesar de replicar em restrições, não impossibilitou sua expansão pela cidade. Os poucos cinematógrafos itinerantes que na primeira década do século XX chegaram a São Paulo, na segunda já apareciam em grande número, fixando-se por seu território (MORAES, 2014, p. 207-208). O surgimento de distintas companhias, que se “degladiavam” em propagandas de jornais, exaltando suas estruturas e anunciando permanentemente novidades em suas programações, evidencia que a concorrência

---

<sup>98</sup> Um exemplo é a coluna Palcos e Circos do jornal Comércio de São Paulo.

<sup>99</sup> Conceito que se refere ao cinema elaborado pelo crítico italiano Ricciotto Canudo.

estava instaurada na Pauliceia<sup>100</sup> e comprova a massificação desta atividade, refletida, inclusive, na “queda contínua dos preços dos ingressos”.<sup>101</sup> Dentre as empresas cinematográficas que se sobressaíram nesta época estão: a Companhia Internacional Cinematográfica, que em 1912 possuía cinco cinemas; a Empresa Cinematográfica J.R. Staffa, que se notabilizava por seu cartel de filmes exclusivos; além da Companhia Cinematográfica Brasileira, administrada por Francisco Serrador, empresário valenciano que destacou por iniciativas em distintos setores do entretenimento paulistano e nacional<sup>102</sup> (MORAES, 2014, p. 254-255). Segundo Moraes, em 1913, a empresa de Serrador era composta por vinte e oito estabelecimentos, detendo “31 mil assentos” na capital paulista (MORAES, 2012, p.8).

Parcerias intersetoriais também contribuíram para difusão e manutenção dos cinemas em São Paulo. Moraes revelou que “figuras do capital cafeeiro” e do setor de bebidas alcoólicas subsidiaram a abertura e patrocinaram reformas de alguns empreendimentos da cidade. Uma das corporações mencionadas pelo autor que cooperou com a “sétima arte” foi a Companhia Antártica, que construiu o Cine Central

---

<sup>100</sup> Diversas iniciativas empresariais emanaram no período para atrair o público aos cinematógrafos, bem como em função de concorrências no setor. Segundo Moraes, “a estatística” tornou-se uma importante ferramenta para se analisar o rendimento dos empreendimentos e prever o gosto do espectador. Entre as ações fomentadas pelos administradores o autor cita para além da constante rotatividade de filmes e da modernização das estruturas dos salões, distribuições de brindes e promoções de ingressos como fatores que contribuíam para ascensão do negócio. Exaltações em anúncios de página inteira de “cifras, quantidade de estabelecimentos e filmes rodados” também serviam aos empresários, pois revelavam o impacto de suas realizações e instigavam a adesão de novos clientes (MORAES, 2014, p. 245-247).

<sup>101</sup> Análise gráfica realizada por Júlio Lucchesi Moraes sobre os valores dos ingressos dos cinemas paulistanos nas duas primeiras décadas do século XX revelou uma progressiva queda de preços. Segundo o autor, o barateamento foi possível devido à ampliação do número de companhias cinematográficas e, por consequência, da quantidade de sessões. Enquanto o valor médio das frisas do cinema (setor mais caro) no primeiro decênio do século permaneceu em 8\$000 (oito mil réis), no segundo “estacionou” em 4\$000 (quatro mil réis). As gerais (setor mais barato) também tiveram seus preços diminuídos. O ingresso que em 1907 custava por volta de \$900 (novecentos réis), em 1920 decaiu para menos de \$300 (trezentos réis) (MORAES, 2014, p.250-256).

<sup>102</sup> Nascido na Espanha em 1872, Francisco Serrador, chegou ao Brasil em 1887, aos quinze anos de idade. Segundo Moraes, seu envolvimento com o entretenimento foi iniciado no Paraná, onde se aliou a outros empresários estrangeiros e promoveu circos e touradas. No ramo cinematográfico, Serrador também começou nesse estado. Em 1904, no Coliseu Curitibano, local, como vimos, que também abrigava um pequeno parque de diversão já no prelúdio do século XX, o empreendedor espanhol realizou exibições. Estas, antes de chegarem à cidade de São Paulo, se estenderam a Paranaguá, Santos e Campinas. Em 1907, Serrador chegou a São Paulo, localidade onde sua empresa de diversões cinematográfica cresceu exponencialmente. Nos anos 1920, já consolidado como empresário do setor, Serrador se envolveu na constituição da Cinelândia, complexo cinematográfico de luxo construído na porção central da cidade do Rio de Janeiro voltado às classes abastadas (MORAES, 2012, p.7-9; MORAES, 2014, p.239-240).

na Avenida São João, em 1916.<sup>103</sup> Esta, já citada anteriormente por suas iniciativas no âmbito dos parques urbanos, estendeu suas atividades para variados setores do entretenimento. Teatros, a exemplo do Colombo,<sup>104</sup> receberam donativos desta Companhia, que também financiou a abertura de um cassino neste período denominado Antártica<sup>105</sup> (MORAES, 2014, p. 240-241).

Nos anos 1920, segundo Inimá Simões, o cinema passou por transformações. A aprovação conquistada na década de 1910, explicitada na ampliação das salas e dos expectadores, confirmaram potencial da atividade, que, no decênio subsequente, continuou se desenvolvendo. Edifícios maiores que abrigavam milhares de expectadores, salas de filme e de espera mais espaçosas e que remetiam ao classicismo, integrando seus espaços réplicas artísticas desse período, “suntuosidade arquitetônica”, percebida nas fachadas e saguões, e o advento do cinema falado, alterando a dinâmica das sessões, foram algumas das mudanças ocorridas (SIMÕES, 1990, p.12-15).

Esta última novidade, conhecida por “*Talkies*”, possivelmente a mais impactante do período, ocasionou a supressão de profissionais do meio. Integrantes de orquestras e contra-regras, responsáveis pelas músicas e os ruídos sonoros que embalavam as sessões, acabaram se tornando dispensáveis. Aponta Simões que o cinema audível foi exibido inicialmente em São Paulo no Paramount, sala inaugurada na Avenida Brigadeiro Luis Antonio, em 1929.<sup>106</sup> O Paramount, com suas inovações tecnológicas, como o *Movietone*<sup>107</sup>, e arquitetônicas, construção feita de concreto armado, representava o modelo norte-americano de cinema, que “acabou por vingar em boa parte do mundo”. A espetacularização era a tônica, e em 1938, inspirado na *Broadway*, surgiu o Cine Metro Paulista (SIMÕES, 1990, p.10-22). No mesmo período, a emergência de Cinemas como o Rosário, construído no Edifício Martinelli, revestido de Mármore Carrara e decorado com ouro, bronze e cristais, que, em conjunto com o Paramount, concorriam com espaços de lazer do porte do Theatro Municipal, sugerem

---

<sup>103</sup> Antes de ser ocupado pelo Cine Central o terreno já havia sido sede do Cine Bijou-Palace, empreendimento pioneiro da Companhia Cinematográfica Brasileira, apontado como o primeiro cinema da Capital Paulista, inaugurado em 1907 (SIMÕES, 1990, p.9-10).

<sup>104</sup> Inaugurado em 1908 no Largo da Concórdia, Brás, o Teatro Colombo funcionou por aproximadamente quarenta anos. Interditado na década de 1950, acabou arrasado por um incêndio em 1966 (O ESTADO DE SÃO PAULO, 20/07/1966, p.13)

<sup>105</sup> Erguido em 1914, no Anhangabaú, este empreendimento também promovia shows musicais e festas de carnaval. Disponível em: <https://www.antarctica.com.br/sobre-a-antarctica/historia>. Acesso em: 01set 2017.

<sup>106</sup> Atualmente denominado Teatro Renault.

<sup>107</sup> O Movietone propiciou que o som passasse a ser gravado diretamente na película. Esse sistema contribuiu para amenizar as distorções sonoras comuns nos primeiros anos do cinema audível.

uma inflexão no âmbito cinematográfico, tendo em vista a criação de salas especialmente voltadas às classes mais abastadas (SIMÕES, 1990, p.18-19). Contudo, ainda que os preços estipulados por esses atrativos, considerando a diferença nos valores dos setores, evidenciem clivagens sociais, não confirmam uma exclusão integral. Enquanto usufruir das frisas e camarotes do Paramount em seu ano de estreia custava em torno 40.000 réis, as poltronas eram acessíveis por 6 mil (O ESTADO DE SÃO PAULO, 29/04/1929). Quanto ao Theatro Municipal, topamos com valores praticados entre 1932 e 1947, portanto, em réis e cruzeiros. O valor mais alto encontrado no período (1932-1942) foi de 325 mil réis em um espetáculo promovido pela Companhia Lyrica Oficial,<sup>108</sup> já o mais baixo foi de 3 mil em um festival realizado em benefício da Cruz Azul de São Paulo (CORREIO DE SÃO PAULO, 01/09/1932, p.2; CORREIO DE SÃO PAULO, 20/08/1940, p.8). Na época do cruzeiro, o maior preço foi de Cr\$ 300 (trezentos cruzeiros) e o menor de Cr\$ 12 (12 cruzeiros), ambos do evento *II Trovatore de Verdi* (MUNDO ESPORTIVO, 24/01/1947, p.15).<sup>109</sup>

Durante os anos 1930 registrou-se também a ascensão de salas de cinema monumentais em bairros populares. O Cine Babylonia, alocado no Brás, com capacidade estimada em 4 mil pessoas, e o Cine Santa Cecília, na Lapa, que seguia uma estética oriental, são exemplos destacados por Inimá Simões (SIMÕES, 1990, p.22). Esta autora, que apontou que a “sétima arte” angariou em São Paulo “uma grande massa de aficionados de distintas faixas etárias e poderes aquisitivos”, se consolidando como “a maior diversão da capital paulista”, por meio de dados estatísticos e outros acontecimentos deslinda seu impacto na cidade (SIMÕES, 1990, p.11-12).

Na década de 1940, momento em que a população paulistana era constituída de aproximadamente 1.320.000 pessoas, segundo a autora, a oferta de assentos de cinema chegou a quase 100 mil. Neste período, circularam pelas salas da Pauliceia por volta de 19.525.000 espectadores, “frequência per capita de 15 ao ano” (SIMÕES, 1990, p.48). Nos anos 1950, com uma população que já havia ultrapassado a marca de 2 milhões de

---

<sup>108</sup> O espetáculo em questão foi uma opera-baile de Verdi.

<sup>109</sup> Valores de ingressos de outros empreendimentos entre a década de 1920 e 1950 também foram encontrados em jornais. Nos anos 1920, o Cinema Triangulo, localizado na Rua 15 de Novembro, cobrava para crianças 1.200 e para adultos 2.500 réis. A Sala Paraizo, fixada na avenida homônima, detinha preços entre 800 e 12.000 réis. O Olympia, no Brás, era acessível por valores entre 600 e 6.000 réis (A GAZETA DE NOTÍCIAS, 12/06/1925, p.7). Na década de 1930, as entradas para o Cine Odeon, na Consolação, custavam entre 1.500 e 4.000 réis, já o Teatro Colombo, no Brás, promovia espetáculos com valores de 2 e 3 mil réis. (CORREIO PAULISTANO, 18/08/1935, p.10; CORREIO PAULISTANO, 17/01/1937, p.13). Em meados do século, quando o cruzeiro já havia substituído o real, espetáculos no Cine Odeon foram de 5 a 60 cruzeiros, segundo as notícias pesquisadas (FOLHA DA MANHÃ, 19/08/1950, p.7; JORNAL DE NOTÍCIAS, 06/05/1951, p.7).

habitantes, 35 milhões de expectadores “invadiram” os cinemas de São Paulo. Um festival internacional de cinema organizado em função das comemorações do IV Centenário da cidade asseverou a dimensão que a “grande tela” detinha naquela época na capital paulista. Conforme Simões, milhões de ingressos foram vendidos para o evento, que contou com a presença de atrizes e atores estrangeiros. Neste decênio a cidade abrigava 145 cinemas, 18 na porção central e 127 distribuídos por seus diversos bairros<sup>110</sup> (SIMÕES, 1990, p.81-85). De acordo com a autora, “pode-se afirmar que em meados do século XX o paulistano comparecia cerca de duas vezes por mês nas sessões”. Preços baixos, que se encaixavam nos orçamentos familiares, colaboravam para a significativa adesão, que também pode ser notada em um outro entretenimento que foi “abraçado” pelo povo da cidade de São Paulo durante os noventa. Referimo-nos ao parque de diversão mecanizado, assunto da seção a seguir (SIMÕES, 1990, p.142).

## **2.2 Parques nos “quatro cantos” da cidade: a geografia do lazer mecanizado da Pauliceia**

Desde sua emergência no século XIX, o parque de diversão mecanizado foi eleito por milhões de sujeitos para se desfrutar horas de lazer. Entretanto, aventurar-se por estudos sobre esse modelo de entretenimento, ao menos no Brasil, é algo incipiente. Nesta pesquisa aludimos à algumas investigações já existentes. Apesar de não tratarem de empreendimentos paulistanos, estas foram significativas à compreensão do suposto momento em que esta tipologia de lazer, ainda embrionária, despontou no país. Já nos primeiros anos dos noventa, com um pequeno número de atrações, os parques de diversões proporcionavam descontração aos brasileiros. Com o avançar das décadas o formato se expande em quantidade e estrutura. Na década de 1920, São Paulo, já abrigava parques relativamente extensos, que ocupavam parte do terreno de grandes feiras e exposições organizadas na cidade. Além de seguirem o calendário de celebrações da Pauliceia, nesta época, o parque diversão mecanizado foi trazido à cidade também por iniciativas particulares de empresários que atuavam no setor de divertimentos. O Parque Sul-Americano, já citado nesse trabalho, é um exemplo. Este, dentre outros espalhados por São Paulo, configurados ou não em eventos, eram itinerantes. A propósito, a “mobilidade” foi marca desse formato por muitos anos,

---

<sup>110</sup> Dentre os bairros que comportavam mais cinemas estão: Consolação (13); Tatuapé (10), Ipiranga (9), Lapa (8). Três destes (Tatuapé, Lapa e Ipiranga), como sabido, são originalmente operários (SIMÕES, 1990, p.85).

porém identificamos também casos de parques fixos. O Parque Shanghai, já apresentado como objeto central desse estudo, foi um deles. Todavia, isso é assunto do capítulo final. Por ora, nossa intenção é trazer à tona outras experiências que se desenvolveram na capital paulista. Alertamos que tratar minuciosamente sobre as mesmas foge aos limites dessa investigação, portanto, pretendemos aqui, por meio dos dados apresentados, evidenciar a ascensão do modelo, atestada na quantidade de empreendimentos, compreender, ao menos em parte, “a geografia do lazer mecanizado paulistano”, e, quiçá, servir de mote a novas pesquisas.

A perscrutação em jornais e documentos do Arquivo Histórico de São Paulo revelou que o parque de diversão mecanizado é opção de lazer na capital paulista desde os anos 1920. Os empreendimentos anteriores mencionados no Rio de Janeiro e em Curitiba nas duas primeiras décadas do XX (localidades próximas a São Paulo), e a itinerância ser característica desse divertimento, incitam que postulemos que este circulou pela Pauliceia também neste período, todavia, não encontramos fontes que indiquem isso. Isto posto, no segundo decênio deste século, identificamos parques de diversões espalhados por distintas regiões da cidade.

O primeiro registro encontrado, em 1922, refere-se ao Parque Brahma, que em uma área de 24 mil m<sup>2</sup>, na Rua Voluntários da Pátria, em Santana, Zona Norte da cidade, disponibilizava ao público um conjunto de divertimentos, bar e restaurante. Pietro Signorini é apontado como o administrador do negócio.<sup>111</sup> (A GAZETA DE NOTÍCIAS, 04/12/1922). Além desse, em meados do século esteve em São Paulo o já citado Parque Sul-Americano e, possivelmente, o Anglo Parque Americano. Publicação do jornal **O Combate**, indicou que D. Joanninha Basanhui solicitou ao poder público que autorizasse a montagem do empreendimento na Estrada Nova Cantareira.<sup>112</sup>(O COMBATE, 22/08/1925, p.6). Em 1927, na Rua Carlos Botelho, esquina com a Rua Joli, no Brás, o Parque de Diversões Jahu, era opção de entretenimento naquele bairro. Em 1928, dois parques de nome não identificados, um no Cambuci e outro no Tatuapé,

---

<sup>111</sup> Espaço de lazer batizado com o nome de uma marca de bebida já não era mais novidade nos anos 1920. Assim como a Companhia Antarctica Paulista, que era atuante no setor de entretenimento desde o início do século XX, construindo ou financiando reformas de espaços na cidade de São Paulo, a Brahma, criada no Rio de Janeiro em fins do século XIX, com iniciativas semelhantes na antiga capital do país, patrocinando empreendimentos de empresários do ramo, dentre eles, o já citado Pascoal Segreto, detentor de cinemas, teatros e parque de diversões, possivelmente estava empenhada em expandir seu raio de ação para outros lugares do país (MORAES, 2014, p. 241-243).

<sup>112</sup> Atualmente denominada Avenida Nova Cantareira, localizada na Zona Norte de São Paulo.

alegravam os habitantes cidade.<sup>113</sup> (A GAZETA DE NOTÍCIAS, 20/05/1927, p.7; CORREIO PAULISTANO, 11/03/1928, p.9; CORREIO PAULISTANO, 12/05/1928, p.21). No circuito das feiras e exposições paulistanas desta década, parques de diversões foram montados na Exposição Industrial e Agrícola e nas primeiras edições da Feira Industrial de São Paulo. O Palácio das Indústrias, no Parque Dom Pedro II, e um conjunto de pavilhões construídos no bairro do Glicério, foram as sedes dos eventos em questão (O COMBATE, 02/02/1925; A GAZETA DE NOTÍCIAS, 06/11/1926, p. 3, p. 3; A GAZETA DE NOTÍCIAS, 08/10/1929).

Na década 1930, as distrações mecânicas permaneceram no quadro de atrações desse tipo celebração. Já em sua parte final, como veremos à frente, o Parque Shanghai estreou na cidade em uma delas. Entretanto, desde 1931, parques de diversões foram instalados nesses eventos. As cinco primeiras edições da Feira de Amostras de São Paulo, sediadas no bairro da Água Branca, comportaram o formato (A GAZETA DE NOTÍCIAS, 07/09/1931, p.5; A GAZETA DE NOTÍCIAS, 02/06/1932, p.4; A GAZETA DE NOTÍCIAS, 22/09/1933, p.1; CORREIO DE SÃO PAULO, 28/04/1934, p.5; CORREIO DE SÃO PAULO, 04/09/1935, p.7).

Em localidades como o Bom Retiro, o Tatuapé, o Anhangabaú, a Vila Buarque e a Barra Funda também foram montados empreendimentos. As publicações identificadas, lamentavelmente, não oferecem descrições detalhadas sobre todos os parques, porém, em três casos, proprietários e atrações foram mencionados. Em 1933, Luiz Rodrigues, ergueu o Parque Rodó, com roda gigante, balanços venezianos, dentre outros equipamentos, na Avenida São João e na Praça Marechal Deodoro. No mesmo ano, Vicente Coccozza e João Ferraris, inauguraram o Luna Park Antarctica, na Água Branca. Além de brinquedos mecânicos como Auto-Pista, bandas de jazz, artistas estrangeiros e festas de carnaval foram promovidas naquele espaço. Diferentemente dos demais, o “Luna” permaneceu por um tempo maior no local onde fora estruturado. O volume de notícias, publicadas em anos distintos, comprovaram tal prognóstico. Seus concessionários também se envolveram com o idealizador do Parque Shanghai, contribuindo para a implantação deste negócio em São Paulo.<sup>114</sup> Em 1934, com atrativos que haviam feito sucesso na Feira Internacional de Amostras do Rio de

---

<sup>113</sup> O primeiro de Nagib Antonio e o segundo de Torfio Ximenez, que já havia montado anteriormente um parque no bairro do Gonzaga, na cidade de Santos (CORREIO PAULISTANO, 24/04/1925).

<sup>114</sup> Descortinaremos esse assunto no capítulo posterior.

Janeiro,<sup>115</sup> na Rua das Palmeiras esquina com a Rua Olympia, José Schippers, instalou o Parque Schippers-Vanderville. De acordo com as notícias, a Praça Marechal Deodoro foi outro endereço em que o parque esteve presente na cidade (A GAZETA DE NOTÍCIAS; 07/01/1933, p.8; A GAZETA DE NOTÍCIAS, 11/02/1933, p.4; CORREIO DE SÃO PAULO, 25/12/1933, p.2; CORREIO DE SÃO PAULO, 07/02/1934, p.2; CORREIO DE SÃO PAULO, 04/12/1934, p.3; CORREIO DE SÃO PAULO, 06/12/1934, p.7).

Na década de 1940, momento em que o Shanghai se consolidou como parque fixo, curiosamente, não encontramos referências sobre outros empreendimentos. No entanto, no decênio subsequente, um parque de diversão de grande dimensão, que possivelmente rivalizou com o Shanghai, surgiu no bairro do Ibirapuera após a inauguração do parque homônimo em 1954. Referimo-nos ao Parque Shangri-la, administrado pelo empresário José Nascimento Carvalho que o estabeleceu próximo ao parque urbano após firmar contrato com a Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Afora o conjunto de divertimentos mecânicos que o compunham, a propósito, mais de três dezenas, como o Parque Shanghai, promoveu atrações artísticas internacionais em seu espaço (COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO, 1955).

Após apresentar brevemente os distintos parques de diversões que percorreram pela cidade de São Paulo, consideramos relevante realizar um último apontamento. Desde a década 1920, diversos bairros de São Paulo foram contemplados com empreendimentos, portanto, ainda que em alguns lugares a incidência tenha sido maior, sobremaneira em bairros que abrigaram feiras e exposições, o parque de diversão não foi um entretenimento exclusivo de nenhuma área, percorrendo pelos “quatro extremos” da cidade.

Finalizada as considerações, adentraremos a partir desse momento na trajetória do Parque Shanghai. O capítulo a seguir, tratará de seu período itinerante.

---

<sup>115</sup> Dentre eles, montanha russa, roda gigante, carroussel, tiro ao alvo, tobogã, auto-pista e chicote.



### Capítulo 3

#### Os primórdios do Parque de Diversões Shanghai: sua itinerância no Brasil

*“Era tutto alegria.  
Na ora da róda giganti.  
Era tutto uma fulia,  
Cum bixiga no barbanti.  
Era tutto uma relia  
no cavalino galopanti.  
Lá... tutto acuntecia  
até namoro paxonanti!  
[...] Era tutto molto belo,  
lá no parqui shangai”.*<sup>116</sup>

*“Quando começaram as ‘aventuras’ dos frequentadores no Parque Shanghai?”*

Esta pergunta, numa primeira visada, prosaica, descortinou uma sequência de eventos históricos de grande densidade, que se mostraram interessantes à nossa investigação.<sup>117</sup> A hipótese que lançamos é de que o início da trajetória desta empresa de diversões, no Brasil, ocorreu em 1934.<sup>118</sup> Percebemos que a empresa, multiterritorial, merecia, então, uma discussão mais detida, de maneira a possibilitarmos a compreensão de diversos atores sociais, momentos políticos e frequentadores.

Especificamente sobre a presença do Shanghai em São Paulo, destacamos o ofício denominado *“Exmo. Snr. Prefeito Municipal de São Paulo”*,<sup>119</sup> constituinte do processo 172.440 de 1953, encaminhado em 23 de novembro à prefeitura, em que Enrique Pio Gaspar Zaragueta, o proprietário do Parque Shanghai naquela época,

---

<sup>116</sup> Verso de Pimpinello Rizoni, “alter ego” do cronista Guido Carlos Piva, que faz referência à comunidade italiana que passou a habitar o bairro da Mooca e adjacências quando chegaram a São Paulo, sobretudo, a partir da Primeira República. As palavras proferidas correspondem ao “dialeto Mocanhês”, uma linguagem que imita a fala dos pioneiros imigrantes italianos. A referência realizada por Piva ao Parque Shanghai nos permite inferir que distintos grupos sociais circularam por seu espaço, como evidenciaremos no decorrer da análise. Disponível em: <http://revistadamoooca.com.br/revistavirtual/rm38/files/assets/basic-html/page18.html>. Acesso em 28 mar. 2017.

<sup>117</sup> Por meio de um conjunto de fontes, dentre as quais, documentos oficiais produzidos nas esferas municipais de São Paulo e do Rio de Janeiro e questionário do Serviço de Registro de Estrangeiros, além de notícias publicadas em periódicos brasileiros, bem como de uma entrevista concedida por Nelson Waller (Anexo III), atual proprietário da única unidade ainda existente do Parque Shanghai, localizada no bairro da Penha, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, conseguimos compreender que “as origens” eram diversas. Devemos frisar que foram analisados documentos da Municipalidade da cidade de São Paulo entre as décadas de 1940 e 1960 e da Municipalidade da cidade do Rio de Janeiro de 1937 a 1940.

<sup>118</sup> Nesta investigação contemplamos publicações do Parque Shanghai no intervalo de 1935 a 2014. Contudo verificamos notícias de jornais desde 1910, não existindo nenhuma referência a este Parque antes da década de 1930.

<sup>119</sup> Na ocasião, o prefeito era Armando de Arruda Pereira (1889–1955).

argumentava que fosse reconsiderada a decisão do prefeito sobre a reintegração de posse autorizada em despacho exarado em 12 de setembro daquele ano, tendo em vista que parte do terreno locado a título precário pelo parque após sua fixação no centro da cidade pertencia à municipalidade. O documento, mais que uma peça administrativa, nos revela a organização espacial e jurídica do empreendimento:

O “Parque Shanghai” de São Paulo, é um conjunto de divertimentos, compostos de 20 aparelhos e atrações, espetáculos de caráter popular, funcionando em São Paulo desde 1934, com filiais na Capital da República (Quinta da Boa Vista), Curitiba (Exposição Internacional do Café), Recife (Feira da Mocidade), mantendo em São Paulo, desde 1944, sem alteração no período de quase 10 anos, o preço de cr\$ 1,50 [hum cruzeiro e cinquenta centavos] para o ingresso ao recinto (incluso imposto) realizando em seu grande auditorio gratuitamente apresentações dos artistas e conjunto nacionais mais populares no momento (PROCESSO 172440, 24/11/1953).

A passagem acima nos mostra, então, uma cronologia sucinta, um universo de brinquedos e, ainda, os lugares em que a “marca” Shanghai esteve presente. Na mesma linha, outro documento, desta vez, alusivo ao Rio de Janeiro, também nos ajuda a entender não apenas a fixação do Parque Shanghai naquela cidade, como sua longevidade, de certa forma. Em proposta encaminhada à Diretoria de Turismo e Propaganda para instalação de parque de diversão na Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro, elaborada em 31 de maio de 1937, por Manoel Valentias Cabellero, sócio deste empreendimento no período, podemos ler a solicitação de continuidade naquele evento, indicando que desde 1934 a empresa estava operando com “proficua procura”:

O proponente deseja fazer perante a Diretoria de Turismo e Propaganda a prova de sua idoneidade técnica e financeira. E fácil lhe é fazê-las com a própria palavra de Administração da Feira de Amostras do Rio de Janeiro, visto que o proponente manteve a pleno contendo dessa Administração e sem menor reclamação, não só quanto ao funcionamento dos aparelhos bem como ao desempenho de suas obrigações parque de diversões nas Feiras de 1934, 1935, 1936. Espera, pois, o requerente, que a Administração após cuidadoso estudo defira, para aceitar, a sua proposta (OFÍCIO N°1170, 31/05/1937).

Também podemos afirmar que publicações acerca do Parque Shanghai começaram a ser o objeto de periódicos na segunda metade da década de 1930. A notícia denominada “*Centenário de Niterói. Início das Obras de instalação da 1ª Feira de Amostras*” - primeira encontrada no Brasil sobre esta empresa de diversões - editada pelo *Jornal do Brasil*, em 27 de fevereiro de 1935, mais que anunciar o estabelecimento do contrato com o evento niteroiense, salienta que o Parque Shanghai estava instalado no país desde 1934, tendo obtido “sucesso na Feira de Amostras do Distrito Federal”, apontando, ademais, o êxito de sua temporada em Buenos Aires (JORNAL DO

BRASIL, 27/02/1935, p.6). Esta notícia, além de corroborar a hipótese dos documentos acima apresentados no que concerne ao encetamento de seu exercício no Brasil, nos traz indícios sobre suas origens na América do Sul, promovida por Gaspar José Luis Zaragueta.

Nascido em 06 de janeiro de 1894, no município de Escoriaza, província de Guipúscoa, localizada no País Basco, extremo norte da Espanha, Gaspar Zaragueta Echevarria<sup>120</sup> chegou à América do Sul na década de 1910. Embora não seja possível pelas fontes obtidas precisar o ano de seu desembarque, entendemos que tenha ocorrido antes de 1917, quando nasceu seu primeiro filho com Maria Micaela Echaniz de Zaragueta,<sup>121</sup> Enrique Pio Gaspar Zaragueta, em 13 de janeiro de 1917, na cidade de Buenos Aires.<sup>122</sup>

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
MODELO S.C. 199  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pórtico de destino

Nome por extenso: Gaspar José Luis Zaragueta  
Admitido em território nacional em caráter **TEMPORÁRIO**  
Nos termos do art. 7º letra C do Dec. Lei 1967 de 18-9-45  
Lugar e data de nascimento: Escoriaza, Espanha 6-1-1894  
Nacionalidade: espanhola Estado civil: casado  
Filiação (nome do Pai e da Mãe): Pio Zaragueta e Benita Echevarria  
Profissão: Industrial  
Residência no país de origem: Chile 1280, Mesia

Nome	Idade	Sexo

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 20824 expedido no Rio de Janeiro Capital na data 4-10-46  
visado sob n. 0736

ASSINATURA DO PORTADOR: *Gaspar*

Consuldo Geral do Brasil em Buenos Aires, 6 FEV 1947  
PELO CONSULADO: *A. Viana*  
VISE CONSUL

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida e assinada pelo interessado, sendo os dados verificados em original.

**Fig. 16** - Ficha Consular de Qualificação de Gaspar José Luis Zaragueta de 06 de fevereiro de 1947.

**Fonte:** Arquivo do Estado de São Paulo

<sup>120</sup> Documento enviado ao Chefe de Serviço de Estrangeiros de 30 de dezembro de 1941 revela que Gaspar Zaragueta Echevarria havia modificado o nome para Gaspar José Luis Zaragueta na década de 1930, retirando o Echevarria de origem materna e acrescentando no nome composto José Luiz (CHEFE DE SERVIÇO DE ESTRANGEIROS, 30/12/1941). Folha de Identificação para Pedido de Visto em Passaporte Estrangeiro de 23 de agosto de 1937 evidencia que Zaragueta já havia se naturalizado argentino na década de 1930 (FOLHA DE IDENTIFICAÇÃO PARA PEDIDO DE VISTO EM PASSAPORTE ESTRANGEIRO, 23/08/1937).

<sup>121</sup> Maria Micaela Echaniz de Zaragueta nasceu em 11 de abril de 1889, na província de Navarra, norte da Espanha. Esta província faz fronteira a oeste com o território do País Basco, mais especificamente com a província de Guipúscoa, local de nascimento de Gaspar José Luis Zaragueta.

<sup>122</sup> A data de 1919 também aparece como marco inicial do Parque Shanghai em algumas publicações, dentre elas, "Parque Shanghai: brincadeira das antigas", de 22 de julho de 2014, do jornal **O Globo**. Não sancionamos essa hipótese, tendo em conta às datas encontradas nos documentos mobilizados na investigação, que apesar de revelarem que o fundador do Parque Shanghai, Gaspar Zaragueta, estar na América do Sul pelo menos desde 1917, quando nasceu seu primeiro filho na Argentina, comprovam que o mesmo desembarcou a primeira vez no Brasil apenas em junho de 1934 (SENHOR CHEFE DE SERVIÇO DE ESTRANGEIROS, 09/01/1940).

**Fig. 17** - Ficha Consular de Qualificação de Maria Micaela Echaniz Zaragueta de 16 de outubro de 1952.

**Fonte:** Arquivo do Estado de São Paulo

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
 FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO  
 MODÉLO S. C. 159

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Maria Micaela Echaniz de Zaragueta

Admitido em território nacional em caráter **TEMPORÁRIO**

Nos termos do art. 7 letra a do Dec. Lei 7967 de 18-9-45

Lugar e data de nascimento Espanha 11.4.1882

Nacionalidade argentina nat Estado civil viúva

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Pedro e Ramona Echaniz

Profissão doméstica

Residência no país de origem R. Castilla 3000, nesta

NOBRE IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 1085322 expedido Polícia de Bs. Aires

visado sob n. 13074 na data 21.4.1952

ASSINATURA DO PORTADOR: Maria Micaela Echaniz

Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires, 16 OUT 1952

PELO CONSUL GERAL Mário T. Borges da Fonseca  
 CONSUL ADJUNTO

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida e entregue pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
 FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO  
 MODÉLO S. C. 159

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Enrique Pio Gaspar Zaragueta

Admitido em território nacional em caráter **Temporário**

Nos termos do art. 25 letra b do dec. n. 3.010-20-8 de 1938

Lugar e data de nascimento Bs. Aires 13-1-1917

Nacionalidade argentina Estado civil solteiro

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Gaspar Zaragueta e Micaela Echaniz

Profissão comércio

Residência no país de origem Chile 1260, nesta

NOBRE IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 1525296 expedido pelas autoridades de Polícia de Bs. Aires

visado sob n. 1160 na data 18-7-1941

ASSINATURA DO PORTADOR: Enrique Pio Gaspar Zaragueta

Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires, de 1 ABR 1941 de 19

PELO CONSUL GERAL Mário T. Borges da Fonseca  
 CONSUL ADJUNTO

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida e entregue pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

**Fig. 18** - Ficha Consular de Qualificação de Enrique Pio Gaspar Zaragueta de 01 de agosto de 1941.

**Fonte:** Arquivo do Estado de São Paulo

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
 FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO  
 MODÉLO S. C. 159

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Nelida Raquel Zaragueta

Admitido em território nacional em caráter **TEMPORÁRIO**

Nos termos do art. 7 letra A do Dec. Lei 7967 de 18-9-45

Lugar e data de nascimento Buenos Aires 24-2-1923

Nacionalidade argentina Estado civil solteira

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Gaspar Zaragueta e Micaela Echaniz

Profissão doméstica

Residência no país de origem Chile 1260, nesta

NOBRE IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 1558154 expedido Polícia de Buenos Aires

visado sob n. 03172 na data 9-4-1941

ASSINATURA DO PORTADOR: Nelida R. Zaragueta

Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires, 17 MAI 1941

PELO CONSUL GERAL Mário T. Borges da Fonseca  
 CONSUL ADJUNTO

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida e entregue pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

**Fig. 19** - Ficha Consular de Qualificação de Nelida Raquel Zaragueta de 17 de maio de 1941.

**Fonte:** Arquivo do Estado de São Paulo

N.º \_\_\_\_\_ SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
 DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS

REGISTRO DE ESTRANGEIROS

NOME: JOSÉ MARIA ZARAGUETA

Admitido em território nacional em caráter **TEMPORARIO ART. 7 LETRA "A" DEC. 7967**

Nacionalidade: ARGENTINA DE 1.945.

Data do nascimento: 22-9-1.918 Estado civil: CASADO

Pai: MARIA MICALLA Mãe: GASPAR

Profissão: COMERCIO

Registro Geral N.º \_\_\_\_\_ Carteira N.º \_\_\_\_\_

Residência: RUA MONTE ALEGRE Nº 261.

Emprego: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

T. O. L. - Mod. 103

DELEGADO ESPECIALIZADO DE ESTRANGEIROS Mário T. Borges da Fonseca

**Fig. 20** - Ficha de Registro de Estrangeiro de José Maria Zaragueta.

**Fonte:** Arquivo do Estado de São Paulo

Após duas décadas na Argentina, onde se estabeleceu com a família<sup>123</sup> e iniciou as atividades no ramo de diversões, Gaspar Zaragueta chegou ao Brasil em meados década de 1930 visando difundir seus negócios.

As fontes evidenciam que Zaragueta firmou parcerias com empresários do setor de diversões no Brasil para implantação do Parque Shanghai. Por se tratar de um empreendedor estrangeiro, que não havia viajado ao Brasil antes de 1934, acreditamos que esta iniciativa se imbuíu de uma estratégia de ingresso, divulgação e expansão, que alinhada a profissionais que detinham experiência no ramo, inseridos no circuito de eventos itinerantes pelo país, nos quais eram instalados parques de diversões, permitiriam a rápida ascensão de Zaragueta. Assim, verificamos que o primeiro evento que se tem notícia da participação do Parque Shanghai no Brasil, a VII Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro, ocorrida em 1934, desde 1927, ano de sua edição inaugural, abriga parques de diversões, tendo proeminente atuação na introdução deste equipamento no decorrer das seis feiras anteriores, Manoel Valentias Caballero,<sup>124</sup> sócio de Zaragueta no início da trajetória do Shanghai no Brasil (DIÁRIO DA NOITE, 11/10/1938, p.3). Em São Paulo, notícias dos jornais *Correio de São Paulo* e *Correio Paulistano*, de 1936 e 1937, exibem a parceria estabelecida entre Gaspar Zaragueta e a empresa Ferraris e Cia,<sup>125</sup> idealizadora do “Luna Park”, construído na Água Branca, após arrendamento efetuado em 1933:

Ferraris & Cia. Comunicam que, tendo arrendado o Parque Antarctica, o mesmo ficará fechado durante um período necessário, para a transformação completa em Luna Park, voltando a ter esse logradouro público a mesma extensão primitiva, que teve nos bons tempos que foram e que voltarão, e de que todo Paulista se lembra com saudade (...) Dentro em breve, o povo de São Paulo será convidado para assistir à inauguração do grandioso Luna Park (CORREIO DE SÃO PAULO, 06/06/1933, p.1).

---

<sup>123</sup> Constituída por sua esposa, o primogênito e mais dois filhos: José Maria Zaragueta, nascido em 22 de setembro de 1918, e Nelida Raquel Zaragueta, nascida em 24 de fevereiro de 1923, também portenhos.

<sup>124</sup> Nascido no Uruguai, Manoel Caballero chegou ao Brasil em 1919, onde se radicou. Além de ser empreendedor do setor de diversões, Caballero gozava de prestígio nos círculos esportivos e sociais do Rio de Janeiro. De atleta a presidente do Bomsucesso Futebol Clube [sic], diversos jornais retratam suas iniciativas enquanto membro dessa entidade, bem como por sua atuação na Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) e na Confederação Brasileira de Desportos (CBD) entre as décadas de 1920 e 1960. Além disso, Caballero foi Cônsul do Uruguai no Brasil, sendo retratado em periódicos como líder da “colônia celeste” no país. Para além da atuação no setor de diversões, a aproximação entre Gaspar Zaragueta e Manoel Caballero pode estar atrelada à proeminência pública de Caballero no Brasil e à facilidade de comunicação por ambos terem a língua espanhola como nativa (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 08/10/1937, p.7; A MANHÃ, 05/05/1944, p.9; A NOITE, 25/08/1952, p. 8).

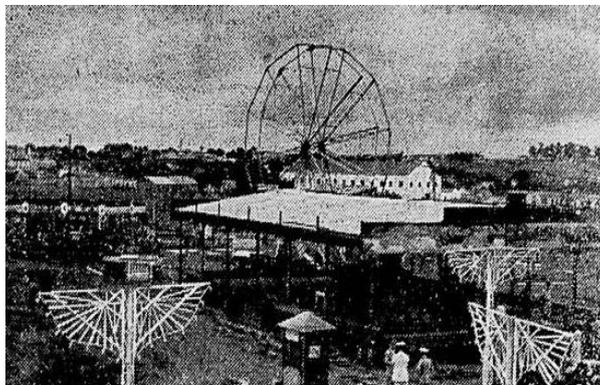
<sup>125</sup> Além de promover parques de diversões, a Empresa Ferraris & Cia atuava no setor alimentício, possuindo uma Rotisserie. No anúncio em que divulgaram o arrendamento do Parque Antarctica para a implantação do Luna Park, revelaram também que neste recinto seria proporcionado “esmerado serviço para Restaurant e Bar” (CORREIO DE SÃO PAULO, 06/06/1933, p.1).

Inaugurada em 12 de dezembro de 1936, na cidade de Campinas, a Grande Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes, foi o primeiro evento encontrado registrado em periódico com a participação do Parque Shanghai no Estado de São Paulo. A reportagem que descreve os últimos preparativos da celebração campineira enfatiza a empresa Ferraris e Cia como concessionária do Parque Shanghai, descrevendo as atrações que integraram seu recinto, o triunfo logrado na Feira de Amostras do Rio de Janeiro, além do franqueamento dos brinquedos em horários específicos e doações de renda para instituições de caridade de Campinas:

O “Changai Parque” [sic]<sup>126</sup> maravilhoso atractivo da Exposição-Feira (...) conta com os mais variados e modernos aparelhos de diversões; auto-pista para automóveis electricos – magnífico meio de cada um demonstrar as suas aptidões para “chauffeurs”; moto-lanchas funcionando em um lago de 500 metros quadrados, em que os choques de umas e outras embarcações despertam exclamações de alegria; Carroussel – dos mais modernos; Bicho de Seda – inédito para o Estado de São Paulo – divertimento especial para os namorados...; Roda gigante – a vertigem das alturas e a maior da América do Sul; o popular Chicote; Carambola (...) Duas vezes por semana em dias úteis das 10 às 12 horas, será franqueado aos collegios públicos e instituições de caridade, afim de que as crianças e os menos favorecidos pela sorte, naquelles momentos de prazer, pondo de lado as maguas quotidianas, possam deliciar o corpo e o espírito numa brincadeira salutar e alegre. Durante dois dias, cinquenta por cento da renda do Parque, será destinada a instituições de beneficencia e caridade de Campinas (CORREIO PAULISTANO, 08/12/1936, p.16).



**Fig. 21** - Retrato de Manoel Valentias Caballero.  
**Fonte:** A Noite, 25/08/1952, p.8.



**Fig. 22** - Aspecto da Roda gigante na Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes.  
**Fonte:** Correio Paulistano, 08/12/1936, p.1.

<sup>126</sup> A grafia do parque variou imensamente ao longo dos anos 1930-1970. Isso se deveu não apenas por conta das mudanças ortográficas que ocorreram no período, mas, também, em função dos editores dos jornais e revistas em que as matérias foram publicadas. Em pesquisa que realizamos junto à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, valemo-nos dos seguintes formatos de busca para a palavra de origem asiática que nomeou o parque: Shanghai, Shangai, Changai, Changhai e Xangai. Isso se mostrou profícuo e nos revelou uma grande circulação da imagem do parque, alimentando um imaginário nacional acerca dos empreendimentos.

Três meses antes, o Parque Shanghai esteve presente na Feira de Amostras de Minas Gerais, sediada na capital Belo Horizonte. Reportagem publicada pelo jornal *Gazeta de Notícias*, previamente à inauguração, salientava que o evento reuniria produções agrícolas e industriais mineiras, exaltando a diversidade natural de seu território. Ademais, defendia que um espírito de integração deveria sobressair entre os expositores, incumbidos de realçar “a potência do organismo econômico e social de Minas”, dotando a celebração de oportuna ocasião para se valorizar o progresso de seu “labor”, obter conhecimento e desenvolver atividades comerciais (A GAZETA DE NOTÍCIAS, 27/08/1936, p.5). Por mais que a feira promovesse exclusivamente a produção local, a matéria descreve a expectativa de se atrair pessoas de todo o país, pois o evento ocorreria paralelamente às comemorações do Congresso Eucarístico<sup>127</sup> e abrigaria o Parque Shanghai, “o mais moderno que percorre a América do Sul”, “destinado a divertir os milhares de visitantes de Belo Horizonte com os aparelhos mais curiosos existentes em diversões do gênero”, proporcionando, em conjunto com as atrações que compõem a celebração, “permanente encantamento” (A GAZETA DE NOTÍCIAS, 27/08/1936, p.5).

Em análise dos vocábulos utilizados nas notícias publicadas na data de sua estreia e no dia posterior observamos tal “encantamento”, gerado pela estrutura tecnológica da feira, ressaltando-se sua “iluminação feérica” (A GAZETA DE NOTÍCIAS, 04/09/1936, p.2). O Parque Shanghai, enaltecido pela imprensa regional tendo em vista o deslumbramento que seus aparelhos mecânicos ocasionavam no público propiciava um completo programa de entretenimento, promovendo “cinema, teatro, música e jogos esportivos”, além do curioso espetáculo de ilusionismo do “professor Von Hauer”, exibição que envolvia a sagacidade do homem com a eficiência da máquina, sucesso em palcos da Europa, da América e da Feira de Amostras do Rio de Janeiro, antes de contemplar o certame mineiro em apresentações limitadas (A GAZETA DE NOTÍCIAS, 27/08/1936, p.5; A GAZETA DE NOTÍCIAS, 03/09/1936, p.5). O ilusionista era apresentado como uma grande personalidade, como veremos na citação a seguir:

Para trabalhar no Parque da Feira de Amostras, foi convidado a vir a Belo Horizonte o professor Von Hauer, para realizar perante o público a sua experiência, deante da qual todas as pessoas, inclusive médicos, ficam pasmadas, por não sabe-la explicar satisfatoriamente (...) Basta assinalar que o

---

<sup>127</sup> O Congresso Eucarístico Nacional é uma celebração católica que ocorre no Brasil desde 1933. Organizado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 1936, o evento teve Belo Horizonte como cidade sede.

professor Von Hauer deita numa mesa operatoria ao seu gabinete, e avista do publico, um individuo amputa-lhe a cabeça, levando-a para uma camara ao lado. Estabelece, a seguir, por meio de tubos de vidros, uma ligação entre o pescoço do decapitado e a cabeça distante cinco metros. E restabelece a vida, por meio de descarga electrica. A assistência sente que corpo e cabeça, embora separados, tem vida, agem, e movimentam-se. E não é possível explicar o phenomeno. O professor Hauer tem proposto à assistência explicações para a sua curiosa experiencia e, embora todos affirmem que ele não realiza o milagre da resurreição, nem por isso dão explicação conveniente sobre seu modo de operar (GAZETA DE NOTÍCIAS, 03/09/1936, p.5).

Como enfatizado por Ângela Brandão em seu estudo sobre o Parque Colyseu, em que analisou reportagens do periódico curitibano *Diário da Tarde*, não é possível isolar o que se noticia de um parque de diversões do contexto social em que está inserido.<sup>128</sup> Assim, percebemos que o destaque concedido aos aparelhos mecanizados do Shanghai que contemplaram a Feira de Amostras Mineira nas publicações do jornal *A Gazeta de Notícias* apareciam relacionados aos demais engenhos expostos no espaço do certame, irradiando-se em eventos dessa finalidade o despertar de uma consciência simbólica em função do avanço da técnica, que intentava demonstrar a capacidade produtiva e o valor de uma nação através das múltiplas invenções ostentadas nos pavilhões em uma sociedade que cada vez mais era estimulada e educada a conviver com as máquinas em seu cotidiano e convencida de que “o futuro era inimaginável sem a influência da indústria sobre o ser humano” (BRANDÃO, 1994, p.46; RYDELL, 1993, p.122, *apud* AL ASSAL, 2014, p.49):

Eis ahi o prestígio e o alcance das exposições: além de agirem como elementos de divulgação e propaganda de riquezas para o exterior, servem ao mesmo tempo para auto-conhecimento de um povo, que trabalha e progride, mas que se mostra, às vezes, demasiadamente modesto, por um conhecimento incompleto de suas forças (A GAZETA DE NOTÍCIAS, 03/09/1936, p.5).

Após temporada em Belo Horizonte e Campinas, o Parque Shanghai integrou, em fevereiro de 1937, a Exposição-Feira Agropecuária e Industrial, ocorrida em Ribeirão Preto, chegando à cidade de São Paulo em meados daquele ano para compor a Exposição do Cinquentenário da Imigração Oficial do Estado, evento que homenageava os imigrantes de diversas nacionalidades que desembarcaram em São Paulo desde as

---

<sup>128</sup> Marianna Ramos Boghosian Al Assal em sua tese de doutorado *Arenas nem tão pacíficas. Arquitetura e projetos políticos em Exposições Universais de finais da década de 1930*, dialogando com a perspectiva de Ângela Brandão, contudo pelo viés da arquitetura, evidencia a impossibilidade de se “investigar a história dos objetos arquitetônicos”, especificamente, em sua produção, as Exposições Universais, separadamente da conjuntura social. Portanto, corroborando as autoras, a análise empreendida sobre o Parque Shanghai está centrada “a partir da preocupação com tramas, diálogos e conexões que se estendem para além do objeto problematizado”, o inserindo em uma “rede maior de variáveis e problemas”, como os do campo lazer e suas formas de expressão e integração à sociedade (AL ASSAL, 2014, p.28-29).

últimas décadas do século XIX. Segundo publicação do jornal *Correio de São Paulo*, os imigrantes, em “cinquenta anos de trabalho incessante” fizeram do Estado um “colosso”, permitindo que adquirisse significativa representação no continente (CORREIO PAULISTANO, 22/03/1937, p.3). Mais uma vez, verificamos, pelo exame das expressões empregadas no periódico, demasiado entusiasmo com celebrações desse feito, notado, inclusive, em entrevista concedida pelo proprietário do Shanghai à imprensa ao elogiar a escolha do Parque Dom Pedro II como sede:

Não podia a Grande Exposição de São Paulo estar localizada em lugar melhor. Conheço todas as grandes capitais do mundo, tenho visitado as maiores exposições mas, nunca vi exposição de tal vulto collocada em um tão lindo jardim, o que torna ainda mais encantadoras as comemorações projectadas (CORREIO PAULISTANO, 20/03/1937, p.4).

No discurso sobre as atrações que constituíram o parque de diversões na exposição, depreende-se a relevância facultada por Gaspar Zaragueta ao certame paulistano, pois sua empresa de diversões que outrora percorreu distintas cidades da América do Sul, dentre elas, “Buenos Aires, Mar del Plata, Montevideu e Rio de Janeiro”, em São Paulo, alcançou exímia magnitude, provendo aparelhos inéditos em sua trajetória no Brasil como o “*Loop in the Looping*” e o “Autódromo” (CORREIO PAULISTANO, 20/03/1937, p.4):

Quanto a minha parte posso informar que o Parque de Diversões será o mais perfeito dos que até agora foram apresentados na América do Sul. Basta lhe citar algumas das diversões “Water Shoot”, “Lanchas Electricas”, “Bicho de Seda”, “Onda do Mar”, “Chicote Maluco”, “Carambola”, “Aviões de Bombardeio”, “Dangler”, e tantos outros, mas quero chamar a atenção para um sensacional, o Autodromo, que São Paulo irá possuir logo depois de Buenos Aires. Trata-se de uma pista à semelhança das grandes pistas automobilísticas, onde todos poderão correr e fazer apostas como bem quizer. É a primeira vez que o publico mesmo toma parte em provas arriscadas, mas, sem perigo algum, tendo-se só a registrar a grande sensação. E São Paulo terá isto tudo na sua Grande Exposição (CORREIO PAULISTANO, 20/03/1937, p.4).

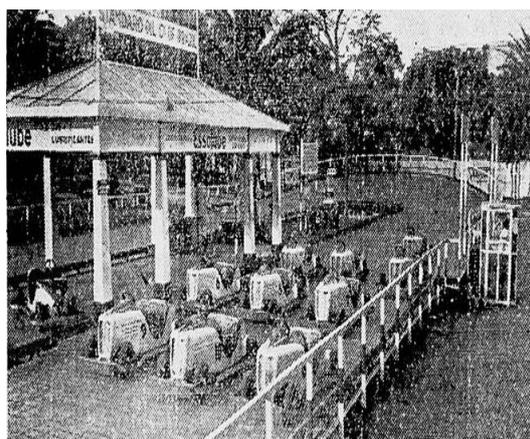
A dimensão do medo como experiência, uma as molas propulsoras da tipologia parque de diversões, aparece no discurso do empreendedor do Parque Shanghai, revelando como o maravilhamento pelo que outrora era visto como arriscado, mas que no parque estava “regrado”, exercia um papel atrativo no público frequentador. Esta procura por elementos de convite à experiência sensorial e a uma nova possibilidade de apreensão do corpo, aparece, também, em outra matéria de jornal, meses depois. Pouco antes de viajar à Europa, em entrevista ao jornal *Correio Paulistano* concedida nas dependências da Exposição do Cinquentenário da Imigração Oficial, Zaragueta revelou a pretensão de visitar a Exposição Universal, sediada em Paris em 1937, para averiguar

as novidades de entretenimento e, conseqüentemente, trazê-las ao Brasil “para que nada fique devendo” às tendências do exterior (CORREIO PAULISTANO, 22/07/1937, p.5). Em outubro daquele ano, já pôde ser notado o resultado da viagem do empreendedor, que promoveu a atração denominada “Pavilhão da Gargalhada” no recinto da X Feira de Amostras do Rio de Janeiro, influenciado pelo contato obtido com equipamento semelhante durante sua prospecção europeia (CORREIO DA MANHÃ, 12/10/1937, p.8). Segundo declaração de seu sócio, Manoel Caballero, ao jornal *A Batalha*:

O Parque Shanghai representa, pode crêr, um esforço inaudito que fizemos para proporcionar as crianças dessa Capital o maior número de diversões possível. E ahi, estão, como prova do que digo, os grandes aparelhos, cujo manejo exigirá o trabalho de cinquenta e cinco técnicos, além de 600 empregados de outras categorias. O meu sócio, sr. Zaragueta, trouxe interessantíssimas novidades de volta de uma visita à Exposição de Paris. Dentre essas novidades destacamos o Pavilhão das Gargalhadas (...) que certamente cairá no agrado do público. Destinado a provocar o riso em todos que o visitarem, “o Pavilhão da Gargalhada” consta de trinta motivos diferentes para arrancar gargalhadas (A BATALHA, 10/10/1937, p.2).



**Fig. 23** - Water Shoot. X Feira internacional de Amostras do Rio de Janeiro.  
**Fonte:** A Batalha, 10/10/1937 p. 2.



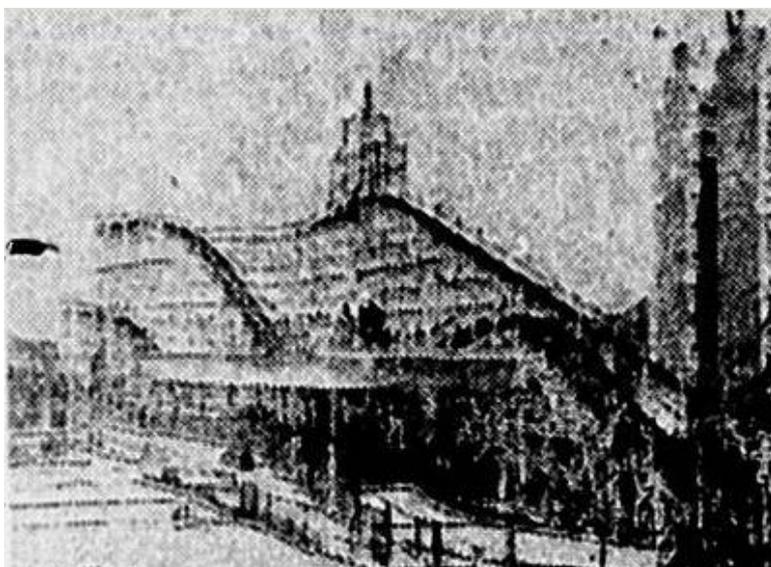
**Fig. 24** – Autódromo. X Feira internacional de Amostras do Rio de Janeiro.  
**Fonte:** A Noite, 06/10/1937, p.6.

Mais que o incremento simultâneo<sup>129</sup> de tendências que integravam os centros de diversões de exposições ocorridas em diversas cidades do mundo, na década de 1930, o Parque Shanghai oferecia nos eventos em participava “espetáculo de grande vulto, igualável”, de acordo com reportagem do jornal *A Batalha*, “a maravilhosa *Coney Island*”<sup>130</sup> (A BATALHA, 10/10/1937, p.2). Notícia publicada no jornal *Diário de*

<sup>129</sup> A Exposição Universal de Paris ocorreu entre maio e novembro de 1937.

<sup>130</sup> Curioso perceber que além de vocábulos que exaltavam a estrutura do Parque Shanghai, a imprensa promovia comparações com locais “referência” em diversão mecanizada e utilizava o “mundo da fantasia” para enaltece-lo no período. Notícia publicada no jornal *A Noite*, em 06 de outubro de 1937,

*Notícias* corrobora tal perspectiva, salientando que a celebração carioca de 1937 foi composta por 56 divertimentos (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 08/10/1937, p.7). Além de listar os inúmeros equipamentos que o Shanghai disponibilizou aos visitantes da X Feira de Amostras do Rio de Janeiro, alguns periódicos realçaram que seu capital girava em torno de oito mil contos de réis, o que permitiu o planejamento, conjuntamente com o Estado, para a exposição de 1938 de uma excepcional atração: a maior montanha russa – conforme as publicações de época – oferecida em um parque de diversões naquele momento, com extensão superior a um quilômetro, que superou a construída na Exposição de Paris, que possuía 820 metros, mediante investimento superior a mil contos de reis, cerca de 1/8 do patrimônio da empresa de diversões (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 08/10/1937, p.7; DIÁRIO DA NOITE, 11/10/1938, p.3).



**Fig. 25** - Aspecto da Montanha Russa construída na XI Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro.

**Fonte:** Diário da noite, 11/10/1938, p.3

Ao percorrer as publicações dos jornais do Rio de Janeiro da década de 1930, percebeu-se a estreita relação entre os diretores do Parque Shanghai e as autoridades governamentais, que demonstravam considerável satisfação com o empenho empregado para o oferecimento de “novidades” a cada ano, na Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro (A NOITE, 06/10/1937, p.6).

Exibindo “grandiosos atrativos”, celebrações desse porte atraíam numeroso público,<sup>131</sup> se configurando como significativa oportunidade para o fortalecimento

---

intitulada, “Uma visita ao paiz das maravilhas”, revelou o encantamento do repórter ao percorrer a estrutura do Shanghai na X Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro, comparando sua sensação com a de Alice quando adentrou o “país das maravilhas” (A NOITE, 06/10/1937, p.6).

<sup>131</sup> Notícia publicada pelo Jornal *A Noite* revelou que mais de 30 mil pessoas, inclusive “altas autoridades civis”, compareceram a uma festividade prevista no calendário da Feira Internacional de

político por meio da exaltação do progresso econômico e tecnológico da nação e de iniciativas de afirmação ideológica.<sup>132</sup> Não à toa, no ano de estréia da montanha russa na XI Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro, ocasião marcada por enorme expectativa, noticiada nos jornais desde a exposição anterior, adquirindo status de um dos eventos mais esperados do calendário carioca de 1938, uma Exposição do Estado Novo foi montada em seu espaço, buscando evidenciar as supostas benesses do regime instaurado em 1937 sob o comando de Getúlio Vargas (O IMPARCIAL, 18/12/1938, p.3).

A colaboração do Parque Shanghai à Exposição do Estado Novo também foi publicada nos jornais, asseverando sua proximidade com a administração política, aproveitando-se a empresa de diversões do potencial das iniciativas do governo nessas

---

Amostras idealizada em homenagem a Polícia Militar. Naquela data, para além da exibição de objetos históricos da corporação e a promoção de espetáculos esportivos e musicais, “curiosamente”, foram sorteados passeios aéreos sobre a cidade organizados pelas Companhias VASP e PANAIR em parceria com o governo, gerando considerável interesse no público que compareceu na celebração (A NOITE, 10/01/1939, p.2). A aviação, mais precisamente, “a conquista dos ares pelo homem”, desde o início do século XX, provocou grande repercussão social, tornando-se um dos símbolos do fascínio humano pelas inovações tecnológicas. Em São Paulo, como pontuado por Nicolau Sevchenko, em *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*, os vôos realizados pelo aviador Edu Chaves, especialmente, “o primeiro *raid* São Paulo – Rio de Janeiro”, a bordo de seu Bleriot de 80 hp, em 1914, em que simultaneamente bateu os recordes sul-americanos de velocidade e distância, causou grande impacto, sendo noticiada à façanha em jornais da época, dentre eles, o *Correio Paulistano* (SEVCENKO, 1992, p.80) Matéria publicada em sua capa expõe que Chaves foi ovacionado por curiosos e outros aviadores, além de recebido pelo presidente da república, Marechal Hermes da Fonseca, após aterrissar no Campo dos Affonsos num vôo de quatro horas e vinte cinco minutos de duração (CORREIO PAULISTANO, 06/07/1914, p.1). Brandão corroborando essa perspectiva enfatiza a sedução provocada pelo vôo como o mais extraordinário fato dos primórdios do século XX, afirmando que os primeiros aeroplanos decolaram em 1906, podendo ser observada em 1911 exibições no espaço aéreo paulista (BRANDÃO, 1994, p.38). Contudo, a subida de um balão, promovida pela aeronauta Maria Aida, em 1909, em Curitiba, é o caso mais emblemático que aparece na obra da autora evidenciando o encantamento gerado pelo ar e a “florescente técnica” nos indivíduos. Após duas tentativas frustradas, formação de romarias e cobrança de ingressos para contemplação da partida do balão, Aida obteve sucesso no vôo, que atingiu cerca de 300 metros de altura e terminou sobre a Catedral da cidade levando o público ao delírio (BRANDÃO, 1994, p.41). Como no vôo curitibano, que se tornou espetáculo de grande significância por seu caráter inovador, ainda não factível a grandes públicos, a oportunidade de se desfrutar de uma aventura aérea foi explorada na Feira de Amostras de 1938 como uma ação de exaltação progressista, especificamente nesse evento, como celebração do emergente regime político instituído há um ano.

<sup>132</sup> Em 16 de novembro de 1938, reportagem publicada pelo *Jornal do Brasil*, revelou a existência de um pavilhão na XI Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro onde representantes do Ministério da Justiça “educavam” politicamente os cidadãos brasileiros combatendo a propagação do comunismo (JORNAL DO BRASIL, 16/11/1938, p.6). Marianna Al Assal investigando exposições universais ocorridas na década de 1930 nos alerta sobre sua “utilidade e eficácia” na legitimação de projetos políticos do período (AL ASSAL, 2014, p.43). À vista disso, evidencia que autoridades políticas em parceria com “homens do capital” se empenhavam em promovê-las, pois se configuravam como espaços privilegiados de comunicação com a população, instrumento “pedagógico e propagandístico”, onde se disseminava um “discurso” de prosperidade por meio da exaltação da ciência e da tecnologia (AL ASSAL, 2014, p. 51-52).

grandes celebrações para se promover, do mesmo modo que este fazia com relação ao evento e seus expositores (GAZETA DE NOTÍCIAS, 10/01/1939, p.9):<sup>133</sup>

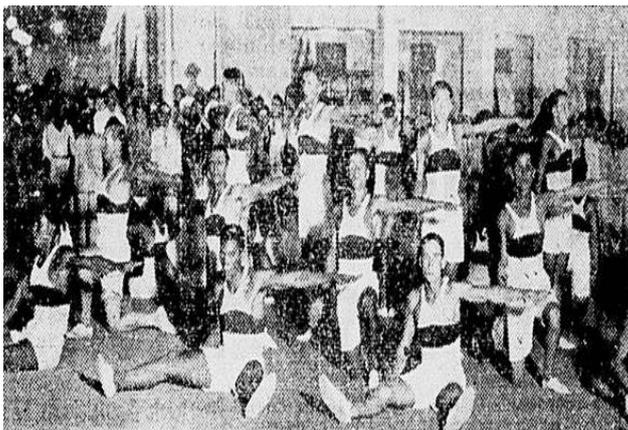
Comunica-nos a Empresa do Parque Shangai: “No desejo de colaborar para o maior brilho da Exposição Nacional do Estado Novo, a Empresa do Parque Shangai resolveu estabelecer preços populares em seus principais aparelhos de diversões”. Os aparelhos que funcionarão durante a referida mostra com preços reduzidos são: “Montanha Russa”, “Polvo”, “Water-shoot”, “Lind-looping”, “Palácio das Gargalhadas”, “Em Roma antiga” (A NOITE, 10/12/1938, p. 6).



**Fig. 26** - Anúncio do Parque Shangai na XI Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro.

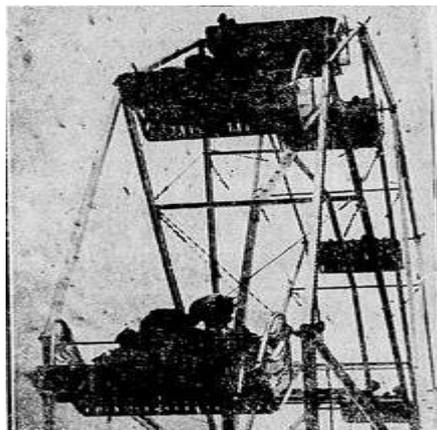
**Fonte:** Jornal do Brasil, 08/11/1938, p. 12.

<sup>133</sup> Al Assal destaca que entre 1937 e 1945, período em que o Brasil esteve sob “regime estadonovista”, ancorado em uma doutrina nacionalista, priorizando investimentos no setor industrial, o governo, atuando sobre o “imaginário coletivo” através de uma política intervencionista, intentando construir uma “identidade nacional unificadora”, bem como buscando consolidar a imagem de um país robusto, se amparava na ideologia do progresso. Dessa maneira, não podemos deixar de ponderar que influenciado pelo extenso programa de exposições universais celebradas desde o século XIX, especialmente seu êxito em uma perspectiva de política de massas, o “Regime Vargasista” incentivou à difusão de exposições regionais, nacionais e internacionais pelo território do país. Analisando as Feiras Internacionais de Amostras ocorridas na capital da República entre 1937 e 1940, percebemos pela sua ampla divulgação midiática; na ênfase dada a uma estética monumental, evidente em sua arquitetura, inclusive na estrutura construída pelo Parque Shanghai; no conteúdo programático elaborado, que abrigava atividades de cunho ideológico e fomentava os mais variados aspectos da indústria nacional; somadas a iniciativas de incentivo à frequência, tendo em vista as homenagens, franquias, entre outras ações promocionais, a utilização e serventia dessas celebrações, compreendidas como “zonas de contato” e espaço de “diálogo”, como “artefato político”, instrumento de sedução e manipulação social pelo viés da espetacularização (AL ASSAL, 2014, p.17-44). Nessa ótica, o lazer, e sua “dimensão mecânica”, nos eventos citados a cargo do Parque Shanghai, tornava-se mais um elemento de corroboração de um discurso de poder, frutífero por mobilizar significativo número de pessoas que interagiam em seus equipamentos e por consequência com outros atrativos convenientemente selecionados para composição dessas celebrações, sendo objeto de instrução e fortalecendo perspectivas sociopolíticas e econômicas mediante o encantamento produzido pela tecnologia (AL ASSAL, 2014, p.17-44; OLIVEIRA; RIGHI, 2002, p.28).



**Fig. 27** - Demonstração esportiva da Polícia Militar durante a Exposição do Estado Novo realizada na XI Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro.

**Fonte:** A Noite, 10/01/1939, p. 2.



**Fig. 28** - Militares e famílias se divertindo na roda gigante do Parque Shanghai no dia das “Classes Armadas” na XII Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro.

**Fonte:** Diário Carioca, 12/12/1939, p. 3.

Contrato de locação de uma área firmado com a prefeitura em 05 de junho de 1938 para participar da XI Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro ratifica, igualmente, a boa relação entre o poder público e a iniciativa privada, sendo uma das cláusulas do documento, a concessão de um prazo de cinco anos para o Shanghai explorar as atividades do setor de divertimentos do evento (TERMO DE CONTRATO, 05/06/1938). Embora a municipalidade não garantisse exclusividade, frisando, no contrato, que outras instituições poderiam desenvolver paralelamente ao Shanghai atividades de lazer e entretenimento tanto nas Feiras Internacionais de Amostras, quanto em outras ocasiões e espaços da cidade, ofícios de concorrência para instalação de parque de diversões, como da Empresa N. Viggiani, quando chegavam à Diretoria de Turismo e Propaganda acabavam não obtendo aprovação,<sup>134</sup> o que pode indicar a preferência pela empresa de diversões de Gaspar Zaragueta e Caballero (EXMO. SNR. INTERVENTOR DO DISTRITO FEDERAL, 1937). Ao observar ofício encaminhado por Manoel Caballero, em 1937, ao Diretor de Turismo e Propaganda, outra informação

<sup>134</sup> Em 1939, ofício encaminhado por Joracy de Camargo solicitando uma área de três mil metros quadrados para implantação de um parque de diversões na XII Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro, como o da empresa N.Vigianni em 1937, acabou não sendo aprovado pelo Diretor de Turismo e Propaganda do Rio de Janeiro. Além de uma possível preferência, outros indícios podem explicar o motivo dessas solicitações serem ignoradas. Segundo regulamento da Feira de Amostras de 1937, os expositores veteranos detinham preferência em detrimento de novos interessados nos trinta primeiros dias após aberta a concorrência (REGULAMENTO X FEIRA INTERNACIONAL DE AMOSTRAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, 1937, p.7).

salta aos olhos: a possibilidade de permanência do parque no espaço em que se desenvolveu o evento após seu término. Ao que tudo indica, o Parque Shanghai, no período em que tinha como principal característica a itinerância, obteve a experiência de se fixar, ainda que com um número menor de equipamentos, comprometendo-se a ampliar seu exercício de acordo com o calendário de festejos promovidos pelo órgão governamental, como nos meses da referida feira (SR. DIRETOR DE TURISMO E PROPAGANDA, 31/05/1937):

Inicialmente, volta a accentuar o proponente, o seu parque de diversões será constituído de 10 aparelhos escolhidos e determinados pelo proponente (...) Toda vez que a Diretoria de Turismo e Propaganda necessitar, para brilho de festejos que o parque de diversões tome um caracter de maior vulto, o proponente se compromete a instalar os aparelhos (...) necessários a esse fim (...) Fica entendido que essa determinação lhe será feita em prazo razoável (SR. DIRETOR DE TURISMO E PROPAGANDA, 31/05/1937).

Voltando ao exame do contrato estabelecido com a prefeitura em 1938, outra cláusula também nos desperta atenção. Previa-se a construção da Montanha Russa no certame daquele ano, bem como se exigia que o Shanghai, a cada feira, oferecesse ao menos cinco novas atrações por evento:

Cláusula segunda – Constituirão esse Parque, entre outras diversões, a denominada “Montanha Russa” com um percurso aproximado de um (1) quilômetro, sendo sua corrente principal de elevação dos carros por meio de um plano inclinado, de mais de quarenta (40) metros de comprimento, e cinco (5) novos aparelhos, perfazendo durante o prazo a que se refere a clausula primeira, no mínimo, um total de vinte e cinco (25) novas atrações ainda não oferecidas ao conhecimento público (TERMO DE CONTRATO, 05/06/1938).

Tal determinação pôde ser verificada em ofício encaminhado ao Interventor do Distrito Federal Henrique Dodsworth,<sup>135</sup> em que os representantes do Parque Shanghai ao confirmarem presença na XII Feira Internacional de Amostras, em 1939, destacaram que entre as atrações que seriam ofertadas na celebração,<sup>136</sup> cinco seriam inéditas, inteiramente desconhecidas no Brasil, lançadas anteriormente na Feira Internacional de Nova Iorque (EXMO. SR. PREFEITO DO DISTRITO FEDERAL, 15/07/1939). Além de brinquedos como “Carrossel Americano”, “Chicote Americano”, contemplados em eventos pelo Brasil, ao menos desde 1936, e de atrações como “*Loopin the looping*”,

---

<sup>135</sup> Henrique de Toledo Dodsworth (1895-1975) foi Interventor do Rio de Janeiro entre 1937 e 1945.

<sup>136</sup> Publicação do *Jornal do Brasil* exalta a estrutura do Parque Shanghai na XII Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro, revelando o oferecimento de 57 aparelhos mecânicos. Tendo em vista as emoções que provocava nos frequentadores, este periódico lamentava o “caráter transitório” em que o Shanghai operava com toda sua “potência” na cidade, que se ressentia da falta de espaços adequados para fruição de “lazer sadio” a “preços módicos”. Ademais, a reportagem, salientou a importância dessa empresa de diversões na geração de empregos temporários, em torno de “meio milhar”, durante o evento (JORNAL DO BRASIL, 14/12/1939, p.13).

“Pavilhão das Gargalhadas” e “Montanha Russa”, surgidas entre 1937 e 1938, a partir de 1939, o Parque Shanghai passou a disponibilizar no Recinto da Feira de Amostras do Rio de Janeiro o “Tufão”,<sup>137</sup> a “Torre para Lançamento de Paraquedas”,<sup>138</sup> dois “Acroplanos”,<sup>139</sup> o “Trem Pneumático”,<sup>140</sup> e o “Trem Fantasma”<sup>141</sup>, despendendo Cr\$ 709 mil na compra desses equipamentos<sup>142</sup> (EXMO. SR. PREFEITO DO DISTRITO FEDERAL, 15/07/1939).

Atrações não mecanizadas que contemplaram a Feira de Amostras de 1939, segundo publicação do jornal *A Noite Ilustrada*, propiciaram equivalente encantamento nos milhares de pessoas que a visitaram, destacando-se exibições de danças indígenas e africanas<sup>143</sup> e as atuações das personagens Tarzan e Renée, domadores de animais:

A temporada atual da Feira Internacional de Amostras tem oferecido ao público carioca as mais extravagantes e sedutoras novidades. Nenhuma, porém, até agora, conseguiu impressionar mais do que os espetáculos, verdadeiramente

---

<sup>137</sup> Das cinco novidades apresentadas na XII Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro o “Tufão” foi a atração mais cara, custando Cr\$ 280 mil. Tendo o aço como sua principal matéria-prima, esse equipamento era constituído por quatro carros redondos enganchados a um disco. Seu funcionamento, inicialmente, previa que os carros “girassem vertiginosamente”, até que em um dado momento, através de um “dispositivo” do brinquedo, cada um se desprendia do disco, que em “virtude da força centrífuga que o movimentava, lançava os carros para fora do perímetro em uma lona”. Após essa etapa, os carros chegavam a um túnel até atingir a estação para serem ocupados por novos passageiros (EXMO. SR. PREFEITO DO DISTRITO FEDERAL, 15/07/1939).

<sup>138</sup> Apresentado como o aparelho de maior sucesso da Feira de Nova Iorque, a “Torre para Lançamento de Paraquedas” era constituída de uma torre metálica, uma plataforma, cordas, um paraquedas de seda de sete metros de diâmetro, uma escada e um elevador para transporte. Lançado da plataforma pelos ares, após chegada em terra firme, o participante era agraciado com um diploma e um distintivo que simbolizavam sua coragem. Os diretores do Parque Shanghai investiram Cr\$175 mil nesse equipamento (EXMO. SR. PREFEITO DO DISTRITO FEDERAL, 15/07/1939).

<sup>139</sup> O “Acroplano” era um aparelho feito de alumínio e simulava a pilotagem de um avião. Na descrição da atração, é salientado que pessoas experientes no manejo de avião teriam mais facilidade de controlar o brinquedo e poderiam arriscar manobras especiais. O Parque Shanghai empregou Cr\$14 mil no desenvolvimento de dois “Acroplanos” (EXMO. SR. PREFEITO DO DISTRITO FEDERAL, 15/07/1939).

<sup>140</sup> O “Trem Pneumático” circulava pela estrutura do Parque Shanghai. Cada viagem abrigava trinta de dois passageiros. Foi apontado como o equipamento de diversão “mais democrático”, permitido a adultos e crianças. Segundo a descrição, aparelhos semelhantes já haviam conquistado os públicos das Feiras de Paris, Nova Iorque e São Francisco. Um investimento de Cr\$40 quarenta mil foi realizado nesse equipamento (EXMO. SR. PREFEITO DO DISTRITO FEDERAL, 15/07/1939).

<sup>141</sup> O “Trem Fantasma” era constituído por carros de dois lugares, que com passageiros, adentrava um pavilhão “adornado de figuras sinistras móveis”. O percurso do pavilhão marcado curvas, retas e zig-zags era de 200 metros. Além de se deparar com as “figuras sinistras”, no caminho o expectador era assombrado com ruídos. O Parque Shanghai desembolsou Cr\$200 mil em sua produção (EXMO. SR. PREFEITO DO DISTRITO FEDERAL, 15/07/1939).

<sup>142</sup> O Periódico *Diário da Noite* também noticiou que equipamentos advindos dos EUA fariam parte das atrações do Parque Shanghai na Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro. Em 1940, entre as novidades, destacaram-se: o “*Tumble Bug Ride*” e o “*Stratoship*” (DIÁRIO DA NOITE, 22/07/1940, p.3).

<sup>143</sup> Atrações desse gênero, articuladas pelo Parque Shanghai na Feira Internacional de Amostras de 1939, remetem à tradição das exposições universais de fins do século XIX, em que se difundia como estratégia de sedução a montagem de espetáculos que exploravam territórios e personagens exóticos alicerçados ao fascínio dos apetrechos mecânicos visando promover à noção de “fetiche-mercadoria” a uma cultura de massa (FOOT HARDMAN, 2005, p.63; AL ASSAL, 2014, p.38).

impressionantes, que vem proporcionando aos frequentadores do recinto do Grande Certame Municipal, o Parque Shanghai, um autentico repositório das mais inéditas emoções. Tarzan e Renée, a singular, linda e misteriosa domadora de jacarés e serpentes, têm constituído, desde a inauguração da Feira de Amostras, um assombroso espetáculo. Assombroso por tudo, assombroso pelos numeros sensacionais que apresenta, assombroso pelo sangue frio e pela coragem, absolutamente selvagem das suas figuras centrais. Renée, a domadora de jacaré, é um tipo singular de mulher. É de se espantar a coragem sem limites dessa linda filha de Eva, tornando dócil à sua feminina vontade os mais ferozes jacarés, arrebatada ver seu corpo lindo, um conjunto de linhas harmoniosíssimas, envolto pela superfície oleosa e perigosa de cobras imensas!(...) Tarzan, tipo Adonis, portador de inacreditável força muscular, tornando vermes aos seus pés os mais diversos e potentes animais!(...) O Parque Shanghai da Feira de Amostras, constitue um espetáculo inédito e assombroso para os olhos do carioca. Nada menos de 70.000 pessoas já experimentaram as emoções que oferecem os deslumbrantes espetáculos do Parque Shanghai (A NOITE ILUSTRADA, 22/12/1939, p.16).



**Fig. 29** - A Personagem Renée em fotografia realizada na XII Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro.

**Fonte:** A Noite Ilustrada, 22/12/1939, p.16.



**Fig. 30** - Em destaque, na fotografia, a personagem Tarzan e outros artistas que animavam o público no Parque Shanghai na XII Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro.

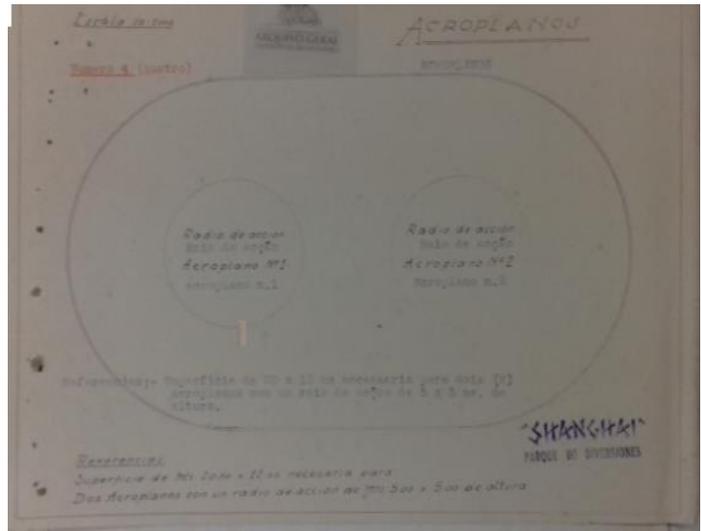
**Fonte:** Jornal A Noite Ilustrada, 22/12/1939, p.16.



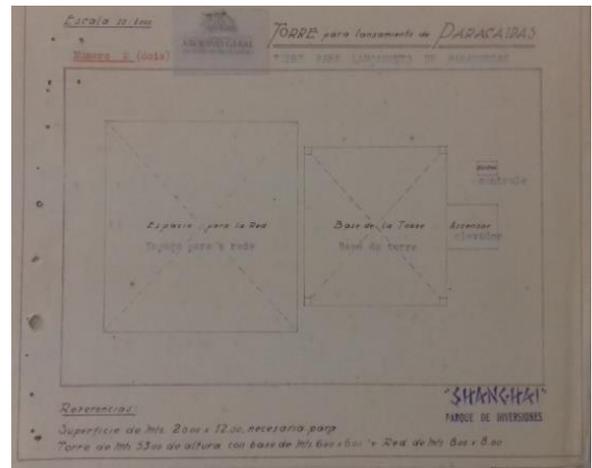
**Fig. 31** - Partida de um comboio da montanha russa construída pelo Parque Shanghai na Feira de Amostras de 1939.

**Fonte:** Jornal do Brasil, 14/12/1939, p.13.

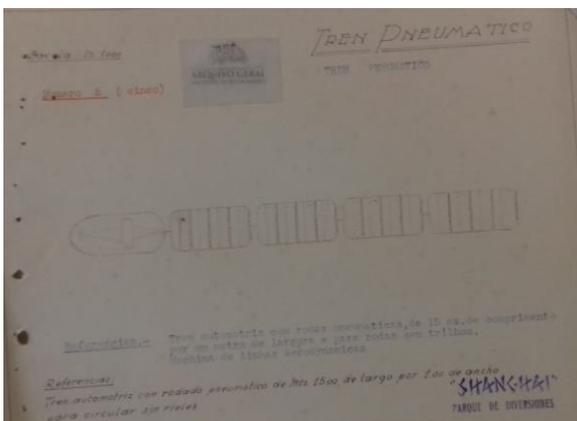
**Fig. 32** - Croquis da atração Acroplano oferecida pelo Parque Shanghai na Feira de Amostras de 1939.  
**Fonte:** Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro



**Fig. 35** - Torre para Lançamento de Paraquedas em Coney Island, Nova York, 1916 – F. Atique.



**Fig. 33** - Croquis da atração Torre para Lançamento de Paraquedas oferecida pelo Parque Shanghai na Feira de Amostras de 1939.  
**Fonte:** Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.



**Fig. 34** - Croquis da atração Trem Pneumático oferecida pelo Parque Shanghai na Feira de Amostras de 1939.  
**Fonte:** Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

No final da década de 1930, confirmando ascensão no Brasil, o Parque Shanghai



**Fig. 36** - Anúncio da Exposição Nacional de Pernambuco divulgando a presença do Parque Shanghai e as atrações oferecidas no evento.

**Fonte:** Diário de Pernambuco, 19/12/1939, p.5.

Porto Alegre sediada no Parque Farroupilha (DIÁRIO CARIOCA, 16/11/1938, p.6). Em novembro de 1939, publicação do *Jornal do Brasil* salientava que os “equipamentos mais importantes” do Parque Shanghai já estavam instalados no recinto da Feira de Amostras de Pernambuco<sup>144</sup> que seria inaugurada em 16 dezembro de 1939<sup>145</sup> (JORNAL DO BRASIL, 10/11/1939, p.1). Enaltecendo o seu renome internacional, em função de sua participação em distintos eventos em países sul-americanos, atestada na manchete, “contractado o afamado Parque Shanghai de Buenos Aires”, e levando em conta também sua capacidade de atrair grande público, tendo em vista experiências bem sucedidas na Capital Federal do país, de maneira surpreendente, a divulgação de sua contratação para o certame recifense<sup>146</sup> começou a ser anunciada

também participou de celebrações em Porto Alegre e Pernambuco. Em novembro de 1938, notícia do periódico *Diário Carioca* revelou que o Parque Shanghai do Rio de Janeiro, o “mais completo da América do Sul” na época, contemplaria em janeiro de 1939 a Feira de Amostras de

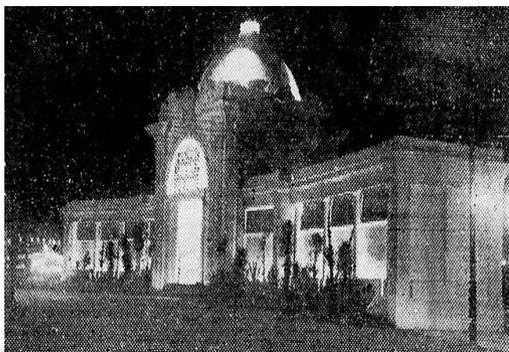
<sup>144</sup> O periódico Diário de Pernambuco denomina o evento de Exposição Nacional de Pernambuco. Segundo *O Jornal*, foram instaladas 38 bilheterias nesta exposição, estruturada em uma área de 110 mil metros quadrados. Organizada pelo interventor Agamenon Magalhães, a feira recebeu milhares de visitantes, abrigando além do Parque Shanghai, bar, restaurante, sorveteria, pavilhões para venda de leite maltado e bebidas regionais (O JORNAL, 17/01/1940, p.7).

<sup>145</sup> Notícia publicada no jornal *A Noite* apontou a participação do Parque Shanghai na V Festa da Mocidade no ano de 1941 em Recife. Realizada anualmente no Parque Treze de Maio, esta celebração recebeu a empresa de diversões em algumas ocasiões até meados da década posterior. Compreendemos, dessa forma, que, mesmo após se fixar em outras capitais brasileiras, o Shanghai permaneceu atuando de maneira itinerante em outras localidades do país. Além da capital pernambucana, o levantamento de fontes nos permitiu perceber que este centro de diversões se estendeu para outras “cidades setentrionais” do país, dentre elas, Campina Grande (A NOITE, 18/11/1941, p.5; DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 09/11/1950, p.11; DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 02/12/1956, p.8).

<sup>146</sup> Do mesmo modo que a Feira de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro de 1938, a Exposição Nacional de Pernambuco, além de comportar, apresentar e valorizar produções nacionais, foi explorada como artifício político. Em meio aos pavilhões empresariais, comemorações religiosas e a estrutura de diversões, uma série de conferências anticomunistas foram organizadas no recinto da exposição. Realizadas no Pavilhão do Ministério da Justiça, as palestras contaram com participações de autoridades políticas e militares, acadêmicos, religiosos e jornalistas (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 04/01/1940, p.2; DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 06/01/1940, p.3).

com cinco meses de antecedência pelo periódico local *Diário de Pernambuco* (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 09/07/1939; DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 30/07/1939, p.5):

O Commissario Geral da Grande Exposição Nacional de Pernambuco acaba de elaborar um plano de diversões para o publico que todas as noites accorrerá ao recinto do certamen. Esse cuidado que os dirigentes da exposição estão tendo para com a parte diversional da mesma, é elogiável, pois que, o êxito de taes certamens depende, sobretudo, do maior numero de visitantes ao seu recinto. Obedecendo a essa orientação o Commissario da Exposição, contratou o Parque Shanghai, de Buenos Aires. O Parque Shanghai é constituído de aparelhos diversionaes, de sensação, sendo na sua maioria, inéditos para o Recife. Além desses aparelhos o “Shangai” possui annexado à sua organização um grupo de curiosidades artisticas, magicos, athletas, etc. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 30/07/1939, p.5).



**Fig. 37** - Fachada do Pavilhão da Prefeitura de Recife instalado na Exposição Nacional de Pernambuco.  
**Fonte:** O Jornal, 17/01/1940, p.7.



**Fig. 38** - Fachada do Pavilhão da Anti-Comunismo instalado na Exposição Nacional de Pernambuco.  
**Fonte:** O Jornal, 17/01/1940, p.7.

Em 1940 ocorreu a última participação do Parque Shanghai na Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro. Ofício encaminhado à Diretoria do Departamento de Turismo<sup>147</sup>, em junho daquele ano, indicou que este evento sediado desde 1928<sup>148</sup> em um terreno, fruto do aterro onde seria construído o Aeroporto Santos Dumont, porção central da cidade, após sua inauguração em 1936, e na medida da

<sup>147</sup> Referimo-nos ao ofício *Exmo. Snr, Dr. Georgino Avelino. M.D. Diretor do Departamento de Turismo e Certamens* (EXMO. SNR, DR. GEORGINO AVELINO. M.D. DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE TURISMO E CERTAMENS, 06/1940).

<sup>148</sup> Criada pelo decreto nº2732, de 07 de janeiro de 1928, na gestão do Prefeito Antonio Prado Junior, a Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro surgiu com objetivo de divulgar e expandir o progresso manufatureiro e a produção agrícola nacional, se configurando como ponto de concentração de propaganda, estimulando relações comerciais entre os Estados, além de auxiliar na ampliação das correspondências com outras nações. Dados apresentados pelo jornal *Correio da Manhã*, em 1940, revelam que nas treze edições a Feira de Amostras recebeu mais de 05 milhões de visitantes, destacando-se o certame de 1934, comemorativo da fundação do Distrito Federal, que em 84 dias de duração abrigou 941.606 pessoas, e as celebrações de 1937 e 1938, com quarenta e seis e quarenta dias de duração respectivamente, que mediante programação que aliava novidades tecnológicas e educação cívica fomentaram o florescente regime político estadonovista angariando em conjunto o público de 1.378.736 pessoas (CORREIO DA MANHÃ, 08/12/1940, p.10).

expansão de seus compartimentos, suprimiu considerável área da Feira de Amostras. Após ser atestada a impossibilidade de permanência naquele local, como alternativa para continuidade dessa celebração em 1941, no documento oficial foi sugerida à transferência do evento para um terreno de 100 mil metros quadrados próximo à Lagoa Rodrigo de Freitas, entre a Avenida Epitácio Pessoa e a Rua Jardim Botânico. Contudo, a XIV Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro, ressurgiu apenas quinze anos mais tarde, novamente na porção central do Rio de Janeiro, mais precisamente, na Avenida Antonio Carlos, Esplanada do Castelo. Não existem indícios da presença do Parque Shanghai nesta edição (TRIBUNA DE IMPRENSA, 15/07/1955, p.4).

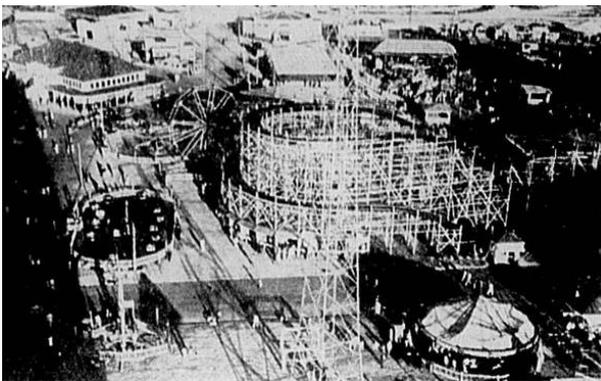
Os jornais que versam sobre o Parque Shanghai na Feira de Amostras de 1940 destacam os novos divertimentos mecânicos implementados pela empresa, dentre eles, a “Tartaruga”, equipamento de “grande dimensão, pesando cerca de 120 toneladas e movido por cinco motores de quarenta cavalos”; o “Estratosfero”, que “funcionava sobre pressão da água”; a “Batedeira” e o “Trampolim do Diabo”, que “provocavam sensações inusitadas no público”; o Carrossel Aquático, destinado às crianças, frisando, ademais, que atrações de fabricação nacional, como a “Rumba”, também passaram a ser ofertadas em seu espaço (O RADICAL, 03/12/1940, p.4; CORREIO DA MANHÃ, 08/12/1940, p.10; JORNAL DO BRASIL, 12/12/1940, p.11; O JORNAL, 24/06/1941, p.8) Ocorrida durante a II Guerra Mundial, a XIII Feira Internacional de Amostras, se notabilizou pela ampliação do número de expositores brasileiros, que tiveram suas proezas divulgadas pela imprensa. O setor de produção de bens domésticos foi um dos destaques dessa celebração, pois ascendera em função do corte de importações de produtos desse gênero do mercado alemão (CORREIO DA MANHÃ, 08/12/1940, p.10; CORREIO DA MANHÃ, 12/12/1940, p.5).

Mais que os feitos fabris nacionais, em 1940, o entusiasmo gerado pelo parque, na Feira, suscitou uma postura crítica da imprensa em relação à exiguidade de espaços aprazíveis de lazer na cidade para o desfrute da população carioca. Comparado novamente ao *Luna Park* nova-iorquino, que a essa altura já havia se consolidado como “cânone” do setor, matérias veiculadas pela *A Noite*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* lastimavam sua efemeridade, indicando o Shanghai como um dos únicos “ambientes salutareis” de recreação das massas do Rio de Janeiro, equivalendo-se a um “centro de curas, um verdadeiro sanatório de onde as pessoas saem contentes após terem sujeitado o corpo e o espírito a sensações inigualáveis e inesquecíveis” (CORREIO DA

MANHÃ, 08/12/1940, p.10; JORNAL DO BRASIL, 12/12/1940, p.11; JORNAL DO BRASIL, 20/12/1940, p.11; A NOITE, 19/11/1940, p.6). Essa curiosa descrição nos possibilita traçar óbvio paralelo com as concepções de lazer difundidas no período, certificando sua utilidade à sustentação de um “bem estar” individual e social.

No mês anterior à última participação na Feira de Amostras do Rio de Janeiro, o Parque Shanghai finalizou suas atividades na I Feira Nacional de Indústrias, sediada na cidade de São Paulo. Inaugurada em 07 de setembro de 1940, como a feira carioca e outras organizadas no território nacional na década antecedente e que contaram com a presença da empresa de diversões, o evento paulistano, patrocinado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e apoiado pelo Governo Federal foi coberto pela imprensa, que com a erupção do conflito bélico que envolvia as principais potências do planeta, o celebrava, em alusão à conquista da emancipação política há pouco mais de um século, como a “coroação da independência econômica do país”, a obtenção de sua “libertação industrial”. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 07/09/1940, p.1):

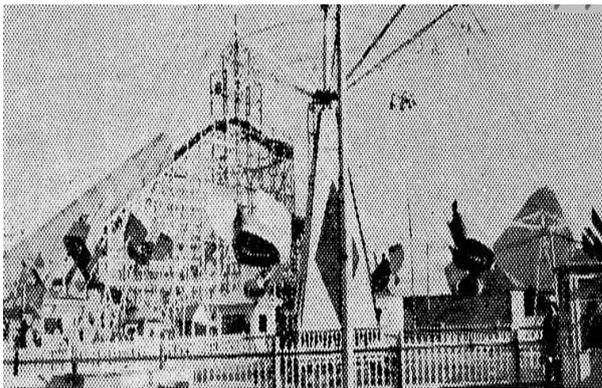
Somos o que somos, porque, ha mais de um seculo, a partir de 7 de Setembro de 1822, tomamos o caminho do trabalho e das realizações. Nosso esforço foi tão grande que, mau grado todos os obstaculos, realizamos no Brasil um mundo differente (...) É hoje que se inaugura no Parque Antarctica, a Feira Nacional de Indústrias, sob auspícios da Federação das Industrias do Estado de São Paulo. O apoio da Federação dá, só por si, uma ideia da importancia do certame que hoje se inaugura (...) A Federação é o centro econômico do maior parque industrial desta parte do Continente: A Feira Nacional de Indústrias é a sua imensa vitrina, aberta sobre o Brasil e sobre o mundo. Trata-se de uma realização que, só por si, representa o apoio do paiz á victoriosa politica de emancipação econômica dos Governos Federal e Estadual (O ESTADO DE SÃO PAULO, 07/07/1940, p.1).



**Fig. 39** - Vista Panorâmica do Parque Shanghai na XIII Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro. Em destaque a Montanha Russa.  
**Fonte:** O Radical, 03/12/1940, p.4.

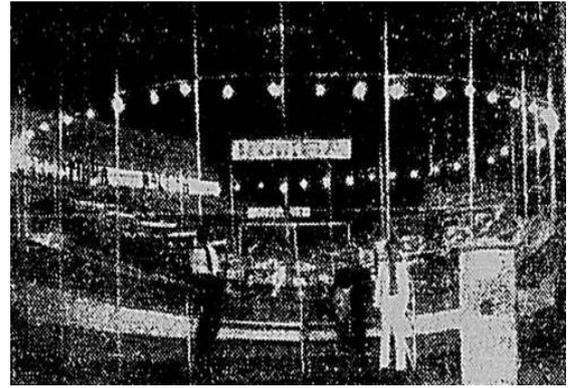


**Fig. 40** - Aspecto da “Batedeira”. Atração do Parque Shanghai na XIII Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro.  
**Fonte:** Jornal do Brasil, 12/12/1940, p.11.



**Fig. 41** - Atrações do Parque Shanghai na XIII Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro.

**Fonte:** O Imparcial, 14/12/1940.



**Fig. 42** - “Rumba”. Aparelho de diversão do Parque Shanghai de fabricação brasileira.

**Fonte:** Correio da Manhã, 08/12/1940, p.10.

A citação deve ser analisada à luz da “epopeia bandeirante”,<sup>149</sup> ou, como mostrou Barbara Weinstein, dentro de um esquema “triumfalista” dos paulistas, que passaram a autocelebrarem seus supostos feitos superlativos nos ramos industrial e do complexo da construção civil de maneira mais midiática após 1932 (WEINSTEIN, 2015, p.221).<sup>150</sup>

Promovendo em seu espaço variados ramos de produção, com destaque para as indústrias metalúrgica e alimentícia, além de concertos, apresentações musicais de artistas brasileiros e estrangeiros e espetáculos teatrais, na I Feira Nacional de Indústrias, quarenta aparelhos de diversões do Parque Shanghai estiveram à disposição do público. Como já de costume, o franqueamento mais uma vez foi uma prática adotada pelos proprietários do Shanghai, que na Semana da Criança, em parceria com a instituição Cruzada Pró Infância,<sup>151</sup> disponibilizou seus equipamentos aos menores trabalhadores e inscritos em cursos de ensino profissional (O ESTADO DE SÃO

<sup>149</sup> Conferir FERREIRA, Antonio Celso. *A Epopeia Bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

<sup>150</sup> A referência é esta: WEINSTEIN, Barbara. *The Color of Modernity: São Paulo and the making of race and nation in Brazil*. Durham; London: Duke University Press, 2015.

<sup>151</sup> A Cruzada Pró Infância organizou em 1940 com colaboração empresarial e governamental na I Feira Nacional de Indústrias e em outros locais da cidade de São Paulo uma programação para atender crianças que trabalhavam, que estavam hospitalizadas, órfãos, estudantes e mães lactantes. O “roteiro solidário” nos permite compreender os valores e as intencionalidades que norteavam o regime político instituído, sendo a promoção do lazer apenas uma das atividades articuladas por essa instituição, que desenvolveu também concurso de robustez infantil e cursos de puericultura, ofereceu festas infantis, exibições cinematográficas e premiações por bom desempenho escolar, distribuiu brinquedos e doces, fechando o programa com uma solenidade religiosa que envolvia participação infantil (CORREIO PAULISTANO, 10/10/1940, p.7).

PAULO, 07/09/1940, p.1; FOLHA DA MANHÃ, 06/10/1940, p.8; CORREIO PAULISTANO, 10/10/1940, p.7).



**Fig. 43** - Capa do jornal *O Estado de São Paulo* de 07 de setembro de 1940 anunciando o início da I Feira Nacional de Indústrias. A publicação faz menção a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, contempla símbolos da indústria e revela diversas empresas que participaram do evento, dentre elas, a Cosmopolita, do ramo de metalurgia, a Cia Sorocabana de Material Ferroviário, A Casa Nogueira S.A., que trabalha com louças e cristais e a Empresa Mercúrio, de marcas e patentes.

**Fonte:** *O Estado de São Paulo*, 07/09/1940, p.1.

**Fig. 44** - Anúncio da Feira Nacional de Indústrias divulgando a presença do Parque Shanghai e suas atrações.

**Fonte:** *Correio Paulistano*, 15/09/1940, p.11.

**VISITEM A**

# Feira Nacional de Indústrias

Sob os auspícios da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo — Avenida Agua Branca

**DEMONSTRAÇÃO BRILHANTE DA PUJANÇA ECONOMICA DO BRASIL**

## PARQUE SHANGAI

O MAIOR DA AMERICA DO SUL

MONTANHA RUSSA! — TREM FANTASMA! — POLVO!  
 40 APARELHOS DE DIVERSOS PARA CRIANÇAS E ADULTOS

Amanhã e todas as seguintes-feiras, a FEIRA permanecerá fechada.

**HORARIO** — DIAS ÚTEIS: A partir das 15 horas  
 DOMINGOS E FERIADOS: A partir das 13 horas  
 Ingresso, 1\$500 (imposto incluso) — Crianças até 10 anos gratis

No início de 1941, o Parque Shanghai foi atração do carnaval paulistano. Essa festividade, “oficialmente” planejada para se desenvolver entre 22 e 25 de fevereiro daquele ano abrangeu vasta programação, tendo início em 18 de janeiro, data em que ocorreu o “grito de carnaval”. A imprensa, proeminente canal de comunicação explorado pelo regime político vigente, realizou uma extensa cobertura dessa celebração, aguçando a expectativa da população bandeirante com divulgações prévias das atividades organizadas por entidades privadas, entre outras que contemplariam o carnaval popular em diversos pontos da capital, frisando, ainda, para que nos dias festivos os paulistanos disseminassem o espírito carnavalesco e a alegria, preterindo seus dissabores cotidianos:

Portanto, alerta, foliões de São Paulo. Sabbado, 18 e domingo, 19, deixem as maguas do lado, com dinheiro ou sem elle encontrará na “Cidade da Folia” um ambiente encantador onde esquecerão as agruras da crise e darão expansão ao seu espírito carnavalesco (CORREIO PAULISTANO, 16/01/1941, p. 4).

A “Cidade da Folia”, espaço de diversão mencionado no excerto acima, configurou-se como a principal “atração democrática” do carnaval de São Paulo, numa clara tentativa de “concentrar a farra popular”, apesar de calendário que, sobretudo, no período pré-carnavalesco movimentou distintos bairros da cidade,<sup>152</sup> num recinto “confortável” e “seguro”, em oposição as grandes “aglomerações” que se formavam nas ruas e dificultavam a supervisão dos foliões, favorecida com os festejos desenvolvendo-se em um ambiente delimitado por cercas, que acomodava o público em áreas sombreadas durante as comemorações diurnas e proporcionava por meio de “36 mil” lâmpadas extraordinária iluminação para se desfrutar das exibições ao anoitecer, comportando ainda 150 alto-falantes espalhados por suas “amplas avenidas” alocadas em um terreno de “150 mil m<sup>2</sup>”, com a acessibilidade facilitada pela elaboração de itinerário especial de transporte para o período carnavalesco<sup>153</sup> (O ESTADO DE SÃO PAULO; 09/02/1941, p.11; O ESTADO DE SÃO PAULO, 25/02/1941, p.6).

Em aproximadamente quarenta dias de celebrações carnavalescas, além do dia do “grito”, em que desfilaram ranchos, cordões e escolas de samba, na “Cidade da Folia” estiveram presentes mais de uma dezena de bares, salões da “Balalaika” e da “Bavária” e vinte dois aparelhos do Parque Shanghai.<sup>154</sup> Patrocinada pela Rádio São Paulo e pelas Grandes Indústrias Minetti-Gamba<sup>155</sup> sua infraestrutura ainda contava com três tabladados, construídos para o público bailar, um auditório de 4500 lugares para desenvolvimento de concursos de calouros, de fantasias, de enredos e shows, e o

---

<sup>152</sup> O Largo do Arouche, o Parque Dom Pedro II e o Bixiga, onde se promoveram desfiles e batalhas de confete, estão entre os espaços públicos que concentraram festividades de carnaval na cidade de São Paulo em 1941 (CORREIO PAULISTANO, 15/02/1941, p.6; FOLHA DA MANHÃ, 20/02/1941, p.10).

<sup>153</sup> Recebendo aproximadamente 120 mil pessoas durante os quatro dias de festividades de carnaval, a “Cidade da Folia” teve seu acesso simplificado através do aumento da promoção de Bondes pela Companhia Light com destino a Lapa, Perdizes e Pompéia, saídos do Largo São Bento com parada obrigatória na Avenida Água Branca (FOLHA DA MANHÃ, 23/02/1941, p.5; O ESTADO DE SÃO PAULO, 25/02/1941, p.6).

<sup>154</sup> A montanha russa, o Trem Fantasma, o Trem de Prata, “Dangles”, carrosséis, balanços e “balagandans” foram algumas das atrações do Parque Shanghai na Cidade da Folia (CORREIO PAULISTANO, 30/01/1941, p.6; O ESTADO DE SÃO PAULO, 07/02/1941, p.6).

<sup>155</sup> As Grandes Indústrias Minetti-Gamba, fabricante de farinha, sabão e óleo, promoveu o óleo Sublime, um de seus produtos, em anúncios de jornais em que divulgavam a distribuição de convites para a utilização das atrações do Parque Shanghai instaladas na “Cidade da Folia” durante o carnaval de 1941. Essa instituição, emergida da fusão entre a Casa Gamba e Cia. e a Indústria Minetti no ano de 1934, se localizava na Mooca, bairro operário da Capital Paulista. A empresa operou até os anos 1960. Parte de seu conjunto arquitetônico foi tombado pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico) em 2007. (FOLHA DA MANHÃ, 14/02/1941, p.13; SIQUEIRA; KÜLH, 2011, p. 4-8).

“Palácio das Gargalhadas”, local onde se hospedava o “Rei Momo”, figura emblemática do carnaval, como indicou descrição do jornal **Correio Paulistano** do cortejo organizado no dia de sua posse com expectativa de atrair milhares de pessoas em um trajeto programado para se iniciar no centro da capital e terminar na região oeste, onde estava localizada a estrutura da festividade (CORREIO PAULISTANO, 25/01/1941, p.9; CORREIO PAULISTANO, 26/01/1941, p.6; O ESTADO DE SÃO PAULO, 09/02/1941, p.11; O ESTADO DE SÃO PAULO, 25/02/1941, p.6):

É esperado hoje, nesta capital, onde será recebido festivamente com as pragmáticas de estylo o festejado Rei Momo, soberano unico da alegria. Depois de uma ausencia de muitos mezes, pois se encontrava em repouso, a autoridade suprema do carnaval – embora continuasse sempre presente no espirito do seu povo – rotorna aos seus dominios, para desta vez, estabelecer o seu throno na “Cidade da Folia”. Um cortejo com mais de duas mil pessoas, carros allegoricos, arautos, clarins, escolas de sambas, ranchos, cordões, blocos, batedores em motocicletas e carros dos altos dignatarios da “corte” do soberano carnavalesco será formado, às 19 horas, na rua Anhangabahu, seguindo, depois de percorrer algumas ruas da cidade para a Cidade da Folia, na avenida Água Branca. Os preparativos que vem sendo feitos, depois de vários estudos, e obedecendo suggestões dos Chronistas Carnavalescos, promettem um cortejo dos mais attraentes, pois que, a arregimentação de adeptos, que tomarão parte no grande cortejo vem sendo feita desde há vários dias (...) Hoje, portanto, São Paulo inteiro deve estar na Avenida São João, afim de prestar á S.M. Rei Momo I e Único, todas as grandes e alegres homenagens que elle merece (CORREIO PAULISTANO, 25/01/1941, p. 9).

Dotado de grande apreço popular e exaltado nas representações dos jornais por sua integridade e “indiscutível espírito de justiça”, o Rei Momo,<sup>156</sup> durante os festejos de carnaval realizava periódicas visitas aos mais variados bairros da cidade de São Paulo,<sup>157</sup> estreitando o contato com a “sua gente” e distribuindo “alegria” e ingressos aos populares para frequentarem a “Cidade da Folia” e se divertirem gratuitamente nos brinquedos do Parque Shanghai<sup>158</sup> (CORREIO PAULISTANO, 26/01/1941, p.6; CORREIO PAULISTANO, 15/02/1941, p.6). Valendo-se da “fantasia” e da “ludicidade”, típicas do carnaval, o personagem Rei Momo era um perfeito dispositivo de transmissão de condutas adequadas e que deveriam ser adotadas no decurso do

---

<sup>156</sup> Em 1941, o Rei Momo foi interpretado pelo ator cômico Augusto Annibal (O ESTADO DE SÃO PAULO, 25/02/1941, p.6).

<sup>157</sup> Dentre os bairros apontados pelos jornais estão o Brás, Liberdade, Cambuci, Paraíso, Lavapés, Glória, Barra Funda e Higienópolis (CORREIO PAULISTANO, 15/02/1941, p.6).

<sup>158</sup> Tendo em vista a promoção efetivada pelas Indústrias Minetti-Gamba conjuntamente a distribuição de ingressos realizadas pelo Rei Momo - cerca de 20 mil - em diversos bairros de São Paulo, inclusive operários, entre outras ações de franqueamento promovidas pelo Parque Shanghai já pontuadas para se desfrutar gratuitamente de suas atrações, se percebe que esta empresa privada de lazer era acessível a pessoas menos abastadas ainda que sob condições específicas – dias, horários, determinados equipamentos (O ESTADO DE SÃO PAULO, 25/02/1941, p.6).

carnaval, conformando-se simultaneamente em “alegoria” e “embaixador” dos discursos sociopolíticos que vigoravam na época:<sup>159</sup>

Deixa hoje, depois das 5 horas da manhã, a nossa capital, S. M. Rei Momo I e unico dos Paulistas, que depois de mais de um mez de permanencia na nossa cidade, volta para o retiro encantado das ilusões. Vivendo, no famoso Palácio das Gargalhadas, S. M. orientou de maneira feliz os paulistas. Deu-lhes festas inesquecíveis. Cuidou de tudo, com muito carinho, e o carnaval paulista foi grandioso na Cidade da Folia. Visitou todos os bairros. Travou conhecimento com a sua gente, através de passeatas que fez. Distribuiu vales gratis. E organizou para garotada, o carnaval diferente e inédito – o carnaval da garotada na Cidade da Folia, com os brinquedos do celebre Parque Changai. Hoje, porem, S. M. despede-se. E, despedindo-se deixa seu grande abraço aos paulistas, agradecendo-lhes a obediencia e a disciplina que demonstraram (O ESTADO DE SÃO PAULO, 25/02/1941, p.6).



**Fig. 45** - Anúncio divulgando atrações gratuitas do Parque Shanghai na “Cidade da Folia”. Novamente destacada promoção do Óleo Sublime e da Rádio São Paulo.

**Fonte:** Folha da Manhã, 14/02/1941, p.13.



**Fig. 46** - Anúncio divulgando o cortejo do Rei Momo para posse na “Cidade da Folia”. Destaque para a promoção do Óleo Sublime e da Rádio São Paulo.

**Fonte:** Correio Paulistano, 25/01/1941, p.9.

<sup>159</sup> Útil à cooptação de massas, durante o Estado Novo, a imprensa se configurava como um relevante aparato de divulgação das “engenhosidades” do regime. Dessa forma, analisando as publicações dos jornais sobre a “Cidade da Folia” e seu “patrono”, “o Rei Momo”, deduzimos um consenso entre a ingerência exercida sobre os indivíduos pelo governo através desse veículo de comunicação com a crítica empreendida por Theodor Adorno e Max Horkheimer à indústria cultural no que tange à habilidade desta em instruir os homens, organizando, estimulando e introduzindo formas de comportamento nos momentos em que supostamente estes “usufruem de suas próprias escolhas”. Em consonância com as perspectivas dos teóricos alemães, que desmistificam a existência de um “tempo livre”, tendo em vista a instrumentalização deste mediante iniciativas fetichistas promovidas pela da indústria cultural, a leitura dos periódicos nos permite compreender a adoção do lúdico como pertinente ferramenta de controle, conformando-se tanto a “Cidade da Folia”, quanto o Rei Momo, como hábeis “artefatos” de coerção, embora “mascarados” pela celebração em si, desenvolvida em um “hipotético tempo livre” (ADORNO; HORKHEIMER, 2012, p.107-109).

A I Feira Nacional de Indústrias, em que cerca de um milhão de visitantes percorreram “os mostruários das firmas brasileiras mais importantes” e puderam “ter nítida impressão do grau de desenvolvimento industrial atingido pelo país” levou-a a adquirir caráter permanente, desenvolvendo-se anualmente até meados da década de 1940 no mesmo espaço em que fora estruturada a “Cidade da Folia”. Eufóricos com a receptividade granjeada na primeira edição, autoridades, organizadores e expositores nutriam expectativa para o certame de 1941. Notícia publicada no periódico *O Jornal* trazia à luz as boas impressões do Interventor de São Paulo, Fernando Costa,<sup>160</sup> sobre a feira de 1940, em que destacou a relevância do Brasil industrializar “a sua reserva fabulosa de matéria prima”, “deixando de ser um país essencialmente agrícola”, para “enveredar na senda da mecanização”. Depoimento do construtor João Artacho Jurado, comissário geral da feira, asseverava o aspecto da celebração de 1940, realçando que a edição de 1941, constituiria um “espelho fiel do progresso experimentado pela indústria nacional principalmente a partir dos anos 30” - momento em que se estabelece o governo Vargas - refletido na intensa solicitação para se expor no evento (O JORNAL, 24/06/1941, p.8):

Para que se avalie o entusiasmo com que foi acolhida a iniciativa, bastará dizer o seguinte: nem bem foram abertas as inscrições, e já recebemos inúmeros pedidos de reserva de áreas. Grande número de industriais de todos os Estados brasileiros tem-se mostrado interessadíssimos e nos tem escrito cartas solicitando informações e desejando exhibir aqui o produto de suas fábricas. A Feira promete ser, pois, um resumo de tudo que as fábricas brasileiras estão produzindo agora, neste instante em que, apesar da guerra, elas oferecem um magnífico exemplo de vitalidade, de coragem e desprendimento (O JORNAL, 24/06/1941, p.8).

Sob a avaliação do comissário de que a Capital Paulista se ressentia de divertimentos públicos e de que os mesmos contribuíam para elevar a circulação de pessoas pelos pavilhões, um circuito de diversões foi minuciosamente planejado para compor a II Feira Nacional de Indústrias. Segundo Jurado, além do Parque Shanghai, que “pelo cuidadoso preparo” a cada nova celebração angariava prestígio das autoridades se solidificando como uma “eficaz” opção de lazer popular, a feira proporcionaria gratuitamente peças de teatro e sessões de cinema, além de um programa de shows comandado pela Rádio Tupi<sup>161</sup> (O JORNAL, 24/06/1941, p.8).

---

<sup>160</sup> Fernando de Sousa Costa (1886-1946) foi Interventor de São Paulo entre 1941 e 1945.

<sup>161</sup> Periódicos de 1941 ainda guardam registros da presença do Parque Shanghai na Festa da Mocidade do Distrito Federal. Organizada pelo movimento União Nacional dos Estudantes e sediada no antigo recinto da Feira Internacional de Amostras, essa festividade beneficiou habitantes do Rio Grande do Sul desamparados pela ocorrência de enchentes. Conjuntamente a renda obtida pelas atrações do Parque Shanghai, as “vítimas sul-rio-grandenses” foram favorecidas pela arrecadação de um teatro de variedades

O ano 1942 é marcado por uma curiosa participação do Parque Shanghai na solenidade que ficou conhecida como “Batismo Cultural de Goiânia”, em se que festejou a inauguração da “novíssima” capital do Estado de Goiás após sete anos de sua criação e início da expansão infraestrutural, se desenvolvendo inúmeras obras para acomodação dos órgãos políticos e militares na cidade, bem como para recepção de uma nova população, que se fixava em Goiânia motivada pela aceleração de seu crescimento através da política “varguista” que ficou conhecida como “Marcha para o Oeste”. Durante essa festividade, como marcos culturais da nova capital, foram inaugurados a primeira rádio e o Cine-Teatro, ademais Goiânia “foi palco” de manifestações políticas, bailes dançantes e congressos educacionais, dentre eles, o 8º Congresso Brasileiro de Educação (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 18/06/1942, p.7).

Provido de novidades, o Parque Shanghai, seria novamente atração da Feira Nacional de Indústrias, que chegava a sua III edição na cidade de São Paulo em 1942. Dentre os quarenta e cinco divertimentos oferecidos ao público, destacaram-se o “homem que comia vidro” e “Tanagra”, a mulher microscópica. Quanto à exposição, foi formada por vinte e sete pavilhões, ensejando contato entre os diversos setores da indústria brasileira e o cidadão comum, que, como “sugerido” em tira em quadrinhos publicada no periódico *Correio Paulistano*, antes da “diversão”, deveria observar as últimas novidades da produção nacional. Abaixo, a tira em quadrinhos, mais uma representação de como o lazer, nesse caso o Parque Shanghai e seu “feérico ambiente”, era frutífero a manipulação de massas, sendo, sincronicamente com o personagem fictício “Vieira” e “sua família”, utilizado como objeto de instrução de muitos outros “Vieiras” do “mundo real”<sup>162</sup> (CORREIO PAULISTANO, 11/10/1942, p.11).

---

também instalado na festa que recebeu valorosos artistas do rádio carioca (A NOITE, 03/07/1941, p.3; JORNAL DO BRASIL, 24/08/1941, p.8). No ano de 1941, uma notícia sobre o fechamento do Parque Shanghai pela polícia em Madureira em função da prática de jogatinas irregulares em seu recinto foi publicada pelo jornal *Correio da Manhã*. Não foi possível precisar se o Shanghai de Madureira é o mesmo que selecionamos como objeto dessa investigação, porém uma menção a Jardel Jercolis como proprietário em um período em que os jornais apontavam Gaspar Zaragueta e Manoel Caballero como idealizadores da empresa de diversões em nossa visão impede o estabelecimento de uma possível relação, nos fazendo supor que o êxito obtido pelo Shanghai desde meados da década de 1930 possa, assim como *Coney Island* e seu mais famoso espaço de diversão o *Luna Park*, ter servido de referência e inspiração para constituição de novos parques de diversões que estrategicamente adotavam o mesmo nome (CORREIO DA MANHÃ, 18/04/1941, p.9).

<sup>162</sup> O Parque Shanghai ainda compôs a IV e V edições da Feira Nacional de Indústrias nos anos de 1943 e 1944 respectivamente. Na IV celebração com o avançar da II Guerra Mundial e a definição do Governo Brasileiro em apoiar os Aliados, a programação da Feira Nacional de Indústrias acabou sofrendo diversas influências, exaltando além do progresso industrial do país, os esforços das tropas que se preparavam para combater no continente europeu. Assim sendo, a promoção de sessões de cinema em que se privilegiavam exibições de filmes norte-americanos e a organização de um Natal beneficente pelas entidades Legião Brasileira de Assistência, Companhia Antártica e o próprio Parque Shanghai em favor dos oficiais



Fig. 47 - Tira em quadrinhos ilustrando a experiência de “Vieira” e “sua família” na III Feira Nacional de Indústrias e no Parque Shanghai.  
**Fonte:** Correio Paulistano, 11/10/1942, p.11.



Fig. 48 - Propaganda da IV Feira Nacional de Indústrias publicada no Dia de Reis de 1944. Em consonância com a tira em quadrinhos do personagem Vieira percebemos nessa representação a valorização da família, da mecanização e do lazer, acrescida ainda da religião na divulgação do evento, simbolizando uma sociedade salutar e progressista, conceitos amplamente disseminados durante o regime estadonovista.  
**Fonte:** Folha da Noite, 06/01/1944, p.5.

brasileiros e suas famílias, ocorrendo distribuições de alimentos e franqueamentos de diversões, foram atividades que obtiveram especial destaque na mídia impressa (FOLHA DA MANHÃ, 16/11/1943, p.8; FOLHA DA MANHÃ, 15/12/1943, p.9) Quanto à V Feira Nacional de Indústrias, em que nos pavilhões amostras da indústria siderúrgica e mecânica se confundiam com stands artísticos, de moda e alimentícios, e as rádios Tupi e Difusora transmitiam apresentações musicais, o Parque Shanghai ofereceu ao público os novos aparelhos Saturno e Roda Venesiana (FOLHA DA NOITE, 07/11/1944, p.12; FOLHA DA NOITE, 26/11/1944, p.6).



**Fig. 49** - Propaganda da IV Feira Nacional de Indústrias destacando as variadas atrações mecanizadas oferecidas pelo Parque Shanghai. Essa montagem oferece a possibilidade de compreendermos os discursos proferidos por membros organizadores das feiras industriais quando exaltavam o lazer como uma relevante ferramenta para atrair público aos pavilhões.

**Fonte:** Folha da Manhã, 07/11/1943, p.27.

Ainda 1942, o Parque Shanghai participou da festividade denominada Natal da Vitória, organizada pela Liga de Defesa Nacional visando mobilizar o povo brasileiro na aquisição de “Bônus de Guerra”<sup>163</sup> com o intuito de financiar os custos com o “aparelhamento, recrutamento e treinamento” militar para o combate contra o Eixo na II Guerra Mundial, bem como sensibilizar politicamente os cidadãos a acatarem as diretrizes e objetivos estabelecidos pelo governo (DOS SANTOS, 2010, p. 3) Prática adotada pelos EUA desde a Guerra Civil, ocorrida no século XIX, e novamente explorada em conflitos como as I e II Guerras Mundiais, o “Bônus de Guerra” no Brasil, tornou-se efetivo em novembro de 1942, um mês antes desta celebração, contando com significativa atuação de entidades cívicas, além de corporações dos segmentos industrial e comercial. Seguindo o modelo de execução das Feiras Industriais<sup>164</sup> já amplamente disseminadas pelo país, esta iniciativa pode ser claramente vista como mais um indício de como durante o Estado Novo Vargas se aproveitava das instituições para interagir com a população e difundir suas pretensões, visando garantir nesse caso específico a segurança nacional (DOS SANTOS, 2010, p. 3-6). Um discurso do presidente da Liga de Defesa Nacional, à época, Fernando de Magalhães, proferido ao *periódico Diário Carioca*, corrobora essa hipótese:

Estamos organizando um vasto programa de propaganda, destinado a estimular e avivar o estudo e o amor da História do Brasil, apoiar, pela persuasão e pelo exemplo, a execução das leis de preparo e organização militar; aconselhar e facilitar a instrução militar, em colegios, escolas, faculdades, academias,

<sup>163</sup> Segundo o historiador Leonardo Montanholi dos Santos “Bônus de Guerra” são títulos públicos cedidos pelo Governo em forma de empréstimo compulsório e/ou voluntário a população (DOS SANTOS, 2010, p. 3).

<sup>164</sup> Com programação similar as feiras industriais a festividade Natal da Vitória previa homenagens e demonstrações militares, disputas entre modalidades esportivas, sorteios de brindes, áreas de alimentação, apresentações musicais, de dança, religiosas, teatrais e cinema ao ar livre, transmissões de rádio, parque de diversões (DIÁRIO CARIOCA, 18/12/1942, p.2; A NOITE, 26/12/1942, p.2).

externatos, internatos, seminários, orfanatos, institutos de assistência pública e particular, associações de comércio, indústria, beneficência; robustecer o sentimento da pátria entre os brasileiros no estrangeiro, promover o ensino da língua pátria nas escolas estrangeiras existentes no Brasil enfim, colaborar com as autoridades em tudo o que for preciso, para enfrentar os nossos inimigos. Para o fiel cumprimento desse programa, contamos, estou certo, com o decidido apoio de todos os brasileiros (DIÁRIO CARIOCA, 18/12/1942, p.2).

Sediada no Parque da Quinta da Boa Vista, na cidade do Rio de Janeiro, essa festividade simbolizou a chegada do Parque de Diversões Shanghai ao local onde se fixaria por aproximadamente duas décadas, a partir de 1943.

**Tabela 01**

**Eventos em que o Parque Shanghai participou como itinerante**

*Elaboração: Hennan Gessi, 2017.*

<b>Ano</b>	<b>Local</b>	<b>Evento</b>
1934	Rio de Janeiro (Centro).	VII Feira Internacional de Amostras
1935	Rio de Janeiro (Centro).	VIII Feira Internacional de Amostras
1935	Niterói	I Feira de Amostras.
1936	Belo Horizonte (Centro. Avenida Olegário Maciel).	Feira de Amostras de Minas Gerais.
1936	Rio de Janeiro (Centro).	IX Feira Internacional de Amostras (Centro).
1936	Campinas (Hipódromo do Bonfim. Vila Industrial).	Grande Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes
1937	Ribeirão Preto (Centro. Rua Tibiriçá).	Exposição-Feira Agropecuária e Industrial
1937	São Paulo (Centro. Parque Dom Pedro II).	Exposição do Cinquentenário da Imigração Oficial do Estado São Paulo
1937	Rio de Janeiro (Centro).	X Feira Internacional de Amostras
1938	Jundiaí (Largo de Santa Cruz).	Exposição Viti-Vinícola
1938	Rio de Janeiro (Centro).	XI Feira Internacional de Amostras
1939	Recife (Parque 13 de Maio).	Exposição Nacional de Pernambuco
1939	Porto Alegre (Cidade Baixa. Parque Farroupilha).	Feira de Amostras de Porto Alegre
1939	Rio de Janeiro (Centro).	XII Feira Internacional de Amostras
1940	São Paulo (Bairro da Água Branca).	I Feira Nacional de Indústrias
1940	Rio de Janeiro (Centro).	XIII Feira Internacional de Amostras
1941	São Paulo (Bairro da Água Branca).	Carnaval Cidade da Folia
1941	São Paulo (Bairro da Água Branca).	II Feira Nacional de Indústrias
1941	Recife (Parque 13 de Maio).	V Festa da Mocidade

1941	Campina Grande.	Nome não identificado
1941	Rio de Janeiro (Centro).	Festa da Mocidade Rio de Janeiro
1942	Goiânia.	Batismo Cultural de Goiânia
1942	São Paulo (Bairro da Água Branca).	III Feira Nacional de Indústrias
1942	Rio de Janeiro (São Cristóvão. Parque da Quinta da Boa Vista).	Natal da Vitória
1943	São Paulo (Bairro da Água Branca).	IV Feira Nacional de Indústria
1944	São Paulo (Bairro da Água Branca).	Festejos da Afro Brasileira
1944	São Paulo (Bairro da Água Branca).	V Feira Nacional de Indústrias
1947	São Paulo (Centro. Parque Dom Pedro II).	I Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial de São Paulo
1948	São Paulo (Centro. Parque Dom Pedro II).	II Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial de São Paulo
1949	São Paulo (Centro. Parque Dom Pedro II).	III Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial de São Paulo.
1950	Recife (Parque 13 de Maio).	XIV Festa da Mocidade
1953	Curitiba (Bairro Taruman).	Exposição Internacional do Café
1954	Recife (Parque 13 de Maio).	XVIII Festa da Mocidade
1955	Recife (Parque 13 de Maio).	XIX Festa da Mocidade
1956	Recife (Parque 13 de Maio).	XX Festa da Mocidade
1957	Recife (Parque 13 de Maio).	XXI Festa da Mocidade
1957	Campina Grande	Festa Rainha de Borborema
1962	Rio de Janeiro (Campo de São Cristóvão).	Feira de Indústria e Comércio de São Cristóvão (Rio de Janeiro)
1963	Rio de Janeiro (Leblon. Praça Antero de Quental).	Festa de Natal da Associação Guanabarina de Imprensa

Para melhor compreensão desta multiplicidade de eventos e locais, além da tabela acima, também produzimos o mapa disposto a seguir, por meio do recurso de geoprocessamento. A visualização representada, obtida por meio do software livre GVSig, mostra claramente as cidades em que o Shanghai esteve instalado.

## Mapa 01 – Cidades brasileiras em que o Parque Shanghai esteve presente como itinerante

*Elaboração: Hennan Gessi e Michele Dias, 2017.*



Como poderá ser visto, o ramo das diversões atraía não apenas investidores, mas, também, grande público, transformando, em específico, o Parque Shanghai, num rentável empreendimento, que, interessado em frequentadores, acabou por radicar-se no Rio de Janeiro e em São Paulo. Não apenas pela nomenclatura escolhida para o empreendimento, mas, também, conforme o linguajar corrente naqueles anos, no país, o Parque Shanghai foi um “negócio da China”.

## Capítulo 4

### “Uma Roda (da Fortuna) Gigante”: a fixação do Parque Shanghai em São Paulo e no Rio de Janeiro e suas conexões empresariais na América Latina

*O José como sempre no fim de semana  
Guardou a barraca e sumiu  
Foi fazer no domingo um passeio no parque  
Lá perto da Boca do Rio.<sup>165</sup>*

Antes de se tornar atrativo de lazer perene no centro da capital paulista, o Parque Shanghai se constituiu como opção fixa de divertimento no bairro de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro. Ocupando terreno do Parque da Quinta da Boa Vista, a empresa de diversões permaneceu por dezenove anos no local, quando, em 1962, se transferiu para o bairro da Penha, onde ainda se encontra. A profícua participação na celebração “Natal da Vitória”, em 1942, somada a outros aspectos explicam as possíveis razões da escolha dos empreendedores do Shanghai para estabelecer a empresa de diversões na “Quinta”, a começar pela própria configuração do bairro.

Reduto aristocrático em grande parte do século XIX, abrigando o palácio da família real portuguesa, e, depois, da Imperial brasileira, a área conhecida como São Cristóvão comportava à época em que a Corte estava estabelecida no Brasil, satisfatória infraestrutura, tendo em vista os investimentos efetuados em transporte coletivo, iluminação, limpeza pública, abastecimento de água e esgoto, além de uma extensa área verde – com aproximadamente um milhão de metros quadrados – o que favorecia o interesse pela região acrescida de sua localização à beira-mar. (TRINDADE, 2013, p.107-108). Dispondo de organização urbana e próxima de portos e da estrada de ferro, no Segundo Império, naquele bairro, instalaram-se as primeiras indústrias,<sup>166</sup> elevando seu número de habitantes, que passou a acomodar uma população distinta da que até então predominava, a qual acabou se deslocando para zona sul da cidade, sobretudo, após a Proclamação da República, em 1889, levando o bairro, outrora sede do poder<sup>167</sup>

---

<sup>165</sup> Trecho da canção **Domingo no Parque**, de autoria do cantor brasileiro Gilberto Gil.

<sup>166</sup> Localizado próximo de São Cristóvão o matadouro municipal influenciou na industrialização do bairro. Dentre as indústrias instaladas no século XIX, por influência deste, destacaram-se as que produziam sabão, salsichas e curtume. Ademais, no bairro se disseminaram produções de vela, vidro, tecido e artefatos de barro (TRINDADE, 2013, p.108).

<sup>167</sup> Alguns anos após a proclamação da República, em 1897, o Palácio do Catete substituiu o Palácio da Quinta da Boa Vista como sede do poder político brasileiro.

elitista e residencial, a metaformosear-se em ambiente industrial operário (TRINDADE, 2013, p.107-108).

A conjuntura de transformações sociais e políticas decorridas com a queda do Império Brasileiro e o advento de obras e inúmeras cessões de terras,<sup>168</sup> provocaram mudanças significativas no panorama da Quinta da Boa Vista. Durante a primeira década do regime republicano e parte da segunda, desentendimentos entre a União e a Municipalidade do Rio de Janeiro sobre a responsabilidade de manutenção da área acarretou em um abandono do que restava de seus jardins, conflito que seria resolvido em 1909, após o poder municipal firmar acordo com o Ministério da Viação e Obras Públicas, permitindo que a Inspetoria de Matas, Jardins, Arborização, Caça e Pesca [sic] assumisse o encargo de remodelar a paisagem da Quinta (TRINDADE, 2013, p.109-113). No ano seguinte, o novo parque público da Quinta da Boa Vista foi inaugurado pelo Presidente da República Nilo Peçanha,<sup>169</sup> em um momento em que o bairro de São Cristóvão já registrava uma expressiva população, abrigando aproximadamente 50 mil habitantes, os quais passaram a usufruir daquele espaço de lazer (TRINDADE, 2013, p.111-113).

Segundo Trindade, a elevada frequência ao Parque da Quinta da Boa Vista, registrada poucos anos após sua inauguração, incitada pela efervescente industrialização decorrida no bairro, induziu a Prefeitura do Rio de Janeiro a constituir contratos para exploração de atividades complementares em seu interior, ocasionando a criação de bares, restaurantes, além da implantação de atrativos como barcos, bicicletas e patinação, que colaboravam para preservação deste espaço de lazer e favoreciam o controle de seu público, direcionando-o para “práticas convenientes”, associadas a um lazer ativo, que despontava nas primeiras décadas do século XX com a valorização do esporte e sua adoção pelas massas.

Isto posto, perscrutação à imprensa no período entre 1930 e 1960, possibilitou a apreensão das iniciativas do empresário Ângelo Sbarra, que gerenciava múltiplas atrações de entretenimento oferecidas no “Parque da Quinta”. De acordo com reportagem veiculada pelo do *Jornal do Brasil* em março de 1962, período derradeiro

---

<sup>168</sup> De acordo com a autora Jeanne da Trindade, entre 1889 e 1909, afetaram o Parque da Quinta da Boa Vista cessões de terreno aos Ministérios da Agricultura e Justiça; cessão de terras para o Quartel do 9º Regimento de Cavalaria e cessão de área à Prefeitura para construção de um horto e um viveiro onde posteriormente foi implantado um Zoológico (TRINDADE, 2013, p.110).

<sup>169</sup> Nilo Peçanha (1867-1924) foi Presidente do Brasil entre 1909 e 1910.

do Shanghai em São Cristóvão, Sbarra, além de sócio desta empresa de diversões,<sup>170</sup> já explorava, há pelo menos trinta anos no Parque da Quinta da Boa Vista, os serviços de restaurante, acumulando nove unidades nos anos 1960, além de alugueis de bicicletas e barcos, mantendo cerca de 180 funcionários em seus empreendimentos que arrecadavam aos cofres públicos em impostos por volta de Cr\$10 milhões por ano



Fig. 50 - Anúncio de divulgação da presença do Parque Shanghai na Quinta da Boa Vista, enfatizando que seus equipamentos outrora instalados na antiga Feira de Amostras, tornaram-se atrativos deste “inigualável” ambiente de lazer carioca.

Fonte: Jornal do Brasil, 30/05/1943, p.38.

cooperação deste empresário para fixação do Parque Shanghai no Parque da Quinta da Boa Vista, em 1943, em que anúncios divulgavam que o centro de diversões das antigas Feiras Internacionais de Amostras, vigorava a partir de então em um dos mais importantes polos de lazer da cidade do Rio de Janeiro. Ângelo Sbarra, que nos anos 1930 manteve um parque de diversões na Ponta do Calabouço, localidade no centro da cidade que já havia sediado a emblemática exposição comemorativa do centenário da

<sup>170</sup> Contrato Social da Empresa Diversões Shanghai do Brasil Ltda, celebrado na cidade de São Paulo em quinze de outubro de 1954, evidencia que Ângelo Sbarra compôs o quadro social da empresa entre 1954 e 1966 (CONTRATO SOCIAL, 15/10/1954). Contudo, como a chegada do Parque Shanghai em São Cristóvão ocorreu na década anterior, as fontes levam a crer que este empresário já participava como sócio desta empresa de diversões desde os anos 40.

<sup>171</sup> Em 1962, Angelo Sbarra coordenou uma mostra industrial Brasil-União Soviética sucedida na Feira Internacional de Indústria e Comércio no Campo de São Cristóvão. Celebrada durante a presidência de João Goulart, que se desenvolvia paralelamente ao mandato de Carlos Lacerda como Governador do Estado da Guanabara, opositor político do presidente por fatores como sua antiga conexão com a gestão Vargas e por nutrir atitudes e propostas de “tendência esquerdista”, esse evento marca uma das últimas aparições do Parque Shanghai em São Cristóvão, pouco antes de sua mudança para o bairro da Penha. Mais que a remodelação de São Cristóvão e do Parque da Quinta da Boa Vista que já eram discutidas desde a década de 1950, segundo Nelson Waller, atual proprietário do Parque Shanghai, a saída da empresa de diversões deste bairro se associou à oposição de Sbarra ao Governador Lacerda e seus aliados desde o início dos anos 60, apoiando na campanha presidencial de sucessão a administração de Juscelino Kubitschek, o marechal Henrique Teixeira Lott, que também tinha João Goulart como vice-presidente, ao invés de Jânio Quadros, candidato de preferência do mandatário do Rio de Janeiro. Sobre o egresso do Parque Shanghai da “Quinta” discutiremos mais a frente (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 31/03/1962, p.1; NELSON WALLER, 2016).

(JORNAL DO BRASIL, 14/03/1962). Influente no bairro, tendo o nome vinculado a outros proeminentes eventos organizados em São Cristóvão, como uma curiosa Feira de Indústria e Comércio de produtos brasileiros e soviéticos,<sup>171</sup> não há como deixar de constatar a crucial

Independência em 1922, consciente do êxito obtido pelo Shanghai durante suas sete participações na maior celebração itinerante do país promotora dos feitos da indústria, e possivelmente atento à falta de espaço para acomodar seu vasto maquinário desde a última feira em 1940, tendo vista se ter registro da presença desta empresa de diversões antes de 1943 no Rio de Janeiro em apenas dois eventos, sendo um desses, como já pontuado, no “Parque da Quinta”, em conjunto com os empresários José Luis Gaspar Zaragueta e Manoel Caballero, que igualmente buscavam acomodar a aparelhagem do Shanghai em um recinto que despertasse interesse do público, o assentaram definitivamente nesse espaço de lazer localizado bairro de São Cristóvão, à época, já prestigiado.

Publicação do *Jornal do Brasil* indicou que sua inauguração na Quinta ocorreu no dia 23 de maio, destinando os proprietários do parque, naquela ocasião, o valor total da renda de estréia em benefício de estudantes das escolas públicas do Rio de Janeiro:

O Parque Shanghai, de tão ruidoso exito das nas Feiras de Amostras há anos realizadas, reabre-se hoje, ampliado com novas diversões mecanicas, inclusive a monumental Montanha Russa, está agora localizado no parque da Quinta da Boa Vista, dentro de um ambiente inigualavel. A empresa tendo em vista o acolhimento especial que lhe deu sempre o publico, destinará a renda de hoje a uma obra social – qual seja a da “merenda escolar” para meninos pobres das nossas escolas publicas. O monumental parque, o maior da America do Sul, funcionará hoje, e, diariamente, das 8 horas em diante até ás 22 horas (JORNAL DO BRASIL, 23/05/1943, p.4).

Conservando estreita relação com o poder público, como a que mantinha na época em que participava as Feiras de Amostras, e por influência da conjuntura beligerante instaurada no país, diante do envolvimento brasileiro com na II Guerra Mundial, os jornais revelaram que durante os meses iniciais em que esteve instalado no Parque da Quinta da Boa Vista, o Parque Shanghai, integrou, sobremaneira, celebrações de cunho militar, promovidas por repartições ligadas ao Governo, que se serviam da estrutura de lazer alocada naquele ambiente para instrução de crianças e jovens:

A infância e a juventude ocupam, dentro do Estado Nacional, um lugar de relevo. É que os jovens estão sendo chamados a cooperar na grande obra de renovação da brasilidade orientada pelo presidente Getulio Vargas (...) Assim, nas comemorações de amanhã, em que serão rendidas homenagens da Patria agradecida ao Duque de Caxias e ao Exercito Nacional, a festa da juventude e da infância, á qual será dado um carater patriotico e humano representará, nesta Capital, um acontecimento de significação impar. Os nossos escolares reafirmarão nas comemorações a Caxias o patriotismo, o entusiasmo imaculado de sua formação e a energia com que nos prometem ser os grandes homens de amanhã (...) Eles terão novo ensejo de vibrar de civismo e viver horas de alegria sã (JORNAL DO BRASIL, 24/08/1943, p.8).

Assim sendo, de agosto a dezembro de 1943, quatro festividades, uma em cada mês, com exceção de novembro, foram organizadas no “Parque da Quinta”, colaborando o Parque Shanghai através da concessão de ingressos e cedendo espaço para campanhas e exposições militares, levando-nos a perceber como a ideia de uma disciplina dos corpos, muito retratada nos regimes totalitários, também estava sendo perseguida por Vargas, e o Parque Shanghai corroborava esta ideia de rigor e perfilamento, e, também, de liberação de tensões em brinquedos regrados, mecânicos.

Vejamos os relatos que encontramos. Em solenidade que homenageava o exército nacional e seu patrono Duque de Caxias, no mês de agosto, que contou com a presença de Getúlio Vargas, e com um público majoritariamente infantil, foram oferecidos além de entradas para o parque de diversões, passeios em tanques de guerra e carros militares, merendas, apresentações de aerodelismo e de cavalariões. Durante as celebrações da Semana da Pátria, em setembro, a cooperação da empresa de diversões ficou por conta do franqueamento dos brinquedos e do acolhimento a demonstrações de motociclismo da Polícia Militar que, como descrito pelo *Jornal do Brasil*, propiciavam um “saudável” contato dos brasileiros “em formação” com os “adestrados” servidores do país. Em outubro, ocorreu a única festividade de caráter não militar do período citado, integrando o Shanghai a programação da Semana da Criança, organizada pela Legião Brasileira de Assistência, que promovia ações beneficentes por distintas instituições do Rio de Janeiro, amparando menores com saúde debilitada, entre outras carências, e trazendo estudantes de escolas públicas para conhecerem o parque de diversões gratuitamente. Por fim, em dezembro, pela segunda vez, o Parque Shanghai auxiliou na busca por arrecadações para II Guerra e abriu as portas para o entretenimento de militares e suas famílias na festividade conhecida como Natal da Vitória (JORNAL DO BRASIL, 24/08/1943, p.8; JORNAL DO BRASIL, 03/09/1943, p.6; JORNAL DO BRASIL, 15/10/1943, p.6; JORNAL DO BRASIL, 24/12/1943, p.4).

No ano seguinte, o Parque Shanghai se manteve assíduo em solenidades vinculadas ao regime político em vigor, dentre elas, um programa de comemorações organizado em função do aniversário de Getúlio Vargas. Fomentado por instituições públicas e privadas, o “natalício” de Vargas contemplou três dias de distintas atividades pela cidade do Rio de Janeiro. A agenda daquela celebração abrangia: grande festa infantil na Quinta da Boa Vista; apresentações circenses; refeições e acesso gratuito aos divertimentos do Shanghai; manifestações sindicais das associações trabalhistas do Distrito Federal e espetáculos musicais de artistas de rádio no estádio do Botafogo

Futebol e Regatas. Promoveram-se, ainda, a inauguração de uma creche e de uma biblioteca pela prefeitura; um comício pela Liga de Defesa Nacional enaltecendo o aniversariante, homenageado também pela Casa da Moeda que lhe entregou uma medalha por seu devotamento ao país (JORNAL DO BRASIL, 28/04/1944, p.6).

Integrados ao calendário de comemorações da Semana da Pátria de 1944, como no ano anterior, o Shanghai, bem como o Parque da Quinta da Boa Vista, sediaram grandioso festejo infantil. Organizado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P.), sob olhar de seu Diretor Geral, à época, o Capitão Amílcar Dutra de Menezes (1908-1965) e do Secretário Geral de Educação e Cultura, o Coronel Jonas Correia (1903-1998), no evento foi concedido gratuitamente à “meninada” diversão e alimentação. Com público estimado em duzentas mil pessoas, comportando além dos referidos membros do governo e funcionários do D.I.P., grupos escolares, professores e famílias, a “ocasião recreativa”, não por acaso, configurou-se como imponente manifestação cívica, em que o Presidente Vargas foi saudado com cartazes e “vivas” e bandas militares executaram marchas e hinos. A disciplina coletiva sobre as sinuosas avenidas do “Parque da Quinta”, especialmente a postura<sup>172</sup> da “petizada”, que marchou empunhando bandeiras brasileiras pelo gramado, foi destacada em matéria do *Jornal do Brasil*, assim como o momento de lazer, ou na definição do periódico, “de alegria sã nos parques”, ocorrido após o desfile, não registrando incidentes (JORNAL DO BRASIL, 05/09/1944, p.9).

O Ano de 1944, segundo o já citado ofício “*Exmo. Snr. Prefeito Municipal de São Paulo*”, componente do processo 172.440 de 1953, é apontado como data de locação de um terreno pertencente ao Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI),<sup>173</sup> com área de 10.682m<sup>2</sup>, localizado na Avenida do Estado, esquina com a Rua da Mooca e Rua Antonio de Sá, ocupando, também, a Avenida Prefeito Passos, próximo à Rua Glicério, no Parque Dom Pedro II. Os empreendedores do Shanghai visavam implantar neste terreno um parque de diversão fixo, o qual só veio a ser instalado, de fato, no ano posterior, após negociações efetivadas com a

---

<sup>172</sup> Concurso de Robustez Infantil, organizado pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários, em outubro de 1944, no qual crianças foram premiadas em dinheiro, com brinquedos e um festejo no Parque da Quinta da Boa Vista, que contou com a participação de artistas do rádio carioca e com franqueamento do Parque Shanghai, corroborou a valorização da cultura corporal pelo “regime varguista” evidente nas manifestações cívicas ocorridas no período. Assim sendo, não á toa, o lazer, vinculado por este governo a atividades que envolviam o “uso cabível do corpo” e que colaboravam ao “controle do espírito” é contemplado como atrativo deste concurso (JORNAL DO BRASIL, 29/10/1944, p.9).

<sup>173</sup> Sobre o IAPI, remete-se ao recente livro publicado por Nilce Cristina Aravechia-Botas (2016), de nome: **Estado, arquitetura e desenvolvimento. A ação habitacional do IAPI.**

municipalidade, proprietária de outra parte do terreno escolhido pela empresa, anexa à área do IAPI (PROCESSO 27.118, 1945; PROCESSO 172.440, 24/11/1953).<sup>174</sup> Como parque “fixo”, no centro da capital, o Shanghai quando iniciou atividades operava em um espaço de 16.852 m<sup>2</sup>, sendo a gleba pertencente ao poder público a razão da estremecida relação que perdurou por aproximadamente duas décadas entre ambos, período em que a empresa de diversões ocupou com seu maquinário área do Parque Dom Pedro II.<sup>175</sup>

Analisando um conjunto de fontes do Arquivo Histórico de São Paulo, que detém documentação referente à esfera municipal, e levando em consideração o período em que o Shanghai se instalou no Parque Dom Pedro II, que naquela época já havia sofrido intervenções por conta do Plano de Avenidas,<sup>176</sup> confirmamos essa hipótese, que norteará as discussões empreendidas nesse trecho da dissertação, que pretende

---

<sup>174</sup> O terreno pertencente à Municipalidade era de 6170 m<sup>2</sup>, que concedeu ocupação a título precário aos empresários.

<sup>175</sup> O contrato de locação firmado com o IAPI em 1944 tinha duração de seis meses. A retribuição mensal ao Instituto foi estipulada em Cr\$ 400. A porção pertencente à Prefeitura, menor que a locada do IAPI, como apontado acima, foi cedida ao Parque Shanghai pelo valor de Cr\$ 580 mensais (PROCESSO 27.118/45, 1945).

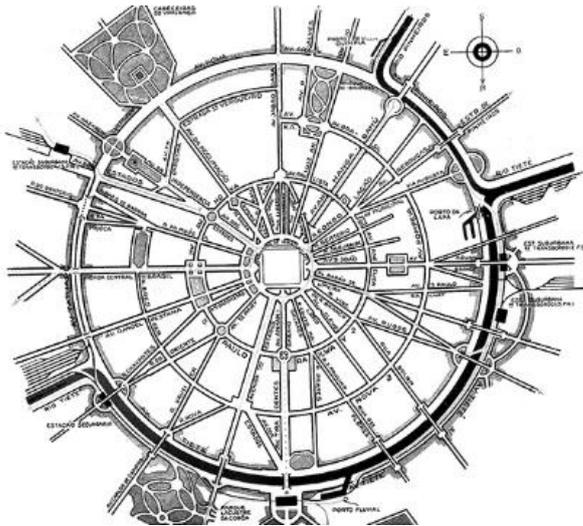
<sup>176</sup> Inspirado no projeto de irradiação e expansão desenvolvido por João Florence de Ulhôa Cintra apresentado à Câmara em 1922, o Plano de Avenidas, antes de seu lançamento em 1930, fora publicado preliminarmente no Boletim do Instituto de Engenharia entre 1924 e 1926, após o encontro de Cintra e Maia numa comissão de técnicos organizada pela Prefeitura em 1924, que suscitou numa parceria entre ambos e no conseqüente desenvolvimento de um projeto que previa a organização do sistema viário da Capital Paulista. Entre as proposições do Plano de Avenidas a principal era a criação de um Perímetro de Irradiação, apoiado em vias radiais, visando expansão do centro da cidade e melhorias em sua circulação “por meio de um anel viário que a contornasse”. Em suma se tratava de um “esquema viário radial-perimetral para estruturar e incentivar o crescimento urbano, do qual o elemento crucial seria um Perímetro de Irradiação, um largo circuito de avenidas em torno do centro” (CAMPOS; SOMEKH, 2002, p.55-58). Frisamos que nesta investigação o enfoque será demonstrar seu impacto sobre o Parque Dom Pedro II, que provocou o seu perecimento, com o desvanecer de sua área verde e da sociabilidade nela ocorrida. Ademais, as transformações acontecidas neste local foram determinantes para o encerramento das atividades do Parque Shanghai. Ainda que a apresentação às autoridades tenha se dado em 1930, o conteúdo previsto no Plano de Avenidas, passou a ser efetivamente colocado em prática quando um de seus mentores, Prestes Maia, fora nomeado Prefeito de São Paulo, em 1937. Mandatário da cidade até 1945, quando é encerrado o regime do Estado Novo com a queda de Getúlio Vargas, durante a gestão como Prefeito Maia executou diversas obras viárias na Pauliceia afirmando o modelo radial-perimetral (CAMPOS; SOMEKH, 2002, p.61). No Parque Dom Pedro II, o alargamento da Avenida Rangel Pestana, reduziu sua área e o seccionou em duas partes. Além dessa obra, durante sua primeira gestã à frente da Prefeitura, o desenho original do parque foi comprometido pelo alargamento e o prolongamento por meio da construção de uma ponte sobre o rio Tamanduatei da Rua Santa Rosa, atual Avenida Mercúrio. Essa intervenção abateu uma fração daquele ambiente de recreação, próxima ao Palácio das Indústrias (FILGUEIRAS, 2016, p.31-34). Salienta-se, todavia, que as intervenções provocadas pelo Perímetro de Irradiação durante o mandato de Prestes Maia apesar diminuírem o tamanho do Parque Dom Pedro II não interferiram significativamente em relação a sua apropriação para o lazer (FILGUEIRAS, 2016, p.34). Em 1945, momento derradeiro da desta gestão, a fixação do Parque Shanghai em um terreno naquele local demonstrou que o lazer ainda tinha espaço ali. Espaço esse, que praticamente desaparecera após duas décadas, com a supressão do parque público e desta empresa de diversões privada em função da construção de um conjunto de viadutos.

evidenciar como as sucessivas alterações físicas lideradas pela municipalidade no espaço onde se configurava a antiga Várzea do Carmo, condenou o Parque Shanghai a encerrar suas atividades, bem como descaracterizou significativamente o parque público instalado naquele local, que deixou de ser, sobremaneira, a partir do final da década 1960, ambiente de permanência, de sociabilidade e de lazer, se tornando local de passagem, articulação viária e degradação (GUARALDO, 2002, p.67; FILGUEIRAS, 2016, p.44). Na medida em que as fontes apuradas nesta investigação permitiram, revelamos também as semelhanças do caso paulista com o ocorrido onde este parque de diversões esteve instalado na cidade do Rio de Janeiro, que ocasionou sua mudança de São Cristóvão para o bairro da Penha, evidenciando como a efetivação de determinadas representações e projetos políticos induzem transformações no espaço urbano.

Não obstante as divergências com o poder público a partir dos anos 1940, estendendo-se até 1968, data em que encerrou as atividades em São Paulo, o Parque Shanghai, continuou promovendo uma série de eventos de grande porte, dentre eles, shows de aclamados artistas e festas de afamadas instituições, que serão retratadas no decorrer da análise. Antes “do mergulho” nas fontes do período em questão, um exame prévio do local em que este se instalou em 1945 - o Parque Dom Pedro II -, se faz pertinente para compreensão das perspectivas empenhadas.



**Fig. 51** - Perímetro de Irradiação elaborado por Ulhôa Cintra e Prestes Maia, em 1924.  
**Fonte:** carlosfatorelli27013.blogspot.com.br Disponível em: <http://carlosfatorelli27013.blogspot.com.br/2015/04/prestes-maia-o-prefeito-de-sao-paulo-e.html>. Acesso em 14 mar. 2017.



**Fig. 52** - Representação da estrutura viária radial-perimetral proposta para cidade de São Paulo no Plano de Avenidas.

**Fonte:** [www.spbr.arq.br](http://www.spbr.arq.br) Disponível em: <http://www.spbr.arq.br/anhagabau-o-cha-e-a-metropole-2/>. Acesso em 14 mar. 2017.



**Mapa 02** - Parque Dom Pedro II em 1945. Destacados mais acima nesta representação o Mercado Municipal de São Paulo (verde escuro), seguido do Palácio das Indústrias (vermelho). Na porção sudoeste da fotografia a Praça Clóvis Bevilácqua (laranja). No sudeste, o Gasômetro (azul claro). Na parte sul, mais centralizado, o Quartel do 6º Batalhão (verde) e na extremidade a Fábrica de Cigarros Sudam (amarelo). Em laranja as intervenções viárias ocorridas por conta do Plano de Avenidas, no extremo norte da fotografia o prolongamento da Rua Santa Rosa e a ponte construída sobre o rio Tamanduatei, no centro, a linha diagonal representa a Avenida Rangel Pestana, que dividiu o Parque Dom Pedro II. Em verde claro a área arborizada do Parque Dom Pedro II. Por fim, em roxo, o terreno ocupado pelo Parque Shanghai a partir de 1945.

**Fonte:** (MEYER; GROSTEIN, 2010).

#### 4.1 “A Luta dos cidadãos contra o Rio” ou das urbanidades em conflito

Esta expressão, retirada da obra *Parques Urbanos de São Paulo*, de autoria de Rosa Grená Kliass, define de maneira muito direta a complexidade da paisagem natural e das relações verificadas na Várzea do Carmo. Espaço social antigo, a Várzea matinha um duplo-papel na vida da cidade. Por um lado, as inundações provocadas pelas cheias do Tamanduatei dificultavam não só a ocupação duradoura daquele ambiente, mas acarretavam outras adversidades, especialmente de ordem sanitária, diante da estagnação da água. Por outro, o rio ali alocado, servia ao trabalho das lavadeiras, para obtenção de peixes e para de recreação dos habitantes da “cidade” (KLIASS, 1993, p.109). Desde o século XVIII, intervenções na Várzea do Carmo, com o objetivo de transformar seu aspecto pantanoso, são empenhadas pelas autoridades. Segundo Kliass, durante o governo de Francisco da Cunha de Menezes<sup>177</sup> foram empreendidas as primeiras atividades de construção civil, visando à retificação do Tamanduatei (KLIASS, 1993, p. 110).

Contudo, será no século XIX, sobretudo no decorrer de seus últimos quarenta anos, com intensificação da urbanização de São Paulo, que a Várzea do Carmo e bairros de seu entorno, dentre eles o Brás, sofrerão modificações mais significativas (KLIASS, 1993, 127). A implantação da estrada de ferro na década de 1860, aliada à inauguração do “mercado dos caipiras”, como demanda desta, não só elevaram o fluxo, como impulsionaram o processo de ocupação daqueles ambientes. Durante o governo de João Teodoro Xavier<sup>178</sup> na década subsequente, tanto na Várzea do Carmo, quanto no Brás, foram executadas outras obras. Invocado pelas transformações empreendidas no espaço urbano da Pauliceia, a gestão de Xavier aprimorou o contato entre as áreas de expansão da cidade. No Brás, as intervenções ficaram por conta da construção do aterrado do gasômetro, que proporcionava a conexão, atravessando a Várzea do Carmo, deste bairro com o centro da cidade, desde a Rua do Gasômetro - onde por meio da iniciativa da Companhia de Gás aquele equipamento havia sido instalado -, até a Ladeira General Carneiro, além de sua interligação ao bairro da Luz, mediante a abertura da Rua João Teodoro (REIS, 2017; KLIASS, 1993, 128). Na Várzea do Carmo, seu governo esteve empenhado em trabalhos de drenagem,<sup>179</sup> sendo, entretanto, sua principal obra, a

---

<sup>177</sup> Francisco da Cunha de Menezes (1747-1812) governou São Paulo entre 1782 e 1786.

<sup>178</sup> João Teodoro Xavier (1828-1878) governou São Paulo entre 1872 e 1875.

<sup>179</sup> Anteriormente as intervenções da gestão Xavier, outras, desde as primeiras décadas do século XIX, já haviam acontecido. Antonio Egídio Martins revela a emergência em 1821 de um projeto para desaguamento da Várzea do Carmo, Kliass, pontua a execução da retificação de um trecho do rio

criação da “Ilha dos Amores”,<sup>180</sup> área de lazer que contemplava jardins, “instalações para banho” e coreto, mas que acabou relegada a uma existência efêmera diante dos despejos e acúmulo de resíduos naquele local que afetaram sua apropriação social (KLIASS, 1993, p.112).



**Fig. 52** - Ilha dos Amores.  
**Fonte:** Parque Urbanos de São Paulo  
(KLIASS, 2003, p. 113).

Assim como durante o governo de João Teodoro Xavier, uma década depois, a administração de João Alfredo Correia de Oliveira<sup>181</sup> prosseguiu com os melhoramentos na Várzea do Carmo, desenvolvendo obras de retificação no Rio Tamanduateí. Além disso, estendeu as intervenções ao ribeirão do Anhangabaú, localizado na banda oeste da área central, onde se iniciava a conformação do “centro novo” da capital paulista (D’ELBOUX, 2015, p. 234-235). Segundo Roseli D’Elboux, empenhado em melhorias sanitárias e estéticas, este gestor desejava transformar as várzeas de ambos em parques ajardinados, convidando o engenheiro francês Jules Revy para estudar possibilidades de concretização desse projeto nesses ambientes (KLIASS, 1993, p. 112-113; D’ELBOUX, 2015, p. 248-249).

Usufruindo dos estudos de Levy e atentos aos interesses públicos, buscando contrapartidas privadas, os empreendedores Augusto Cezar Miranda de Azevedo e Samuel Malfatti, em concurso ocorrido em 1889, propuseram à Câmara Municipal sanear e embelezar a região da Várzea do Carmo por meio da criação de aterros e avenidas arborizadas, em troca da concessão de terrenos no canal do Tamanduateí para implantação de loteamentos, projeto que, endossado pelo Município, acabou vetado

---

denominado “Sete Voltas”, local onde atualmente se encontra a Rua 25 de Março, no período em que Vicente Pires da Motta foi o presidente da Província de São Paulo (1848-1851) (MARTINS, 1911, p. 65; KLIASS, 1993, p. 111).

<sup>180</sup> Embora a Ilha dos Amores seja o primeiro projeto de lazer de maior vulto desenvolvido na Várzea do Carmo, por meio de documentos oficiais, Kliass elucida que desde o século XVIII este local serve a esta finalidade (KLIASS, 1993, p.113).

<sup>181</sup> João Alfredo Correia de Oliveira (1835-1919) governou São Paulo entre 1885 e 1886.

pelo Governo do Estado após empresário concorrente recorrer alegando favorecimentos específicos à dupla (D'ELBOUX, 2015, p.250-252).

Fio de uma grande trama de divergências que surgiram em torno da Várzea do Carmo no decorrer do tempo, este episódio, ocorrido em um momento de transição política no país, com advento do regime republicano, que de acordo com D'Elboux visando preservar a austeridade e reforçar o controle sobre a vida dos cidadãos



**Fig. 53** - Registro da ocupação da Várzea no início do século XX. Fotografia de Vincenzo Pastore entre 1900/1910.

**Fonte:** Acervo Instituto Moreira Salles

considerava imprescindível qualificar os logradouros públicos em ambiente higiênico e moralizador, características que, aliadas à necessidade de se enfatizar a riqueza propiciada pelo surto cafeeiro originaram uma série de intervenções pela cidade, traz à luz um conflito de interesses entre distintas esferas da sociedade, tônica,

considerando a singularidade de cada circunstância e dos distintos agentes envolvidos nestas, que se estenderá, posteriormente, ao que tange às propostas, construções e ocupação daquele local (D'ELBOUX, 2015, p.237).

Entretanto, há de se reconhecer que previamente e após a constituição do Parque Dom Pedro II na Várzea do Carmo, interesses privados – de proprietários de terras locais – e do Estado prevaleceram em detrimento de seu uso para o lazer, especialmente a apropriação popular daquele recinto para atividades recreativas.<sup>182</sup> Faz-se importante, explicitar, contudo, que as dificuldades impostas não impediram que a Várzea do Carmo, sobretudo durante o período em que o parque público esteve ativo, entre os anos 1920 e 1960, fosse eleita para fruição do lazer. Dessa maneira, o que procuraremos evidenciar aqui, é o quanto as diversões ali estiveram sob constante ameaça devido aos diferentes interesses, projetos e intervenções efetivadas naquele espaço.

---

<sup>182</sup> Nas primeiras décadas do século XIX, documentos da Câmara revelam que a população paulistana costumava banhar-se nas águas do Rio Tamanduateí. Contudo, essa atividade acabou sendo proibida na segunda metade deste século, sendo severamente reprimida pelas autoridades locais (KLIASS, 1993, p.114). Desde fins do XIX, a Várzea do Carmo também foi sede de jogos de futebol, inclusive o termo “futebol de várzea” é oriundo da prática que ali se desenvolvia, que reunia equipes não oficiais, formada predominantemente por “esportistas” das classes populares (FERREIRA, 2008, p.31).

Como pontuado anteriormente, a ascensão da República, motivou transformações no espaço urbano da capital paulista. Roseli D’Elboux enfatiza que desde os primeiros anos do regime, a Câmara da cidade debateu a necessidade de adequações em sua área central, pois o Triângulo que a delimitava, não mais comportava a dinâmica das transações comerciais, deslocamentos de pessoas e mercadorias, bem como demanda por habitações (D’ELBOUX, 2015, p.231). Os ajustes, porém, a serem efetivados na Pauliceia, deveriam garantir uma expansão ordenada e que possibilitasse à burguesia paulista reproduzir seu capital (D’ELBOUX, 2015, p.239). Assim, a abertura de loteamentos, viabilizando a constituição de um mercado imobiliário, despontou como relevante iniciativa no período a oeste do antigo núcleo urbano, e para as intervenções deste grupo social, a Várzea do Carmo, próxima a este local e que detinha lotes que pertenciam aos mesmos investidores, era tida como potencial área para constituição de um “grande jardim” em virtude de sua paisagem natural, o que acarretaria a valorização do entorno. Ademais, o “sanear” também foi uma das diretrizes empenhadas pela República em muitas cidades Brasil afora, desvelando uma ideologia de alteração do antigo por um novo internacional e moderno. Contudo, a Várzea do Carmo no final do século XIX, como destacado em artigo publicado no jornal *A Província*, continuou com um aspecto insalubre,<sup>183</sup> contrariando interesses privados e os discursos dos homens públicos (KLIASS, 1993, p.111; D’ELBOUX, 2015, p.239). À vista disso, era preciso, antes de tudo, modificar seu panorama, expulsar a população menos abastada que a ocupava e conter as práticas “não civilizadas” que se desenvolviam em seu espaço (D’ELBOUX, 2015, p. 238). Expandir as intervenções sobre o Rio Tamanduatei também era necessário. Surgiram, então, projetos, entre a década de 1890 e de 1910 para atender a tais intenções.

No ano de 1890 ocorreu a criação da Comissão do Saneamento das Várzeas da Capital. Integrada pelos engenheiros Antonio Francisco de Paula Souza e Theodoro

---

<sup>183</sup> Artigo publicado no periódico *A Província* em 1884 criticou o aspecto insalubre em que se encontrava a Várzea do Carmo. Escrito pelo jornalista, jurista e político republicano Rangel Pestana ainda enquanto vigorava o Segundo Império, o artigo apontou a falta de iniciativa das autoridades públicas no combate a esta situação. Pestana revelou “Tem-se fallado por vêzes em melhoramentos nessa parte da cidade, fóco de males, tem-se mesmo pensado no meio de utilizar essa grande planície encharcada (...) transforma-la em parques, jardins, alamedas, com canaes e lagos. Um presidente de Província, o Senador Florêncio, estudou o assumpto e recommendou a exame da repartição de obras públicas. Tudo porem ficou sem plano, sem execução. A varzea ahí está promettendo ser um excellente auxiliar da morte se o cholera chegar até cá, o que é bem possível. Aos lados da linha de bonds fazem-se despejos e o aterro em regra é com lixo (...) Si os grandes melhoramentos dependem de muito dinheiro, há, entretanto, outros serviços necessários que não exigem muita despeza. Não falando das medidas higienicas que a Câmara e a Policia podem tomar em bem da salubridade publica (17/08/1884 apud KLIASS, 1993, p.111).

Sampaio, esta comissão, que estudou terrenos da Várzea do Carmo e a hidrografia do Rio Tamanduateí, produziu um relatório que indicava a necessidade da adoção de medidas de higiene pública e aformoseamento daquele ambiente. Em um segundo relatório, encaminhado por Paula Souza em 1892, foi sugerida a criação de um centro cívico entre a “Várzea” e a Rua XV de Novembro que congregasse edificações da administração Pública (CAMPOS, 2008; ZANIRATO, 2011; D’ELBOUX, 2015, p.254-258). Anos mais tarde, reflexos dessas asserções são observadas com a construção e aproveitamento de edifícios da Várzea Carmo, dentre eles, o Palácio das Indústrias, erigido a partir de 1911, e o edifício da Guarda Cívica, onde funcionou o Hospício dos Alienados até 1903, sendo utilizado como Quartel<sup>184</sup> após adaptações em sua estrutura desde 1906.

Em 1897, segundo Kliass, a Superintendência de Obras Públicas divulgou um plano elaborado pelo engenheiro Carlos Escobar que previa a continuidade da canalização do Rio Tamanduateí após interrupção no ano anterior por falta de verba. Nas gestões Bernardino de Campos<sup>185</sup> e Jorge Tibiriçá<sup>186</sup> as concepções de Escobar serviram de referência às obras executadas, aceleradas mediante a introdução de novas técnicas construtivas, estando completo, em 1914, o “entubamento” do rio entre o Tietê e o Cambuci (KLIASS, 1993, P.113).

Nas primeiras décadas do século XX, o proveito da Várzea como Parque volta à tona em distintos projetos, parcialmente usufruídos pela Diretoria de Obras Municipais quando decide pela construção de espaço de lazer naquela área. Dentre as iniciativas, destacamos a do vereador e membro da comissão de Obras Municipais, Augusto Carlos da Silva Telles, mas também devem ser apontadas as propostas contidas nos Planos Freire-Guilhem e Bouvard. As concepções de Silva Telles e dos referidos planos não se concentravam apenas em intervenções na Várzea do Carmo, contemplando indicações para outras áreas da cidade. Entretanto, as ações no espaço urbano de São Paulo, de acordo com o vereador, diferentemente de conteúdo previsto no plano Freire-Guilhem, supervisionado pelo Diretor de Obras Municipais, Victor da Silva Freire, deveriam beneficiar bairros operários como Brás e Mooca, que abrigavam cerca de um terço da população paulistana no período (D’ELBOUX, 2015, p.274-276) D’Elboux evidencia

---

<sup>184</sup> Este edifício fora sede da Chácara do Fonseca (século XIX); Seminário de Educandos (1860); Seminário de Educandas (1861); Hospício dos Alienados (1862-1903) e Almojarifado e Quartel da Guarda Cívica, nome esse que depois passou a ser 6ª Companhia de Guardas do II Exército e finalmente 2º Batalhão de Guardas.

<sup>185</sup> A gestão de Bernardino de Campos (1841-1915) ocorreu entre 1902-1904.

<sup>186</sup> A gestão de Jorge Tibiriçá (1855-1928) ocorreu entre 1904-1908.

que o “Plano Bouvard” também não fazia menção a bairros operários, contudo, o arquiteto-paisagista francês, autor do projeto que serviu de base para a construção do Parque Dom Pedro II, durante sua estadia na capital paulista (1911) esteve presente no bairro do Brás, algo que parece ter influenciado seu sucessor Francisque Cuchet na formatação final deste, em 1914. Em seu *Relatório do Anteprojeto do Parque da Várzea do Carmo*, Cuchet ressaltou a importância de aprimorar a conexão entre o bairro operário e o futuro parque, bem como projetou espaços e equipamentos para práticas esportivas, o que pode indicar uma preocupação com um lazer de massa e, conseqüentemente, a não objeção da apropriação do centro da Pauliceia por uma população menos abastada que vivia em seu entorno.<sup>187</sup> Esta dimensão, aparentemente, não apareceu nas propostas de Silva Telles e Freire, já que o primeiro propôs a transformação da Várzea num parque antes que habitações “primitivas e pouco higiênicas” dominassem sua superfície, e o segundo desejou criar um amplo jardim que conectasse a Várzea ao Anhangabaú no intuito de estender a ocupação da elite.

Por estarem prestando serviço à municipalidade e se reportarem à Direção de Obras, a hipótese de que o “Projeto Bouvard-Cuchet” contemplou a prática de um “lazer popular” em um espaço onde o Governo e a elite da capital desejavam a implantação de um plano distinto, talvez se configure problemática à primeira vista, contudo, além da

---

<sup>187</sup> No *Relatório do Anteprojeto do Parque da Várzea do Carmo* Cuchet exaltou e propôs um lazer ativo e reformador, como destacado no trecho a seguir, longo, mas muito eloquente, por isso transcrito: “baseamo-nos nas necessidades da população da cidade de São Paulo, no seu desenvolvimento futuro e nas leis de higiene das grandes cidades (...) A área posta a nossa disposição e os bairros do entorno onde a população se concentra nos levaram naturalmente a estudar um complexo diversificado onde grande parte foi reservada às áreas de recreação e jogos infantis, e áreas de esportes para os adultos. A experiência nos tem mostrado que os parques públicos não devem ser somente passeios agradáveis e reservas de ar puro, mas devem também propiciar educação física às crianças, repouso aos adultos e o desenvolvimento da raça. Nós não devemos nos esquecer também que os jogos ao ar livre são derivativos poderosos para o cabaré e é desejável que áreas de jogos, pequenas e grandes, sejam distribuídas em grande número nos diferentes bairros”. Segundo Cuchet, espaço significativo seria destinado aos jogos e esportes, equipando o Parque Dom Pedro II também com cinema e teatro. “Os adultos encontrarão tênis, quadras de futebol, hockey, baseball, boliche, patinação, ginásio coberto e um conjunto de banhos públicos. Paralelamente, está previsto um estádio, com tribunas e dependências para esportes e manifestações atléticas. As crianças também poderão dispor de áreas de jogos separadas, sombreadas e bem abrigadas dos ventos frio do sul, onde encontrarão os jogos e aparelhos de ginásticas adaptados à sua idade. Além das áreas de jogos, claramente definidas, os gramados, em sua maior parte, são amplos e se prestam às gincanas e recreações diversas. E um cine-teatro e anfiteatro ao ar livre estão previstos para divertimento dos pequenos e dos grandes”. Ademais, o arquiteto preocupa-se em integrar o novo parque público aos bairros operários Brás e Mooca, como podemos perceber nas seguintes passagens do *Anteprojeto*: “o parque é circundado por uma avenida-passeio externa constituída num trecho pela Rua General Carneiro prolongada e pelas ruas 25 de março e Frederico Alvarenga alargadas, em outro trecho, por uma nova avenida, cujo traçado será por nós definido, atendendo às ruas dos bairros populosos do Brás e da Mooca (...) Mas, em consideração à orientação do Palácio das Indústrias, atualmente em construção, e à necessidade de estabelecer comunicações as mais diretas possíveis entre a cidade e o bairro do Brás, acreditamos que devam ser mantidas as vias existentes, dissimulando o seu aspecto demasiado utilitário através de plantações apropriadas” (KLIASS, 1993, p. 117-118).

menção ao Brás e à Mooca no “Anteprojeto” assinado por Cuchet, apurou D’Elboux que Freire costumava omitir informações de projetos elaborados por profissionais à Diretoria, adaptando-os conforme seus interesses. Dessa forma, a construção do Parque Dom Pedro II, que passou a “depende” da comercialização de lotes da Várzea do Carmo, intensificando a especulação imobiliária no que concerne aos terrenos que compunham o centro da cidade que curiosamente favorecia uma apropriação elitista, em virtude do insucesso de vendas, acarretou que este fosse inaugurado sem diversos dos equipamentos previstos (KLIASS, 1993, p.120; D’ELBOUX, 2015, p.388). A falta de verba foi a justificativa para a entrega incompleta do parque urbano. Porém, o fracasso das vendas e da consequente “seleção” de quem habitaria o local, em nossa visão, não deve ser ignorada.<sup>188</sup> Assim como era próximo do Anhangabaú e outros bairros que compunham o “centro novo da cidade” que procuravam representar a riqueza paulistana, de extensa dimensão, este espaço de lazer era fronteiro ao Brás, e na época de sua inauguração, a configuração de estrutura que pudesse atrair habitantes do mesmo e fomentasse vínculos de permanência não parecia interessante aos planos do Governo e nem de proprietários particulares locais.

Na década subsequente ao seu surgimento, a intensificação de intervenções viárias naquele espaço permitem a leitura de que o lazer não era a função mais importante a ser desenvolvida ali. Ainda assim, as diversões, em sentido *lato*, acabaram encontrando espaço, e postulamos que a inauguração do Palácio das Indústrias, em 1924, deve ser vista como o “o acionador” da prática do lazer mecanizado no Parque Dom Pedro II. Esta afirmação nos leva a lembrar que o Parque Shanghai participou de evento no pavilhão florentino ali construído, pela primeira vez, nos anos 1930, e se tornou opção de entretenimento permanente daquela localidade em 1945, como analisaremos na sequência.

---

<sup>188</sup> Elaborado em 1911 pelo engenheiro-paisagista francês Joseph Bouvard no período em que Raimundo Duprat esteve à frente da Prefeitura de São Paulo (1911-1914), o projeto que previa a constituição de um grande parque na Várzea do Carmo, foi parcialmente modificado em 1914 pelo engenheiro E.F. Cuchet, sucessor de Bouvard. Enviado à Câmara Municipal no mesmo ano, pelo então Prefeito Washington Luis (1914-1919), substituto de Duprat, apesar de apelo para execução imediata do projeto realizada no relatório de solicitação produzido pelo gestor, que criticava o ambiente físico e moral da Várzea, sua execução se iniciou apenas em 1918, pouco antes do fim de sua administração. Liderada pelo engenheiro Antonio de Almeida Braga, a entrega da obra prevista para maio de 1920, ocorreu apenas em 1922, quando o Prefeito da cidade era Firmiano de Moraes Pinto (1920-1926). É importante ressaltar, contudo, que o Parque foi entregue a Municipalidade sem que as obras estivessem concluídas e que o Anteprojeto produzido por Cuchet foi significativamente alterado (KLIASS, 1993, p.120).

## 4.2 Um negócio da China em São Paulo: em busca de um território para as diversões

Em 30 de Abril de 1945, documento expedido pela Subdivisão do Patrimônio<sup>189</sup> registrou autorização concedida pela Prefeitura de São Paulo para ocupação por parte do Parque Shanghai de terrenos públicos no centro da cidade por um período de quatro meses.<sup>190</sup> Mesmo se tratando de um acordo inicial, este episódio que marcou o prelúdio da trajetória fixa do Shanghai em São Paulo, registrou divergências entre as partes, que, aliás, se estenderam praticamente durante os mais de vinte anos em que o mesmo usufruiu da área Municipal. Os discursos produzidos pela empresa privada e o poder público desde a década de 1940 se mostraram notadamente antagônicos e, acrescidas das violações contratuais decorridas já naquela época, substanciaram o conflito.

A condição do terreno locado por Enrique Zaragueta do IAPI e da prefeitura apontou uma primeira contradição. De acordo com os ofícios *Exmo. Sr. Prefeito Municipal de São Paulo*<sup>191</sup> e *Exmo. Sr. Dr. Francisco Prestes Maia. DD. Prefeito de São Paulo* este não se encontrava em bom estado, “coberto de matagal, lixo, imundícies e inundado de lama, constituindo foco de permanentes endemias”, rebatendo a empresa de diversões a municipalidade de que a área em questão estava adequada para ser apropriada quando a arrendou. Argumentou a instituição privada que para preparo do terreno e montagem dos equipamentos foram necessários mais de dois meses, efetivando, por meio de contratos de limpeza e instalação à sua própria custa, saneamento no local e construção de muros vedativos (PROCESSO 97.200/61, 24/05/1961).

Os documentos acima citados, produzidos por representantes do Shanghai que revelam posicionamento divergente ao do poder público no que tange ao terreno concedido para sua instalação, e notícias de jornais publicadas na transição da década de 1940 para de 1950, fornecem elementos para o debate de uma outra questão em voga no período: o surgimento das favelas em São Paulo, consequência da crise da habitação que

---

<sup>189</sup> O Documento intitulado “**Termo de permissão, a título precário, entre partes a Municipalidade de São Paulo e o Sr. Henrique Pio Gaspar Zaragueta**” apontou permissão para ocupação de abril a julho de 1945 (PROCESSO 27.118/45, 1945).

<sup>190</sup> Nas cláusulas do contrato firmado entre a administração do Parque Shanghai e a Municipalidade, a primeira foi designada, exclusivamente, como responsável pela manutenção do imóvel durante sua permanência. Ademais, exigia o poder público que a área concedida fosse utilizada apenas para exploração de parque de diversões e, se requisitada, deveria ser desimpedida pela empresa privada (PROCESSO 27.118/45, 1945).

<sup>191</sup> Ofício encaminhado ao poder público pela advogada da empresa de diversões, Maria Romana de Lima, em 15 de Maio de 1961, em função de desacordo a respeito dos valores ocupação arbitrados (PROCESSO 97.200/61, 24/05/1961).

afetava a cidade diante do aumento populacional, a falta de alternativa de moradia de aluguel compatível ao rendimento dos trabalhadores e a precária infraestrutura urbana que dificultava deslocamentos por seu espaço (VIRGÍLIO, 2010, p.69).

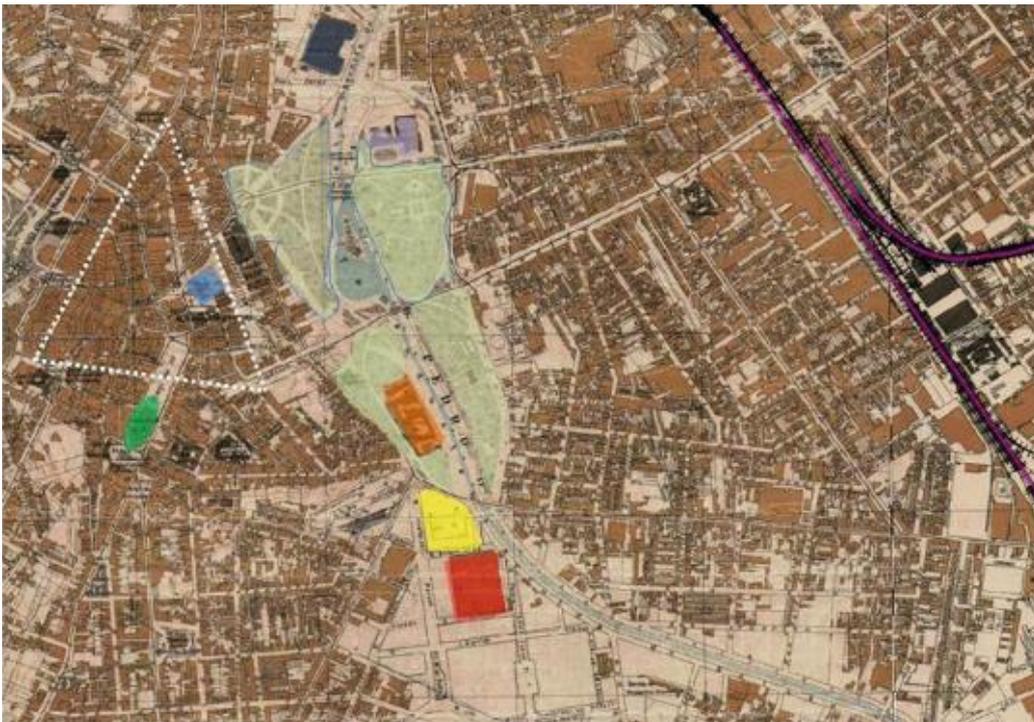
Porém, antes de relacionar essa questão ao Parque Shanghai, tendo em vista as representações, discursos e iniciativas adotadas pela empresa de diversões em relação a essas habitações e seus moradores enquanto esteve ativo no centro da capital paulista, pontuaremos as possíveis razões que levaram à escolha por um “despretensioso terreno” localizado em uma área tão significativa da Pauliceia que impulsionou frequência ao empreendimento, fomentada também pela engenhosidade de sua administração.

Como nos alerta Marcos Virgílio o modo de organização e a consequente expansão da cidade de São Paulo privilegiava um “padrão radial concêntrico”, o qual já era verificável, segundo este autor, desde a época em que a capital paulista era conhecida praticamente pelo que era contido em seu Triângulo Central. Dessa maneira, São Paulo permanecia entre os anos de 1940 e 1950 “intensamente polarizada pela região central”, onde se concentrava para além da vida econômica e política, ampla parcela da vida social e cultural, configurando-se o centro como “ponto de convergência de toda a população” (VIRGÍLIO, 2010, p.50-51).

A escolha por um “terreno baldio” na Várzea do Glicério, portanto, não era uma atitude “inocente” por parte dos empresários do Parque Shanghai. Apesar do empenho salientado em recuperar a área em questão abandonada, a administração do Shanghai dispunha de suficiente sapiência para aquela eleição, afinal, há menos de uma década, Gaspar José Luis Zaragueta, pai de Enrique Pio Gaspar Zaragueta (condutor das negociações que permitiram a fixação do Shanghai naquele local), já havia elogiado a estrutura do Parque Dom Pedro II, que comportava “a Várzea” em questão. Tal elogio se deu durante a Exposição do Cinquentenário da Imigração Oficial, que fora sediada naquele espaço, e conservou como uma de suas atrações o parque de diversões da família.<sup>192</sup>

---

<sup>192</sup> A escolha por terreno no centro da cidade de São Paulo, como vimos, local de concentração populacional, a participação em eventos ali promovidos enquanto ainda era efêmero e a experiência de distintos parques de diversões que foram montados anteriormente a sua existência, somadas a acessibilidade por meio de transporte público (bondes, trens), tendo em conta a convergência das linhas do período ao núcleo central da Pauliceia (Anexo I), referenda a hipótese de que a escolha pelo Parque Dom Pedro II foi estratégica por facilitar a chegada ao recinto do Parque Shanghai, como podemos observar no mapa Sara Brasil de 1930, no itinerário das linhas de bonde e em anúncios de jornais que destacavam a proximidade entre a Praça da Sé e este centro de diversões. Apesar do transporte público aparentemente se mostrar como uma conveniente opção de acesso, segundo Virgílio, desde a década de 1920 se instalara em São Paulo uma crise no setor de transportes após desacordos entre a Municipalidade e a Companhia Light, responsável pelas linhas de bonde da Capital, e devido a outros fatores, dentre eles,



**Mapa 03** - A cidade de São Paulo de 1930. Em destaque no quadrado amarelo a área ocupada pelo Parque Shanghai em 1945. Em vermelho a Fábrica de Cigarros Sudam. As linhas em rosa, permitem observar a estrada de ferro que passava pelo centro da Capital Paulista. Em cinza, distante cerca de 1,5 km do Parque Shanghai, o Mercado Municipal. Em verde escuro, à esquerda, a Praça da Sé, também próxima do parque de diversões, indicada, inclusive, em anúncios do período quando este empreendimento ainda estava ativo. Em azul, adjacente a Praça da Sé, a Praça do Pateo do Collegio. Em laranja, acima do Shanghai, o Quartel do 6º Batalhão, em Lilás, o Palácio das Indústrias e, por fim, em verde claro a área do Parque Dom Pedro II.

**Fonte:** Sara Brasil 1930

Disponível em: [http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/\\_SBC.aspx](http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx) . Acesso em 14 mar. 2017.

---

um deficiente abastecimento de combustíveis nos anos da II Guerra Mundial; a carência de energia elétrica que priorizava o desenvolvimento da indústria paulista e a incipiente e desorganizada estrutura das linhas de ônibus na cidade, que apenas com a criação da CMTC (Companhia Municipal de Transportes Coletivos), em 1947, ainda que de maneira insatisfatória, procurava soluções para os deslocamentos rodoviários da cidade (VIRGÍLIO, 2010, p.60-61). Virgílio também ressalta que contribuiu para a crise do transporte coletivo, à época, a adoção do modelo baseado no automóvel particular, locomoção adotada inclusive por antigos frequentadores do Parque Shanghai (VIRGÍLIO, 2010, p.60-61). O historiador e jornalista Heródoto Barbeiro, morador da baixada do Glicério, adjacente ao Shanghai, descreve na obra *Meu Velho Centro: histórias do coração de São Paulo*, os imponentes carros pretos que estacionavam em sua porta na década de 1950 dos quais desciam famílias para se divertirem nas atrações (BARBEIRO, 2007, p.66). Miguel Rachid que visitou o Parque Shanghai durante anos 1960, recordou em questionário respondido em 13 de março de 2017, que seu pai o levava com alguns vizinhos na Volkswagen Kombi de sua loja de autopeças (MIGUEL RACHID, 2017). As memórias em questão, a localização do empreendimento que fazia divisa com bairro operário e ao mesmo tempo se encontrava próximo a bandas da cidade mais abastadas, as distintas formas de acessibilidade, além das estratégias fomentadas para aumentar a frequência, intentando, sobremaneira, enquanto empresa privada, expandir o lucro, nos levam a pensar que o Parque Shanghai não privilegiava um determinado público, agregando as distintas classes sociais paulistanas.



**Fig. 54** - Anúncio que revela distância de 300 metros entre o Parque Shanghai e a Praça da Sé, apontando sua proximidade a um dos pontos de desembarque de passageiros que utilizavam bondes e ônibus como meio de acesso ao Parque. Questionário respondido por Walter Barbosa, morador de Guarulhos e frequentador do Shanghai nos anos 60, confirmou a utilização do transporte público para acessá-lo. Barbosa relata: “usava ônibus e bonde, que passavam na Praça da Sé e na Praça Clóvis Beviláqua. Das praças, ia a pé até o parque” (WALTER BARBOSA, 2017).

**Fonte:** FOLHA DA MANHÃ, 18/07/1945, p.5.

#### 4.3 – “Trombadas Municipais”: querelas entre o Parque Shanghai e a prefeitura

Dois meses antes do final do acordo estabelecido, a municipalidade já alertava a empresa de diversões que o prazo de cessão do imóvel venceria no dia 1º agosto de 1945 (PROCESSO 27.118/45, 1945). Assim sendo, em meados de julho, Enrique Zaragueta, visando permanecer no local, solicitou prorrogação do acordo por tempo indeterminado enquanto não se efetivassem as obras de melhoramentos públicos. Em argumentação descrita no ofício intitulado *Exmo. Sr. Prefeito Municipal desta Capital*, ressaltou os benefícios econômicos que a empresa privada possibilitaria ao poder público através da arrecadação do Imposto de Selo de Diversões, acentuou que já havia negociado e firmado acordo com IAPI para continuar ocupando a porção do terreno que lhe pertencia, que não media esforços na produção de espetáculos que correspondessem a “exigência do povo paulista e adequados a sua cultura” oferecendo gratuitamente em seu auditório shows de artistas renomados, além de pontuar a interferência de condições climáticas – frio e chuvas – em suas atividades que na época se restringiam aos finais de semana e feriados (PROCESSO 50608/45, 1945).

Ainda em julho de 1945, a petição de Zaragueta foi analisada pelo prefeito paulistano, Prestes Maia, que determinou à seção de obras que verificasse a possibilidade de atender seu pedido desde que as instalações recreativas não interferissem em obras de arruamento. Em 02 de agosto, um dia após o vencimento do prazo, a Subdivisão de Patrimônio declarou que nada tinha a objetar à prorrogação da ocupação das faixas Municipais pelo Parque Shanghai,<sup>193</sup> tolerando sua continuidade a “título precaríssimo”, vigorando as bases do acordo realizado no Processo 27.118/45, quando a empresa locou o terreno (PROCESSO 50608/45, 1945).

<sup>193</sup> Declaração realizada por meio do ofício “*Obras (Sr. Director)*” de agosto de 1945 (PROCESSO 50608/45, 1945).

Apesar da instabilidade dos meses iniciais de sua presença no Parque Dom Pedro II, tendo vista a duração do primeiro contrato instituído com a prefeitura e o tempo que despendeu no preparo da estrutura, o Parque Shanghai, como frisado anteriormente, proporcionou acesso gratuito a atrações em suas dependências. Contudo, a análise das fontes nos permite ponderar sobre essa gratuidade. Ofício denominado *Exmo. Snr. Prefeito Municipal de São Paulo*, datado de 23 de novembro de 1953, aponta que o Parque Shanghai, entre 1944 e 1953, cobrou o preço de Cr\$ 1,50 de entrada, provendo as apresentações artísticas aos frequentadores que, em contrapartida, pagavam à parte para se divertirem em cada um dos 20 aparelhos instalados em seu espaço. Ou seja, “por trás” da promoção de apresentações de artistas e conjuntos nacionais e internacionais célebres daquele período, se configurava uma clara estratégia de marketing para atrair um público maior que, uma vez no recinto, ainda que por um “valor popular”, seria induzido a gastar para aproveitar os atrativos mecânicos (PROCESSO 172.440/53, 1953).

O exame das articulações econômicas empreendidas pela empresa, não impede que em nossa análise enxerguemos sua relevância no fomento cultural, sobretudo pelo viés da música. Essa prática, diga-se de passagem, foi amplamente adotada após sua fixação na Várzea do Glicério.<sup>194</sup> Como já discorrido, quando participava da Feira de Amostras de Belo Horizonte, além dos brinquedos mecânicos, o Parque Shanghai ofereceu ao público cinema, teatro, ilusionismo e música. O circo também passou a compor sua extensa lista de atrativos nos anos 1940, revelando a hibridez desse ambiente de lazer, diante da incorporação de outras formas de manifestações culturais, absorvendo, ressignificando e edificando novas linguagens em seu espaço.<sup>195</sup>

---

<sup>194</sup> As apresentações musicais se constituíram como atração do Parque Shanghai em grande parte de sua trajetória na cidade de São Paulo. Tradicionais nas diversas feiras das quais o parque participou, estas foram exploradas pela empresa de diversões já consciente do apelo que possivelmente os shows angariavam em tais eventos. Profusamente divulgadas nos jornais em anúncios que também enalteciam os divertimentos mecânicos, durante o período em que permaneceu na Várzea do Glicério o auditório do Parque Shanghai foi contemplado por apresentações de artistas como: Las Golondrinas; Walter Gonçalves; Grande Otelo; Adoniran Barbosa; Ataulfo Alves; Trio Tamoyo; Orlando Silva; Francisco Amor; Emilinha Barbosa e Francisco Alves. A unidade fixa no Rio de Janeiro, como já descrito, existente desde os anos 1940, também abria espaço às exposições artísticas. Notícia publicada no *Jornal dos Sports* revela que o auditório do Shanghai recebia dois “grandes shows” – às 16h30 e às 19h30 – nos dias de função. Em 1946, por seu palco já haviam passado os cantores solo Regina Helena e Hugo de Sarregrande, o dançarino Broadway, o conjunto musical Tonis Silva, além de peças de teatro e apresentações de palhaços (JORNAL DOS SPORTS, 07/09/1946, p.6). Assim como em São Paulo, os periódicos mostram que espetáculos artísticos eram gratuitamente oferecidos em seu auditório, confirmando essa prática como artifício empresarial em distintas unidades do Parque Shanghai (JORNAL DO BRASIL, 04/02/1945).

<sup>195</sup> Promovido no espaço do Parque Shanghai já nos anos iniciais em que ocupou faixa do Parque Dom Pedro II, o circo, foi proibido pelas autoridades Municipais, pois violava o termo de acordo firmado entre



Fig. 56 - Anúncio de divulgação do Show de Grande Otelo e outras atrações musicais no Parque Shanghai.  
 Fonte: Folha da Noite, 14/12/1946, p.12.



Fig. 57 - Anúncio de divulgação do Gran Circo Norte Americano que se apresentou no Parque Shanghai.  
 Fonte: Folha da Manhã, 28/07/1957, p.11.

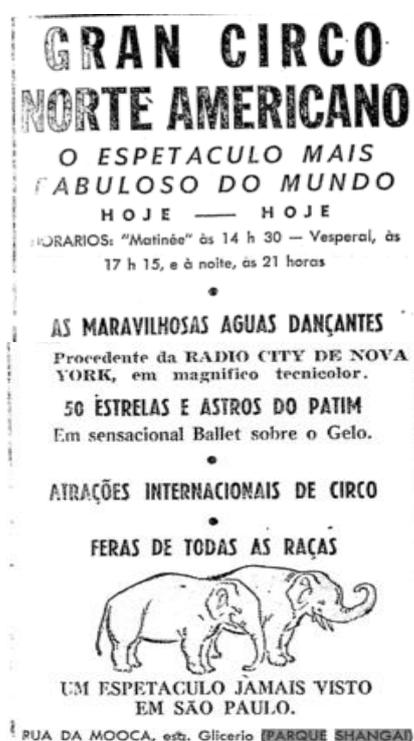


Fig.58 - Anúncio publicado no dia seguinte a inauguração do Parque Shanghai na Várzea do Glicério. Sua estreia contou as participações musicais de Las Golondrinas e Walter Gonçalves.  
 Fonte: Folha da Noite, 05/05/1945, p. 4.

partes no qual se estabeleceu que o uso do terreno devesse ser exclusivamente voltado para exploração de parques de diversões (PROCESSO 27.118/45, 1945). Em 1948, Enrique Zaragueta, por meio de contrato particular que previa participação nos lucros (12% sobre a renda) abriu as portas do Parque Shanghai ao Circo Coliseu Argentino, de propriedade de Juan Sanchez & Cia. Inteirada do descumprimento da empresa de diversões a Prefeitura comunicou ao proprietário que a permanência do circo levaria a cassação da autorização deferida há três anos Notificado, Enrique Zaragueta atendeu a determinação Municipal e encerrou as atividades do Coliseu Argentino (PROCESSO 50.608/45, 1945). Publicações do jornal *Folha da Manhã*, no entanto, revelam que as atividades circenses retornaram na década de 1950 ao Parque Shanghai, como podemos observar acima no anúncio de divulgação do Gran Circo Norte Americano de 1957 (FOLHA DA MANHÃ, 28/07/1957, p.11). Dentre as atrações desse espetáculo, estava previsto ballet sobre o gelo, que já havia ocupado o espaço do Parque Shanghai três anos antes no evento denominado “Carnaval Americano do Gelo”, como destaca o excerto, “mais uma vez, dentro de poucos dias, o público paulista terá oportunidade de apreciar em temporada oficial, o Carnaval Americano do Gelo de 1954. Para esta temporada, nos apresentará um novo elenco, compostos de famosos astros e estrelas da patinação no gelo, cujo programa é formado de novos numeros artísticos. Foi escolhido, para essa temporada, o Parque Shangai, à Rua do Mooca, esquina com Glicério” (FOLHA DA MANHÃ, 02/09/1954, p.6).

Publicações do *Jornal de Notícias*, de 1949, exibem atrito entre o Parque Shanghai e moradores de um conjunto de precárias habitações – denominadas pelo periódico de “favelas” – configuradas na Várzea do Glicério naquele período. Marcos Virgílio na obra *São Paulo 1946-1957. Representações da cidade na Música Popular* aponta a “favelização” em São Paulo como fenômeno da década de 1940. Segundo o autor, a carência de opções de moradias acessíveis em termos econômicos na porção central da cidade, – que pudessem abrigar, inclusive, uma miríade de migrantes que chegavam em busca de oportunidades de trabalho na Pauliceia<sup>196</sup> –, ocasionou diversas ocupações em terrenos baldios em regiões de várzeas próximas ao núcleo mais consolidado, já conhecido como “centro”. Resistentes à “periferização” que acarretaria em um “isolamento da/cidade” devido às deficientes conexões, frações de terra nas beiradas de rios se tornaram uma das alternativas naquela época aos que não conseguiam arcar com os valores locativos das casas regulares (BONDUKI, 1994). As margens do Tamanduateí, que conservava áreas desocupadas, como a que Enrique Zaragueta havia alugado para instituir o Parque Shanghai, foi a escolha de diversas famílias que ergueram barracões com “materiais improvisados” para servirem de morada (VIRGÍLIO, 2010, p.69-70). Ocupando irregularmente terreno que seria destinado às diversões do “parque mecanizado”, moradores da “Favela Prestes Maia” foram despejados enquanto tratores colocavam abaixo suas moradias. O *Jornal de Notícias*, em um tom crítico, condenou a operação ordenada pela prefeitura e executada pela polícia em julho de 1949 (JORNAL DE NOTÍCIAS, 19/07/1949, p.10):

Absurdo dos absurdos, se isso suceder, e se, na realidade, pensa assim o secretário de Obras da Prefeitura. Acabar de deixar ao relento, quem praticamente já está exposto aos caprichos dos fenomenos climaticos para acolher um parque de diversões, é um verdadeiro crime. Não negamos o direito à Prefeitura, naquilo que é seu, como é o caso daquele terreno. Temos de encarar, acima de tudo, o lado humano da questão, pois não se pode deixar velhos e crianças completamente desamparados, não se pode praticar a barbaridade de incendiar-lhes de uma hora para outra, o rude abrigo que possuem (JORNAL DE NOTÍCIAS, 19/07/1949, p.10).

No dia seguinte o *Jornal de Notícias* publicou que a retirada das moradias não havia sido ordenada pela Prefeitura, que atribuiu a ação exclusivamente aos administradores do Parque Shanghai, argumentado que o terreno em que estava

---

<sup>196</sup> Marcos Virgílio em *São Paulo 1946-1957. Representações da cidade na Música Popular* problematiza o contingente de migrantes que aportavam na Cidade de São Paulo na transição da década de 1930 para a de 1940. Segundo o autor, em 1939, 86.651 migrantes chegaram à Capital Paulista, não sofrendo significativas alterações este número nos anos subsequentes. Empenhados em “fazer a vida”, Virgílio coloca que estes chegavam a São Paulo “sem nada economicamente estruturado”, impactando no espaço da cidade, que não reunia condições de receber tamanha população, tendo em vista sua conflituosa estrutura urbana (VIRGÍLIO, 2010, p. 48-49).

localizada a favela pertencia ao IAPI, que o cedera à empresa de diversões através de um contrato de aluguel. Ainda que o periódico procurasse apontar o possível mal-entendido que gerou ácidas críticas à municipalidade, questionou o órgão político sobre o auxílio que dois caminhões “com chapas e inscrições oficiais” ofereciam no local durante a operação, recolhendo os entulhos das habitações demolidas. A prefeitura, por sua vez, justificou o ocorrido revelando o equívoco de um funcionário, designado a comandar uma operação de contenção de uma favela que surgira na Ponte Nove de Julho, e não no Glicério, como procedido (JORNAL DE NOTÍCIAS, 20/07/1949, p.10). Independentemente da autoria da ação que culminou na expulsão de dezenas de famílias daquele local, ressaltava o periódico, à época, a melancólica situação dos habitantes da favela em questão:

Esta possuía 30 barracões e, na tarde de ontem, não mais de 10 se encontravam no local, havendo ali um verdadeiro ambiente de desespero para os restantes que aguardavam a derrubada de seus cochicholos (JORNAL DE NOTÍCIAS, 20/07/1949, p.10).<sup>197</sup>

Curiosamente, após a referida ocasião, que, como destacado, sensibilizou o *Jornal de Notícias*, o Parque Shanghai se tornou alvo de críticas em publicações posteriores deste periódico.<sup>198</sup> Elucidou o jornal, ainda remetendo à demolição da favela em que a administração da empresa de diversões teve significativa participação, que autoridades políticas censuravam sua presença no Parque Dom Pedro II, considerando-a um entrave à Campanha de Arborização da cidade. Jogatinas irregulares desenvolvidas

---

<sup>197</sup> Apesar das divergentes versões no que tange à autoria da ação na “Favela Prestes Maia” que culminou na remoção de famílias da Várzea do Glicério, a documentação consultada do Arquivo Histórico de São Paulo tornou possível compreender a perspectiva dos administradores do Parque Shanghai em relação a este “grupo social”. Empregando “adjetivos pejorativos”, a empresa privada nos ofícios produzidos que defendiam sua permanência no terreno ocupado recriminava os “favelados”, indicando que “ofereciam um espetáculo de miséria e perigo a vida dos transeuntes e moradores adjacentes”. Dessa maneira, alegavam que a saída do Shanghai ocasionaria invasões e posterior apropriação de “indivíduos desclassificados” em um terreno produtivo economicamente, tendo em vista as arrecadações de impostos que beneficiavam a Prefeitura. A perspectiva de “lucro social”, também foi salientada por seus representantes, assim sendo, de acordo com os mesmos, determinar o fechamento desse empreendimento significava impedir os habitantes da cidade de São Paulo de usufruírem de uma opção de lazer aprazível, “severamente policiada”, que “cultuava respeito aos bons costumes”. Isto posto, vemos através dessa documentação, que o discurso da empresa de diversões, reproduz, em parte, discussão já realizada nesta pesquisa sobre o lazer como objeto utilitário “monetariamente” e para “formação pessoal conveniente” (PROCESSO 172.440, 23/11/1953; PROCESSO 97.200/61, 24/05/1961).

<sup>198</sup> Em 1949, o *Jornal de Notícias*, apresentou críticas aos equipamentos, aos preços e a dinâmica do Parque Shanghai. Além disso, sugeriu que a empresa de diversões supostamente era beneficiada no circuito de exposições paulistanas em função do envolvimento de seus administradores na organização de tais eventos, bem como a repreendeu pela falta de colaboração com a Prefeitura após ser notificado que teria de deixar a área ocupada, desrespeitando o prazo determinado e contribuindo monetariamente de forma insignificante a recuperação do terreno (JORNAL DE NOTÍCIAS, 25/09/1949, p.16; JORNAL DE NOTÍCIAS, 18/10/1949, p.4; JORNAL DE NOTÍCIAS, 02/11/1949, p.8; JORNAL DE NOTÍCIAS, 04/11/1949, p.5).

em seu espaço já haviam sido também constatadas por vereadores e pelo Juiz de Menores. Relatou o periódico, inclusive, que a licença de ocupação concedida pela Prefeitura ao Parque Shanghai estava vencida há aproximadamente dois meses. Entrevista concedida pelo vereador Camilo Aschar corroborou o “duro parecer” produzido pela imprensa, revelando o político, que interpelaria o prefeito em ocasião oportuna na tribuna da Câmara sobre a negligência do poder público que permitia a permanência do Shanghai no Parque Dom Pedro II atrasando a “regeneração” daquela área da cidade (JORNAL DE NOTÍCIAS, 25/09/1954, p.2):

Fui autor do projeto de lei que determinava a recuperação daquele jardim publico para o uso do povo e por determinação do sr. Prefeito os beneficiarios deveriam ter desocupado e restaurado a área no fim do primeiro semestre deste ano sendo que os mesmos posteriormente conseguiram uma prorrogação de 30 dias. Tentaram novamente, depois disso, no pedido outra prorrogação que foi definitivamente repelida pela Prefeitura (...) Até agora não conheço qualquer medida administrativa ou judicial para recuperação do Parque Dom Pedro II. Afirma-se que os beneficiários que já viram extintas suas pretensões, procuram contemporizar a situação para renovar o pedido de prorrogação em ocasião oportuna ou perante nova administração municipal. É compreensível o fato numa época em que os homens do jogo são tidos em grande consideração e gozam do beneplácito das autoridades, inclusive policiais (JORNAL DE NOTÍCIAS, 25/09/1949, p.2).

Matéria do *Jornal de Notícias*, de 01 de novembro de 1949, indicou que o Parque Shanghai acabou removido pela Prefeitura da área que ocupava no Parque Dom Pedro II (JORNAL DE NOTÍCIAS, 01/11/1949, p. 5):

Divulgamos, em varias reportagens, que o Parque Shanghai, instalado no Parque Dom Pedro II, ainda permanecia no mesmo local, desobedecendo as determinações do prefeito Asdrubal da Cunha, que, atendendo aos insistentes pedidos formulados pelo legislativo Municipal, resolvera dar por finda a licença de funcionamento daquele centro de diversão, marcando data certa para sua retirada. Intimado que foi, inúmeras vezes, o Parque Shanghai, não acatou as ordens emanadas do Poder Publico o que compeliu o chefe do Executivo Municipal a providenciar, por sua conta, a retirada dos tapumes e outras instalações que ainda se encontravam no local. Assim é que na tarde de sábado ultimo apareceram possantes maquinas da Divisão de Parques e Jardins, da Prefeitura, e limparam o terreno em apenas poucas horas (JORNAL DE NOTÍCIAS, 01/11/1949, p. 5).

Contudo, menos de três meses depois, o periódico divulga sua reabertura em terreno vizinho ao antigo local que ocupava. Naquela ocasião, a empresa de diversões decidiu pela doação integral de sua arrecadação para contribuir com campanha promovida pela entidade Bandeira Paulista Contra a Tuberculose:

Hoje o Parque Shangai fará sua reabertura, na Rua Glicério, esquina da Avenida do Estado, fazendo funcionar todos os seus divertimentos e no palco do auditório dar-se-á a apresentação da conhecida dupla radiofônica Ouro e Prata e cômico Fasolim, do Cartório de Protestos. (...) Prestigiando a campanha que vem encetando a “Bandeira Paulista Contra a Tuberculose” a direção do

Shangai resolveu destinar a renda integral da função de hoje em benefício dessa instituição (JORNAL DE NOTÍCIAS, 28/01/1950, p.4).

As fontes oficiais colhidas no Arquivo Histórico de São Paulo não revelam que o Parque Shanghai por iniciativa da Prefeitura tenha sofrido um desmonte e nem relatam seu ligeiro retorno ao Parque Dom Pedro II, no entanto, evidenciam que em 1951 este ocupava um terreno distinto do que a municipalidade havia lhe cedido em 1945 (PROCESSO 50.608/45, 1945). Por meio da documentação obtida não foi possível compreender o exato deslocamento da empresa privada pelo território do Parque Dom Pedro II, porém, esta nos traz à tona que a “nova” área ocupada era maior que a “antiga”. O Parque que iniciara os trabalhos em um espaço de 16.852 m<sup>2</sup> estruturava suas atrações, desde a década de 1950, numa área de 19.645 m<sup>2</sup> (PROCESSO 50.608/45, 1945). Atestado o deslocamento do Parque Shanghai, que feria o termo de permissão outrora convencionado, tem início um imbróglio que envolveu diferentes partições da esfera pública, dentre elas, a Divisão de Patrimônio e a Secretaria de Obras, perpassando por cinco gestões municipais, tendo parecer favorável a empresa privada em 1955, durante o governo de Juvenal Lino de Matos.<sup>199</sup> Essa inconstância na “principal cadeira” do poder paulistano é denotada por Virgílio, que revela que a descontinuidade administrativa dos anos 1950 provocou um grande descompasso no desenvolvimento dos diversos planos urbanísticos e trabalhos técnicos: “cada mudança de prefeito significava ativação de um trabalho e desativação de outro” (VIRGÍLIO, 2010, p.45). Essa observação do autor pode ser compreendida como uma sugestiva explicação do longo tempo na definição deste caso. Além disso, Virgílio faz outro apontamento significativo que possivelmente elucida a motivação da empresa de diversões em ocupar área diferente da havia acordado com a prefeitura.<sup>200</sup> Expõe o autor:

Assim, entre 1946 e 1957, enquanto planos mais gerais eram ativados e desativados pelos inúmeros prefeitos, a cidade se expandia veloz e desestruturadamente, através da ação de diversos agentes privados e sob uma legislação urbanística desatualizada e insuficiente. Portanto (...) a atuação dos empreendedores desempenhavam papéis mais relevantes no processo de produção da forma urbana do que o próprio poder público municipal (VIRGÍLIO, 2010, p. 45-46).

---

<sup>199</sup> A gestão de Juvenal Lino de Matos (1904-1991) ocorreu entre 1955 e 1956.

<sup>200</sup> Documento denominado *Informação n°2430. Senhor Diretor*, encaminhado a Diretoria de Patrimônio, esclareceu que a perda de parte do terreno ocupado levou a empresa de diversões, inteirada de áreas encravadas municipais no imóvel do IAPI, identificada em planta abaixo, a nova apropriação como forma de compensação (PROCESSO, 172.440/53, 23/11/1953).



Após a decisão da administração municipal, Enrique Zaragueta, por meio de um novo processo (nº172.440-53), homologado em 23 de novembro de 1953, solicitou a manutenção do Parque Shanghai, apoiado em uma série de argumentos,<sup>204</sup> propondo, inclusive, ao poder público, a determinação de um novo aluguel.

Em 1954, tendo a favor parecer da Secretaria de Obras e contra o do Tesouro Municipal esperava a administração do Shanghai a decisão do Prefeito, que não se manifestou. Em janeiro de 1955, Jânio Quadros deu lugar a William Salem<sup>205</sup> na Prefeitura que, indeferiu o pedido da empresa de diversões solicitando o prosseguimento de recuperação do imóvel. Contudo, Salem permaneceu apenas até junho daquele ano no poder, sendo substituído por Juvenal Lino de Matos que, como vimos, avalizou sua continuidade na área que ocupava. O curto período que caracterizou essa gestão municipal e a não existência de fontes que comprovem sua saída, antes, a submissão de recurso contra a decisão arbitrada, permitem que afirmemos que a estrutura e o funcionamento do Shanghai conservou-se intacta na época (PROCESSO 172.440-53, 23/11/1953). No dia 20 de setembro de 1955, despacho exarado<sup>206</sup> revelou que o Parque Shanghai obteve autorização para permanecer na área já ocupada. Em 02 de dezembro foi oficializado o termo de acordo entre as partes, enfatizando (PROCESSO 75.924-55, 1955):

O réu confessa a ação, reconhecendo a precariedade da ocupação que vem – mantendo sobre as áreas municipais descritas na inicial; a autora tolerará a permanência do réu no local acima referido, a título precário, enquanto não se

---

<sup>204</sup> Grande parte de suas justificativas já foram citadas no decorrer de outras discussões do capítulo, contudo segue um apanhado de suas alegações: 1- Tempo em que o Parque Shanghai está em atividade no Brasil. Completaria no ano seguinte ao processo vinte anos. 2- Falta de planejamento e execução de obras viárias no terreno em questão. 3- Espaço de lazer de caráter popular, tendo vista a manutenção de preços baixos e o oferecimento gratuito em seu auditório de apresentações artísticas. 4- Gerador de empregos. Segundo Enrique Zaragueta, no início dos anos 1950, o Shanghai empregava permanentemente, entre técnicos, mecânicos e administração em geral, catorze funcionários, sendo que nos dias de função (sábados, domingos e feriados) trabalhavam em seu espaço mais de cento e trinta pessoas, entre bilheteiros, porteiros, fiscais e maquinistas. 5- Carência de espaços de lazer popular da cidade de São Paulo. O administrador colocou que a capital paulista em 1953, com aproximadamente três milhões de habitantes, propiciava à população poucas opções de entretenimento. Para tanto, usa como base de argumentação dados quantitativos daquele ano. De acordo como Enrique Zaragueta, de janeiro a novembro de 1953, o Shanghai recebeu 603.962 pessoas oficialmente comprovadas pelo recolhimento dos tributos municipais e estaduais. A considerável frequência propiciou que no período em questão a empresa contribuisse com Cr\$ 547.947,70 aos cofres municipais e com Cr\$ 98.794,40 para a Fazenda Federal. 6 – Colaboração com instituições carentes. Afirmou o empresário que o Parque Shanghai em ocasiões específicas colocava à disposição sua estrutura cooperando com entidades necessitadas. Ademais, contribuía também doando equipamentos. (PROCESSO 172.440/53, 23/11/1953; BANDEIRA PAULISTA CONTRA A TUBERCULOSE, 31/01/1950; ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE COMBATE AO CÂNCER, 10/05/1951; COMANDO DO BATALHÃO POLICIAL DA FORÇA, 25/12/1951; ASSOCIAÇÃO DOS SANATÓRIOS POPULARES CAMPOS DO JORDÃO DE COMBATE A TUBERCULOSE, 17/03/1952).

<sup>205</sup> William Salem (1921-2010) esteve à frente da Prefeitura no primeiro semestre de 1955.

<sup>206</sup> Componente do processo administrativo nº 75.924-55 de 1955.

verificar interesse viário que determine a utilização pública das áreas em apreço, na conformidade da escritura de permuta celebrada com o IAPI em 8 de junho de 1945; o réu pagará todas as custas de despesas judiciais relativas a esta ação, bem como ficará sujeito a uma taxa remuneratória mensal, a partir de 27 de outubro do corrente ano, taxa esta que será oportunamente arbitrada (PROCESSO 75.924-55, 1955).

A taxa que seria “oportunamente arbitrada”, como expôs o excerto, deu origem a mais um conflito entre a empresa privada e a prefeitura, resolvido somente nos anos 1960, como veremos mais à frente. Neste momento, todavia, a discussão priorizará questões relevantes à sua trajetória nos anos 1950.

#### 4.4 - Novos Alvos para Antigas Máquinas

Mudanças em sua administração ocorrem na década de 1950. Reflexos dessas transformações podem ser observados no atual quadro societário da única unidade ainda existente do Parque Shanghai, no Rio de Janeiro. José Luis Gaspar Zaragueta, um dos idealizadores, no início dos anos 1950, parecia atuar mais como um representante da “marca Parque Shanghai”, captando oportunidades para desenvolver a empresa, do que propriamente como um administrador cotidiano, função que estava a cargo dos demais sócios. A franquia paulistana era gerida por seu filho, Enrique Pio Gaspar Zaragueta, figura central na fixação do parque de diversões em São Paulo e representante da empresa nos processos que emergiram em função desta, como observamos no decorrer do capítulo. Na unidade carioca os encarregados da administração eram Manoel Cabellero e Angelo Sbarra. Isto posto, como “captador”, em maio de 1952, se iniciou mais uma incursão de José Luis Gaspar Zaragueta pela Europa, com visitas programadas à França, Inglaterra, Itália, Alemanha Ocidental, Suíça, além de seu país de origem, Espanha, com a finalidade de adquirir novos aparelhos mecânicos aos empreendimentos que matinha no Brasil e em outras nações da América do Sul,<sup>207</sup>

---

<sup>207</sup> A reportagem do jornal *Folha da Manhã* aponta Gaspar José Luis Zaragueta como “o maior organizador de diversões populares do continente”, revelando que além de proprietário das unidades do Parque Shanghai de São Paulo e do Rio de Janeiro, este era detentor do “famoso Parque Retiro” e do “Gran Salão Babilônia”, em Buenos Aires, bem como do Parque Rodo, em Montevideú. Viajava o empreendedor à Europa, segundo o jornal, para “encomendar de fábricas especializadas diversos aparelhos modernos”, dentre eles, o “Rotor”, última sensação naquela época de exposições em Londres e Nápoles. Ainda enfatiza o periódico, que ciente da grandiosa programação que era forjada para se comemorar o IV Centenário da cidade de São Paulo, o sr. Zaragueta esperava com as novidades trazidas colocar o Parque Shanghai a altura dos festejos de quatrocentos anos da Capital Paulista (FOLHA DA MANHÃ, 16/05/1952, p.9). O fato de buscar novidades com mais de um ano de antecedência ao IV Centenário, evidencia que José Luis Gaspar Zaragueta estava a par da grande mobilização que se espalhava pela cidade em razão dessa data simbólica. Evidente que o empresário previa lucros associando as “novidades” que iria disponibilizar em seu parque de diversões com o “clima festivo” que cada vez mais tomava conta da Pauliceia. A respeito do IV Centenário, diversos estudos discorrem sobre as representações simbólicas e as múltiplas transformações ocorridas no espaço da cidade inspiradas por esta

contudo, o retorno marcado para setembro, não aconteceu. (FOLHA DA MANHÃ, 16/05/1952, p.9). Em 17 de agosto de 1952, anunciou a *Folha da Manhã*, que aos sessenta anos, em Barcelona, falecia o empresário (FOLHA DA MANHÃ, 17/08/1952, p.2):

Sr. José Luis Zaragueta. Dia 15 ultimo, em Barcelona, aos 60 anos, deixando viúva a sra. Michaela Zaragueta, e os seguintes filhos: Henrique P. G. Zaragueta, diretor-proprietário do Parque Shangai, casado com a Sra. Zulema Abud Zaragueta; José Maria Zaragueta, casado com a sra. Amanda Zaragueta, e Nelida Zaragueta, estes últimos residentes em Buenos Aires (FOLHA DA MANHÃ, 17/08/1952, p.2).



**Fig. 60** - Convite da missa de 7º dia de Gaspar José Luis Zaragueta, fundador do Parque Shanghai.

**Fonte:** Jornal Folha da Manhã, 14/09/1952, p.11.

A morte de José Luis Gaspar Zaragueta em um primeiro momento não alterou a estrutura administrativa da empresa, porém pode ter influenciado a saída de Manoel Caballero da sociedade menos de dois anos depois. Publicação no Diário Oficial do Rio de Janeiro, de 17 de fevereiro de 1954, confirmou a exclusão do uruguaio do quadro social da empresa, que na antiga capital do Brasil foi registrada como “Bar’s e Diversões Boa Vista Ltda.”:

Bar’s e Diversões Boa Vista Ltda., concessionária do Parque Shangai, instalado na Quinta da Boa Vista, nesta Capital, comunica a esta praça e as do interior, que, em data de 12 de fevereiro de 1954, retirou-se da sociedade o Sr. Manuel V. Caballero, pago e satisfeito de todos os seus haveres, continuando a sociedade com a mesma razão social, sob a responsabilidade dos sócios remanescentes, que continuarão a explorar o mesmo ramo de negócios no mesmo local, de acordo com a escritura lavrada em notas do Tabelião Milanez, 11º Ofício de Notas, livro 856 a fls. 40v (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 17/02/1954).

O ano de 1954 também é o marco inicial, de acordo com contrato social registrado na Junta Comercial do Estado de São Paulo (JUCESP), da empresa

---

celebração. Dentre eles, remete-se a tese de doutorado de Silvio Luiz Lofego, denominada: *IV Centenário da Cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro* (2002), bem como ao livro *São Paulo 1946-1957. Representações da cidade na música popular* (2010), produzido por Marcos Virgílio.

“Diversões Shanghai do Brasil Ltda.”.<sup>208</sup> Integrada por Enrique Pio Gaspar Zaragueta, Angelo Sbarra e Fernando Bicalho da Veiga, esta instituição, inicialmente reunia capital social de seis milhões de cruzeiros. Zaragueta era o maior acionista, compondo as quotas de seu capital “os aparelhos de diversões, acessórios, peças, móveis, utensílios, pavilhões”, em suma, todos os bens que formam o conjunto de parques de diversões de São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Recife,<sup>209</sup> que totalizavam cinco milhões e novecentos mil cruzeiros. Sbarra e Veiga, em dinheiro, somavam ao capital da empresa cada um 50.000 cruzeiros. O contrato social também apontava que a gerência e administração caberiam exclusivamente a Enrique Zaragueta, eleito “representante judicial e extra-judicial” da empresa e incumbido de todas operações da sociedade. Pelos serviços prestados, o sócio majoritário receberia a título de pró-labore dez mil cruzeiros mensais. Angelo Sbarra foi designado a auxiliar na contabilidade e Fernando Bicalho da Veiga, que já atuava como advogado do Parque Shanghai, prestaria assistência jurídica e administrativa (CONTRATO SOCIAL DIVERSÕES SHANGHAI DO BRASIL LTDA., 16/05/1954).

Até o final dos anos 1950 a sociedade foi alterada apenas uma vez. Em agosto de 1958, retirou-se do quadro Fernando Bicalho da Veiga, admitindo-se Zulema Abud Zaragueta, esposa de Enrique Zaragueta, além dos alemães Bernhard Waller e Berthold Wronke.<sup>210</sup> O capital social da empresa foi elevado de seis para nove milhões de

---

<sup>208</sup> A empresa “Diversões Shanghai do Brasil Ltda.” foi registrada na Junta Comercial do Estado de São Paulo em 16 de maio de 1954. Porém, no banco de dados dessa entidade paulista nos deparamos com um registro anterior, sob a denominação “Enrique Pio Gaspar Zaragueta”, que possivelmente seja o “pioneiro contrato” da referida empresa de diversões objeto dessa pesquisa. Indicamos como possibilidade, pois nada foi encontrado previamente a 26 de outubro de 1943, data de sua inscrição na Junta Comercial. Apesar de se ter descoberto um contrato social apenas nos anos 40, sabemos que o Shanghai estava em atividade em São Paulo já na década anterior, não sendo admitida na investigação em curso, portanto, os “contratos sociais” como parâmetros para compreensão de sua emergência na Capital Paulista. Ademais, é importante salientar que não discorremos sobre o contrato registrado em 1943 quando concentramos a discussão nos acontecimentos que marcaram a trajetória do Parque Shanghai na década de 1940, pois não tivemos acesso ao mesmo. Sendo assim, as informações que serão aqui mobilizadas, elucidativas das transformações ocorridas no quadro social da empresa de diversões até 1968, quando acontece o distrato social em função do encerramento de suas atividades na Pauliceia, utilizam como base o contrato de 1954.

<sup>209</sup> As unidades do Rio de Janeiro e São Paulo fixas e de Curitiba e Recife itinerantes.

<sup>210</sup> Segundo Nelson Waller, Bernhard Waller e Berthold Wronke diante da instabilidade que assolava a Alemanha no período entre guerras decidiram emigrarem ao continente sul-americano. Acompanhados de Mimi Wronke, irmã de Bernhard Waller e esposa de Berthold Wronke, chegaram ao Brasil em 1932. Bernhard Waller é pai de Nelson Waller, nascido no Rio de Janeiro, atualmente com cinquenta e oito anos. O Alemão, que se tornou sócio do Parque Shanghai na década de 50, nasceu em 1908, na cidade de Ratingen, região administrativa de Dusseldorf, estado da Renânia do Norte-Vestfália. Antes de desembarcar no Brasil era comerciante, embora não ligado ao ramo de parque de diversões. De acordo com Nelson Waller, o Shanghai, não foi a primeira experiência de seu pai com parque de diversões no Brasil, já que havia fundado e administrado anteriormente um parque denominado “Coney Island”, de formato itinerante. Bernhard Waller faleceu aos noventa anos de idade na cidade do Rio de Janeiro. Sobre

cruzeiros naquele período. Enrique Zaragueta, detentor de mais de um terço das quotas, continuava a ser o principal representante da sociedade, sendo designado gerente geral. Zulema Abud Zaragueta, segunda maior acionista, era encarregada de assessorar administrativamente a empresa, bem como substituir o marido, se por ventura este se ausentasse. Bernhard Waller e Berthold Wronke, maiores quotistas depois do “casal Zaragueta”, dispondo do mesmo número de ações, estavam incumbidos de “chefiar o pessoal”, podendo “admitir, suspender e dispensar empregados”; realizar movimentações financeiras, responsabilizando-se pela emissão de ordens de pagamento e pela aquisição de materiais à empresa; além de prestarem assistência contábil e fiscal. Angelo Sbarra, sócio minoritário, permanecia com a função de auxiliar na contabilidade. Excluindo Sbarra, os quatro primeiros receberiam cada um dez mil cruzeiros mensais, a título de *pro-labore*.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS  
REGISTRO DE ESTRANGEIROS

NOME: BERNHARD WALLER (H. ISRAELITA)

Admitido em território nacional em caráter: PERMANENTE ART. 160 DO 1º DE 28

Nacionalidade: ALEMÃO NATURAL DE NATIEM ALEMÃO

Data de nascimento: 23-11-1908 Estado civil: SOLTEIRO

Pai: SIGFRIED WALLER Mãe: BARBARA WALLER

Profissão: COMERCIANTE

Registro Geral N.º: 974.399 Carteira N.º: 371.610 EST. 2-1-1947

Residência: AVENIDA SÃO JOÃO Nº 1.515, 56 ANSARA, AP. Nº 63

Emprego: EM SUA RESIDÊNCIA

Local: 2-1-1.947

T. D. 1 - Mod. 141

DELEGADO ESPECIALIZADO DE ESTRANGEIROS

**Fig. 61** - Ficha de Registro de Estrangeiro de Bernhard Waller de 09 de janeiro de 1947.  
**Fonte:** Arquivo do Estado de São Paulo.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA  
DELEGACIA DE ESTRANGEIROS

NOME: BERTHOLD WRONKE 04483

RAI: Rudolf Wronke

SEXO: Selma Wronke

NACIONALIDADE: Alemã NATURALIZADO EM: Berlim- Alemanha

DATA DO NASCIMENTO: 12.03.1910

ESTADO CIVIL: Casado

PROFISSÃO: Secundária Comerciante

SEXO: Masculino CATEGORIA: 1st. RACIA: Branca

ESTATURA: 1,80m

RESIDÊNCIA: R. Pinheiros nº 1.233, S. Paulo- S. P.

LOCAL DE RESIDÊNCIA: R. Janeiro DATA: 12.10.1933 CARACTER DO COMERCÍCIO: Permanente

DATA DA IDENTIFICAÇÃO: 28-3-73

ASSINATURA DE IDENTIFICADOR: Berthold Wronke

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

DELEGACIA DE ESTRANGEIROS

R. G. - S.A.P. - Mod. 141

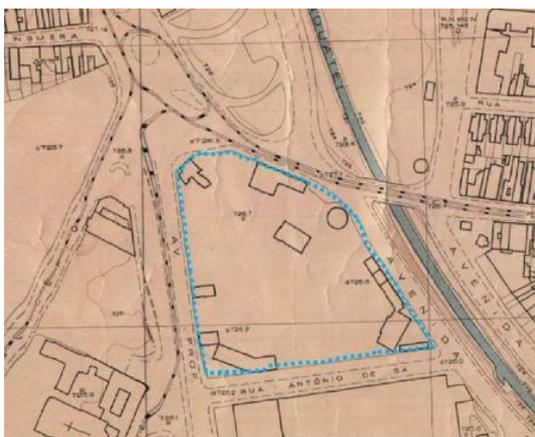
**Fig. 62** - Ficha de Registro de Estrangeiro de Berthold Wronke de 28 de março de 1973.  
**Fonte:** Arquivo do Estado de São Paulo.

O contrato social, além de nos permitir compreender as personagens envolvidas em sua administração entre os anos 1950 e 1960, possibilita, por meio de um inventário dos bens de propriedade de Enrique Zaragueta, transferidos à “**Diversões Shanghai do Brasil Ltda.**”, quando registrada na JUCESP, vislumbrar detalhadamente os mais

os tios Berthold e Mimi, Nelson Waller diz não ter conhecimento, se restringindo a revelar que já faleceram. Analisando o contrato social percebemos que Wronke foi mais atuante na filial paulistana, estabelecendo residência fixa no bairro de Pinheiros, Zona Oeste de São Paulo, tendo Waller escolhido o Rio de Janeiro para habitar, dedicando-se, portanto, sobretudo a gestão da unidade carioca. Não à toa, Wronke, é o único que permaneceu em todas as alterações contratuais ocorridas entre 1958 e 1968, quando a unidade paulista encerrou suas atividades. Berthold Wronke, nascido em 1910, era natural de Berlim. Sua esposa, Mimi Wronke, de Charlottenburg, distrito da capital alemã (CONTRATO SOCIAL DIVERSÕES SHANGHAI DO BRASIL LTDA., 16/05/1954; NELSON WALLER, 2016).

variados itens que compunham e propiciavam o funcionamento dessa empresa de diversões. Por meio deste, é possível saber não somente o valor individual de cada utensílio do Parque Shanghai, mas quais e quantos aparelhos mecânicos, entre outros divertimentos, disponibilizava ao público, os objetos de escritório, sua “infraestrutura alimentícia”, os automóveis que detinha, etc.<sup>211</sup>

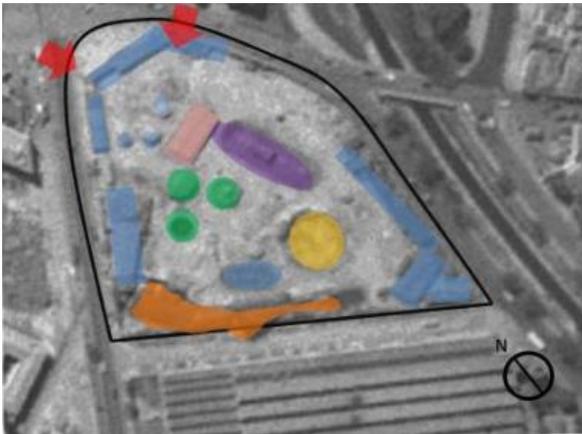
Em 1954, o inventário revela que eram oferecidas quinze atrações mecânicas em São Paulo e vinte duas no Rio de Janeiro, números distintos dos divulgados nos jornais quando este se fixou tanto na Várzea do Glicério, quanto na Quinta da Boa Vista. No inventário também não está registrada a existência da uma montanha Russa e de um Estratosférico em São Paulo. Contudo, Heródoto Barbeiro, frequentador do Parque naquela época, na obra *Meu Velho Centro*, indicou a existência desses equipamentos que, por algum motivo, ou não foram agregados no inventário do contrato social, ou passaram a compor o espaço do parque de diversões após maio de 1954 (BARBEIRO, 2007, p. 66-69). Vale lembrar que o capital social da empresa foi ampliado no final daquela década, o que talvez tenha permitido a implantação desses equipamentos. Comparando mapas aéreos do local em que estava configurado o Parque Shanghai na cidade de São Paulo, de 1954, ano do registro do contrato social, e de 1958, ano de sua primeira alteração, aparelho semelhante a uma montanha russa parece existir somente no registro mais recente.



**Mapa 04** - Mapeamento da cidade de São Paulo Vasp Cruzeiro de 1954. Nesta época o Parque Shanghai não parece abrigar em seu espaço uma montanha russa e possui menos equipamentos do que em 1958, como podemos perceber no mapa ao lado em que sua área aparece mais preenchida.

**Fonte:** Vasp Cruzeiro 1954. Disponível em: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/Paginas/Publicas/SBC.aspx>. Acesso em: 22 mar. 2017.

<sup>211</sup> Inventário da empresa “Diversões Shanghai do Brasil Ltda.” disponível no anexo IV.



**Mapa 05** - Mapeamento da cidade de São Paulo de 1958. No detalhe, em laranja, a montanha russa do Parque Shanghai, que de acordo com Heródoto Barbeiro ficava alocada em seu fundo, próxima do muro que limitava seu espaço. Considerando tal informação as setas vermelhas indicam possíveis entradas do Parque Shanghai. Em amarelo, a roda gigante; roxo, com formato ovaloide, a Auto-Pista Infantil; em rosa, um palco que servia aos shows; verde, dois carrosséis e o Chapéu Mexicano. Os demais equipamentos, em azul, não foram identificados (BARBEIRO, 2007, p.67).

**Fonte:**

<http://geoportal.com.br/index.html>.

Acesso em: 22 mar 2017.

As impressões de Heródoto Barbeiro, destacadas na legenda acima, são pertinentes à compreensão dos componentes e do modo como estavam organizados no espaço do Parque Shanghai. Por ser morador da Baixada do Glicério naquela época, Barbeiro nos oferece indícios da relação que a empresa de diversões mantinha com o entorno. Segundo o autor, seu pai, proprietário de um bar do bairro, aproveitava os dias de função do Shanghai, deslocando-se até sua porta de entrada para vender bebidas no intuito de ampliar os rendimentos da família:

Meu pai (...) levava um saco de estopa branca nas costas e puxava uma bicicletinha, onde eu me equilibrava. Ele vendia bitter, fernet, vermute branco e tinto e licores para quem quisesse espantar o frio de junho com uma bebidinha mais em conta (BARBEIRO, 2007, p.66-67).

Mais que contribuir financeiramente com a “vizinhança”, de acordo com o Barbeiro, o Parque Shanghai se configurava como a principal atração de lazer da cidade de São Paulo na década de 1950 (BARBEIRO, 2007, p.66-67). Um portal “inebriante”, incrivelmente iluminado durante as noites, animado por palhaços e “revestido” por um “delicioso” cheiro de pipoca, seduziam adultos e crianças, que o elegiam para suas “distrações” (BARBEIRO, 2007, p.66-67). Prestigiado, naquele período, o Parque Shanghai também servia como referência em anúncios de entidades circunvizinhas publicados em jornais.

Ícone do bairro, da cidade, e explorado em propagandas, este espaço de lazer, no decorrer dos anos 1950, foi requisitado para celebrações institucionais.<sup>212</sup> Entre 1953 e 1955, em parceria com o SESC, o Parque Shanghai promoveu o “Natal do Filho do Comerciário”. Em 1956, foi sede de um dos festejos de Natal organizados pela CMTC, e em 1958 e 1959, cedeu espaço para comemorações do grupo de comunicações Folha. Nesses eventos, trabalhadores e seus familiares puderam usufruir de sua estrutura. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 17/12/1953; O ESTADO DE SÃO PAULO, 12/12/1954; O ESTADO DE SÃO PAULO, 17/12/1955, p. 9; O ESTADO DE SÃO PAULO, 22/12/1956, p.9).

**FESTA DE NATAL DO FILHO DO COMERCARIO**  
Sob os auspícios do Serviço Social do Comercio (SESC), realiza-se hoje, das 13 às 15 horas, no Parque Shanghai, a tradicional festa de Natal do filho do comerciario. Na ocasião, haverá distribuição de brinquedos e guloseimas, podendo as crianças se utilizarem dos diversos divertimentos do Parque.

Fig. 64 - Festa de Natal dos filhos dos empregados da CMTC promovida pela parceria com o Parque Shanghai.  
Fonte: O Estado de São Paulo, 22/12/1956, p. 9.

**FESTA DE NATAL DOS FILHOS DOS EMPREGADOS DA CMTC**  
Realiza-se hoje, no Ginasio do Estadio Municipal do Pacaembu, a festa de Natal organizada para os filhos dos empregados da CMTC. E' o seguinte o programa organizado para hoje: ás 10 horas, abertura dos portões e inicio da distribuição de brinquedos e dos ingressos para a proxima festa que se realizará segunda-feira, no Parque Shanghai; ás 15 horas, sor-

Fig. 63 - Festa de Natal do Filho do Comerciário promovida pela parceria entre o SESC e o Parque Shanghai.  
Fonte: O Estado de São Paulo, 17/12/1955, p. 9.

<sup>212</sup> A utilização do Parque Shanghai para festas institucionais já acontecia no Rio de Janeiro na década de 1940. O periódico *Diário Carioca* detém publicações de 1947 e 1949 dos festejos de natal dos comerciários promovidos pelo SESC no espaço da empresa de diversões. Além de abrir espaço a outras corporações, o Shanghai, por iniciativa de seus funcionários e com aval de seus administradores oferecia no dia primeiro de maio durante os anos 40 a “comemoração do dia do trabalho”, franqueando brinquedos a operários e suas famílias (JORNAL DO COMMERCIO, 30/04/1946, p.9; DIÁRIO CARIOCA, 28/12/1947, p.3; JORNAL DO BRASIL, 30/04/1948, p.8; DIÁRIO CARIOCA, 17/12/1949, p.5).

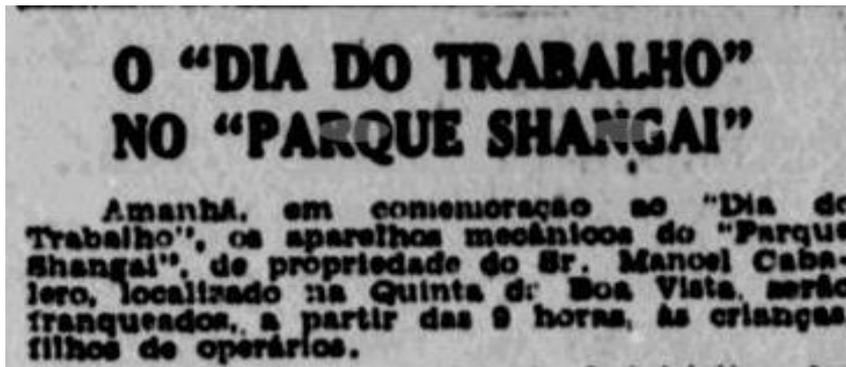


Fig. 65 - "Dia do Trabalho" no Parque Shanghai. Celebração promovida por solicitação de seus funcionários possibilitando que operários desfrutassem de seus aparelhos nesta data comemorativa.  
 Fonte: Jornal do Commercio, 30/04/1946 p. 9.

*Para o cliente ser atendido com toda a comodidade*

**agora em sua sede própria**

**S.A. ARMANDO BUSSETI**

Rua Dr. Oscar Cintra Gordinho, 243

(próximo ao centro, em frente ao Parque Shanghai com estacionamento próprio)




coloca à sua disposição amplas e bem aparelhadas instalações, selecionado corpo de técnicos e vendedores para servi-lo com máxima atenção e eficiência.

Ferramentas \* Máquinas Operatórias \* Abrasivos NORTON-MEYER \* Máquinas BERCO para retífica de motores \* Bancos de Provas de Bombas Injetoras Diesel MERLIN \* Bancos

**ABC** S. A. ARMANDO BUSSETI  
 COMERCIAL E IMPORTADORA  
 Rua Dr. Oscar Cintra Gordinho, 243  
 Fones: 37-3691 - 37-3692

Fig. 66 - Anúncio da empresa S.A. Armando Busseti Comercial Importadora aludindo ao Shanghai.  
 Fonte: Folha da Manhã, 30/05/1959, p.1.



**Fig. 67-** Festa de Natal organizada pelo Jornal Folha da Manhã no Parque Shanghai em 1958. Além do grande público a fotografia registrou o palco do “Parque”, bem como brinquedos mecânicos.

**Fonte:** Folha de São Paulo, Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/10/1529416-veja-fotos-e-historias-do-parque-shangai-o-playcenter-dos-anos-1950.shtml>. Acesso em 24 mar. 2017.



**Fig. 68 -** Festa de Natal organizada pelo Jornal Folha da Manhã no Parque Shanghai em 1958. A fotografia revela atrações do “Parque”, e permite que confirmemos a existência de restaurante em seu espaço.

**Fonte:** Folha de São Paulo, Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/10/1529416-veja-fotos-e-historias-do-parque-shangai-o-playcenter-dos-anos-1950.shtml>. Acesso em 24 mar. 2017.



**Fig. 69 -** Festa de Natal organizada pelo Jornal Folha da Manhã no Parque Shanghai em 1958. No detalhe, uma menina que se divertia em um brinquedo e segurava um balão da Folha simultaneamente. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/10/1529416-veja-fotos-e-historias-do-parque-shangai-o-playcenter-dos-anos-1950.shtml>. Acesso em 24 mar. 2017.



**Fig. 70 -** Festa de Natal organizada pelo Jornal Folha da Manhã no Parque Shanghai em 1959. No detalhe, duas meninas que se divertiam no carrossel. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/10/1529416-veja-fotos-e-historias-do-parque-shangai-o-playcenter-dos-anos-1950.shtml>. Acesso em 24 mar. 2017.

Abertas ao público paulistano, as Festas Joaninas organizadas nos anos 1950 pela Associação Portuguesa de Desportos no Parque Shanghai, estão conservadas na “memória afetiva” de pessoas que tiveram a oportunidade de participar, como podemos observar no registro de Mário Lopomo, frequentador da edição de 1954:<sup>213</sup>

Lembro que fui ao Parque Shanghai motivado pela festa junina que a Portuguesa de Desportos fazia todo ano, enquanto não tinha comprado o Canindé. Lá na festa da Portuguesa tinha a famosa “sardinhada”, que só portugueses sabem fazer, e os famosos bolinhos de bacalhau” (AZEVEDO, C; BELTRÃO, T; SCHLEUNER, P, 2008: 92).



**Fig. 71** - Anúncio das Festas Joaninas promovidas pela Associação Portuguesa de Desportos no Parque Shanghai. Comidas e músicas típicas, divertimentos do mecânicos e queima de fogos foram as atrações oferecidas ao público.

**Fonte:** Mundo Esportivo, 17/06/1954, p.14.

Os eventos musicais e carnavalescos também continuaram a figurar na agenda deste parque de diversões no período. Patrocinados pela Vinícola Salton e com transmissão da Rádio Bandeirantes, Emilinha Borba, Francisco Alves e Black-Out foram alguns dos artistas que se apresentaram em seu palco.



**Fig. 72** - Anúncio do show de Emilinha Borba promovido no Parque Shanghai no Grande Carnaval Salton.

**Fonte:** Jornal de Notícias, 27/12/1950, p.6.



**Fig. 73** - Anúncio do show de Black-out promovido no Parque Shanghai no Grande Carnaval Salton.

**Fonte:** Jornal de Notícias, 08/01/1951, p.4.

<sup>213</sup> Processo 172.440/53, de 1953, indicou que o Parque Shanghai, no referido ano, por meio da Festa Joanina, arrecadou Cr\$76.993 em imposto municipal e Cr\$32.997 em imposto federal. Dessa maneira, mais que uma celebração da cultura luso-brasileira, os documentos apontam este evento como relevante fonte de renda a empresa privada e aos cofres públicos (PROCESSO 172.440/53, 23/11/1953).

#### 4.5 - Não mais “um Comércio”: a reformulação simbólica e espacial do Parque Shanghai Carioca

Embora consolidado como um “espaço plural”, sua permanência nas áreas ocupadas no Rio de Janeiro e em São Paulo continuou ameaçada.

No Rio, o mal estado de conservação da Quinta da Boa Vista, se tornou uma das justificativas para sua saída, pois os dias de função do parque contribuíam para a “degradação” do local. O jornal *Diário da Noite*, em determinada ocasião, não poupou críticas à empresa de diversões, enxovalhando-a: “um amontoado de ferro velho e enferrujado funciona há vários anos na Quinta da Boa Vista, é o Parque Shanghai” – tergiversou. Continuou a análise expressando que o “famigerado Parque Shanghai, que com seu barulho infernal, veio acabar com a suave tranquilidade da Quinta”. Concluiu a matéria chamando a atenção sobre a falta de arrojo da Prefeitura do Distrito Federal em preservar “um dos mais famosos recantos da cidade”, que padecia com “ruas esburacadas”, “jardins maltratados” e com lago poluído (DIÁRIO DA NOITE, 13/11/1956).

Divulgou a imprensa, no final dos anos 1950, que um distinto projeto para a Quinta da Boa Vista emergia nos bastidores políticos do Rio de Janeiro. Antiga sede do Paço Imperial, a remodelação daquele ambiente tornou-se pauta do poder público, que pretendia recuperar aspectos “aniquilados” de sua paisagem no transcurso da história, privilegiando a estética da época em que a família real o ocupou. O Parque Shanghai, e outras instituições ali alocadas, como um quartel militar, “empatavam” essa proposta, portanto, deveriam ser suprimidos. O Departamento de Parques da Prefeitura foi designado para conduzir a restauração da Quinta, sugerindo além da remoção da entidade privada, sob a argumentação que estudos provavam que parques de diversões deveriam ser descentralizados, que fossem interrompidas as atividades militares. Um sistema de transporte para contribuir no deslocamento dos visitantes e reduzir os impactos aos jardins, bem como a limpeza dos lagos e a construção de gabinetes sanitários também estavam na agenda do órgão público (JORNAL DO BRASIL, 25/04/1958, p.7; JORNAL DO BRASIL, 24/06/1958, p.6; DIÁRIO CARIOCA, 18/12/1959, p.12).

Ressaltamos que no mesmo período, o SPHAN<sup>214</sup> demonstrava a intenção de “devolver” à Quinta da Boa Vista aspectos de “monumento histórico e paisagístico”,

---

<sup>214</sup> Instituição nacional de proteção do patrimônio, o SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), surgiu em 1937. Esta entidade fomentou a formulação de um decreto-lei que viabilizou os

avariados, de acordo com o diretor daquela instituição, Rodrigo Melo Franco de Andrade, em função da concessão da Prefeitura aos empresários do Parque Shanghai para instalar sua estrutura de diversões (TRINDADE, 2013, p.131-132). Tombada desde 1938, segundo Trindade, o diretor do SPHAN, visando assegurar efetiva proteção àquele bem, solicitou ao Procurador Geral da República, em 1959, que removesse o parque de diversões da Quinta da Boa Vista. Contudo, três meses depois do requerimento de Andrade, de acordo com publicação do jornal *Diário Carioca*, o Shanghai foi reconhecido pela Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro como espaço de utilidade pública, o que pode ter contribuído para sua manutenção naquela área até 1962, quando efetivamente deixou a Quinta durante a gestão de Carlos Lacerda<sup>215</sup> como Governador do Estado da Guanabara (TRINDADE, 2013, p.131-132; DIÁRIO CARIOCA, 26/09/1959, p.4):

A Câmara de Vereadores acaba de considerar o Parque Shangai de utilidade publica. Trata-se da concessão de um título, como tantos outros, que visa reconhecer serviços prestados ou prestar homenagens a justos merecimentos alcançados de diversas maneiras. No caso do Parque Shangai, a homenagem se justifica plenamente. Numa cidade onde a criança, pela legislação vigente não tem direito a nada, em matéria de diversão, onde os menores de 21 anos sofrem toda a sorte de proibição sem que lhes ofereça, em compensação, divertimentos apropriados, o Parque Shanghai, instalado na Poética Quinta da Boa Vista, não faz outra coisa senão concorrer para a alegria da petizada carioca (...) os vereadores, como legítimos representantes do povo carioca, fizeram muito bem em premiar o Parque Shangai, com título de utilidade publica. O Parque, não tem feito, em toda sua vida, outra coisa senão prestar serviços à coletividade na parte que ela tem de mais delicado e que merece os maiores cuidados, isto é, a criança (DIÁRIO CARIOCA, 26/09/1959, p.4).

Em 15 de outubro de 1961 publicou o jornal *Tribuna da Imprensa*:

O Parque Shanghai tem prazo de 90 dias para deixar a Quinta da Boa Vista. É pedido do Estado a Primeira Vara da Fazenda Pública, em notificação judicial de ontem. Afirma o Estado que precisa do local para a reforma da Quinta. Para isso, já dispõe inclusive de verba. A notificação é para o Bar e Restaurante “Boa Vista”, que explora o Parque (TRIBUNA DA IMPRENSA, 15/10/1961, p.5).

Porém, reportagem do *Jornal do Brasil* de março de 1962, momento em que já havia vencido o prazo estipulado, evidencia que a empresa de diversões ainda

---

processos de tombamento no país. A Quinta de Boa Vista, antiga morada da família real, se enquadrava no que o órgão delimitou inicialmente como patrimônio histórico nacional, sendo assim, foi tombada já no segundo ano de sua atuação no país. Rodrigo Melo Franco de Andrade foi o primeiro Diretor do SPHAN, permanecendo no cargo entre 1937 e 1969. A denominação SPHAN foi substituída por DPHAN (Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) na década de 1940 e, posteriormente, para IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 1970. (FUNARI; PELEGRINI, 2006).

<sup>215</sup> Carlos Lacerda (1914-1977) governou a Guanabara entre 1960 e 1965.

continuava no Parque da Quinta da Boa Vista. Expôs o periódico que Angelo Sbarra tentava reverter a situação junto ao poder público argumentando que o Shanghai e seus outros empreendimentos, oficialmente suspensos, arrecadavam vultoso montante em impostos, que o local atraía considerável frequência – em torno de 150 mil pessoas somente aos domingos – e tais remoções acarretariam prejuízo ao público infantil que ficaria privado de desfrutar do maior centro de diversões que a cidade oferecia. Ademais, o fim das concessões provocaria a demissão de seus funcionários, que entre os distintos empreendimentos ali alocados, totalizavam 180 trabalhadores (JORNAL DO BRASIL, 14/03/1962, p.8). Quatro dias depois, ressaltou a Tribuna da Imprensa, que ainda havia tempo para andar na montanha russa. Àquela altura, o Parque Shanghai, embora não colocando mais à disposição do público todos os seus equipamentos, era o único empreendimento de Sbarra que ainda sobrevivia na Quinta da Boa Vista. Curioso notar que o periódico que fora fundado em 1949 por Carlos Lacerda, que o negociou em 1961,<sup>216</sup> no ano seguinte, abriu espaço a Angelo Sbarra que criticou a indiferença do Governador em relação às suas petições e de seus funcionários<sup>217</sup>. Indagou o empreendedor (TRIBUNA DA IMPRENSA, 18/03/1962, p. 3):

Onde colocaremos o material? É problema nosso, mas se eu doar tudo ao Governo ele não saberá também onde depositá-lo (...) Sei das boas intenções do Governador, mas ele nunca veio aqui num domingo para ver o que é isso. Não se trata mais de comércio, mas algo de muito mais humano (...) São 180 empregados, todos com famílias, representando quase 600 pessoas, entre elas, quase 300 crianças. 100 já foram indenizadas. Outros não e entre esses estão os que pensam num golpe do patrão. Eles me pedem explicações, como também me pedem explicações os orfanatos, os colégios e até mesmo as crianças. Nunca sei o que responder, porque também elas não me foram dadas. Pedi umas 30 audiências ao Governador, escrevi-lhe 20 cartas, os empregados

---

<sup>216</sup> Em 1961, Carlos Lacerda vendeu a *Tribuna da Imprensa* para Manuel Francisco do Nascimento Brito, que atuava como diretor executivo do *Jornal do Brasil*. Por sua vez, Brito, um ano depois, negociou este periódico com Hélio Fernandes, que já havia trabalhado na revista *O Cruzeiro* e no *Diário Carioca*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/manuel-francisco-do-nascimento-brito>. Acesso em 28 mar. 2017.

<sup>217</sup> Os jornais consultados entre 1950 e 1960 que serviram de base para a discussão dos últimos anos da apropriação do Parque Shanghai de área do Parque da Quinta da Boa Vista não exprimem um posicionamento fechado sobre a permanência da empresa diversões naquele recinto, bem como não privilegiam exclusivamente em suas notícias críticas ou elogios. Nos anos 1950, época que Lacerda ainda comandava o jornal *Tribuna da Imprensa*, em diversas matérias em que o Parque Shanghai foi citado por esta corporação foi celebrado por suas iniciativas promocionais e filantrópicas. O *Diário da Noite* que em 1956 acusou sua contribuição para o péssimo estado físico em que se encontrava a “Quinta”, dois anos mais tarde se mostrava incomodado com sua possível saída. Em reportagem intitulada “*Mais deserta ficará a Quinta sem seu Parque*”, este periódico abriu espaço para um representante do Shanghai, Hamilton Sbarra, argumentar sobre os benefícios da permanência do “Parque” naquele espaço. Hamilton, herdeiro de Angelo Sbarra, além de defender a continuidade do Shanghai aproveitou para criticar a falta de apoio do poder público, que em sua visão, se estabelecesse parceria com sua empresa, conjuntamente ofereceriam uma manutenção mais adequada a Quinta da Boa Vista (DIÁRIO DA NOITE, 13/11/1956; DIÁRIO DA NOITE, 28/08/1958, p.2; TRIBUNA DA IMPRENSA, 20/12/1956, p.2; TRIBUNA DA IMPRENSA, 14/04/1958, p.3).

fizeram um abaixo-assinado, mas nenhum resultado foi conseguido (TRIBUNA DA IMPRENSA, 18/03/1962, p.3).

Em setembro de 1962, matéria do *Jornal do Brasil* indicou que o Parque Shanghai já havia deixado a Quinta da Boa Vista.<sup>218</sup> Alegaram seus representantes, que sob a justificativa de remodelação, o Estado guardava a real pretensão de “abrir concorrências em bases mais rendosas” para aquele local. Meses atrás, Angelo Sbarra, em entrevista a este mesmo periódico, tinha afirmado que aceitava custear a reforma da Quinta, contanto que fosse dispensado dos impostos de Selo de Diversões. Os diversos apelos não surtiram efeito, o Parque Shanghai precisou procurar um outro lugar para se ancorar, o bairro da Penha se tornou seu novo lar (JORNAL DO BRASIL, 14/03/1962, p.8; JORNAL DO BRASIL, 18/09/1962, p.8).



**Fig.74** - Fotografia do jornal Diário da Noite evidenciando aspecto de degradação próximo ao Parque Shanghai.

**Fonte:** Diário da Noite, 13/11/1956.



**Fig. 75** - Fotografia do jornal Diário da Noite destacando a estrutura do Parque Shanghai. Na legenda, em um tom crítico releva o periódico “este é o famigerado Parque Shanghai, que com barulho infernal veio acabar com a suave tranquilidade da Quinta”.

**Fonte:** Diário da Noite, 13/11/1956.

<sup>218</sup> Publicação do periódico *A Noite* evidenciou que neste mês a empresa de diversões perdera um processo judicial em que havia solicitado permanecer na Quinta da Boa Vista. Ademais, aponta que parte de seus equipamentos estavam sendo transferidos para a cidade de São Paulo (A NOITE, 13/09/1962, p.4).



**Fig. 77** - Aspecto da Montanha Russa do Parque Shanghai no Parque da Quinta da Boa Vista. 1949.

**Fonte:** Cinemateca Brasileira.

**Fig. 76** - Anúncio de venda da Montanha Russa do Parque Shanghai publicado após a notificação oficial de “desepejo” de área do Parque da na Quinta da Boa Vista.

**Fonte:** Tribuna da Imprensa, 15/02/1962.



#### 4.6 - São Paulo “cedendo ao Progresso”: o desmonte do Parque Shanghai Paulistano

Em São Paulo, após ser oficializado o acordo que lhe garantia continuidade no Parque Dom Pedro II em dezembro de 1955, a administração do Parque Shanghai passou a aguardar a nova taxa mensal de ocupação do terreno (PROCESSO 75.9240-55, 1955). O dia 27 de outubro de 1955 foi definido como a data inicial de cobrança, contudo os valores só foram aprovados pelo prefeito municipal no primeiro semestre de 1961 (PROCESSO 97.200/61, 24/05/1961). Segundo o ofício “*Patr. 22 – Sr. Dr. Procurador Chefe*”, de dezembro de 1962, a empresa de diversões deveria arcar entre 27/10/1955 e 31/12/1958 com 35.200 cruzeiros por mês; entre 01/01/1959 e 31/08/1960 com 64.600 cruzeiros por mês, de 1º de setembro de 1960 em diante, ou seja, até a data da produção do documento, com 161.500 cruzeiros mensais. Insatisfeita com o arbitramento por considerar elevado o preço do último período e pela demora do poder público em sua deliberação, a administração do Shanghai solicitou reconsideração, requisitando que não fossem sentenciadas medidas judiciais e administrativas até o julgamento do recurso elaborado (PROCESSO 97.200/61, 24/05/1961).

Após quase dois anos da convocação da Divisão de Patrimônio para informar os proprietários do Shanghai da soma que deviam ao município em razão de sua ocupação

na Várzea do Glicério, poder público e iniciativa privada estabeleceram um primeiro acordo no que tange à quitação da dívida. Ofício intitulado *Exmo. Sr. Dr. Secretário dos Negócios Jurídicos Internos*, de 14 de janeiro de 1963, informou que Enrique Zaragueta e Berthold Wronke compareceram o Divisão de Patrimônio naquele mês e aceitaram liquidar os valores determinados até agosto de 1960, que totalizavam dívida de 2.635.000 cruzeiros. Os empresários pleitearam ao Procurador Chefe de Patrimônio que o pagamento fosse em cinco parcelas,<sup>219</sup> este, por sua vez, concordou, e se comprometeu a revisar a quantia fixada em 161.500 cruzeiros para o período subsequente (PROCESSO 97.200/61, 24/05/1961). Em 1º de fevereiro de 1963, perante o Juízo dos Feitos da Fazenda Municipal, Berthold Wronke,<sup>220</sup> assinou a *Declaração de Confissão de Dívida e Cumprimento de Pagamento*, comprometendo-se a quitar as parcelas no primeiro dia de cada mês (fevereiro a junho). O atraso acarretaria na suspensão do acordo.

Sabemos que enquanto empresa privada, que buscava aumentar seu patrimônio, qualquer montante exigido poderia ser alvo de questionamentos. Entretanto, não era o caso, e com o passar dos anos sem que fosse anunciada uma decisão oficial, e sem que os administradores do Shanghai, por conveniência talvez, procurassem meios de solucionar a questão, quando divulgada, e sob o formato pretendido, ocasionou desconforto as finanças da empresa.

Se tivesse aceitado pagar o valor mensal de 161.500 cruzeiros de setembro de 1960 até o momento em que fixou o primeiro acordo, sua dívida, considerando as duas quantias, totalizaria 7.480.000 cruzeiros.<sup>221</sup> O capital da empresa, em novembro de 1961, quando o casal Zaragueta deixou a sociedade, era de nove milhões de cruzeiros, portanto, o pagamento à vista, tendo em conta não apenas a importância devida, mas que grande parte de seu patrimônio era constituído pelos equipamentos de diversões, que teriam de ser rapidamente negociados para extinguir o débito com a prefeitura, evitando que esta entrasse com pedido de reintegração de posse, ocasionaria a ruína do Parque Shanghai. Configurando-se essa situação, mesmo que obtivesse sucesso nas negociações e levantasse a soma necessária, provavelmente o Shanghai continuaria

---

<sup>219</sup> Quatro de 500.000 cruzeiros e uma de 635.000 cruzeiros.

<sup>220</sup> O documento foi assinado por Berthold Wronke, pois em 1963 Enrique Pio Gaspar Zaragueta já havia saído do quadro social da empresa **Diversões Shanghai do Brasil Ltda.** (DIVERSÕES SHANGHAI DO BRASIL LTDA., 16/05/1954).

<sup>221</sup> 30 meses (setembro de 1960 até fevereiro de 1963) com valor mensal de Cr\$161.500 resultam em importância de Cr\$4.845.000 Cr\$. Considerando a quantia de Cr\$2.635.000 referente ao período anterior, caso aceitasse a determinação Municipal, o Parque Shanghai assumiria dívida de Cr\$7.480.000.

fadado à falência imediata, afinal, restaria o que para oferecer ao público? O parque de diversões promovia shows de artistas renomados e outros atrativos, no entanto, tudo era parte de uma engrenagem.

Como discorrido no decorrer da análise, em seu período itinerante, o Parque Shanghai se constituiu como uma, dentre as variadas opções de entretenimento que contemplavam as feiras e exposições, colocando em prática esse modelo quando se fixou, ofertando ao público, tanto em São Paulo, quanto no Rio de Janeiro, uma miríade de atrações, estratégia, que em nossa visão, colaborou ao triunfo do empreendimento.

Para além de um extenso programa de diversões, renovar o mesmo, ao que tudo indica sempre foi essencial. José Luis Gaspar Zaragueta, em 1937, já apontava como indispensável apresentar novas atrações ao público com constância, e assim o fazia. Nelson Waller, em 2016, apesar de ressaltar a dificuldade de se substituir com regularidade os equipamentos, em entrevista concedida, enfatizou que quando podia, procurava pintar os brinquedos, modificar os murais do parque, criar ações promocionais, além de firmar parcerias com outras empresas interessadas em usar o seu espaço para lazer ou trabalho (NELSON WALLER, 2016).

Em suma: nos anos 1930 ou em 2016, admitindo que em cada época e nos 80 anos que separam essas datas, distintas percepções emergiram sobre a tipologia parque de diversões, porém não refutando a existência de similaridades, entende-se que o mesmo é fruto de um conjunto de elementos, e que o “movimento”, não somente o que os brinquedos produzem, mas a inovação, se mostra essencial. Dessa maneira, se fosse obrigado a vender grande parte dos equipamentos para saldar o que devia, não sobrando também, por consequência, capital para proporcionar novidades ao público, defasado, o Parque Shanghai estaria sujeito a uma provável derrocada (PROCESSO 97.200/61, 24/05/1961; DIVERSÕES SHANGHAI DO BRASIL LTDA., 16/05/1954).

Fixada as bases e acertada a parcela inicial do “primeiro acordo”, Berthold Wronke, relutante em relação ao valor de 161.500 cruzeiros, arbitrado para período posterior a agosto de 1960, seguiu negociando com o poder público. De acordo com o empresário alemão a manutenção desta quantia recairia sobre o preço das entradas do Parque Shanghai, o que poderia acarretar num decréscimo da frequência e consequentemente de arrecadação de impostos. Em defesa de seu empreendimento, Wronke, alegou que os fregueses habituais do Parque Shanghai procediam, sobremaneira, das redondezas, que era repleta de moradias populares, nos levando a crer que grande parte dos que o elegiam como opção de diversão não tinham muito dinheiro

e assim ficariam impossibilitados de acompanhar um possível aumento. Prosseguindo nesta “linha argumentativa”, justificou que o Parque Shanghai “contribuía para o entretenimento de crianças pobres e da classe operária”, sendo assim, “por óbvio”, as autoridades, conscientes da importância dos momentos de lazer aos menos abastados deveriam cooperar para a sua continuidade. Impulsionaram as considerações de Berthold Wronke, também questões como a elevação dos preços dos materiais necessários à manutenção do Shanghai e as despesas com funcionários que, acrescidas a alta taxa locativa, impossibilitariam a sobrevivência da empresa (PROCESSO 97.200/61, 24/05/1961).

A revisão requerida pelo administrador do Shanghai surtiu efeito e a cifra prescrita que vigoraria a partir de setembro de 1960 foi alterada. Não é possível definir exatamente se um argumento, ou o “apelo” como um todo foi relevante à reconsideração. De qualquer maneira vale salientar que em 1962, ano anterior à petição de Wronke, a empresa havia arrecadado em impostos 4.092.05 cruzeiros. Considerável montante, talvez tenha sensibilizado o poder público mais que a importância de se criar condições de manutenção para o Parque Shanghai por se tratar de um “espaço de lazer popular”. Quanto a essa segunda questão, entendemos que, se basear somente pelo discurso do empresário, que nutria claros interesses no processo, é um tanto problemático, contudo declarações de frequentadores deste parque de diversões nos anos 1960 corroboram este posicionamento. Revelou Heródoto Barbeiro, que naquela década, a presença de pessoas desprovidas economicamente no Shanghai era comum. Miguel Rachid, filho de um pequeno comerciante e morador de São Miguel Paulista nos anos 1960, visitou o Shanghai nesta década três vezes. Walter Barbosa que o frequentou quatro vezes neste período, ressaltou que os preços não eram caros e que eram comuns ações promocionais no Shanghai “nos dias de semana” (PROCESSO 97.200/61, 24/05/1961; BARBEIRO, 2007, p. 68-69; MIGUEL RACHID, 2017; WALTER BARBOSA, 2017).

Os novos cálculos da taxa de ocupação foram divulgados em maio de 1963. Entre o período de 01/09/1960 a 31/12/1960, o valor estipulado foi Cr\$ 88 mil. A respeito do ano de 1961, a empresa deveria arcar com 98 mil cruzeiros mensais. Em 1962, com Cr\$ 134 mil por mês. A cobrança de 1963 foi determinada em Cr\$ 182 mil mensais. O proprietário do Shanghai aceitou os valores, custear o processo e a inclusão de 1% de juros sobre o saldo devedor. A importância devida, com os juros, ficou em Cr\$ 4.416.680. O pagamento foi parcelado em dez prestações de Cr\$ 441.668. 05 de

Julho de 1963 foi definida como a data da primeira parcela. A quitação definitiva seria apenas em abril de 1964. O Parque Shanghai que acabara de liquidar uma dívida de Cr\$ 2.635.000, assumiu “novo” compromisso por um período de mais dez meses (PROCESSO 97.200/61, 24/05/1961).

Esta situação impactara na empresa de diversões? Em nossa visão, sim. Embora o pagamento parcelado possibilitasse tempo para levantar a quantia necessária, num período de pouco mais de um ano assumir o montante de 7.051.680 de cruzeiros, levando em consideração o capital divulgado no contrato social em 1961, ou seja, aproximadamente dois anos antes de sua administração aceitar esse compromisso, não muito superior à dívida, além de fatores como despesas cotidianas e falta de verba para novos investimentos infraestruturais em decorrência do débito, inevitavelmente a dinâmica de funcionamento do Parque Shanghai sofreria danos. Publicações de periódicos e observações de visitantes do Shanghai dos anos 1960 indicam a possibilidade de um arrefecimento.

Heródoto Barbeiro contrapondo as entusiastas impressões que guardava deste espaço de diversões nos anos 1950, “as melhores de São Paulo na época”, na década de 1960 aponta o declínio do Parque Shanghai, registrado na precária manutenção e modernização das atrações, bem como no esmorecer dos eventos que sediava:<sup>222</sup>

Acompanhei a vida do Shanghai mesmo durante sua decadência (...) Os brinquedos se deterioraram e foram substituídos por atrações encontradas nos parquinhos da periferia da cidade. As músicas ficaram cada vez mais estridentes. Os bailes de Carnaval acabaram. (BARBEIRO, 2007, p. 68-69).

Notícia publicada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, em 1969, pouco tempo após o Parque Shanghai encerrar as atividades na Capital Paulista, enfatizou sua transformação de ambiente conveniente a espaço pernicioso ao paulistano:

Junto do Parque D. Pedro construiu-se o Parque Xangai, famoso pelas modalidades de diversões existentes. Durante algum tempo o Xangai foi um bom lugar para os paulistanos passearem. Mas, logo, foi contaminado pelo espírito nocivo da área, tornou-se antro de viciados e ante-sala da prostituição (O ESTADO DE SÃO PAULO, 02/10/1969, p. 20).<sup>223</sup>

---

<sup>222</sup> Os eventos sediados pelo Parque Shanghai nos oferecem a possibilidade de refletir sobre o seu arrefecimento na década de 1960. Curiosamente, nos periódicos consultados nesta investigação, foram encontradas notícias sobre celebrações ocorridas em seu espaço somente até 1964. Dentre elas, citamos: um programa de festa junina promovido pela Rádio Record em 1960, duas edições do evento Carnaval na Lua e da Festa do Jornaleiro da Folha de São Paulo (1963-1964) e uma festa da empresa Casa Anglo Americana S.A., mais conhecida como Mappin, em 1964 (FOLHA DE SÃO PAULO, 18/05/1960, p.3 DIÁRIO DA NOITE, 15/02/1963, p.4; FOLHA DE SÃO PAULO 29/11/1963, p.23; DIÁRIO DA NOITE, 17/01/1964, p. 5; FOLHA DE SÃO PAULO 13/11/1964, p.9).

<sup>223</sup> Reportagem veiculada em 1972, também por este periódico, que exaltava as modificações viárias em execução no Parque Dom Pedro II, criticou antigas apropriações daquele espaço. O Parque Shanghai, um dos objetos citados, foi definido pelo jornal como “centro de operações de bandidos”, que se

A predileção por outras distrações na década de 1960 foi mais um obstáculo que incidiu sobre o Parque Shanghai no período. No *Processo 0112.252/66*, de 1966, a administração da empresa de diversões indicou que “a facilidade e a melhor categoria dos espetáculos que chegavam aos lares” por meio da televisão desestimulou o paulistano a procurar por outras opções. Segundo representantes do Shanghai não só os parques de diversões, mas o cinema, o teatro e o circo arrefeciam naquela época por conta da oscilação de público,<sup>224</sup> o que gerou por parte dos promotores de lazer da Pauliceia apelos às autoridades para que cooperassem com a manutenção de seus estabelecimentos. A isenção de impostos foi a solução sugerida ao poder público, o capital seria reinvestido na valorização dos empreendimentos. Os proprietários do Parque Shanghai também contrariados com a taxa de ocupação deliberada pela Prefeitura para o ano de 1966 solicitaram além da exoneração dos tributos, uma revisão locativa<sup>225</sup> (PROCESSO 0112.252/66, 1966).

Ainda que envolvido em uma complexa conjuntura durante a década de 1960, após a quitação definitiva da dívida contraída no decênio anterior, a cada ano a administração do Shanghai demonstrava ao poder público que desejava permanecer no Parque Dom Pedro II. A renovação contratual anual ocorrida desde 1964 evidenciou que as autoridades passaram a exercer um maior controle sobre o terreno cedido a empresa de diversões. Os reajustes anuais arbitrados<sup>226</sup> e as demais adversidades citadas acima, apesar de gerarem desconforto, não impediram a continuidade do Parque Shanghai. O encerramento de suas atividades decorre em razão de transformações

---

aproveitavam do “clima de euforia” para aplicarem estelionatos no público frequentador (O ESTADO DE SÃO PAULO, 22/10/1972, p.57).

<sup>224</sup> De acordo com Marcos Virgílio desde o final da década de 1950 o surgimento de crediários possibilitou o aumento do consumo de televisores na cidade de São Paulo. (VIRGÍLIO, 2010, p.30) Mais presente nas moradias paulistanas nos anos 1960, a “TV” impactou sobre o cotidiano dos habitantes da Capital Paulista. Como apontado pela administração do Parque Shanghai, a programação televisiva passou a exercer notável concorrência no período quando se tratava de lazer (PROCESSO 0112.252/66, 1966). Segundo Vladimir Bartalini, assim como o rádio, a televisão foi rapidamente adotada para o entretenimento por ser um “recurso contínuo, facilmente acionável e operacionalizável”. O autor ressalta que no final da década de 1960 a população da Pauliceia dedicava muito mais tempo a televisão do que ao cinema. Dados indicam que o paulistano investiu no ano de 1967 cerca de 2774 horas ao televisor e 65 horas ao cinema (BARTALINI, 1999, p.82-83). Inimá Simões em seu estudo sobre as salas de cinema de São Paulo, por meio de levantamentos da Fundação Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados), também problematiza a acentuada queda de público que se abateu sobre o cinema paralelamente a disseminação da “TV”, revelando que no intervalo entre 1955-1970 a procura pela “grande tela” reduziu cerca de 62% (SIMÕES, 1990, p.106).

<sup>225</sup> A taxa de ocupação arbitrada para o ano de 1966 foi de Cr\$ 550 mil. No ano anterior o Parque Shanghai contribuía com Cr\$ 379 mil (PROCESSO 0112.252/66, 1966).

<sup>226</sup> Em 1964, a taxa de locação foi definida em 236 mil cruzeiros; em 1965 379 mil cruzeiros; em 1966 550 mil cruzeiros; em 1967 725 mil cruzeiros (PROCESSO 97.200/61, 24/05/1961).

viárias. Em setembro de 1968, o Departamento Patrimonial concluiu que o Parque Shanghai ocupava área que seria absorvida pelo plano de urbanização do Parque Dom Pedro II, impetrando a sua administração que desimpedisse o local no mês seguinte. O Shanghai que ocupava aquele território há 23 anos em dez dias foi impelido a deixar o local:

A MUNICIPALIDADE DE SÃO PAULO, por seu Procurador infra-assinado, querendo promover com fundamento no art.720 e seguintes, do Código do Processo Civil, a presente notificação à sociedade DIVERSÕES SHANGHAI DO BRASIL LTDA., com sede nesta Capital, à av. do Estado, esquina com rua da Mooca, vem, respeitosamente, expôr e, ao final, requerer o seguinte: 1. Perante a 2º Vara de Feitos da Fazenda Municipal intentou esta Municipalidade-Supte. contra a sociedade-Supda. uma ação de reintegração de posse, visando a desocupação da área municipal por ela ocupada com as dependências do conhecido “Parque Shangai” (...) 3. Ocorre que, presentemente, para dar execução aos melhoramentos aprovados pela lei nº 6061, de 4/12/1962, necessita o Departamento de Obras desta Supte., da área em questão, que é por eles atingida, surgindo, assim, o implemento da condição estabelecida no acôrdo judicial, e põe fim àquela ocupação. Isto Posto, vem a Municipalidade de São Paulo, respeitosamente, requerer se digne V.Exa. determinar a notificação da sociedade-Supda., na pessoa de seu representante, Sr. Berthold Wronke, alemão, casado, comerciante, domiciliado e residente à rua Pinheiros, nº1233, para que desocupe e entregue à Supte. a área questionada livre e desimpedida, no prazo de (dez) dias, sob pena de, não o fazendo, caracterizar-se esbulho, ensejando o uso dos remédios próprios (EXMO. SNR.DR. JUIZ DE DIREITO DA VARA DA FAZENDA MUNICIPAL, 04/10/1968).

Em entrevista concedida ao jornal *O Estado de São Paulo* durante o processo de desmontagem do Parque Shanghai, Berthold Wronke, ao mesmo tempo em que se mostrava surpreso com o prazo estipulado pela municipalidade para a empresa retirar seus equipamentos, lembrava do grande público que recebia nos dias de função e das diversas celebrações promovidas naquele espaço, que havia servido até como cenário de filme.<sup>227</sup> Recordava o empresário também com apreço dos vinte brinquedos mecânicos que o Shanghai disponibilizava aos visitantes. Enquanto era entrevistado, as empresas Rossi Construtora e Estacas Franki já trabalhavam nos viadutos que ocupariam aquele terreno. Sobre a obra viária, Wronke, enfatizou não ter muito conhecimento, declarando que foi informado que no lugar do Shanghai seriam inicialmente construídos dois viadutos que formariam uma cruz e depois outro “por cima dos dois.”<sup>228</sup> Uma placa

---

<sup>227</sup> No ano de 1958 foram rodadas no Parque Shanghai da Capital Paulista cenas do filme **O Grande Momento**. Esta produção dirigida por Roberto Santos contou com a atuação de Gianfrancesco Guarnieri, Paulo Goulart e Myriam Pérsia. Em 1960, a unidade carioca do Shanghai serviu de cenário ao filme *Maria 38*, dirigido por Watson Macedo e protagonizado pela atriz Eliana Macedo. Abaixo fotografias de cenas de ambos os filmes.

<sup>228</sup> Os viadutos que seriam construídos sobre o terreno em que estava instalado o Parque Shanghai facilitariam o acesso as Ruas Teixeira Leite e Vinte Cinco de Março. Ademais, melhorariam o tráfego

fixada na obra sinalizava onde o público poderia encontrar os divertimentos ali oferecidos até o início de outubro: “procure compensação no Ibirapuera, ao lado da DET”<sup>229</sup> (O ESTADO DE SÃO PAULO, 12/11/1968, p.18). Na entrevista, Berthold Wronke informou ao jornalista que parte dos equipamentos do Shanghai foram adquiridos pelo Parque Cidade do Texas. Além dessa indicação, na placa estava escrito “cedendo ao progresso o Parque Shanghai encerrou suas funções”. Curiosamente, este “Parque de Diversões” que nascera e se firmara no Brasil em eventos que celebravam a modernização do país, sucumbia em razão desta, na cidade que em um imaginário construído, a simbolizava, em função de sua acelerada metropolização (O ESTADO DE SÃO PAULO, 12/11/1968, p.18). No final dos anos 1970, exatamente dez anos após a saída do Shanghai, outro atrativo local também deixou de existir, o Cine Itapura.<sup>230</sup> “Perdeu” a capital paulista o Parque Shanghai e o Cine Itapura em uma década, e a cada ano nesse intervalo entre o encerramento das atividades dos dois empreendimentos de lazer a área verde do Parque Dom Pedro II era engolida pelo “cinza” dos viadutos.



**Fig. 78** - Cena do filme **Maria 38** gravada no Parque Shanghai do Rio de Janeiro. 1960. No fundo a atração Auto Pista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ru44qulA6po>. Acesso em: 24 abr. 2017.



**Fig. 79** - Cena do filme **O Grande Momento** gravada no Parque Shanghai de São Paulo. 1958.

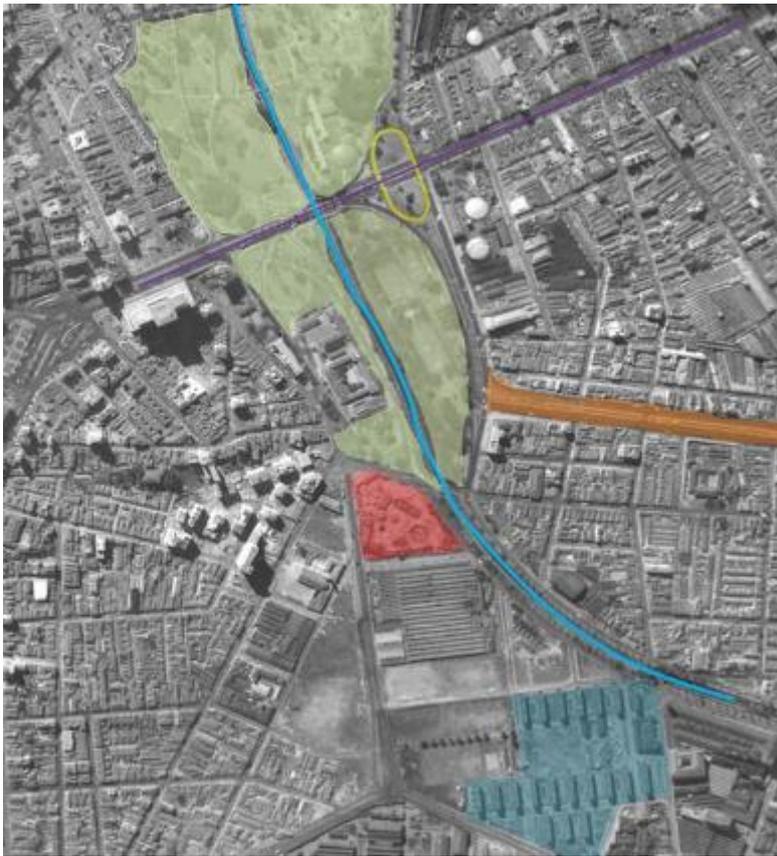
**Fonte:** São Paulo Antiga  
Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/parque-shangai/>. Acesso em 24 abr. 2017.

---

entre as Avenidas do Estado, Rangel Pestana e a Rua do Glicério (O ESTADO DE SÃO PAULO, 12/11/1968, p.18).

<sup>229</sup> Departamento Estadual de Trânsito.

<sup>230</sup> Próximo à esquina da Rua Glicério com a Avenida Prefeito Passos, em 1953, foi inaugurado o Cine Itapura. Localizado em frente ao Parque Shanghai, este cinema permaneceu na Várzea do Glicério até 1978.

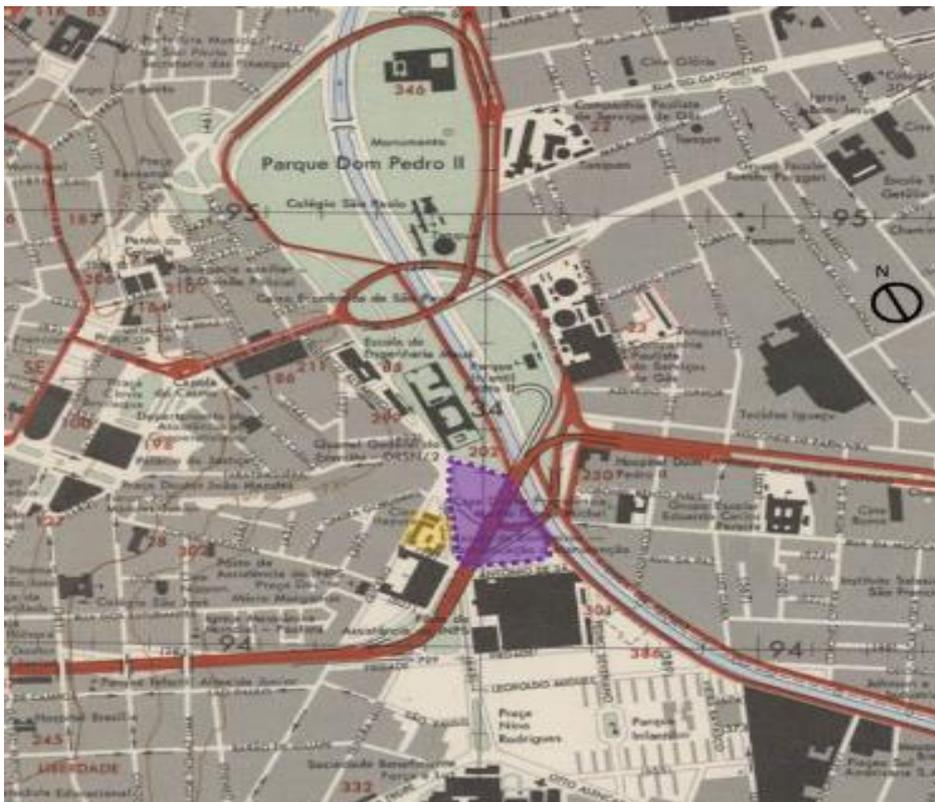


**Mapa 06** - Parque Dom Pedro II em 1958. Em roxo, a Avenida Rangel Pestana, que nos anos 1950 já abrigava uma alça de acesso destacada em amarelo. Na porção inferior, em laranja, a Avenida Radial Leste, aberta na década de 1950. Em verde a área do Parque Dom Pedro II. A linha azul representa o Rio Tamanduateí. Mais abaixo, em vermelho, o Parque Shanghai e em azul o conjunto habitacional do IAPI.

**Fonte:**

<http://geoportal.com.br/index.html>.

Acesso em 22 mar. 2017.

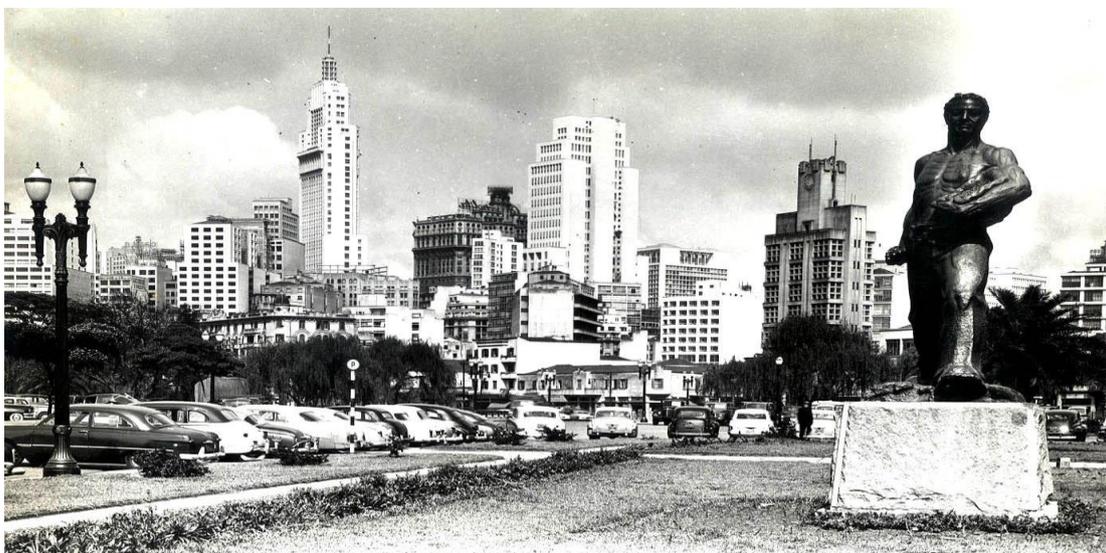


**Mapa 07** - Parque Dom Pedro II da década de 1970. Em roxo a antiga área do Parque Shanghai, que neste período passou a abrigar os viadutos Glicério e 31 de Março. À esquerda, em amarelo, o Cine Itapura, que deixou de existir nesta localidade em 1978.

**Fonte:** Arquivo do Estado de São Paulo.



**Fig. 80** - Fotografia do Parque Dom Pedro II de 1971. Em destaque no primeiro plano os Viadutos Glicério e 31 de Março construídos na antiga área ocupada pelo Parque Shanghai.  
**Fonte:** Acervo Museu da Cidade.



**Fig. 81** - Fotografia do Parque Dom Pedro II da década de 1950. Em destaque no primeiro plano à direita a estátua “O Semeador”, do escultor italiano Gaetano Fraccaroli. Da direita para esquerda no plano mais ao fundo os edifícios Senador Paulo Abreu, Banco do Brasil, Martinelli e Altino Arantes. Na fotografia também podem ser observados diversos veículos estacionados na área do Parque Dom Pedro II. Uma breve análise da imagem permite verificar a atribuição de um maior destaque aos arranha-céus e aos veículos do que a paisagem natural do parque. Examinando as transformações ocorridas no Parque Dom Pedro II entre 1890 e 1950 por meio de fotografias, Vanessa da Costa Ribeiro, salienta que este modelo de representação foi assumido pelo poder público e pela imprensa durante a década de 1950. De acordo com a autora este período denota o ápice da metropolização de São Paulo, logo, elementos que traduziam uma Pauliceia moderna passaram a ser exaltados. Os grandes edifícios, bem como os veículos automotores, foram “artefatos eleitos”, adquirindo notoriedade em detrimento de outros aspectos da paisagem urbana. No que concerne ao Parque Dom Pedro II, sua composição natural foi rebaixada a “segundo plano” nos registros fotográficos. Isto era um prenúncio? Para a autora sim, as fotografias do período revelavam o que estaria por vir. Na década subsequente, consolidado o rodoviarismo e a indústria automobilística, um complexo viário foi erguido sobre a área em que estava fixado o parque público, extinguindo sua natureza e a sociabilidade ali desenvolvida (RIBEIRO, 2012, p.186-187).

**Fonte:** Acervo do Museu Paulista

#### 4.7 Uma incursão Latino-Americana: de Parque Japonês a Parque Retiro

A análise realizada da trajetória do Parque Shanghai entre as décadas de 1930 e 1960 possibilitou a compreensão não apenas de sua amplitude nacional, mas que seu fundador, José Luis Gaspar Zaragueta, antes de inaugurar seu primeiro parque de diversões no Brasil, já atuava como empresário do setor na Argentina. As fontes utilizadas nesta investigação não permitem uma exata definição do momento em que Gaspar Zaragueta constituiu seu primeiro empreendimento na Argentina, mas oferecem indícios de que nos dois países o modelo itinerante prevaleceu inicialmente, mantendo o empresário desde meados dos anos 1930, como no Brasil, um parque de diversões por temporadas em Buenos Aires.

Periódicos brasileiros mobilizados na pesquisa apontam que este também era conhecido por “Shanghai” naquela capital, contudo os jornais argentinos a que tivemos acesso não fazem referências a esta designação (JORNAL DO BRASIL, 27/02/1935, p.6; DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 09/07/1939; DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 30/07/1939, p.5).

Diferentemente do parque que percorria o Brasil cujo nome foi inspirado em uma cidade chinesa, na Argentina o empreendimento de Gaspar Zaragueta era conhecido como *Parque Japonês*, fazendo referência ao país asiático vizinho. Tratam sobre esse espaço de diversões os autores Horacio Spinetto e Otto Carlos Miller, indicando que este se tornou opção de lazer fixa, em 1939, no bairro Retiro.<sup>231</sup> Limitado pelas Avenidas Leandro N. Alem, Eduardo Madero e a Rua San Martin, o *Parque Japonês* funcionou neste terreno até o ano de 1961. Contudo, no início do século XX, há dez quadras do local em que este estava instalado, um primitivo parque de diversões com a mesma denominação já havia existido na cidade de Buenos Aires. Alternativa de lazer por pouco mais de duas décadas – entre 1911 e 1933 – o primeiro *Parque Japonês* se destacou pelo conjunto de atrações artísticas e mecanizadas<sup>232</sup> que oferecia aos portenhos, como também por sua arquitetura, que reproduzia em detalhes aspectos da

---

<sup>231</sup> Horacio Spinetto na obra *Retiro. Testigo de la Diversidad*, publicada em 1998 pelo Instituto Histórico de la Ciudad de Buenos Aires, e Otto Carlos Miller no artigo *El Parque Japonés, Historia y Literatura*, que compõe a vigésima segunda edição da revista *Historias de la Ciudad* impressa em agosto de 2003.

<sup>232</sup> Entre suas distrações mecânicas destacamos o *looping the loop*, a roda gigante, o terremoto e o *Water Shoot*. Além do espetáculo das máquinas, o Parque promovia a arte, uma de suas atrações era o Circo Romano. As descrições realizadas por Otto Miller e Horacio Spinetto deste espaço de lazer nos levam a presumir que o mesmo serviu de inspiração aos futuros empreendimentos que José Luis Gaspar Zaragueta constituiu na América do Sul. O protótipo de diversão e a oferta de equipamentos similares substanciam essa proposição (SPINETTO, 1998, p.82; MILLER, 2003).

cultura e da paisagem japonesa proporcionando aos visitantes experiências estéticas e sensoriais, tendo vista a estreita relação que conservava com os equipamentos de diversões. Discorre Miller, que circulava no interior e em torno da réplica do Vulcão Fujiyama que o parque abrigava um pequeno trem, e que o público, quando usufruía do passeio em canoas, era levado ao encontro de gueixas que ficavam em seus quiosques (MILLER, 2003).

Espaço de lazer que obteve significativa repercussão na época em que existiu, comparado a centros de diversões como *Coney Island*, desde que começou a operar, o pioneiro *Parque Japonés* atraiu grande contingente de pessoas. Publicação da revista *Caras y Caretas* na semana posterior à sua inauguração revelou que nos seis primeiros dias de função, por volta de 150 mil pessoas já haviam desfrutado de suas atrações. (CARAS Y CARETAS, 15/02/1911, p.6).

Isto posto, ponderamos que, Gaspar Zaragueta, que chegou à capital argentina quando este parque estava ativo e já gozava de popularidade, como outros estrangeiros que o elegiam para o entretenimento, pode também tê-lo frequentado (MILLER, 2003). Não podemos confirmar essa hipótese, mas que seu empreendimento fora inspirado no parque homônimo que já não existia desde o início da década de 1930, em nossa visão, é uma suposição verossímil. A escolha pela mesma denominação se coloca como um relevante indício. Qual proveito esperava obter o empresário ao realizar esta analogia? Consideramos que o prestígio obtido por este parque ao que tudo indica foi útil a Gaspar Zaragueta, afinal, os habitantes da cidade conservavam impressões afetivas daquele ambiente,<sup>233</sup> que acabou arruinado após um trágico incêndio que comprometeu sua estrutura.<sup>234</sup> Dessa maneira, nos parece que incutir a ideia de um retorno, batizando o “novo parque” também de “*Japonés*”, foi uma “astuta estratégia” utilizada pelo empreendedor para cativar o público e por conseqüência alavancar rapidamente o negócio. Uma espécie de curiosidade “mítica” que permeava o ambiente asiático antes da II Guerra Mundial, também pode ter servido ao empresário como meio de sedução para aumentar a frequência ao parque.

---

<sup>233</sup> Trecho de uma publicação realizada pelo periódico **Crítica** quando o Parque Japonés fora abatido pelo incêndio nos alerta sobre a afetividade que este espaço de diversões granjeou no período em que esteve ativo. Revelou a matéria “Se incendiou hoje o Fujyama (...) Ha desaparecido um pedaço de nossa história emocional” (CRITICA, 25/12/1930, tradução minha).

<sup>234</sup> O incêndio ocorreu em dezembro de 1930. No ano seguinte o parque reabriu ao público com os poucos equipamentos não afetados pelas chamas. Não dispondo mais do apelo de outrora este encerrou definitivamente suas atividades em 1933 (MILLER, 2003).

Embora não tenha reproduzido a ornamentação de seu antecessor, o novo *Parque Japonés*, no geral, reeditou o seu modelo de diversão. Igualmente ao primeiro, disponibilizou ao público brinquedos mecânicos, dentre eles, montanha russa e Trem Fantasma, além atrações como o circo. A análise do conjunto de equipamentos que integraram o Parque Shanghai até a década de 1960 possibilitou-nos também compreender que os empreendimentos de Gaspar Zaragueta em ambos os países eram dotados de similaridades. As viagens de captação pela Europa e EUA realizadas pelo empresário beneficiaram as “franquias” do Brasil e da Argentina. O artigo de Miller evidencia a existência de atrações no Parque Japonés que também contemplaram seu “coirmão” brasileiro, como o globo da morte, divertimento em que o público era “brindado” com arrojadas exibições de ciclistas e motociclistas em uma esfera de aço. Ademais, expõe também distrações que aparentemente não foram disponibilizadas nas franquias brasileiras, dentre as quais, máquinas que ofereciam aos visitantes perspectivas acerca de temas de seu interesse. “Amor” e “dinheiro” dominavam a curiosidade do público (MILLER, 2003).

Em meados da década de 1940, após a Argentina declarar guerra ao Eixo<sup>235</sup> o Parque Japonés acabou sendo rebatizado como Parque Retiro, alcunha com a qual permaneceu até encerrar suas atividades. Publicação do jornal *La Nacion* dimensiona o quanto este espaço de diversão fora prestigiado pela população argentina. Expõe a reportagem que nos finais de semana circulavam pelo Parque cerca de 40 mil pessoas, e nos “dias úteis” em média 15 mil (LA NACION, 11/06/2008).

O demasiado interesse dos habitantes pelo parque de diversões, contudo, não foi suficiente para sua manutenção. Segundo Horácio Spinetto, no final década de 1950, este declinara. A causa de seu esmorecimento, curiosamente, como a do Parque Shanghai de São Paulo, está associada a transformações urbanas. A requalificação da área em que estava assentado, fomentada por construções de edifícios e a abertura de novas ruas, colocaram fim a sua trajetória em Buenos Aires em 1961 (SPINETTO, 1998, p. 86; LA NACION, 2008). Atualmente uma unidade do Hotel Sheraton ocupa o terreno que outrora, como descreve Otto Miller, era paramentado por “caras de ingenuidade e assombro de crianças”, que naquele espaço viviam “profundas emoções” (MILLER, 2003, tradução minha).

---

<sup>235</sup>Aliança de guerra conformada por Alemanha, Itália e Japão.



**Mapa 08** - Mapa da cidade de Buenos Aires. À direita, em laranja, a antiga localização do primeiro Parque Japonês, próximo ao bairro da Recoleta. Mais abaixo, em roxo, a área onde foi instalado o segundo Parque Japonês, no bairro Retiro. Dez quadras separam os terrenos.

**Fonte:** [viagem.decaonline.com/buenos-aires-mapas-e-info/](http://viagem.decaonline.com/buenos-aires-mapas-e-info/).

Disponível em: <http://viagem.decaonline.com/buenos-aires-mapas-e-info/>. Acesso em: 25 mai. 2017



**Fig. 82** - Aspecto do Parque Japonês. Ao fundo réplica do Vulcão Fujiyama, que integrava a atração mecanizada.

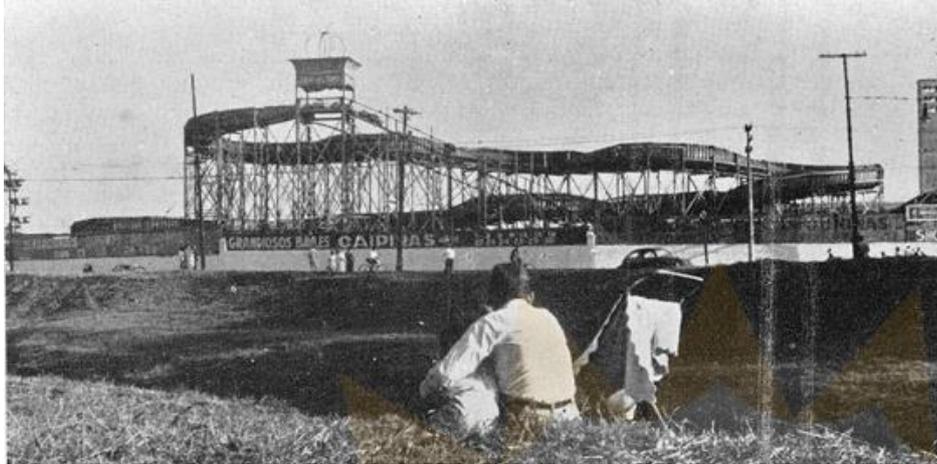
**Fonte:** Caras y Caretas, 1911, p.11.



**Fig. 83** - No centro da fotografia a Torre dos Ingleses, instalada na Praça San Martin. Mais ao fundo, à esquerda deste monumento o Parque Japonês. Em destaque seu letreiro semicircular.

**Fonte:** (SPINETTO, 1998, p.85)

## Considerações Finais



**Fig. 84** - Estrutura da montanha russa do Parque Shanghai da cidade de São Paulo.  
**Fonte:** Acrópole, 06/1963.

A fotografia acima reproduzida mostra dois meninos sentados num terreno baldio, contemplando, de costas para o fotógrafo, uma serpenteante montanha russa. Trata-se de um flagrante melancólico não apenas da condição das duas crianças, apartadas do local de diversões, da área de sons, cores e aromas, mas, também dos momentos finais do Parque Shanghai.

Como visto nesta dissertação, o Parque Shanghai passou de uma condição de itinerância a um criador de lugar, ou seja, de um espaço com características específicas, criador de uma identidade metropolitana, e identitário. Talvez por conta mesmo desta identidade, a qual foi posta em disputa entre os vários proprietários do parque, dos administradores municipais, e das diferentes camadas da população, o parque acabou sucumbindo em nome do “progresso”. Pelo menos em São Paulo, lugar em que mantivemos como principal foco de análise, esta interpretação é pertinente. No caso do Parque Shanghai do Rio de Janeiro, alguns outros caracteres explicam sua mudança para o bairro da Penha, mas, igualmente a São Paulo, nota-se como as diversões mecânicas foram suprimidas face à emergência de novas tendências e projetos políticos urbanos.

Fato é, que em 1968, diversas obras viárias foram entabuladas no Parque Dom Pedro II. Em cerca de dois anos, a Municipalidade construiu naquele local seis viadutos – Diário Popular, com a finalidade de interligar a Rua do Gasômetro a Rua Vinte Cinco de Março; Antonio Nakashima, responsável por conectar a Rua da Figueira com a Avenida Rangel Pestana; Vinte e Cinco de Março; que concatena os segmentos da Avenida Rangel Pestana permitindo a ligação do centro ao Brás; Mercúrio, que estabelece o contato entre a Avenida Rangel Pestana e a Avenida Mercúrio; Glicério, que auxilia na conexão leste-oeste; 31 de Março, que propicia confluência entre a Rua Frederico Alvarenga e a Radial Leste – e implementou alças e rampas de acesso. Além disso, no decorrer da década de 1970, outras intervenções foram desenvolvidas, dentre elas, o alargamento do Canal do Tamanduateí, objetivando refrear as enchentes que assolavam a região, bem como executadas obras complementares na Avenida do Estado (FILGUEIRAS, 2016, p.40-41).

Segundo Tarcísio Filgueiras, modificações de grande vulto empenhadas no Parque Dom Pedro II como as sucedidas a partir de 1968, quando José Vicente Faria Lima ocupava o cargo de Prefeito (1965-1969), ocorreram, sobretudo, durante o primeiro mandato municipal de Prestes Maia em São Paulo (1937-1945), em função da execução do Perímetro de Irradiação previsto no Plano de Avenidas. A constatação do autor, no entanto, não impugna que no intervalo de pouco mais de duas décadas entre as duas gestões se efetivaram transformações viárias naquele local, acentuando nos anos 1950 a abertura da Radial Leste no Parque Dom Pedro II, porém, aponta que dificuldades orçamentárias enfrentadas pela Prefeitura no período prejudicaram a execução de outras realizações (FILGUEIRAS, 2016, p. 36).

A instabilidade política, aventada por Somekh e Campos na obra *A cidade não pode parar*, ocorrendo entre 1945 e 1961 significativa rotatividade na “cadeira” municipal – 16 gestões –, também é frisada como fator que intrincava o desenvolvimento de obras no espaço da cidade, tendo em vista os distintos projetos e prioridades que vigoravam em cada administração (CAMPOS; SOMEKH, 2002, p.91).

Entre 1961 e 1968, a efemeridade na Prefeitura cessou, se configurando apenas duas gestões, Prestes Maia (1961-1965) e Faria Lima (1965-1969). Maia que anteriormente ao seu segundo mandato na Prefeitura fora secretário de obras quando Jânio Quadros administrava o município (1953-1955), assumindo novamente o posto, por um período de quatro anos, nos anos 1960, prosseguiu ratificando a necessidade do andamento das alterações viárias na cidade, privilegiando o sistema rodoviário e,

consequentemente, o deslocamento por meio de automóveis. A predileção por veículos automotores, indicada na configuração do Plano de Avenidas, já era evidente em sua primeira gestão, quando criou a Comissão de Transportes Coletivos com a finalidade de introduzir o ônibus na cidade em substituição ao transporte sobre trilhos (CAMPOS; SOMEKH, 2002, p.70). Proposta que prevaleceu também nos anos 1950 no “*Programa de melhoramentos públicos para a cidade de São Paulo*”, que sugeriu a criação de rotas e a aquisição de 500 ônibus no intuito de aprimorar o transporte coletivo da Pauliceia (CAMPOS; SOMEKH, 2002, p. 88).

Em suma, ainda que a partir de meados da década de 1940 e no decorrer da de 1950 entraves políticos e econômicos tenham arrefecido empreendimentos viários públicos, há de se reconhecer que o modelo de transporte rodoviário cada vez mais se afirmava na cidade, para isto, o papel da iniciativa privada, melhor dizendo, da indústria automobilística, foi essencial. Nos anos 1960, segundo Filgueiras, esta indústria “era a responsável pela maior parte do PIB brasileiro”, o que lhe garantia ingerência sobre as políticas públicas do país, dessa maneira, a adaptação da cidade em função do transporte rodoviário era um meio de assegurar que a mesma permanecesse aquecida, sendo assim, o planejamento do espaço urbano deveria estar associado aos seus ditames (FILGUEIRAS, 2016, p.10).

O Parque Dom Pedro II, assentado em uma área estratégica a conexão da Zona Leste com o centro da capital paulista, bem como a outras interligações, por mais que se notabilizasse como reduto de recreação e sociabilidade do paulistano desde a década de 1920, nos anos 1960, de acordo com os mandatários da cidade, “impedia o progresso da metrópole” e, em função disso, deveria ser suprimido, como foi. Contudo, ainda que tenha conquistado status de “referência” no que concerne ao lazer em São Paulo no decorrer de sua trajetória, na realidade, como já exposto nesta pesquisa, este espaço público de diversão desde os primórdios parecia condenado ao desaparecimento, afinal, o “fiasco imobiliário”, a não execução de equipamentos que lhe garantiria constituir maiores vínculos com os frequentadores, além dos projetos viários que desde os anos 1930 previam alterações no local onde estava estabelecido, se conformaram como proeminentes indícios de que sua existência seria efêmera.

Reconhecemos que pelas circunstâncias este teve certa durabilidade, e segundo Filgueiras, Somekh e Campos contribuiu para isso a instabilidade político-econômica da cidade de São Paulo. Porém, na década 1960, as gestões municipais se mostravam mais sólidas e a indústria automobilística era tida como “motor” econômico do país, sendo

assim, o Parque Dom Pedro II, ocupando espaço selecionado a “circulação”, acabou suprimido. O Prefeito Faria Lima foi o responsável por iniciar as obras que o extinguiu. A dissolução do parque urbano resultou no fim de outros equipamentos ali alocados, dentre eles, o Parque Shanghai.

Isto posto, compreende-se que o tempo transcorrido acarreta na degradação ou até na obliteração de elementos situados no espaço urbano, perante as práticas de apropriação do território que modificam não apenas a estética da cidade, mas também sua funcionalidade. Assim sendo, cabe ao historiador “despertar olhares” e reflexões, bem como representações imagéticas e discursivas da cidade, tentando preencher as ausências do espaço transformado (PESAVENTO, 2005: 11-15). Portanto, ao eleger o Parque Shanghai como objeto de pesquisa, espaço de diversão que obteve grande magnitude quando esteve ativo, mas que há cinquenta anos desapareceu de São Paulo, procuramos em nossa investigação evocar e socializar fragmentos de sua trajetória.

## Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro, ed. Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

AL ASSAL, Marianna Ramos Boghosian. **Arenas nem tão pacíficas arquitetura e projetos políticos em Exposições Universais de finais da década de 1930**. 314 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. **Barry Parker: um arquiteto inglês na cidade de São Paulo**. Tese (doutorado). Universidade Estadual de São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1998.

ANDRADE, J. V. de. **Lazer: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ANTAS JR, R. M. O Lazer Paulistano em Diferentes Fases de Modernização da Cidade. In: CAMARGO, A. M. de A.(Org.). **São Paulo, metrópole em mosaico**. São Paulo: CIEE, 2010.

ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce. **Estado, arquitetura e desenvolvimento. A ação habitacional do IAPI**. São Paulo: Unifesp, 2016.

ATIQUÊ, F. **Memória Moderna: a trajetória do Edifício Esther**. São Carlos: RiMa / FAPESP, 2004

\_\_\_\_\_. **Debate sobre habitação nos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos (1920-1940)**. In: XI Primeiro Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR). Salvador, 2005.

ATIQUÊ, F.; GESSI, H.; SOUSA, D. **Uma Relação Concreta a Prática do Futebol em São Paulo e os Estádios do Parque Antarctica e do Pacaembu**. In: Anais do Museu Paulista, São Paulo: v.23, n.1, 2015.

BARBEIRO, Heródoto. **Meu velho centro: histórias do coração de São Paulo**. São Paulo: Boitempo; Serviço Social do Comércio, 2007.

BARBUY, Heloísa. **A exposição Universal de Paris em 1889**. São Paulo: EDUSP, 1999.

BARTALINI, Vladimir. **Parques públicos municipais de São Paulo: a ação da municipalidade no provimento de áreas verdes de recreação**. Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BONDUKI, Nabil. **Origens da Habitação Social no Brasil (1930-1954): o caso de São Paulo**. Tese (doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

BRANDÃO, A. **A Fábrica de ilusão: o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913)**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1994.

BRAUDEL, Fernand. **O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II**. 2ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Lógica e Dissonância. Sociedade de trabalho: lei, ciência, disciplina e resistência operária**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v.6 n.11, set.1985/fev.1986.

\_\_\_\_\_. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. História e Historiografia das Cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar. (Org.). **Historiografia Brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

\_\_\_\_\_. **As palavras da cidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

BRITO, Mônica Silveira. **A participação da iniciativa privada na produção do espaço urbano: São Paulo, 1890- 1911. 2000**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

- BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- CALDAS AULETE; Francisco Julio. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 5.ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964.
- CAMPOS, Cândido Malta; SOMEKH, Nádía. **A cidade que não pode parar : planos urbanísticos de São Paulo no século XX**. São Paulo: Mackpesquisa, 2002.
- CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: SENAI, 2002.
- CAMPOS, Cristina de. **Trajetória eclipsada: a contribuição do engenheiro civil Antonio Francisco de Paula Souza na formação das redes de saneamento em São Paulo, 1870-1898**. Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, n.8, 2008.
- CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira. **A construção de um sonho: os engenheiros-arquitetos e a formulação da política habitacional no Brasil**. Campinas, Editora da Unicamp, 1997.
- CERASOLI, Josianne Francia. **Modernização no plural: obras públicas, tensões sociais e cidadania em São Paulo na passagem do século XIX para o XX**. 439 f. Tese (Doutorado). Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: UNESP, 2014.
- CHENOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorias**. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890.
- CIUCCI; MANIERI-ELIA; TAFURI. **La ciudad americana de la guerra civil ao New Deal**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1975.
- CORREIA, T. B. **Pedra: Plano e cotidiano operário no sertão**. 1. ed. Campinas: PAPIRUS, 1998.
- CORBUSIER Le. **A Carta de Atenas**. São Paulo: Hucitec Edusp. 1993
- CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CRUZ, Heloisa de Faria; Maria do Rosário da Cunha Peixoto. Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**. São Paulo, n.35, jul-dez, 2007.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DELACROIX, Chistian; DOSSE, François e GARCIA, Patrick. **“Uma crise da História? (as décadas de 1980-1990)**. In: Correntes históricas na França (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: Ed. da FGV; São Paulo: Ed. da Unesp, 2012.
- D’ELBOUX, Roseli Maria Martins. **Joseph-Antoine Bouvard no Brasil. Os Melhoramentos de São Paulo e a criação da Companhia City: ações interligadas**. 2015. Tese (doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- DE PELLEGRIN, Ana. **Os contrastes do ambiente urbano: espaço vazio e espaço de lazer**. (Dissertação de Mestrado – Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- DOS SANTOS, Ana Carolina M. Figueira; MANOLESCU Friedhilde M.K. **A importância do espaço para lazer em uma cidade**. In: VIII Encontro Latino de Pós-Graduação, Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, 2008.
- DOS SANTOS, Leonardo. **Estudo comparado da emória dos Bônus de Guerra no Brasil e nos Estados Unidos da América, na II Guerra Mundial: esquecimento e memória**. XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO Memória e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2010.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DUMAZEDIER, J. **Planejamento do lazer no Brasil: valores e conteúdos do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DUPOND, Paul. **Dictionnaire de l'Académie Française**. Paris: Librairie Normale D'Éducacion, 1835.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

- FENTREES, James e Wickham. **Memória Social**. Lisboa: Teorema, 1992.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FERREIRA; Camila Lopes; PILATTI, Luiz Alberto; FRASSON Antonio Carlos. **O Direito a Preguiça: uma análise do tempo de trabalho x tempo livre**. Revista Tecnologia e Sociedade, Curitiba, v. 05, n. 08, jan-jun. 2009.
- FERREIRA, Antonio Celso. **A Epopeia Bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- FERREIRA, João Fernando. **A Construção do Pacaembu**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FILGUEIRAS, Tarcísio. **Viadutos sobre o Parque Dom Pedro II: reflexões sobre o papel do Estado e da racionalidade tecnocrática na produção do espaço urbano**. Trabalho de Graduação Integrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOOT HARDMAN, Francisco. **Trem fantasma. A modernidade na selva**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FOURASTIÉ, Jean. **Lazer e turismo**. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.
- \_\_\_\_\_. **As 40.000 horas, para onde caminha o trabalho da humanidade**. Rio de Janeiro: Forense, 1967.
- \_\_\_\_\_. **A grande esperança do século XX**. São Paulo, Perspectiva. 1971.
- FOWLER, H.W.; FOWLER, F.G. **Oxford Dictionary of Current English**. 7.ed. London: Humphrey Milford, 1919.
- FRIEDMANN, Georges. **O Trabalho em migalhas: especialização e lazeres**. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- FROMM, Erich. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **São Paulo: espaços públicos e interação social**. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- GAEZLER, Lenea. **Lazer: benção ou maldição?**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1979.
- GESSI, H. **Pacaembu: construção e apropriação do espaço (1933-1963)**. (Trabalho de conclusão de curso - Bacharelado em História) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2013.
- GIEDION, Sigfried. **La mecanización toma el mando**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1978.
- GINZBURG, C. **O Queijo e Os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- \_\_\_\_\_. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole**. (Dissertação de Mestrado – História Social) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2008.
- GOODRICH, Chauncey; PORTER, Noah. **Webster's Complete Dictionary of the English Language**. London: George Bell and Sons, 1886.
- GRAZIA, Sebastian de. **Tiempo, trabajo y ocio**. Madrid: Editorial Tecnos, 1966.
- GUARALDO, Eliane. **Repertório e identidade: espaços públicos em São Paulo (1890-1930)**. 2002. Tese (doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

- HELIODÓRIO, Antônio; SAMPAIO, Lima. **(Outras) Cartas de Atenas contextos originais**. Salvador: Quarteto Editora, 2001.
- HOBBSAWM, Eric. **A era do capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.  
São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Os trabalhadores: estudos sobre a história do operariado**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- HOMEM, M. C. N. Higienópolis: Esboço Histórico. In CAMARGO, A. M. A. (Org.). **São Paulo, metrópole em mosaico**. São Paulo: CIEE, 2010.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Perspectiva, 1971.
- INÁCIO, L. D. I. **O lazer do trabalhador em um contexto de transformações tecnológicas**. 105 f. Dissertação (Mestrado). Centro de Ciências da Educação do Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- JORGE, Janes. **Tietê: o rio que a cidade perdeu (São Paulo, 1890-1940)**. São Paulo: Alameda, 2006.
- KAPLAN, M. **Leisure: theory and policy**. New York: John Wiley & Sons, 1975.
- KASSON, John F. **Amusing the million**. New York: Hill & Wang, 1978.
- KLIASS, R. G. A. **Parques urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade**. São Paulo: Pini, 1993.
- KOOLHAAS, R. **Nova York delirante: um manifesto retroativo para Manhattan**. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.
- KOSELLECK, Reinhart. **Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 5, n. 10, 1992,
- LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. 3.ed. Lisboa: Teorema, 1991.
- LAURIE, M. **Introducción a la arquitectura del paisaje**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1983.
- LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEVY, Aiala. **Forging an Urban Public: Theaters, Audiences, and the City in São Paulo, Brazil, 1854-1924**. Tese (Doutorado). University of Chicago, Chicago, IL, EUA, 2016.
- LITTRÉ, E.; BEAUJEAN, A. **o Dictionnaire de la Langue Française**. Paris: Éditions Universitaires, 1900.
- LOFEGO, Silvio Luiz. **IV Centenário da cidade de São Paulo: A construção do passado e do futuro nas comemorações de 1954**. Tese (doutorado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.
- MAIA, Francisco Prestes. **Os melhoramentos de São Paulo**. São Paulo: Grafica da Prefeitura, 1945.
- MANTEAUX, Paul. **A Revolução Industrial no século XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- MARCELLINO, N.C. **Lazer e educação**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana: o caso da RMC – Região metropolitana de Campinas**. Curitiba: OPUS, 2007.
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- MARGLIN, S. "Origens e funções do parcelamento das tarefas". in Gorz, A. (org.) **Crítica da Divisão do Trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- MARTINEZ, Marcelo Salomão. **Parques de diversões. Histórico, caracterização e análise da indústria no Brasil**. 1999. 122 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, Rio de Janeiro, 1999.
- MARTINS, Antonio Egídio. **São Paulo Antigo (1554 a 1910)**. São Paulo: Livraria São Francisco Alves, 1911.

- MARTINS, William de Souza Nunes. **Paschoal Segreto: "ministro das diversões" do Rio de Janeiro (1883 - 1920)**. (Dissertação de Mestrado – História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2004.
- MARX, Karl. **O Capital**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
- MARZANO, Andréa Barbosa; MELO, V. A. **Vida divertida: Histórias de lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- MASCARENHAS, Fernando. Lazer e utopia: limites e possibilidades de ação política. In. SUASSUNA, Dulce e AZEVEDO, Aldo (Orgs.), **Política e lazer: interfaces e perspectivas**, Coleção Dossiê, Brasília: Thesaurus, 2007.
- MASI, Domenico de. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante. 2000.
- MEDEIROS, Ethel B. **Educação para o lazer. Boletim de Intercâmbio**. Rio de Janeiro: SESC, jul/set. 1980.
- \_\_\_\_\_. **Lazer: Necessidade ou novidade?** Rio de Janeiro: SESC, 1975.
- \_\_\_\_\_. **O Lazer no planejamento urbano**. Rio de Janeiro: FGV, 1971.
- MELO, V.A.; ALVES JUNIOR, E.D. **Introdução ao lazer**. São Paulo: Manole, 2003.
- MELO, V. A. **Lazer, modernidade, capitalismo: um olhar a partir da obra de Edward Palmer Thompson**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p.5-26, jan-jun. 2010.
- MELOSI, Martin. V. **The sanitary city: Environmental services in urban America from colonial times to the present**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2000.
- MEHRTENS, Cristina Peixoto. **Urban Space and National Identity in Early Twentieth Century São Paulo, Brazil: crafting modernity**. Editora Palgrave Macmillan, 2010
- MEYER, Regina Maria Prosperi; GROSTEIN, Marta Dora. **A leste do centro: territórios do urbanismo**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2010.
- MILLER, Otto Carlos. **El Parque Japonés, Historia y Literatura**. Revista Historias de la Ciudad. Una Revista de Buenos Aires. Buenos Aires, n.22, 2003.
- MORAES, Julio Lucchesi. **Sociedades culturais, sociedades anônimas: distinção e massificação na economia da cultura brasileira**. 391. f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- MOSSER, Monique. **History of Garden Design**. Thames and Hudson Ltd. 1992
- MUNNÉ, Frederic. **Psicossociología del tiempo libre: un enfoque crítico**. México: Trillas, 1980.
- NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. **Parques Infantis de São Paulo: lazer como expressão de cidadania**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.
- \_\_\_\_\_. Do Velódromo aos Parques Infantis – paradigmas e contradições na produção social dos espaços lúdico em São Paulo, In: GITAHY, M. L. C. (Org). **Desenhando a cidade do século XX**. São Carlos: Rima/ FAPESP, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Os parques infantis e as ressonâncias da tipologia reform park em São Paulo**. IX Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, São Paulo, v.9, n.2, 2006.
- OLIVEIRA, L. J. A.; RIGHI, R. **Os espaços de lazer: gênese e desenvolvimento do conceito de parque temático**. Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, v.2, n.1, p.23-39, 2002.
- PACHECO, Horácio. **Inchação Urbana, violência, lazer. Boletim de Intercâmbio**. Rio de Janeiro: SESC, abr/jun. 1981.
- PERROT, M. **Os Excluídos da História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidade, Espaço e Tempo: Reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano**. Revista Cadernos do LEPAARQ Do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v.2, n.4, p.9-17, 2005.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da lingua brasileira**. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1832.
- PINTO, Maria Inez Machado Borges. **Cotidiano e Dobrevivência: a Vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo (1890-1914)**. São Paulo: Edusp, 1994.

- POLLAK, Michael. **Memória e identidade Social**. In: Revista Estudos Históricas, Rio de Janeiro: v. 5, n. 10, 1992.
- RAGO, M. A Invenção do Cotidiano na Metrópole: Sociedade e Lazer em São Paulo, In: PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo – A cidade na primeira metade do século XX 1890-1954**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- RAMOS, A. W. Da Vida de Bairro à Morte do Bairro: historicidade e espacialidade da Água Branca. In CAMARGO, A. M. A. (Org.). **São Paulo, Metrópole em Mosaico**. São Paulo: CIEE, 2010.
- REQUIXA, Renato. **Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: SESC, 1980.
- RIBEIRO, V. C. **Várzea do Carmo a Parque Dom Pedro II: de atributo natural a artefato. 2012**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- RIESMAN, David. **A multidão solitária**. São Paulo: Perspectiva. 1971.
- RODRIGUES, L.C. **Picadieros nos Mapas: os circos em São Paulo no início do século XX (1906-1912)**. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em História). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2014.
- ROLNIK, R. O lazer humaniza o espaço urbano. In: **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000.
- RUSSEL, Bertrand. **Elogio de la ociosidad y otros ensayos**. Doña Jacinta y LeoLuegoExisto, 2012.
- SCHPUN, M. R. **Beleza em jogo – Cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Editora SENAC, 1999.
- SCHENK, L. B. M. **Arquitetura da paisagem entre o Pitoresco, Olmsted e o Moderno**. 2008. Tese (doutorado). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.
- SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 1996.
- SEVCENKO, N. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo: Cia das Letras, coleção Virando Séculos; vol.7, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Orfeu extático na Metrópole – São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da Língua Portuguesa**. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.
- SIMÕES, Inimá. **Salas de cinema em São Paulo**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.
- SIMSON, O. R. M.V. **Carnaval em Branco e Negro: Carnaval Popular Paulistano: 1914-1988**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial, 2007.
- SIQUEIRA, Júlia; KUHL, Beatriz. **Grandes Moinhos Gamba. Projeto de conservação e intervenção**. IPHAN, 2011.
- SOUSA, D. **Parque Antarctica – Um patrimônio do lazer na cidade de São Paulo no início do século XX**. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em História). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2014.
- SPINETTO, Horácio J. “El Parque Japonés”. In: **Retiro. Testigo de la Diversidad**. Buenos Aires: Instituto Histórico de la Ciudad de Buenos Aires, 1998.
- STIEL, WALDEMAR C. **Histórias dos transportes coletivos em São Paulo**. São Paulo: Ed. MacGraw-Hill do Brasil Ltda; Edusp, 1976.
- STORMONTH, James. **Etymological and Pronouncing Dictionary of the English language**. 6.ed. Edinburgh and London: William Blackwood and Sons, 1881.
- SURDAM, David George. **Century of the leisured masses: Entertainment and the transformation of twentieth-century América**. Oxford Scholarship Online, 2015.
- THOMPSON, E.P. **A Formação da classe operária inglesa, "A maldição de Adão"**, vol. II, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.

- \_\_\_\_\_. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TIMÓTEO, Jhoyce Pova. **A Cidade de São Paulo em “Escala Humana”: Luiz de Anhaia Mello e sua proposta de recreio ativo e organizado**. 114f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2008.
- TRINDADE, Jeanne Almeida da. **Parques históricos nas cidades contemporâneas: uma análise da Quinta da Boa Vista**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Urbanismo/PROURB. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- ULIAN, F. Transporte em São Paulo: inclusão e exclusão no espaço urbano. In
- VILLARES, H. D. **Urbanismo e problemas de São Paulo**. São Paulo, 1948.
- VIRGÍLIO, Marcos. **São Paulo 1946-1957. Representações da cidade na música popular**. São Paulo: Biblioteca 24x7, 2010.
- WEINSTEIN, Barbara. **(Re)formação da classe trabalhadora no Brasil (1920-1964)**. São Paulo; Bragança Paulista: Cortez; CDAPH-IFAN - Universidade de São Francisco, 2000.
- \_\_\_\_\_. **The Color of Modernity: São Paulo and the making of race and nation in Brazil**. Durham; London: Duke University Press, 2015.
- WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.
- \_\_\_\_\_. **O Campo e a cidade. Na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ZANIRATO, Silvia Helena. **História da ocupação e das intervenções na Várzea do Rio Tietê**. Revista Crítica Histórica, Alagoas, v.2, n.4, 2011.

### Periódicos Citados

- II Feira de Amostras de São Paulo. *A Gazeta de Notícias*, 02 jun. 1932, p.4.
- III Feira de Amostras de São Paulo. *A Gazeta de Notícias*, 22 set. 1933, p.1.
- III Feira Industrial de São Paulo. *A Gazeta de Notícias*, 08 out. 1929.
- 5º Feira de Amostras de São Paulo. *Correio de São Paulo*. 04 set. 1935, p.7.
- V Feira Nacional de Indústrias. *Folha da Noite*, 07 nov.1944, p.12.
- V Feira Nacional de Indústrias. A maior exposição industrial da América Latina. *Folha da Noite*, 26 nov.1944, p.6.
- XI Feira Internacional de Amostras. *Jornal do Brasil*, 16 nov.1938, p.6.
- XIII Feira Internacional de Amostras. Extraordinariamente movimentado o Parque de Diversões. *O Imparcial*, 14 dez.1940.
- XX Festa da Mocidade. *Diário de Pernambuco*, 02 dez. 1956, p.8.
- 60 Milhões de Cruzeiros é o preço da tranquilidade para a Quinta da Boa Vista. *Jornal do Brasil*, 25 abr.1958, p.7.
- 150 mil pessoas já visitaram a IV Feira Nacional de Indústrias. *Folha da Manhã*, 16 nov.1943, p.8.
- ABRE-SE hoje o recinto da Feira de Amostras. *A Noite*, 03 jun.1941, p.3.
- AINDA há tempo de andar na montanha russa. Sítio do Picapau amarelo vem aí. *Tribuna da Imprensa*, 18 mar.1962, p.3.
- AMANHÃ! Montanha russa! A inauguração da Feira de Amostras. *Diário da Noite*, 11 out.1938, p.3.
- ANIVERSÁRIO do Presidente Getúlio Vargas. *Jornal do Brasil*, 28 abr.1944, p.6.
- As ACTIVIDADES da Cidade da Folia. *Correio Paulistano*, 15 fev.1941, p.6.
- OS AUTENTICOS atrativos da antiga Feira de Amostras. *Jornal do Brasil*, 30 mai. 1943, p.38.
- BAILES ao ar livre. *Correio Paulistano*, 26 jan.1941, p.6.
- CALOUROS Carnavalescos. *Correio Paulistano*, 25 jan.1941, p.9.

A CAMINHO da Europa, viajando pelo Vapor Augustus, passou ontem pelo Porto de Santos, o Sr. Don Gaspar Zaragueta. *Folha da Manhã*, 16 mai. 1952, p.9.

CARNAVAL Americano no Gelo. *Folha da Manhã*, 02 set. 1954, p.6.

CARNAVAL Paulista - "Cidade da Folia". *O Estado de São Paulo*, 07 fev.1941, p.6.

O CARNAVAL na "cidade da folia". *O Estado de São Paulo*, 09 fev. 1941, p. 11.

UM CARNAVAL interessante no Grande Centro de Atrações de São Paulo. *Folha da Manhã*, 23 fev.1941, p.5.

CARNAVAL Salton apresenta, hoje às 21,30hs, diretamente do auditório do Parque Shangai Black-Out. *Jornal de Notícias*, 08 jan.1951, p.4.

CAROSSELLO Napoletano a pequenos preços. *Folha da Manhã*, 19 ago. 1950, p. 7.

A CASA Anglo Americana S.A. – Mappin. *Folha de São Paulo*, 19 jan.1964, p.13.

CAXIAS figura impar de soldado padrão e cidadão modelo. *Jornal do Brasil*, 24 ago.1943, p.8.

CEM casas inauguradas para os bancarios. O belo espetáculo realizado na Quinta da Boa Vista. Relação das crianças vencedoras do concurso de robustez. *Jornal do Brasil*, 29 out. 1944, p.9.

CENTENÁRIO de Niterói. Início das obras de instalação da 1º Feira de Amostras. *Jornal do Brasil*, 27 fev. 1935, p. 6.

CHURRASCO a imprensa em Campinas. *Correio Paulistano*, 06 dez. 1936, p.11.

A CIDADE e seu grande parque de diversões. *Jornal do Brasil*, 12 dez. 1940, p.11.

UMA CIDADE que brota do deserto. *Diário de Notícias*, 18 jun. 1942, p.7.

CIDADE da Folia. *O Estado de São Paulo*, 25 fev.1941, p.6.

CINE Paramount. O Estado de São Paulo, 29 abr.1929.

CIRCO Piolin na Av. Paulista. *O Estado de São Paulo*, 03 jun. 1976.

UM COLOSSAL parque de diversões em São Paulo. *Correio de São Paulo*, 04 dez.1934, p.3.

AS COMEMORAÇÕES da semana da pátria. *Jornal do Brasil*. 03 set.1943, p.6.

COOPERAÇÃO do Parque de diversões Shanghai ao dia das forças armadas. *Jornal do Brasil*, 01 dez. 1939, p. 6.

CRIANÇA, divirta-se gratuitamente no Carnaval da Cidade da Folia a convite do Óleo Sublime. *Folha da Manhã*, 14 fev.1941, p.13.

CRIARAM raízes as instalações do Parque Shangai. *Jornal de Notícias*, 18 out.1949, p.4.

D. GASPAR José Luiz Zaragueta. *Folha da Manhã*, 14 set.1952, p.11.

UMA DAS grandes atrações da Feira de Amostras. O Parque Shangai e seus divertimentos. *Correio da Manhã*, 08 dez. 1940, p.10.

DESFILE a Juventude numa eloquente afirmação de vigor e de beleza da raça. *Jornal do Brasil*, 05 set.1944, p.9.

DESUMANAMENTE despejadas pela Prefeitura mais de 30 famílias da Favela Prestes Maia. *Jornal de Notícias*, 19 jul.1949, p.10.

DEPARTAMENTO de Parque não planejou obra para substituir Parque Xangai. *Jornal do Brasil*, 18 set.1962, p.8.

DEZENAS de famílias ficaram sem teto para dar lugar ao Parque Shanghai. *Jornal de Notícias*, 20 jul.1949, p.10.

O DIA do trabalho no Parque Shanghai. *Jornal do Commercio*. 30 abr.1946, p.9.

O D.I.E. e o Natal. *Tribuna da Imprensa*, 20 dez.1956, p.6.

A DIREÇÃO do Parque cumprimenta o distinto público de São Paulo, desejando-lhes um feliz natal e apresenta o seguinte show Adoniram Barbosa em Barbosadas do Barbosa. *Jornal de Notícias*, 22 dez.1946, p.15.

DIVERSÕES de S.M. Rei Momo. *Correio Paulistano*, 30 jan.1941, p.6.

DIVERSÕES e emoções que se renovam no mais lindo recanto da cidade. O parque Shanghai, maravilha da técnica. Instalado na Quinta da Boa Vista, Reune os mais variados atrativos. *Jornal dos Sports*, 07 set. 1946, p.6.

DIVERSÕES gratuitas para os filhos dos operários no Parque Changai. *Jornal do Brasil*, 30 abr.1948, p.8.

DIVIRTA-SE a valer. Hoje, todos os domingos e feriados Parque Shanghai na Quinta da Boa Vista. *Jornal do Brasil*, 04 fev.1945.

DIVIRTA-SE hoje na IV Feira Nacional de Indústrias. *Folha da Manhã*, 07 nov.1943, p.27.

DOIS espetáculos hoje no Theatro Colombo. *Correio Paulistano*, 17 jan.1937, p.13.

ERA uma vez em SP... Teatros Santana. *O Estado de São Paulo*, 22 mai. 2015.

ESTÃO Atrasando a Quinta da Boa Vista. *Diário da Noite*, 13 nov.1956.

ESTREIOU ontem com grande êxito Parque Shanghai apresentando no palco Las Golondrinas e Walter Gonçalves. *Folha da Noite*, 05 mai. 1945, p.4.

EXERCÍCIO de 1928. Imposto de Comércio e Indústria. *Correio Paulistano*, 12 mai. 1928, p.21.

EXPOSIÇÃO Brasil URSS abre em Maio. *Diário de Notícias*, 31 mar.1962, p.1.

EXPOSIÇÃO do Estado Novo está obtendo o maior êxito. *O Imparcial*, 18 dez. 1938, p.3

EXPOSIÇÃO Industrial e Agrícola no Palácio das Indústrias. *O Combate*, 02 fev. 1925.

EXPOSIÇÃO Nacional de Pernambuco. Contractado o afamado Parque Shanghai de Buenos Aires. *Diário de Pernambuco*, 30 jul.1939, p.5.

EXPOSIÇÃO Nacional de Pernambuco. Contractado o Parque Shanghai para o certamen de dezembro. *Diário de Pernambuco*, 09 jul.1939.

FALECEU na Espanha. *Folha da Manhã*, 17 ago.1952, p.2.

FAMOSA escola de samba de Santos no Carnaval da Lua. *Diário da Noite*, 17 jan.1964, p.5.

FECHADO pela Polícia o Parque Shanghai. *Correio da Manhã*, 18 abr.1941, p.9.

A FEIRA de Amostras como symbolo da fraternidade mineira. *A Gazeta de Notícias*. 27 ago. 1936, p.5.

FEIRA de Amostras. Continua concorrida a grande exposição. *A Gazeta de Notícias*, 16 set. 1931, p.5.

A FEIRA de Amostras desde a sua criação. *Correio da Manhã*, 08 dez. 1940, p.10.

FEIRA Especial para donas de casa. *Tribuna de Imprensa*, 15 jul.1955, p.4.

A FEIRA Internacional de Amostras. *Diário de Notícias*. 08 out. 1937, p.7.

A FEIRA permanente de Amostras de Belo Horizonte. *A Gazeta de Notícias*. 03 set. 1936, p.5.

A FEIRA permanente de Amostras de Belo Horizonte. A abertura hontem do Parque de Diversões. *A Gazeta de Notícias*. 04 set. 1936, p.2

FEIRA Nacional de Indústrias. *Correio Paulistano*. 11 out.1942, p.11.

FEIRA Nacional de Indústrias sob os auspícios da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. *O Estado de São Paulo*. 07 set. 1940, p.1.

AS FEIRAS constituem um espelho fiel no qual se reflete a capacidade industrial de uma nação. *O Jornal*, 24 jun. 1941, p.8.

FESTA da Mocidade. *Jornal do Brasil*, 24 ago. 1941, p.8.

FESTA da Mocidade em Recife. *A Noite*, 18 jul.1941, p.5.

FESTA de Natal do filho do comerciário. *O Estado de São Paulo*, 17 dez.1955, p.9.

FESTA de Natal dos Filhos dos Empregados da CMTC. *O Estado de São Paulo*, 22 dez.1956, p.9.

FESTA do Jornaleiro. *Folha de São Paulo*, 29 nov.1963, p.23.

FESTAS Joaninas Portuguesa de Desportos. *Mundo Esportivo*, 17 jun.1954, p.14.

Os FESTEJOS carnavalescos no Luna Parque Antarctica marcarão época. *Correio de São Paulo*. 07 fev. 1934, p. 2.

OS FESTEJOS de hoje na XII Feira Internacional de Amostras. *Diário Carioca*, 12 dez. 1939, p.3

FILHO do Comerciante. *O Estado de São Paulo*, 17 dez.1953.

FOGO destrói o Colombo. *O Estado de São Paulo*. 20 jul.1966, p.13.

GOVERNO do Estado. *Tribuna da Imprensa*, 15 out.1961, p.5.

GRAN Circo Norte Americano o espetáculo mais fabuloso do mundo. *Folha da Manhã*, 28 jul.1957, p.11.

GRANDE Carnaval Salton apresenta, hoje às 21,30hs, Emilinha Borba diretamente do auditório do Parque Shangai. *Jornal de Notícias*, 27 dez.1950, p.6.

GRANDE Exposição Commemorativa do Cinquentenario da Imigração Official do Estado. Foi montado no recinto do Parque Pedro II o maior parque de diversões do América do Sul. Duas Palavras com o sr. Gaspar Zaragueta, director e proprietario dos parques de Buenos Aires, Montividéo, Mar del Plata e São Paulo". *Correio Paulistano*, 22 mar. 1937, p.3.

GRANDE Exposição de São Paulo. *Correio Paulistano*, 23 jul.1937, p.9.

GRANDE Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes. *Correio Paulistano*, 20 jan.1937, p.12.

OS GRANDES festejos comerciários. *Diário Carioca*, 28 dez.1947, p.3.

GRANDE Parque de Diversões Rodó. *A Gazeta de Notícias*, 11 fev. 1933, p.4.

GRANDE programa de festas populares hoje na Feira Nacional de Indústrias. *Folha da Manhã*, 06 out. 1940, p.8.

UM GRANDE dia de Reis, Hoje na IV Feira Nacional de Indústrias. *Folha da Manhã*, 06 jan.1944, p.5.

HAVERÁ na Feira de Amostras o maior parque de diversões da América do Sul. *Correio da Manhã*, 12 out.1937, p.8.

INAUGURAÇÃO da Cidade da Folia. *Correio Paulistano*, 16 jan. 1941, p.4.

INAUGURA-SE, hoje, na Exposição o Stand da Parahyba. A conferencia Anti-Comunista que o professor Barreto Campello irá pronunciar. *Diário de Pernambuco*, 06 jan.1940, p.3.

INSIGNIFICANTE a caução do Parque Shangai para recuperação parcial do Parque Dom Pedro II. *Jornal de Notícias*, 02 nov.1949, p.8.

A INSTALAÇÃO da Feira de Amostras do Estado de São Paulo. *A Gazeta de Notícias*, 07 set. 1931, p.3.

JARDIM da Aclimação e Zoologico de São Paulo. *A Gazeta de Notícias*, 25 out.1924, p.5.

LÍDER da colônia uruguaia no Brasil. *A Noite*, 25 ago. 1952, p.8.

LIVRE a Quinta da Boa Vista do Parque Shangai. *A Noite*, 13 set.1962, p.4.

LUMINÁRIAS da Feira de Amostras. *Correio da Manhã*, 12 dez.1940, p.5.

LUNA PARK ANTARCTICA. *Correio de São Paulo*. 06 jun. 1933, p.1.

LUNA Parque Antarctica. *A Gazeta de Notícias*. 06 jun. 1933, p.1.

O QUE será o parque de diversões da Grande Exposição Commemorativa do Cinquentenário da Imigração Official no Estado de S. Paulo. *Correio Paulistano*, 20 mar. 1937, p.4.

A MAIOR atração da cidade o Parque Shangai. *Jornal do Brasil*, 14 dez. 1939, p.13.

O MAIOR artista nacional do cinema nacional Grande Othelo. Trio Tamoyo, Walter Gonçalves, Garotos Vocalistas, Chico da Folha. *Folha da Noite*, 14 dez.1946, p.9.

MAIS de 50 mil pessoas já visitaram a exposição feira. *Correio de São Paulo*, 28 dez. 1936.

MAIS deserta ficará a Quinta sem seu parque, *Diário da Noite*, 28 ago.1958, p.2.

MAIS uma tarde de aviação. *A Noite*, 10 jan. 1939, p. 2.

MILHARES de pessoas visitam diariamente a Exposição Nacional de Pernambuco. *O Jornal*, 17 jan. 1940, p.7.

NA A.B.C. *A Gazeta de Notícias*, 20 mai. 1927, p.7.

NATAL da Vitória. *A Noite*, 26 dez.1942, p.2.

NATAL das crianças pobres promovido pela Legião Brasileira de Assistência. *Folha da Manhã*, 15 dez.1943, p.9.

NATAL do Filho do Comerciário. *O Estado de São Paulo*, 12 dez.1954.

NATAL dos comerciários promovido pelo SESC carioca. *Diário Carioca*, 17 dez.1949, p.5.

NATAL. O Ministro Gaspar Dutra promoveu para hoje uma festa de conagraçamento de todos os militares que servem em seu gabinete. *Jornal do Brasil*, 24 dez.1943, p.4.

NASCE um Novo Parque. *O Estado de São Paulo*. 02 out.1969, p.20.

NO Parque de Diversões da Rua José Paulino. *Correio de São Paulo*. 11 jul. 1933, p.1.

NO Recinto da Feira Internacional de Amostras. O parque Shanghai como uma das maravilhas da Feira Internacional de Amostras. *O Radical*, 03 dez.1940, p.4.

NOTÍCIAS de Campina Grande. *Diário de Pernambuco*, 09 nov. 1950, p.11.

NOVO Centro de diversões. *Jornal do Brasil*, 23 mai. 1943, p.4.

NOVO Parque de Diversões. *O Combate*, 22 ago.1925, p.6.

OBSTRUÍDA pelas... *Jornal de Notícias*, 25 set.1949, p.2.

OBSTRUÍDA pelas instalações do Parque Shangai grande parte de um aprasível logradouro publico. *Jornal de Notícias*, 25 set.1949, p.16.

ONDE o carioca se diverte. Dezenas de sensacionais aparelhos no Parque de Diversões da Feira de Amostras. *A Noite*, 19 dez.1940, p.6.

ODEON. *Correio Paulistano*, 18 ago.1935, p.10.

PALACIO das Industrias. I Feira Industrial de São Paulo. *A Gazeta de Notícias*, 06 nov. 1926, p.3.

O PARQUE de diversões. A sua inauguração. Uma obra de valor do professor Morales de los Rios. *A Gazeta de Notícias*, 23 nov. 1922.

O PARQUE maravilhoso da cidade maravilhosa. *Jornal do Brasil*, 20 dez. 1940, p.11.

O PARQUE Shangai. A formidável e fantástica atração da Feira de Amostras. *A Noite Ilustrada*, 22 dez. 1939, p.16.

PARQUE. *Tribuna da Imprensa*, 14 abr.1958, p.3.

PARQUE Brahma. *A Gazeta de Notícias*, 04 dez.1922.

PARQUE de Diversões. *Correio de São Paulo*, 06 dez.1934, p.7.

PARQUE de Diversões. *Correio de São Paulo*, 03 out. 1936, p.7.

Parque de Diversões Ideal. *Correio de São Paulo*, 04 jul. 1932, P.6.

PARQUE de diversões Rodó. *A Gazeta de Notícias*, 07 jan. 1933, p.8.

PARQUE de diversões Sul-Americano. *A Gazeta de Notícias*, 01 abr. 1925, p.5.

PARQUE de diversões Sul-Americano. *A Gazeta de Notícias*, 12 jun. 1925, p.7.

PARQUE SHANGAI e a Exposição Nacional do Estado Novo. *A Noite*, 10 dez. 1938, p.6.

PARQUE SHANGHAI brincadeira das antigas. *O Globo*, 22 jul. 2014.

PARA o cliente ser atendido com tôda a comodidade S.A. Armando Busseti. *Folha da Manhã*, 30 mai.1959, p.1.

POLÍCIA do Estado. *Correio Paulstano*, 11 mar.1928, p. 9.

PRAZO do Xangai terminou, mas dono quer esperar na Quinta para ver como fica. *Jornal do Brasil*, 14 mar.1962.

O PREFEITO da capital visita o Luna Parque Antártica. *Correio de São Paulo*, 25 dez. 1933, p. 12.

PREPARATIVOS para Exposição-Feira de Campinas. *Correio Paulistano*, 08 dez. 1936, p.1.

PRESTES MAIA, Francisco. Inaugurado o Estádio Municipal do Pacaembu. *O Estado de S. Paulo*, 28 abr. 1940, p. 8.

PRIMEIRA Feira de Amostras de Porto Alegre. *Diário Carioca*, 16 nov.1938, p.6.

PRIMEIRO Carnaval na Lua. *Diário da Noite*, 15 fev.1963, p.4.

O PRIMEIRO exercício do selecionado. *A Manhã*, 05 mai. 1944, p.9.

PROSEGUE, hoje, no recinto da exposição, a série de conferências anti-comunistas. *Diário de Pernambuco*, 04 jan.1940, p.2.

A PROXIMA Feira de Amostras. *Diário da Noite*, 22 jul. 1940, p.3.

O PÚBLICO quer sempre novas emoções. O Correio Paulistano ouviu o sr. Gaspar Zaragueta, Director-proprietário do parque de diversões da grande exposição do Cinquentenário da imigração na véspera de seu embarque para Europa. *Correio Paulistano*, 22 jul. 1937, p.5.

QUEREIS diverti-vos? Ter emoções de toda sorte? Ide ao Parque Shanghai. *Jornal do Brasil*, 08 nov. 1938, p.12.

QUINTA será igual o paço imperial. *Diário Carioca*, 18 dez.1959, p.12.

RÁDIO e TV. Limoeiro e seus Jagunços em junho. *Folha de São Paulo*, 18 mai.1960, p.3.

"RAID São Paulo-Rio". O glorioso avião paulista Edú Chaves fez ontem inesperadamente um brilhante raid de S. Paulo ao Rio. *Correio Paulistano*, 06 jul. 1914, p.1.

REABERTURA hoje do Parque Shanghai. *Jornal de Notícias*, 28 jan.1950, p.4.

RECUPERAÇÃO do Parque Pedro II. *Jornal de Notícias*, 04 nov.1949, p.5.

REFORMA da Quinta da Boa Vista Começa essa semana. *Jornal do Brasil*, 24 jun.1958, p.6.

REFORMAS radicais nos estatutos da Liga da Defesa Nacional. *Diário Carioca*, 18 dez.1942, p.2.

REFUGIO de Marginais. *O Estado de São Paulo*. 22 out.1972, p.57.

RETIRADAS do Parque Dom Pedro II as instalações do Parque Shanghai. *Jornal de Notícias*, 01 nov.1949, p.5.

SÃO PAULO e sua 4ª feira de amostras. *Correio de São Paulo*. 28 abr.1934, p.5.

A SEMANA da Criança. *Jornal do Brasil*, 15 out.1943. p.6.

SEMANA da criança. Hoje, Dia da criança que trabalha. *Correio Paulistano*, 10 out.1940, p.7.

SHANGAI já não existe. *O Estado de São Paulo*, 12 nov.1968, p.18.

TELEGRAMAS do Interior - Pernambuco. *Jornal do Brasil*, 10 nov. 1939, p.1.

TEATRO Municipal. Il Trovatore de Verdi. Mundo Esportivo, 24 jan.1947, p.15.

TEATRO do Comerciário. *Jornal de Notícias*, 06 mai. 1951, p.7.

THEATRO Municipal. *Correio de São Paulo*. 01 set. 1932, p. 2.

THEATRO Sant'anna da Empresa Paschoal Segreto. *A Gazeta de Notícias*, 12 jun. 1925, p.7.

UMA VISITA ao Paiz das Maravilhas. *A Noite*, 06 out. 1937, p.6.

Vinte Mil pessoas assistiram a Festa da Polícia Militar Imponentes solenidades realizadas, domingo, na Exposição Nacional do Estado Novo. *A Gazeta de Notícias*, 10 jan.1939, p.9.

UTILIDADE pública. *Diário Carioca*, 26 set.1959, p.4.

VISITAS grátis ao palácio das gargalhadas. *Folha da Manhã*, 20 fev.1941, p.10.

VISITEM a Exposição Nacional de Pernambuco. *Diário de Pernambuco*, 19 dez. 1939, p.5.

VISITEM a Feira Nacional de Indústrias. *Correio Paulistano*, 15 set.1940, p.11.

VIVERÁ na Realidade dos Cariocas, um sonho das mil e uma noites. Uma visita ao parque shanghai, a grande atracção da X Feira de Amostras. Palestrando com os srs Caballero e Zaragueta, directores do Parque Maravilhoso. *A Batalha*, 10 out. 1937, p.2.

### **Cartas:**

- CARTA DE ATENAS. Atenas, 1933. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>. Acesso em 23/11/2016.
- CARTA DOS DIREITOS HUMANOS AO TEMPO LIVRE. Genebra, 1970.
- CARTA DO LAZER. Bruxelas, 1976.

### **Sites e Documentos em Hipermedia:**

<https://engvagnerlandi.com/2011/08/06/indice-de-areas-verdes-por-habitantes-nas-cidades>

<http://jardinshistoricosbrasileiros.blogspot.com.br/2015/07/birkenhead-park-e-o-parque-publico.html>

<http://jardinshistoricosbrasileiros.blogspot.com.br>

<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,sp-tem-so-2-6-m-de-verde-por-pessoa,872978>

<https://engvagnerlandi.com/2011/08/06/indice-de-areas-verdes-por-habitantes-nas-cidades>

<http://www.heartofconeyisland.com/sea-lion-park-coney-island.html>

<http://www.heartofconeyisland.com/steeplechase-park-coney-island.html>

<http://www.heartofconeyisland.com/luna-park-coney-island.html>

<http://www.westland.net/coneyisland/articles/thompson&dundy.htm>

<http://www.westland.net/coneyisland/articles/steeplechase1.htm>

<http://viagem.decaonline.com/buenos-aires-mapas-e-info/>

<http://www.saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/192/Parque%2BShanghai/pagina/1>

<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2014/10/1529416-veja-fotos-e-historias-do-parque-shanghai-o-playcenter-dos-anos-1950.shtml>

<http://revistadamooca.com.br/revistavirtual/rm38/files/assets/basic-html/page16.html>

<http://carlosfatorelli27013.blogspot.com.br/2015/04/prestes-maia-o-prefeito-de-sao-paulo-e.html>

<http://www.spbr.arq.br/anhangabau-o-cha-e-a-metropole-2/>

<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2413875/pg-80-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-17-02-1954>

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/manuel-francisco-do-nascimento-brito>

<https://www.youtube.com/watch?v=ru44qulA6po>

<http://www.saopauloantiga.com.br/parque-shanghai/>

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa285480/adolfo-morales-de-los-rios>

<https://www.antarctica.com.br/sobre-a-antarctica/historia>

<http://www.adibra.com.br/index.html>

<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/reabertura-oficial-do-hopi-hari-tem-publico-timido-na-entrada-e-brinquedos-em-testes.ghtm>

## Fontes da pesquisa

### Arquivo Histórico de São Paulo

#### Processo 27.118/1945

- Negociação do proprietário Enrique Zaragueta com a Municipalidade para locação de terreno baldio na Rua Glicério, esquina com a Avenida do Estado/ Rua da Mooca, na região do Parque Dom Pedro II, visando a implantação do Parque Shanghai com 15 aparelhos de diversão. Solicitação feita em 05/03/1945.
- Descreve na solicitação enviada à Prefeitura que já havia firmado contrato de seis meses de locação (400 Crs/ mês) com o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários, representado por Armando de Álvares Penteado. Contudo, após a negociação, Enrique Zaragueta descobriu a necessidade de solicitar, a título precário, autorização da Prefeitura para implantação do Parque devido a uma rua que cortava o terreno alugado. No documento encaminhado à Prefeitura, Zaragueta enfatizava que já havia acertado o pagamento ao Instituto antecipadamente, realizado contratos de limpeza, instalação. Ademais, enfatizava que a presença do Parque seria benéfica à prefeitura em função da arrecadação de impostos.
- Prefeitura autoriza a ocupação do Parque Shanghai por quatro meses, firmando acordo em 30/04/45. As condições designadas pela Municipalidade para ocupação do terreno são: restituir o terreno no mesmo estado de terraplanagem que recebeu, utilizar o terreno apenas para exploração de parque de diversões, obrigação de entregar o terreno desimpedido a qualquer tempo com simples aviso da Prefeitura com a antecedência de 90 dias. Em 16/05/1945, a Prefeitura estipula o valor do aluguel. O terreno se divide em duas áreas (1º 1307 m²); (2º– 4863m²), totalizando 6170m². Valor do aluguel arbitrado foi de 580 Crs (Cruzeiros) por mês, com desconto de 50% se o pagamento fosse adiantado até quinto dia útil do mês correspondente.

#### Documentos

- **Exmo. Sr. Prefeito Municipal de São Paulo. 26/03/1945.**
- **PREF. 32- URGENTE. 09/03/1945**
- **Sr. Eng Chefe de Pref. 31. 16/03/1945**
- **Ao Dr. Bairão**
- **Termo de permissão, a título precário, entre partes a Municipalidade de São Paulo, e sr. Henrique Pio Gaspar Zaragueta. 1945.**

#### Processo 50608/1945

- Como o processo anterior, este se refere à ocupação de áreas municipais pelo Parque Shanghai. **Em julho de 1945**, esgotado o período de cessão municipal, Enrique Zaragueta, visando permanecer no local, fez um pedido de prorrogação por tempo indeterminado, até que sejam iniciadas obras de arruamento na região. Em **17/07/45**, despacho do Prefeito determinou que as sessões de obras verificassem a possibilidade do atendimento de seu pedido, a título “precaríssimo”, desde que as instalações recreativas não interferissem em obras de arruamento. Chegou-se à conclusão de tolerância da prorrogação da solicitação de Zaragueta por não existir um projeto de arruamento para a região.
- Em **04/01/1946**, Zaragueta assinou uma declaração quanto à autorização para ocupação precária, vigorando as mesmas obrigações do processo anterior nº 27.118, **de 1945**.
- Em **12/06/1951** informação esclarece que a área ocupada pelo Parque Shanghai não é a que foi objeto do termo de cessão e, posteriormente, fica esclarecido que essa área foi permutada pela Municipalidade com o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI) e a área que fora cedida a Zaragueta foi totalmente ocupada pela Avenida Prefeito Passos. Então, o Departamento do tesouro consultou a Secretaria de Obras sobre a permanência do Parque no local e, em resposta, foi dito não ser necessária sua remoção imediata à vista de

não estarem ultimados os estudos para os melhoramentos no local. Entretanto, o Departamento do Tesouro, sugeriu a Municipalidade como medida asseguradora que determinasse um tempo para desocupação da área pelo referido Parque. O Prefeito, endossando a sugestão, em despacho de **12/09/53**, determinou o prazo de 60 dias para a retirada do Parque Shanghai. Dessa forma, autorizou a preparação dos documentos de reintegração de posse da Municipalidade sobre as áreas ocupadas pela empresa de diversões.

- Após a decisão da Municipalidade, Enrique Zaragueta por meio de um novo processo (nº 172/440) elaborado e enviado às autoridades entre **1953 e 1954** solicita a permanência do Parque Shanghai na região, apoiado no argumento da falta de interesse viário, propondo que seja arbitrado novo aluguel.
- Um acordo entre o proprietário do Parque Shanghai e a Municipalidade para permanência da empresa de diversões foi homologado em juízo por sentença de **21/12/1955**, a título precário, enquanto não houvesse interesse viário na região. Uma taxa de ocupação mensal seria oportunamente arbitrada, sendo o mês de outubro de **1955**, a data inicial para os pagamentos.
- Neste processo (documentos “Informação N.109”, “T.-301”, Ilmo. Snr. Henrique Pio Gaspar Zaragueta) existem referências a práticas de atividades não previstas no contrato firmado entre o proprietário do Parque Shanghai e a Municipalidade. Enrique Zaragueta descumpriu o termo de uso exclusivo do terreno para Parque de Diversões, permitindo a instalação de propagandas de cigarros e de um Circo Argentino, mediante participação nos lucros. Há também menção de que Zaragueta participava como sócio do referido Circo. Para permanência no local, Zaragueta deveria retirar a propaganda e encerrar as atividades do circo
- Plantas da Região em que são identificados terrenos da Municipalidade e do IAPI, onde estava instalado o Parque Shanghai. Nas proximidades são identificadas, também, A Pia Sociedade dos Missionários de São Paulo e a Fábrica de Cigarros Sudam.

#### **Documentos**

- **Exmo. Sr. Prefeito Municipal de São Paulo. 07/1945.**
- **PREF. 321. 11/12/1945**
- **Exmo. Sr. Prefeito Municipal desta Capital. 1945.**
- **Obras (Sr. Director). 08/1945.**
- **Comunicação. Sr. Eng Chefe de T. 301. 21/09/1948**
- **Informação N.109. 23/09/1948**
- **T.301. 08/10/1948.**
- **Ilmo. Snr. Henrique Pio Gaspar Zaragueta. 21/12/1948.**
- **Sr. Eng Chefe de Pref. 31. 16/03/1945**
- **Exmo. Sr. Dr. Diretor de Departamento do Tezouro da Prefeitura Municipal de São Paulo. 17/08/1953.**
- **Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da Vara dos Feitos da Fazenda Municipal. 03/11/1953.**
- **T.3021 Relatório Solicitado com o Processo Anexo de N°27.118/1945. 07/11/1958.**

#### **Processo 172.440/1953**

- Cita que o Parque foi constituído em 1934.
- Justificativa do proprietário do Parque Shanghai para sua manutenção no terreno em que estava situado após ser notificado para desocupar o mesmo pela Prefeitura.
- Parecer de Engenheiro Urbano para manutenção do Parque Shanghai no terreno em que estava situado após conclusão de não interesse de obras viárias naquele período.
- Andamento do processo de reintegração de posse de **1953/1955**. Neste arquivo consta que a reintegração ainda estava planejada, apesar das negociações e argumentações de Enrique

Zaragueta sobre a falta de espaço de lazer na capital, sobre as vantajosas arrecadações de impostos por meio das atividades do Parque, do interesse do IAPI manter locação ao Parque, pois não pretendia ainda proceder obras no terreno, da falta de previsão da Municipalidade empreender um projeto viário na região.

#### **Documentos**

- **Exmo. Snr. Prefeito Municipal de São Paulo. 23/11/1953.**
- **Exmo. Snr. Prefeito Municipal de São Paulo. 17/03/1952.**
- **Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários. 04/04/1952.**
- **Informação nº2430. Senhor Diretor. 1953.**
- **Departamento do Tesouro. Secção de Expedição de Certidões Negativas. Certidão T-12. 19/11/1953**
- **Termo de permissão, a título precário, entre partes a Municipalidade de São Paulo, e sr. Henrique Pio Gaspar Zaragueta. 1953**
- **Senhor Diretor. 09/01/1954.**
- **Senhor Doutor Procurador Chefe de Jur 52. 22/07/1954**
- **Senhor Engenheiro Chefe**
- **Senhor Secretário. 30/08/1954**
- **Senhor Prefeito. 18/11/1954**
- **Despacho. 29/03/1955**

#### **Processo 75924/1955**

- No processo é possível compreender o ano em que o Parque Shanghai começou suas atividades em São Paulo (**1934**), cidades em que possuía filiais (Rio de Janeiro, Recife e Curitiba), número médio de visitantes na Capital paulista, entre **1953 e 1954** (603.962 e 687.000 respectivamente), com arrecadação de imposto à Municipalidade (646.042,10 Crs). Processo critica as poucas áreas de lazer existentes em São Paulo.
- Processo indica o conflito com relação ao aluguel que o Parque deveria pagar à Prefeitura. De **1955 a 1961**, o Shanghai não pagou aluguel justificando que a Municipalidade demorou para calcular o valor mensal. Desde 1958 diversos cálculos foram realizados, criticando o diretor do Parque os números estipulados, negando-se a pagar à Municipalidade, solicitando revisões dos valores arbitrados. Em 1961, segundo cálculo da Municipalidade, a dívida do Parque era de 3.927.470, em **1961**, (de 11/1955 a 12/1958, 38 meses de aluguel, 1.337.600; de 01/59 a 08/60, 20 meses de aluguel, 1.292.000; de 09/60 a 04/61, 08 meses de aluguel, 1.292.000).

#### **Documentos**

- **Exmo. Sr. Prefeito Municipal de São Paulo. 27/04/1955.**
- **Sr. Dr. Procurador Chefe de Jur 52. 16/05/1955.**
- **Despacho SJ. 02/09/1955**
- **Termo de Acordo. 02/12/ 1955.**
- **Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da Vara dos Feitos da Fazenda Municipal. 1955.**
- **Sr. Diretor. 19/02/1957.**
- **Jur. Sr. Diretor. 20/06/1958.**
- **Várzea do Carmo – Avenida do Estado. Rua X- Praças 3, 4 e 5. Rua do Mooca – Avenida Prefeito Passos. Sobre taxa de remuneração pela ocupação de áreas doadas à Prefeitura. 07/07/1958.**
- **CAD Sr. Diretor. 10/07/1959**
- **URBI 2 Sr. Eng. Chefe. 04/08/1959.**
- **Prof. Sr. Assistente Jurídico. 10/11/1959.**
- **Reconsideração do Despacho do Processo 172.440/53, referente a cessão de terreno, a título precário, para instalação do Parque Shanghai. 14/12/1959.**
- **Patr-32. Sr. Dr. Procurador Chefe. 28/06/1960.**
- **Patr-32. Sr. Dr. Procurador Chefe. 23/08/1960.**
- **Reconsideração do Despacho do Processo 172.440/53. 05/09/1960.**

- **Patr. Sr. Diretor. 09/09/1960.**
- **Reconsideração do Despacho do Processo 172.440/53. 06/10/1960.**
- **Patr 22- Sr. Dr. Proc. Chefe. 17/05/1961.**
- **Patr. 22. 16/05/1961.**

#### **Processo 97.200/1961**

##### **1961 - Exmo. Sr. Prefeito Municipal de São Paulo. 15/05/1961**

- Defesa elaborada pela advogada Maria Romana de Lima do Parque Shanghai. Recorreu do despacho exarado que compõe o processo 75724/55.
- Ressalta acordo firmado com a Prefeitura em 02/12/1955 de ocupação precária do terreno enquanto não tivesse interesse viário. O pagamento da taxa de “remuneratória mensal” começaria a ser cobrado a partir de 27/10/1955. Taxa seria oportunamente arbitrada (Aprovada pelo Prefeito somente em 1961). Antes disso, advogada coloca que o Parque Shanghai não havia recebido qualquer comunicado a respeito do arbitramento da taxa, nem sido informado do processo adotado para estimativa do preço. Em 18/04/1961 chegou memorando solicitando o comparecimento do proprietário do Parque Shanghai a Procuradoria de Patrimônio. O órgão informou que a quantia que deveria ser acertada, a revelia da empresa, aprovada pelo prefeito Ademar Pereira de Barros com base no valor venal do imóvel.
- Parque Shanghai contesta o valor arbitrado revelando que o mesmo não pode subsistir por ser iníquo. Repudia o valor venal por este estar ligado ao valor locativo e serem insuscetíveis de locação os bens públicos, tanto que a antiga administração evitou alusões a aluguel ou renda, excluindo qualquer relação de locação entre as partes.
- Advogada coloca que o Shanghai recebeu o terreno em estado completo de abandono, “coberto de lixo e imundícies, refúgio de favelados que ali se instalavam oferecendo um espetáculo de miséria e até mesmo perigo para bolsa e a vida dos transeuntes e moradores adjacentes” Procedeu uma limpeza geral do terreno e a sua desocupação, construindo muros sólidos e vedativos, transformando o local em ambiente aprazível. Investiu dinheiro e trabalho para transformar o terreno.
- Não há interesse viário e a empresa de diversões explora honestamente seus negócios e contribui significativamente com impostos nos dias de funcionamento. Transformou “o bem público anteriormente abandonado e inútil em bem oneroso”.
- Justifica que paga aluguel mensal ao IAPI pelo restante da área do Parque de Cr\$12.357, 90, questionando o valor de Cr\$161 mil cobrado pela Prefeitura por terreno com menor tamanho.
- Ressalta o preço impeditivo da Prefeitura justificando que o movimento cresce apenas em domingos e feriados, ainda que sujeito ao clima que muitas vezes impede o público de comparecer. Além disso, o Parque possui gastos vultosos com manutenção, energia elétrica, combustíveis e funcionários.
- Cidade carecia de diversões para sua imensa população e o Parque Shanghai oferecia aos habitantes da Capital recreação inocente e atrativa, contribuindo para o seu desenvolvimento físico e arejamento espiritual. Ademais, embelezava os logradouros públicos e se constituía como fator de alegrias para os menores e suas famílias.

##### **1962 - Patr. 22- Sr.Dr. Procurador Chefe. 11/12/1962**

- Foi determinado que o Parque Shanghai teria de pagar os custos do processo e uma taxa remuneratória mensal a partir de 27/10/1955. Taxa que seria oportunamente arbitrada.
- Acordo celebrado em 02/12/1955, mas a taxa de ocupação foi aprovada pelo Prefeito somente em 16/01/1961(processo 75.294/55). Essa taxa já havia sido arbitrada em 27/09/1960 (processo 75.294/55).

- A taxa remuneratória mensal é a seguinte: a) entre 27/10/1955 e 31/12/1958 – Cr\$35.200 por mês. b) entre 01/01/1959 e 31/08/1960 – Cr\$ 64.600 c) 01/09/1960 em diante, ou seja, até a data desse documento (11/12/62) – Cr\$161.500.
- Parque Shanghai foi notificado do arbitramento do Prefeito somente em 26/04/1961. Essa decisão gerou um pedido de reconsideração, pois a empresa de diversões considerou a taxa elevada. A defesa do Parque Shanghai solicitou a sustação de qualquer medida judicial e administrativa até decisão do recurso pelo (processo 97.200-61). O réu alegou exagero no arbitramento feito e que foi informado dos valores muito tempo depois de sua fixação.

**1963 - Patr. 004 - Sr Eng Chefe. 21/03/1963**

- Parque Shanghai recolherá aos cofres públicos até junho de 1963 a quantia de 2.635.470 Crs (parcelada em 05 vezes. Período entre 27/10/1955 e 31/08/1960).
- Refuta o arbitramento de aluguel fixado a partir de 01/09/1960 (Cr\$161 mil mensais) considerado elevado. Empresa solicitou revisão.

**Exmo. Sr. Dr. Secretário dos Negócios Jurídicos Internos. 14/01/1963; Patr. 2. URGENTE. 17/01/1963; PATR. 24/01/1963; Declaração de Confissão de dívida e Cumprimento do Pagamento. 01/02/1963**

- Documentos informam que Berthold Wronke é sucessor de Enrique Gaspar Zaragueta na empresa Diversões Shanghai do Brasil.
- Que ambos que compareceram no Departamento de Patrimônio e revelaram que aceitavam o arbitramento de Cr\$35.200 e Cr\$64.600 relativos ao período entre 27/10/55 e 31/08/1960, mas que discordavam e pediam revisão do arbitramento de Cr\$161.500 relativamente ao período de 01/09/60 a 30/04/61 por acharem excessivo. Em bases razoáveis os mesmos colocam que não ter aceitam quitar as dívidas.
- Que se propõe quitar o período entre 27/10/1955 e/08/1960 em 5 parcelas (4x Cr\$500 mil e 1x Cr\$635 mil, além de pagar os custos do processo).
- Procurador Chefe – Patr. 22 (Higino Prosini Junior) considerou que a proposta do Shanghai razoável. Aceitou receber parcelado e revisar os valores do período solicitado. Secretario dos Negócios Jurídicos endossou, mas apontou que após a análise do valor, denegada ou não a solicitação, o valor deveria ser quitado.

**Patr. 2. Sr. Dr. Procurador Chefe. 04/03/1963**

- Higino Junior (Procurador Chefe do Patrimônio) endossou a redução para o período solicitado pelo Parque Shanghai (30/08/1960 – 01/04/1961).
- O Documento revelou que o Parque Shanghai recolhia aos confres públicos por meio do imposto público de diversão valiosa quantia. A redução da taxa contribuía para maior arrecadação fiscal, já a não redução recairia sobre o preço das entradas e acarretaria no decréscimo de frequência.

**Exmo. Sr. Secretário dos Negócios Internos Jurídicos 11/02/1963**

- Considerações de defesa do Sócio-Gerente do Parque Shanghai (Berthold Wronke). Revela que o Parque Shanghai estava situado em lugar que não havia outras diversões para as classes menos favorecidas. O Shanghai contribuía para o entretenimento de crianças pobres. Os aparelhos são de recreio tipicamente. Dessa forma, o poder público deveria colaborar, colaborando para manutenção da empresa que divertia o operariado paulistano.

- A empresa de diversões fez diversas benfeitorias no terreno/imóvel, dentre elas, instalações elétricas, sanitárias, de água, não devendo excluir as do próprio parque, tudo avaliado em milhões de cruzeiros.
- O Parque Shanghai contribuía significativamente através de impostos de divertimentos públicos. Em 1962 a empresa contribuiu com Cr\$4.092.050 e só em janeiro de 1963 com Cr\$800.700 cruzeiros. Maior taxa de ocupação recairia nos preços da entrada, acarretando menor frequência e menos arrecadação de imposto.
- Sobrecarga de despesas poderia levar ao fechamento do Parque Shanghai. Perderia com isso o público, a municipalidade e a coletividade em geral. O terreno se transformaria em “favela ou terreno baldio” e causaria prejuízos à sociedade e a ordem.

**Patr G - Sr. Procurador Adjunto. 17/05/1963; Patr.22. – Sr. Dr. Procurador Chefe. 04/06/1963; Procurador Patrimônio. 22. - Waldemar Leifert. 19/06/1963**

- Procedidos novos cálculos a respeito da taxa de ocupação e divulgados em maio de 1963.
- Para o período de 01/09/1960 – 31/12/1960 (04 meses)  $04 \times 88.000 = \text{Cr}\$352.000$ .
- Para o período de 01/01/1961 – 31/12/1961 (12 meses)  $12 \times 98.000 = \text{Cr}\$1.182.000$ .
- Para o período de 01/01/1962 – 31/12/1962 (12 meses)  $12 \times 134.000 = \text{Cr}\$1.608.000$ .
- Para o período de 01/01/1963 – 30/04/1963 (04 meses)  $04 \times 182.000 = \text{Cr}\$728.000$ .
- Berthold Wronke aceita os valores estipulados de taxa de remuneração de ocupação (arbitramento) do terreno municipal. Reconhece dívida de Cr\$4.052.000 (incluindo o mês de maio de 1963) e propõe realizar o pagamento em 10 parcelas de Cr\$405.200, incluindo 1% de juros sobre o saldo devedor.
- A empresa de diversões se responsabilizará pelos custos do processo.
- Que concomitantemente as prestações em aberto, o Parque Shanghai pretende pagar a taxa de ocupação arbitrada relativa à continuidade no terreno. Taxa essa de Cr\$ 182.000 Crs até 31/12/1963.
- Que está ciente que a taxa de ocupação de 1963 tem validade por esse ano, tendo a Prefeitura o direito de revê-la em caso de continuidade no ano seguinte.

**1964 - Exmo. Sr. Dr. Francisco Prestes Maia. DD. Prefeito de São Paulo. Capital. 16/04/1964; PATR. Sr. Diretor. 22/05/1964.**

- Negociação referente a reajuste de aluguel. Empresa propõe aumento de no máximo 30% e é atendida pelo Prefeito. Argumenta a seus representantes: 1) Com o decorrer do tempo transformou-se o Shanghai em tradicional centro de diversões da cidade. Contribuiu para arejamento espiritual e desenvolvimento físico de grande parte da população paulistana; 2) Ao ocupar o terreno municipal, encontrou o mesmo abandonado, coberto de matagal e inundado de lama que entre outros inconvenientes servia de esconderijo) para marginais, além de constituir um foco permanente de endemias. A empresa saneou o local, promoveu aterros, construiu muros vedativos à sua própria custa, edificou benfeitorias, prestando serviço a Municipalidade e ao povo; 3) Regularizou a dívida em 1964 e contribui significativamente com a Municipalidade mediante a taxa locativa e com impostos.
- Nova taxa de ocupação vigente a partir de maio de 1964. Prazo de um ano, até 30 de abril de 1965. Valor de Cr\$236.600.

**1965 - Sr. Eng. Aguiar - Atualização de Retribuição Mínima Mensal . 12/04/1965**

- Atualização da retribuição de aluguel em conformidade com o valor dos índices de desvalorização da moeda. Índices econômicos da Divisão de Estatística e Documentação Social do Departamento de Cultura da Prefeitura sugere valor de Cr\$379 mensais.

**Declaração.1965**

- Bertholde Wronke declara estar de acordo com o reajuste ocupando terreno a título precário por mais um ano (de maio de 1965 a abril de 1966).

**1966 - Patr. 004 Sr. Eng. Chefe. Atualização de Retribuição Mínima Mensal. 12/04/1966**

- Atualização da retribuição mínima em conformidade com o valor dos índices de desvalorização da moeda. Índices econômicos da Divisão de Estatística e Documentação Social do Departamento de Cultura da Prefeitura sugere valor de Cr\$550 mil mensais.

**Declaração. 28/07/1966**

- Berthold Wronke declara estar de acordo com o reajuste ocupando terreno a título precário por mais um ano (de julho de 1966 a julho de 1967).

**1967 - PATR. 0022. 14/06/1967**

- Atualização de aluguel de 1967. O aluguel de 1966 custava Cr\$550 Mil e o de 1967 passará a custar NCr\$725 Mil (Cruzeiros Novos).

**Declaração. 28/07/1967**

- Berthold Wronke declara estar de acordo com o reajuste ocupando terreno a título precário por mais um ano (de julho de 1967 a julho de 1968).

**1968 - PATR. 0022. 11/06/1968**

- Atualização de Aluguel de 1968. O aluguel de 1967 custava NCr\$ 725 mil e o de 1968 passará a custar NCr\$964, 25 mil.

**Declaração. 28/07/1968**

- Berthold Wronke declara estar de acordo com o reajuste ocupando terreno a título precário por mais um ano (de julho de 1968 a julho de 1969).

**Documentos**

- Exmo. Sr. Prefeito Municipal de São Paulo. 15/05/1961
- Patr. 22- Sr.Dr. Procurador Chefe. 11/12/1962
- Exmo. Sr. Dr. Secretário dos Negócios Jurídicos Internos. 14/01/1963
- Patr. 2. URGENTE. 17/01/1963
- PATR. 24/01/1963
- Declaração de Confissão de dívida e Cumprimento do Pagamento. 01/02/1963
- Exmo. Sr. Secretário dos Negócios Internos Jurídicos 11/02/1963
- Patr. 2. Sr. Dr. Procurador Chefe. 04/03/1963
- Patr. 004 - Sr Eng Chefe. 21/03/1963
- Patr G - Sr. Procurador Adjunto. 17/05/1963
- Patr.22. – Sr. Dr. Procurador Chefe. 04/06/1963
- Procurador Patrimônio. 22. - Waldemar Leifert. 19/06/1963
- Exmo. Sr. Dr. Francisco Prestes Maia. DD. Prefeito de São Paulo. Capital. 16/04/1964
- PATR. Sr. Diretor. 22/05/1964.
- Sr. Eng. Aguiar - Atualização de Retribuição Mínima Mensal . 12/04/1965
- Declaração. 1965
- Patr. 004 Sr. Eng. Chefe. Atualização de Retribuição Mínima Mensal. 12/04/1966
- Declaração. 28/07/1966
- PATR. 0022. 14/06/1967
- Declaração. 28/07/1967
- PATR. 0022. 11/06/1968
- Declaração. 28/07/1968
- Exmo. Snr. Dr. Juiz de Direito da Vara da Fazenda Municipal, 04/10/1968.

**Processo 79452/ 1964**

- Solicitação de restituição da importância de 30 Mil Cruzeiros caucionada em seu nome desde 19/09/1957 pela guia número 12.512, conforme consta no processo 100/782 do

mesmo ano e que constituiu documento da receita nº9127 que garantia o cancelamento dos bilhetes de seus ingressos ao tempo em que se pagava imposto de divertimentos públicos por verba, pois de acordo com decidido no processo 96914/62 passou a por selo adesivo nos referidos bilhetes deixando de existir necessidade de tal garantia.

#### **Processo 0141.659/1963 – Laudo Técnico**

- Vistoria realizada pelos engenheiros Afonso Zapparoli e Pereira Barreto aos brinquedos do Parque Shanghai. Entre as atrações listadas no relatório dos engenheiros, destacamos: duas rodas gigantes; Bicho de Seda; Chapéu Mexicano; Tartaruga; Montanha Russa; Pistinha Infantil; Jatinho Infantil; Carrossel; Carrossel Americano. Carrossel Náutico; Chicote Americano; Avião Infantil; Trem Fantasma; Tira Prosa; Estratosférico; duas Auto-pistas, Autorama, Atrações não-mecanizadas, como barracas de tiro ao alvo, argolas; Palácio do Riso; Mulher Aranha. 26/08/1963.

#### **Processo 0040.124/1964 – Laudo Técnico**

- Vistoria realizada pelos engenheiros Afonso Zapparoli e Pereira Barreto aos brinquedos do Parque Shanghai. Entre as atrações listadas, naquela ano, destacamos: duas rodas gigantes; Rumba; Chapéu Mexicano; Tartaruga; Montanha Russa; Pistinha Infantil; Jatinho Infantil; Carrossel; Carrossel Americano; Carrossel Náutico; Chicote Americano; Avião Infantil; Trem Fantasma; Tira Prosa; Estratosférico; duas Auto-pistas; Atrações não-mecanizadas, como barracas de tiro ao alvo, argolas; Palácio do Riso; Mulher Aranha. 14/01/1964.

#### **Processo 0042.216/1965 – Laudo Técnico**

- Vistoria realizada pelos engenheiros Afonso Zapparoli e Pereira Barreto aos brinquedos do Parque Shanghai. Entre as atrações, destacamos: duas rodas gigantes; Rumba; Chapéu Mexicano; Tartaruga; Montanha Russa; Pistinha Infantil; Jatinho Infantil; Carrossel; Carrossel Americano; Carrossel Náutico; Chicote Americano; Avião Infantil; Trem Fantasma; Tira Prosa; Estratosférico; duas Auto-pistas; Atrações não-mecanizadas, como barracas de tiro ao alvo, argolas; Palácio do Riso; Mulher Aranha. 07/01/1965.

#### **Processo 0048.248/1966 – Laudo Técnico**

- Vistoria realizada pelos engenheiros Afonso Zapparoli e Pereira Barreto aos brinquedos do Parque Shanghai. Entre as atrações destacamos: duas rodas gigantes; Rumba; Chapéu Mexicano; Tartaruga; Montanha Russa; Pistinha Infantil; Jatinho Infantil; Carrossel; Carrossel Americano. Carrossel Náutico; Chicote Americano; Avião Infantil; Trem Fantasma; Tira Prosa; Estratosférico; duas Auto-pistas, Autorama Atrações não-mecanizadas, como barracas de tiro ao alvo, argolas; Palácio do Riso; Mulher Aranha. 15/01/1966.

#### **Filantropia**

- Bandeira Paulista Contra a Tuberculose para Enrique Zaragueta. Carta agradece apoio filantrópico do proprietário do Parque Shanghai. 31/10/1950.
- Associação Paulista de Combate ao Câncer para Enrique Zaragueta. Carta Agradece apoio filantrópico do proprietário do Parque Shanghai. 10/05/1951.
- Comando do Batalhão Policial da Força Pública para Enrique Zaragueta. Carta agradece ao proprietário do Parque Shanghai a concessão de equipamentos. 25/12/1951.
- Associação Paulista dos Sanatórios Populares Campos do Jordão de Combate a Tuberculose para Enrique Zaragueta. Carta agradece apoio filantrópico do proprietário do Parque Shanghai. 17/03/1952.

#### **Processo 0112.252/1966 – Anulação Revisional de Locação**

- Notória crise no setor de divertimentos em São Paulo. Representantes do Parque Shanghai revelam insatisfações pelos aumentos constantes em materiais necessários à manutenção da empresa de diversões, interferindo no preço dos ingressos cobrados e espantando o público do parque. Ademais, apontam que as facilidades e a melhor categoria dos espetáculos

propiciados pela Televisão também motivaram a crise no setor de parques de diversões. Solicitam, então, uma revisão do valor locativo do terreno ocupado que passaria de 379.000Cr\$ para 550.000Cr\$ justificando que o aumento agravaria a organização da estrutura de empresa significativamente. Após solicitação de revisão, o Parque acabou concordando em pagar o novo valor.

#### **Documentos**

- **Excelentíssimo Senhor Prefeito do Município de São Paulo. 16/06/1966**
- **Patr. G. (Sr. Procurador Adjunto). 30/06/1966**
- **Patr. G. (Sr. Procurador Adjunto). 28/07/1966**

#### **Outros Documentos**

##### **Exmo. Senr. Dr. Prefeito do Município, 11/01/1921**

- Alvará produzido pela fábrica de brinquedos Brandini & Companhia Ltda. Indústria solicitou vistoria as autoridades urbanas para um novo motor elétrico.

##### **Exmo. Snr. Prefeito Municipal de S. Paulo, 21/03/1921**

- Petição de Luis Caloi, proprietário de oficina de bicicleta Caloi batizada requisitando permissão para aquisição de um motor.

##### **Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1955**

- Descrição da configuração e das atividades do Parque Shangri-lá. Inaugurado na década de 1950 em São Paulo após o surgimento do Parque do Ibirapuera, esse parque de diversão possivelmente foi um concorrente do Parque Shanghai. Com mais de trinta brinquedos, muitos semelhantes ao do Shanghai, e promovendo atrações estrangeiras, o Shangri-lá foi mais uma opção de entretenimento mecanizado da cidade. Não foi possível pela documentação encontrada apontar sua durabilidade em São Paulo.

#### **Documentos**

- **Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Serviço de Exposições Industriais e Comerciais, 1955.**
- **Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Seção de Tesouraria e Contabilidade, 1955.**

#### **Junta Comercial do Estado de São Paulo (JUCESP)**

- Contrato Social da Empresa Diversões Shanghai do Brasil Ltda. 15/10/1954. Quadro social da Empresa entre 1954 e 1968.

#### **Arquivo do Estado de São Paulo**

##### **Cartões de Imigração**

- Ficha Consular de Qualificação de Gaspar José Luis Zaragueta, de 07 de agosto de 1940.
- Ficha Consular de Qualificação de Nelida Raquel Zaragueta, de 17 de maio de 1941.
- Ficha Consular de Qualificação de Enrique Pio Gaspar Zaragueta, de 01 de agosto de 1941.
- Ficha Consular de Qualificação de Maria Micaela Echaniz Zaragueta, de 29 de setembro de 1943.
- Ficha de Registro de Estrangeiros de Nelida Raquel Zaragueta, de 1944.
- Ficha de Registro de Estrangeiros de Zulema Abud de Zaragueta, de 1944.
- Ficha Consular de Qualificação de Maria Micaela Echaniz Zaragueta, de 02 de maio de 1945.
- Ficha de Registro de Estrangeiros de Bernhard Waller, de 1947.
- Ficha Consular de Qualificação de Gaspar José Luis Zaragueta, de 06 de fevereiro de 1947.
- Ficha Consular de Qualificação de Maria Micaela Echaniz Zaragueta, de 16 de outubro de 1952.
- Ficha de Registro de Estrangeiros de José Maria Zaragueta, de 1948.

- Ficha de Registro de Estrangeiros de Maria Micaela Echaniz de Zaragueta, de 1953.
- Ficha de Estrangeiros de Enrique Pio Gaspar Zaragueta, de 1973.
- Ficha de Estrangeiros de Zulema Abud de Zaragueta, de 1973.
- Ficha de Estrangeiros de Berthold Wronke, de 1973.
- Ficha de Estrangeiros de Mimi Wronke, de 1973.
- Ficha de Requerimento para visto de saída do país. Estrangeiros. Berthold Wronke, de 1973
- Ficha de Requerimento para visto de saída do país. Estrangeiros. Mimi Wronke, de 1973.

### **Mapas**

- Planta da Cidade de São Paulo com indicação dos primeiros edifícios públicos. 1893.
- Planta Geral da Cidade de São Paulo adaptada pela Prefeitura Municipal para uso de suas Repartições. 1905.
- Mappa Topographico do Município de São Paulo. 1930.
- Mapa São Paulo. Companhia Melhoramentos. 1951.
- Mapas da Cidade do Brasil (Evidencia os viadutos que passaram a ocupar o terreno em que o Parque Shanghai estava instalado. Década de 1970).

### **Arquivo Nacional (Rio de Janeiro)**

#### **Identidade**

- Folha de Identificação Para Pedido de Visto em Passaporte Estrangeiro. 01/1937.
- Folha de Identificação Para Pedido de Visto em Passaporte Estrangeiro. 12/03/1937.
- Folha de Identificação Para Pedido de Visto em Passaporte Estrangeiro. 23/08/1937.
- Folha de Identificação Para Pedido de Visto em Passaporte Estrangeiro. 22/06/1938.
- Certificado de Nacionalidad. 24/10/1939.
- Serviço de Registro de Estrangeiros – Entrada no Brasil Dez 1939/Jan 1940.
- Senhor Chefe de Serviço de Estrangeiros. 09/01/1940.
- Chefe de Serviço de Estrangeiros. 30/12/1941.
- Documento do Ministério da Justiça e Negócios Interiores/ Polícia Civil do Distrito Federal – Documento identificação de alteração de nome de Gaspar Zaragueta Echevarria para Gaspar José Luiz Zaragueta. 02/01/1942
- Documento do Ministério da Justiça e Negócios Interiores/ Polícia Civil do Distrito Federal. 05/03/1942.
- Documento do Ministério da Justiça e Negócios Interiores/ Polícia Civil do Distrito Federal. 14/04/1942.
- Carteira de Identidade para estrangeiro. 29/04/1942.
- Documento do Ministério da Justiça e Negócios Interiores/ Polícia Civil do Distrito Federal. Pedido de Comparecimento. 30/04/1942.
- Serviço de Registro de Estrangeiros – Entrada no Brasil. 04/05/1942.
- Carteira de Identidade para estrangeiro. 08/07/1943.
- Serviço de Registro de Estrangeiros – Entrada no Brasil em 20/01/1944.

### **Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**

#### **Concorrência para a X Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro (1937)**

Concorrência para instalação de parque de diversões no referido evento entre o Parque Shanghai, representado por Manoel Cabellero e o Parque de diversões de N. Viggiani.

#### **Documentos**

- Exmo. Sr. Interventor. 28/09/1937.
- Sr. Secretário Geral do Interior e Segurança. 9/03/1937.
- Sr. Secretário Geral do Interior e Segurança. 29/03/1937.
- Regulamento X Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro. 1937.
- Edital. Concorrência para a Instalação de Parques Permanentes de Diversões no Recinto de Feira de Amostras – Directoria de Turismo e Propaganda. 23/03/1937.
- Exmo. Snr. Interventor no Distrito Federal (Ofício de concorrência de N. Viggiani com descrição dos equipamentos que pretende instalar na Feira e mais 32 fotografias de representação dos aparelhos).

- Sr. Director de Turismo e Propaganda. 31/05/1937(Ofício de concorrência produzido por Manoel Caballero. Lista os 38 equipamentos que o Parque Shanghai pretende oferecer no evento).

#### **XI Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro (1938)**

- Termo de Contrato. 05/06/1938. Contrato firmado entre Manoel Caballero e a Prefeitura do Rio de Janeiro para instalação do Parque Shanghai na Feira de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro. Cláusula ressalta que o contrato tem vigência de cinco anos, ou seja, o Parque Shanghai mediante pagamento dos valores estipulados de locação, obteve garantia de participação nas Feiras de Amostras de 1938 a 1942. Contrato também prevê a construção da Montanha Russa no evento de 1938, bem como a implantação de cinco novas atrações por Feira de Amostras.

#### **XII Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro (1939)**

Ofício de ratificação da participação do Parque Shanghai na Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro. O ofício salienta além de tradicionais 41 atrações, cinco novos equipamentos que estrearão no certame de 1939 (Tufão; Torre para lançamento; Trem Fantasma; Acroplanos; Trem Pneumático).

- Exmo. Sr. Prefeito do Distrito Federal. 15/07/1939.
- Exmo. Snr. Secretário e Chefe do Gabinete de Prefeito. 26/07/1939.
- Relação dos Aparelhos de Diversões e Atrações constituindo o Parque Shanghai e a serem instalados na XII Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro. Na conformidade da cláusula 4ª do contrato de cinco de junho de 1938. 26/07/1939.
- Croqui do Aparelho Tufão.
- Croqui do Aparelho Torre para Lançamento de Paraquedas.
- Croqui do Trem Fantasma.
- Croqui do Acroplano.
- Croqui do Trem Pneumático.
- Ilmo Snr. Director de Turismo e Propaganda. Manoel Caballero solicita uma área 13mil<sup>2</sup> para instalação do Parque Shanghai na XII Feira de Amostras. 16/10/1939.
- Exmo. Sr. Director de Turismo e Propaganda do Distrito Federal. Manoel Caballero explica que o Acroplano é diferente do Aeroplano, bem como revela que o Carrossel Romano terá música em seu funcionamento. 17/10/1939.
- Exmo. Snr. Director de Turismo e Propaganda do Distrito Federal. Ofício elaborado por Joracy Camargo para concessão de uma área de 3 mil m<sup>2</sup> para instalação de Parque de Diversões na XII Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro. 22/10/1939.

#### **XIII Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro**

- Planta Geral da XIII Feira Internacional de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro.
- Exmo. Snr, Dr. Georgino Avelino. M.D. Diretor do Departamento de Turismo e Certamens. 06/1940. Ofício Mudança de Local da Feira Internacional de Amostras diante das obras de expansão do Aeroporto Santos Dumont que a partir de meados da década de 1930 passaram a mutilar a área do evento. Sugestão de nova área localizada no Jardim Botânico de 100 mil m<sup>2</sup>, próxima ao Jockey Clube Brasileiro.

#### **Publicação**

- Publicação da revista “Caras y Caretas” (número dedicado ao centenário de Sarmiento) intitulada, “Inauguración del Parque Japonés” – 15/02/1911.
- Publicação da revista “Caras y Caretas” (número dedicado a los Estados Unidos del Brasil) intitulada, “Los cariocas se divierten!” – 15/04/1939.

#### **Iconográfico**

##### **Fotos**

- Fotos das estruturas/equipamentos do Parque Shanghai do Rio de Janeiro em 2016 realizadas pelo pesquisador.
- Fotos cedidas por Nelson Waller, atual proprietário do Parque Shanghai, não identificadas (unidade, cidade, ano).

- Fotos de festas dos funcionários do Jornal Folha de São Paulo no Parque Shanghai.
- Foto da estrutura da montanha russa em publicação da Revista Acrópole (Junho de 1963 - Ano 25 - n°295).
- Foto do Parque Infantil da Barra Funda em publicação da Revista Acrópole (Fevereiro de 1940 - Ano 02 - n°22).
- Fotos do Parque Shanghai nos periódicos consultados;
- Fotos do Parque de Diversões da Exposição Internacional de 1922 (Rio de Janeiro).
- Fotos aéreas do Parque Dom Pedro II (1945,1958).
- Fotografia de Vincenzo Pastore da ocupação da Várzea do Carmo no início do século XX (entre 1900/1910). Instituto Moreira Salles
- Fotografia do Parque Dom Pedro II de 1971. Acervo Museu da Cidade.
- Fotografia do Parque Dom Pedro II da década de 1950. Acervo do Museu Paulista.

### **Mapas**

- Mapeamento Sara, 1930.
- Mapeamento Vasp-Cruzeiro, 1954.
- Mapeamento de São Paulo, 1958.
- Mapa Político do Brasil com limites territoriais de 1962. IBGE, 2004.
- Mapa Urbano da Cidade do Rio de Janeiro. Prefeitura do Rio de Janeiro, 2016.
- Mapa Urbano da Cida de Buenos Aires. Google Maps, 2017.

### **Audiovisual**

- Documentário Parque Shanghai, 1936 (Cinemateca Brasileira).
- Filme o Grande Momento, 1958.
- Filme Maria 38, 1960.
- XI Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro, 2010 (Cinemateca Brasileira).
- Documentário Sete Voltas, 2010 (Rogério Nunes/ Produtora Karmatique).

## Anexo I – Itinerários dos Bondes de São Paulo<sup>236</sup>

<b>Linha</b>	<b>Itinerário</b>	<b>Período de Existência</b>
Rua Jaraguá	Largo São Bento; José Paulino; Rua dos Italianos; Rua Jaraguá.	1937-1962
Celso Garcia	Rua Rubino de Oliveira; Avenida Celso Garcia; Praça 8 de Setembro.	1942-1956
Avenida	Praça Antonio Prado; Rua São Bento; Rua Direita; Rua Consolação; Avenida Paulista; Avenida Brigadeiro Luiz Antônio.	1900-1965
Ipiranga	Largo da Sé; Praça João Mendes; Largo do Cambuci; Avenida Dom Pedro I; Avenida Nazaré.	1903-1967
Bela Vista	Praça do Correio; Rua Libero Badaró; Rua Paraíso; Largo 13 de Maio.	1931-1964
Penha	Largo do Tesouro; Ladeira General Carneiro; Rua do Gasômetro; Avenida Rangel Pestana; Avenida Celso Garcia.	1901-1962
Penha	Praça da Sé; Avenida Rangel Pestana; Avenida Celso Garcia; Praça 8 de Setembro.	1931-1966
Mooca	Largo do Tesouro; Ladeira General Carneiro; Rua 25 de Março; Rua Rubino de Oliveira; Rua Oriente; Rua Cantareira.	1902-1958
Mooca	Praça da Sé; Ladeira do Carmo; Avenida Rangel Pestana; Avenida Celso Garcia; Rua Brésler; Rua Mooca.	1909-1952
Duque de Caxias	Praça Ramos de Azevedo; Praça da República; Largo do Arouche; Avenida Duque de Caxias; Avenida São João; Praça do Correio.	1937-1961
Bresser	Praça Fernando Costa; Parque Dom Pedro II; Rua Cantareira; Rua Oriente; Rua Brésler; Avenida Celso Garcia.	1937-1962
Barra Funda	Praça do Correio; Avenida São João; Alameda Barão de Piracicaba; Praça Marechal Deodoro; Rua Barra Funda.	1953-1961
Barra Funda	Largo do São Bento; Rua Florêncio de Abreu; Praça da Luz; Alameda Barão Piracicaba; Praça Marechal Deodoro.	1900-1961
Vila Buarque	Praça do Correio; Avenida São João; Avenida Angélica; Avenida Higienópolis; Rua Marquês de Itu; Rua Xavier de Toledo; Praça Ramos.	1937-1961
Florêncio de Abreu	Largo do São Bento; Rua Florêncio de Abreu; Rua Rubino de Oliveira; Rua Oriente; Avenida Tiradentes.	1942-1957
Catumbi	Rua Manoel Vitorino; Avenida Celso Garcia; Rua Catumbi; Avenida Guilherme Cotching; Praça Santo Eduardo.	1944-1958
Largo Pompéia	Praça do Correio; Avenida São João; Praça Marechal Deodoro; Avenida Francisco Matarazzo; Largo Pompéia.	1944-1962
Perdizes	Praça Antonio Prado; Rua São Bento; Rua Direita; Viaduto do Chá; Praça da República; Largo das Perdizes.	1901-1966
Perdizes	Praça Ramos de Azevedo; Praça da República; Largo do Arouche; Rua das Palmeiras; Largo Padre Péricles; Rua Cardoso de Almeida.	1940-1946
Fábrica	Praça João Mendes; Rua 25 de Março; Parque Dom Pedro I; Rua Glicério; Largo do Cambuci; Rua Bom Pastor; Rua Silva Bueno.	1909-1967
Heliópolis	Praça da Sé; Praça João Mendes; Rua da Glória; Largo do Cambuci; Avenida Dom Pedro I; Rua Silva Bueno; Praça Barão de Belém.	1928-1952
Cambuci	Praça João Mendes; Largo da Sé; Largo do Cambuci.	1902-1954
Domingos de Moraes	Praça da Sé; Rua Liberdade; Rua Vergueiro; Avenida Bosque da Saúde; Rua Guarapuava.	1937-1962
Bosque	Praça João Mendes; Rua Liberdade; Rua Vergueiro; Rua Domingos de Moraes; Praça da Árvore; Avenida Bosque da Saúde.	1962-1964
Bosque da Saúde	Largo do Ouvidor; Largo São Francisco; Avenida Brigadeiro Luiz Antônio; Avenida Paulista; Avenida Domingos de Moraes; Bosque da Saúde.	1912-1962
Praça Teodoro de Carvalho	Largo São Francisco; Avenida Brigadeiro Luiz Antonio; Avenida Paulista; Avenida Domingos de Moraes; Rua Mairinque.	1937-1956
Belém	Largo da Sé; Rua Floriano Peixoto; Avenida Rangel Pestana; Avenida Celso Garcia; Cemitério Quarta Parada.	1909-1966
Praça Oswaldo Cruz	Praça João Mendes; Rua Liberdade; Rua Vergueiro; Rua Paraíso; Praça Oswaldo Cruz.	1945-1956
Rua São Jorge	Praça da Sé; Avenida Rangel Pestana; Avenida Celso Garcia; Rua São Jorge.	1943-1963

<sup>236</sup> A tabela leva em conta as linhas de bonde existentes no período em que o Parque Shanghai já havia se fixado no Parque Dom Pedro II. Das 75 linhas identificadas, 66 passavam pelo centro da cidade, o que nos permite inferir a ampla acessibilidade a este empreendimento de diversões por meio de transporte público (STIEL, 1978, p. 206-223).

Parque São Jorge	Praça da Sé; Ladeira do Carmo; Avenida Rangel Pestana; Avenida Celso Garcia; Rua São Jorge.	1949-1957
Vila Mariana	Praça da Sé; Praça João Mendes; Rua Liberdade; Avenida Domingos de Moraes; Rua do Gado.	1937-1962
Fradique Coutinho	Praça Ramos de Azevedo; Rua Xavier de Toledo; Rua Consolação; Avenida Rebouças; Rua Teodoro Sampaio; Rua Fradique Coutinho.	1936-1954
Vila Madalena	Rua Xavier de Toledo; Rua Consolação; Avenida Doutor Arnaldo; Rua Teodoro Sampaio; Rua Fradique Coutinho; Rua Purpurina.	1954-1966
Pinheiros	Rua Xavier de Toledo; Rua Consolação; Rua Teodoro Sampaio; Largo de Pinheiros.	1909-1966
Vila Prudente	Largo do Tesouro; Rua 25 de Março; Rua Glicério; Rua Lavapés; Avenida Pedro I; Estrada de Vila Prudente.	1912-1961
Rua Sorocabanos	Praça João Mendes; Rua da Glória; Largo do Cambuci; Avenida Pedro I; Rua Bom Pastor; Rua Sorocabanos.	1937-1958
Vila Maria	Largo da Sé; Aterrado do Carmo; Avenida Rangel Pestana; Avenida Celso Garcia; Rua Catumbi; Avenida Dr. Cotching; Rua dos Prazeres.	1923-1967
Lapa	Praça Antonio Prado; Largo São Bento; Rua Santa Ifigênia; Alameda Barão de Limeira; Avenida Água Branca; Rua Guaicurus, Rua 12 de Outubro.	1903-1966
Avenida Angélica	Praça Antonio Prado; Largo São Bento; Viaduto do Chá; Largo do Arouche; Rua XV de Novembro; Avenida Angélica; Rua Maceió.	1912-1966
Anastácio	Praça do Correio; Avenida São João; Largo das Perdizes; Avenida Água Branca; Rua Guaicurus; Barão de Jundá.	1921-1959
Ponte Grande	Largo São Bento; Avenida Tiradentes; Rua Porto Seguro.	1942-1959
Jardim Paulista	Praça do Correio; Largo do Riachuelo; Rua Santo Amaro; Avenida Brigadeiro Luiz Antônio; Avenida Paulista; Rua Pamplona.	1924-1965
Jardim Paulistano	Praça da Bandeira; Largo do Riachuelo; Rua Augusta; Rua Colômbia; Avenida Brasil; Rua Dona Hipólita.	1924-1951
Largo São José	Praça Clóvis Bevilacqua; Avenida Rangel Pestana; Avenida Celso Garcia; Largo São José do Belém.	1943-1967
Olavo Egídio	Praça do Correio; Rua Brigadeiro Tobias; Avenida Tiradentes; Rua Voluntários da Pátria; Rua Olavo Egídio.	1931-1959
Santana	Largo São Bento; Rua Libero Badaró; Rua Brigadeiro Tobias; Avenida Tiradentes; Rua Voluntários da Pátria; Rua Conselheiro Moreira de Barros.	1908-1959
Rua Augusta	Praça da Bandeira; Largo do São Bento; Rua Martinho Prado; Rua Augusta; Avenida Paulista.	1910-1952
Júlio Conceição	Praça Fernando Costa; Rua General Carneiro; Rua Cantareira; Avenida Tiradentes; Praça da Luz; Rua dos Italianos.	1944-1956
Vila Clementino	Largo São Francisco; Avenida Brigadeiro Luiz Antonio; Rua 13 de Maio; Avenida Rodrigues Alves; Avenida Santa Madureira.	1903-1962
Praça da Independência	Largo do Cambuci; Vila Prudente.	1946-1952
Canindé	Praça do Correio; Rua Brigadeiro Tobias; Avenida Tiradentes; Porto da Prefeitura.	1923-1966
Borges de Figueiredo	Largo do Tesouro; Praça Fernando Costa; Rua 25 de Março; Mooca; Rua Borges de Figueiredo.	1948-1958
Rubino de Oliveira	Praça do Correio; Avenida São João; Rua José Paulino; Praça da Luz; Rua Oriente; Rua Rubino de Oliveira.	1940-1966
Praça Buenos Aires	Praça do Correio; Avenida São João; Avenida Angélica; Rua Maceió; Avenida Doutor Arnaldo.	1942-1959
Oriente	Rua Rubino de Oliveira; Avenida Celso Garcia; Jardim da Luz; Rua José Paulino; Rua dos Italianos; Rua Oriente.	1903-1962
Inhaúma	Praça da Luz; José Paulino; Rua dos Italianos; Avenida Rudge; Casa Verde; Inhaúma.	1944-1953
Casa Verde	Largo São Bento; Rua Santa Ifigênia; Avenida Rudge; Rua Casa Verde; Rua Bororós.	1922-1966
Avenida Doutor Arnaldo	Praça Ramos de Azevedo; Rua Xavier de Toledo; Rua Consolação; Avenida Rebouças; Avenida Doutor Arnaldo (Cemitério Araça).	1943-1960
Fábrica	Rua Sorocabanos; Silva Bueno.	1943-1954
Cantareira	Praça Fernando Costa; Rua Basílio Jafet; Rua Oriente; Rubino de Oliveira; Rua Cantareira	1943-1957
Bom Pastor	Largo do Cambuci; Avenida Dom Pedro I; Rua Bom Pastor; Avenida Visconde da Costa.	1946-1952
Penha-Lapa	Praça 8 de Setembro; Avenida Celso Garcia; Rua Oriente; Praça da Luz; Alameda Barão de Piracicaba; Rua Barra Funda; Avenida Francisco	1953-1965

	Matarazzo; Rua Guaicurus.	
Vila Maria - Casa Verde	Praça Santo Eduardo; Avenida Guilherme Cotching; Avenida Celso Garcia; Rua Oriente; Praça da Luz; Rua José Paulino; Avenida Rudge; Casa Verde.	1953-1967
Santana-Pinheiros	Rua Olavo Egídio; Rua Voluntários da Pátria; Praça da Luz; Alameda Barão de Piracicaba; Alameda Barão de Limeira; Rua Barra Funda; Avenida Angélica; Avenida Doutor Arnaldo; Rua Teodoro Sampaio; Largo de Pinheiros.	1953-1959
Vila Clementino-Vila Madalena	Rua Sena Madureira; Rua Domingos de Moraes; Rua Paraíso; Avenida Paulista; Rua Consolação; Rua Teodoro Sampaio; Rua Fradique Coutinho; Rua Purpurina.	1953-1962
Vila Mariana-Lapa	Rua Diogo Faria; Rua Domingos de Moraes; Rua Paraíso; Avenida Paulista; Rua Consolação; Avenida Angélica; Avenida Francisco Matarazzo; Avenida Guaicurus.	1953-1962
São Judas-Lapa	Rua Irerê; Avenida Jabaquara; Praça da Árvore; Rua Domingos de Moraes; Avenida Paulista; Rua Consolação; Avenida Angélica; Avenida Francisco Matarazzo; Avenida Guaicurus.	1962-1963
Fábrica-Casa Verde	Rua Lino Coutinho; Rua Silva Bueno; Avenida Pedro I; Largo do Cambuci; Rua Glicério; Rua 25 de Março; Rua Cantareira; Praça da Luz; Rua José Paulino; Avenida Rudge; Casa Verde; Rua Bororós.	1955-1962
São Judas Tadeu	Praça João Mendes; Rua Liberdade; Rua Domingos de Moraes; Avenida Jabaquara.	1955-1966
Alto de Vila Maria	Praça Clóvis Bevilacqua; Avenida Rangel Pestana; Avenida Celso Garcia; Rua Catumbi; Avenida Guilherme Cotching; Praça Cosmorama.	1955-1967
Santo Amaro	Largo da Sé; Rua Liberdade; Avenida Rodrigues Alves; Rua Domingos de Moraes; Avenida Jabaquara; Várzea de Santo Amaro; Brooklin.	1913-1968
Indianópolis	Praça da Sé; Rua Liberdade; Rua Domingos de Moraes; Avenida Ibirapuera; Avenida Indianópolis.	1939-1963
Brooklin	Praça da Sé; Rua Liberdade; Rua Domingos de Moraes; Rua Conselheiro Rodrigues Alves; Parada Piraquara.	1931-1968
Santo Amaro-São Judas	Avenida Jabaquara; Rua Domingos de Moraes; Rua Conselheiro Rodrigues Alves; Avenida Ibirapuera; Alameda Santo Amaro.	1955-1963

## Anexo II - Levantamento realizado em periódicos

### QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NO JORNAL FOLHA DA MANHÃ (SP)

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>28/01/1937</b>	"Grande Exposição-Feira do centenário de Carlos Gomes".	O Parque Shanghai esteve presente na Grande Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes, em 1937, na cidade de Campinas.	<b>Parque Shangai</b>
<b>06/10/1940</b>	"Grande programa de festas populares hoje na Feira Nacional de Indústrias"	A reportagem anuncia um grande programa de festas que teve como parceiros o Parque Shanghai e o Grill-Room. O evento aconteceu no bairro da Água Branca.	<b>Parque Shangai</b>
<b>13/10/1940</b>	"Grande programa de festas populares hoje na Feira Nacional de Indústrias"	A reportagem anuncia um grande programa de festas que teve como parceiros o Parque Shanghai e o Grill-Room. O evento aconteceu no bairro da Água Branca.	<b>Parque Shangai</b>
<b>15/02/1941</b>	"Uma semana, apenas!"	O Parque Shanghai esteve presente na "Cidade da Folia", estrutura montada no Parque Antarctica onde se realizavam festejos de carnaval naquela época.	<b>Parque Shangai</b>
<b>14/02/41; 15/02/1941</b>		Nessas edições do jornal havia convites impressos para utilização do Parque Shanghai durante o Carnaval. As Grandes Indústrias Minetti-Gamba ofereciam esses convites com a intenção de promover seus produtos nos mesmos.	<b>Parque Shangai</b>
<b>20/02/1941</b>	"Visitas grátis ao palácio das gargalhadas"	Notícia sobre Carnaval organizado pela equipe da Folha na Cidade da Folia. Parque Shanghai franqueou os brinquedos.	<b>Parque Shangai</b>
<b>20/02/1941</b>	"Realizar-se-á sabado o Baile Oficial de Gala no Estádio Municipal do Pacaembu"	Carnaval no Estádio do Pacaembu em benefício dos Parques Infantis de São Paulo	<b>Parque Shangai</b>
<b>23/02/1941</b>	"Um carnaval interessante no Grande Centro de Atrações de São Paulo - Visitas grátis ao "Palácio das Gargalhadas" - No Auditório e no Grill-Room".	Notícia sobre "Carnaval na Cidade da Folia" e a participação do Parque Shanghai por da concessão de seus aparelhos de diversões.	<b>Parque Shangai</b>
<b>05/11/1943</b>	"O Parque Shangai"	Notícia sobre o início do	<b>Parque</b>

		funcionamento do Parque Shanghai na IV Feira Nacional de Indústrias.	<b>Shangai</b>
<b>06/11/1943</b>	"As atrações de hoje na IV Feira Nacional de Indústrias"	Reportagem que anuncia o Parque Shanghai como uma das principais atrações da IV Feira Nacional de Indústrias.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>07/11/1943</b>	"Divirta-se hoje na IV Feira Nacional de Indústrias"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>09/11/1943</b>	"IV Feira Nacional de Indústrias. O maior centro de diversões do Brasil"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>10/11/1943</b>	"Hoje na IV Feira Nacional de Indústrias em espetáculos gratuitos no auditório ou ao ar livre Tupy,o mágico - Amelia Rocha - famosa equilibrista - Irmãos Moya, malabaristas e ginastas excêntricos - Grande Orquestra de Concertos - Otelio Santiago, aplaudido sambista da Rádio Gazeta e Isaura Garcia, a maior intérprete da música popular brasileira em São Paulo".	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>16/11/1943</b>	"150 mil pessoas já visitaram a IV Feira Nacional de Indústrias"	Reportagem que anuncia o Parque Shanghai como uma das atrações da IV Feira Nacional de Indústrias.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>19/11/1943</b>	"Hoje - Dia da Bandeira - A IV Feira Nacional de Indústrias funcionará desde as 13 hora. 100 mil escolares - dos grupos, asilos e orfanatos - terão entradas gratuitas nos portões e nos divertimentos do Parque Shanghai. Funcionarão, também, todas as suas atrações, restaurantes, bares, churrascarias e Boites.	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando que no Dia da Bandeira a entrada será gratuita na Feira e nas atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>23/11/1943</b>	"IV Feira Nacional de Indústrias"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>

<b>24/11/1943</b>	"IV Feira Nacional de Indústrias"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>27/11/1943</b>	"Divirta-se hoje na IV Feira Nacional de Indústrias". No Famoso auditório ao ar-livre espetáculos com Malabaristas-Ginastas-Mágicos-Cantores e Orquestras. Cinema Gratuito.	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>02/12/1943</b>	"IV Feira Nacional de Indústrias"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>05/12/1943</b>	"Divirta-se hoje na IV Feira Nacional de Indústrias"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>12/12/1943</b>	"IV Feira Nacional de Indústrias. Organizada pela Federação das Indústrias"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>15/12/1943</b>	"Natal das crianças pobres promovido pela Legião Brasileira de Assistência"	Reportagem sobre a participação do Parque Shanghai na Festa de Natal de crianças carentes ocorrida no recinto da IV Feira Nacional de Indústrias.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>19/12/1943</b>	"Divirta-se a semana inteira passando este domingo na Feira. IV Feira Nacional de Indústrias, o maior centro de diversões do Brasil".	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>22/12/1943</b>	"Natal das crianças pobres e dos filhos dos convocados"	Reportagem sobre a participação do Parque Shanghai na Festa de Natal de crianças carentes ocorrida no recinto da IV Feira Nacional de Indústrias.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>01/01/1944</b>	"Inicie o ano da vitória divertindo-se, vá e leve sua família à IV Feira Nacional de Indústrias, o maior centro de diversões do Brasil"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>06/08/1944</b>	"Congadas de Atibaia no Parque Antártica"	Anúncio de divulgação dos festejos Congadas de Atibaia ocorrido no Parque Antártica destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>23/02/1946</b>	"Parque Shanghai"	Reportagem que revela a participação do Parque Shanghai	<b>Parque Shanghai</b>

		nos festejos de Carnaval da Vitória.	
<b>12/05/1946</b>	"Hoje, das 9 às 11 horas da manhã, diretamente do Parque Shangai a Escola Risonha e Franca"	Anúncio da Rádio Record de divulgação da presença da Escola Risonha e Franca no Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>17/08/1947</b>	"Último dia das 13 horas em diante Grande Exposição Industrial - Agrícola - Comercial e do já famoso Parque Shangai"	Anúncio de divulgação da Grande Exposição Industrial - Agrícola - Comercial destacando a presença do Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>13/06/1948</b>	"Os sucessos da... Maior. Começarão hoje às 9:30 horas com Hoje é Domingo. O maior show semanal do rádio paulista. Um programa de Armando Rosas.	Anúncio da Rádio Record que resalta a distribuição de ingressos para utilização do Parque Shanghai	<b>Parque Shangai</b>
<b>17/04/1949</b>	"Hoje III Grande Exposição Industrial - Agrícola - Comercial patrocinada pela sociedade rural brasileira"	Anúncio de divulgação da III Grande Exposição Industrial - Agrícola - Comercial destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>16/05/1952</b>	"A caminho da Europa, viajando pelo Vapor Augustus, passou ontem pelo Porto de Santos, o Sr. Don Gaspar Zaragueta".	A notícia revela que Gaspar Zaragueta possuía empreendimentos também em outros países da América do Sul, sendo proprietário dos parques Retiro e Rodó, localizados em Buenos Aires e Montevideu, respectivamente. Além disso, aborda que Zaragueta costumava viajar por diversos países, sobretudo da América e da Europa, em busca de novos equipamentos e atrações de parques de diversões.	<b>Parque Shangai</b>
<b>29/08/1952</b>	"Veemente protesto do Ministério Público em face de acusações feitas na Assembléia. A entidade representativa da classe dos promotores solidariza-se com o sr. Cezar Salgado - condenado a 1 ano de reclusão".	Reportagem que aborda o caso de uma briga no interior do Parque Shanghai em que o sr. Cezar Salgado desferiu vários golpes de faca no sr. Luis Pereira Oliveira.	<b>Parque Shangai</b>
<b>02/09/1954</b>	"Carnaval Americano no Gelo"	A matéria revela que o Parque Shanghai será sede do evento de patinação do Carnaval Americano de Gelo.	<b>Parque Shangai</b>
<b>28/07/1957</b>	"Gran Circo Norte	O anúncio revela que o Parque	<b>Parque</b>

	Americano o espetáculo mais fabuloso do mundo"	Shanghai será sede do evento Gran Circo Norte Americano.	<b>Shangai</b>
<b>30/05/1959</b>	"Para o cliente ser atendido com tôda a comodidade S.A Armando Busseti"	Anúncio da S.A. Armando Busseti comercial e importadora, localizada próxima ao Parque Shanghai, utilizando o mesmo como ponto de referência.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>27/06/1937</b>	"Homenageada a Colonia Portuguesa de São Paulo. Almoço offrecido no recinto da exposição commemorativa do Cinquentenário da Imagração aos componentes do bloco Gallos do Mercado"	A reportagem que aborda o almoço oferecido pelo comissariado executivo da exposição aos membros do bloco Gallos do Mercado no restaurante do Parque Shanghai que estava presente nessa exposição.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>07/09/1940</b>	"Divirta-se no Parque Shanghai"	Anúncio de divulgação das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>22/09/1940</b>	"Visitem à Avenida Água Branca a Feira Nacional de Indústrias"	Anúncio de divulgação da Feira Nacional de Indústrias destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>16/08/1942</b>	"Grande Parque Shanghai com inúmeros e inéditos aparelhos"	Anúncio de divulgação das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>26/12/1943</b>	"Divirta-se hoje na IV Feira Nacional de Indústrias - O maior centro de diversões do Brasil"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>06/01/1944</b>	"Um grande dia de Reis, hoje na IV Feira Nacional de Indústrias"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>09/01/1944</b>	"Com este calor só diversões ao ar livre. Diversões ao ar livre só na IV Feira Nacional de indústrias"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>24/10/1944</b>	"Inventos tecnicos e operários brasileiros, indústrias novas, aviões fabricados em São Paulo, navios e máquinas de guerra, máquinas que fabricam máquinas. Esforço brasileiro de guerra... E mais Parque Shanghai".	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>04/11/1944</b>	"V Feira Nacional de Indústrias. Inauguração 7 de novembro"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>07/11/1944</b>	"V Feira Nacional de	Anúncio de divulgação da IV	<b>Parque</b>

	Indústrias"	Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Shanghai</b>
<b>18/11/1944</b>	"V Feira Nacional de Indústrias"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>26/11/1944</b>	"V Feira Nacional de Indústrias. A maior exposição industrial da América Latina"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>30/12/1944</b>	"V Feira Nacional de Indústrias. A maior exposição industrial da América Latina"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>11/01/1945</b>	"V Feira Nacional de Indústrias. Último mês de funcionamento da maior exposição industrial da América Latina"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>03/02/1945</b>	"V Feira Nacional de Indústrias. A maior exposição industrial da América Latina. Último dia de funcionamento"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>15/07/1945</b>	"Hoje matinée às 14 horas. Parque Shanghai cidade de diversões. Mooca esq. Glicério"	Anúncio de divulgação das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>18/07/1945</b>	"Hoje grandiosa matinée às 15 horas. Parque Shanghai 300 mts. Praça da Sé. Mooca esq. Glicério"	Anúncio de divulgação das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>03/02/1946</b>	"Por motivo de força maior e contra nossa vontade não se apresentará no auditório do Parque Shanghai Orlando Silva. Em seu lugar, no auditório grátis, grandioso show de gala, com os maiores cartases do Rádio da Paulicéia"	Anúncio de divulgação das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>03/03/1948</b>	"II Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial patrocinada pela Sociedade Rural Brasileira"	Anúncio de divulgação da II Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>23/03/1948</b>	"II Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial patrocinada pela Sociedade Rural Brasileira"	Anúncio de divulgação da II Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>

<b>03/04/1948</b>	"Sábado - às 14 horas, 10 do corrente mês reabertura da II Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial patrocinada pela Sociedade Rural Brasileira"	Anúncio de divulgação da II Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>10/04/1948</b>	"Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial. Abrirá seus portões ao público, impreterivelmente, sábado, 17 do corrente, às 15 horas"	Anúncio de divulgação da II Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial revelando o novo dia de sua inauguração.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>16/04/1948</b>	"Reabertura da II Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial patrocinada pela Sociedade Rural Brasileira, amanhã, sábado - às 15 horas"	Anúncio de divulgação da reabertura da II Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>17/04/1948</b>	"Reabertura da II Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial patrocinada pela Sociedade Rural Brasileira, amanhã, sábado - às 15 horas"	Anúncio de divulgação da reabertura da II Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>18/04/1948</b>	"II Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial patrocinada pela Sociedade Rural Brasileira, hoje - às 13 horas"	Anúncio de divulgação da II Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>07/09/1948</b>	"Na Grande Exposição com a colaboração do Parque Shanghai hoje grande queima de fogos de artifício"	Anúncio de divulgação da colaboração do Parque Shanghai com os fogos de artifício na Grande Exposição.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>16/05/1952</b>	"A caminho da Europa, viajando pelo Vapor Augustus, passou ontem pelo Porto de Santos, o Sr. Don Gaspar Zaragueta".	A notícia revela que Gaspar Zaragueta possuía empreendimentos também em outros países da América do sul, sendo proprietário dos parques Retiro e Rodó, localizados em Buenos Aires e Montevideu respectivamente. Além disso, aborda que Zaragueta costumava viajar por diversos países, sobretudo da América e da Europa, em busca de novos equipamentos e atrações de parques de diversões.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>10/10/1954</b>	"Carnaval Americano no	Anúncio de divulgação da venda	<b>Parque</b>

	Gelo"	de ingressos para o evento de patinação Carnaval Americano de Gelo que teve como sede o Parque Shanghai.	<b>Shanghai</b>
<b>24/10/1954</b>	"Carnaval Americano no Gelo"	Anúncio de divulgação da venda de ingressos para o evento de patinação Carnaval Americano de Gelo que teve como sede o Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>02/08/1956</b>	"Diversões Shanghai do Brasil LTDA. (Parque Shanghai). Cumpre o doloroso dever de participar aos seus amigos, o falecimento de seu saudoso e inesquecível auxiliar José Simões Herdade"	Anúncio de divulgação do falecimento de um funcionário do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>21/10/1945</b>	"Divirta-se a vontade cidade de diversões Shanghai - 20 aparelhos, atrações internacionais, recanto infantil, bar e restaurante"	Anúncio de divulgação de atrações do Parque Shanghai. Anúncio cita o nome do proprietário Henrique Zaragueta, herdeiro de Gaspar Zaragueta.	<b>Zaragueta</b>
<b>16/05/1952</b>	"A caminho da Europa, viajando pelo Vapor Augustus, passou ontem pelo Porto de Santos, o Sr. Don Gaspar Zaragueta".	A notícia revela que Gaspar Zaragueta possuía empreendimentos também em outros países da América do Sul, sendo proprietário dos parques Retiro e Rodó, localizados em Buenos Aires e Montevideu, respectivamente. Além disso, aborda que Zaragueta costumava viajar por diversos países, sobretudo da América e da Europa, em busca de novos equipamentos e atrações de parques de diversões.	<b>Zaragueta</b>
<b>17/08/1952</b>	"Faleceu na Espanha"	A notícia revela que Gaspar Zaragueta faleceu em Barcelona, aos sessenta anos de idade.	<b>Zaragueta</b>
<b>14/09/1952</b>	"D. Gaspar José Luiz Zaragueta"	A notícia revela o agradecimento da família de Gaspar Zaragueta as que pessoas que os confortaram pela morte do mesmo.	<b>Zaragueta</b>
<b>19/08/1950</b>	"Carosello Napoletano a pequenos preços"	Espectáculo no Cine Odeon. Poltronas 40 e 60 Crs e Balcão 30 Crs.	<b>Cine Odeon</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL FOLHA DA NOITE (SP)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>14/02/1941</b>		Ingresso Parque Shanghai - Nesta edição do jornal haviam convites impressos para utilização do Parque Shanghai durante o Carnaval. As Grandes Indústrias Minetti-Gamba ofereciam esses convites com a intenção de promover seus produtos nos mesmos.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>10/11/1943</b>	"Hoje, na IV Feira Nacional de Indústrias em espetáculos gratuitos no auditório ou ao ar livre Tupy, o mágico - Amelia Rocha - famosa equilibrista - Irmãos Moya, malabaristas e ginastas excêntricos - Grande Orquestra de Concertos - Otelio Santiago, aplaudido sambista da Rádio Gazeta e Isaura Garcia, a maior intérprete da música popular brasileira em São Paulo".	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>18/11/1943</b>	"Amanhã - Dia da Bandeira - A IV Feira Nacional de Indústrias funcionará desde as 13 hora. 100 mil escolares - dos grupos, asilos e orfanatos - terão entradas gratuitas nos portões e nos divertimentos do Parque Shanghai"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando que no Dia da Bandeira a entrada será gratuita na Feira e nas atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>23/11/1943</b>	"IV Feira Nacional de Indústrias. Abertura hoje às 15 horas"	Anúncio de divulgação da IV Feira Nacional de Indústrias destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>25/10/1944</b>	"Inventos técnicos e operários"	Anúncio de divulgação da V Feira Nacional de Indústrias destacando a	<b>Parque Shanghai</b>

	brasileiros, indústrias novas, aviões fabricados em São Paulo, navios e máquinas de guerra, máquinas que fabricam máquinas. Esforço brasileiro de guerra... E mais Parque Shangai".	presença das atrações do Parque Shanghai.	
<b>03/02/1945</b>	"V Feira Nacional de Indústrias. A maior exposição industrial da América Latina"	Anúncio de divulgação da V Feira Nacional de Indústrias destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>12/02/1947</b>	"Fogo no Parque Shangai"	A matéria relata um incêndio ocorrido no Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>03/05/1947</b>	"Três irmãos agredidos no Parque Shangai"	A notícia revela uma briga entre funcionários e clientes do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>12/06/1948</b>	"Festas Joaninas da Portuguesa de Desportos na Grande Exposição com a colaboração do famoso Parque Shangai"	Anúncio de divulgação das Festas Joaninas promovidas pela Portuguesa de Desportos com a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>20/10/1944</b>	"V Feira Nacional de Indústrias. Demonstração do esforço de guerra brasileiro".	Anúncio de divulgação da V Feira Nacional de Indústrias destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>31/10/1944</b>	"Motores, aviões, siderurgia, materiais de guerra, tecidos, elegância, indústrias diversas, arte, vinhos, inventos de técnicos brasileiros. Tudo isso será visto a partir de 7 de novembro na V Feira Nacional de Indústrias".	Anúncio de divulgação da V Feira Nacional de Indústrias destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>04/11/1944</b>	"V Feira Nacional de Indústrias. Inauguração 7 de novembro"	Anúncio de divulgação da V Feira Nacional de Indústrias destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>06/11/1944</b>	"V Feira Nacional de Indústrias. Amanhã inauguração às 16	Anúncio de divulgação da V Feira Nacional de Indústrias destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>

	horas"		
<b>07/11/1944</b>	"V Feira Nacional de Indústrias"	Anúncio de divulgação da V Feira Nacional de Indústrias destacando a presença das atrações do Parque Shanghai (Saturno, Roda Venesiana). O anúncio exalta também os 28 pavilhões do evento, que contemplaram arte, alimentação e as produções industriais do país. Presença de autoridades diversas, dentre elas, Marcondes Filho, Ministro do Trabalho e Fernando Costa, Interventor Federal em São Paulo. Transmissão das rádios Tupi e Difusora.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>16/12/1944</b>	"V Feira Nacional de Indústrias. A maior exposição industrial da América Latina"	Anúncio de divulgação da V Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>26/11/1944</b>	"V Feira Nacional de Indústrias. A maior exposição industrial da América Latina"	Nessa Exposição o Parque Shanghai apresentou atrações como Roda Infantil, Batedeira, Tartaruga, Trenzinho Elétrico, Chicote, Saturno e Trem Fantasma. Programação de distribuição de prêmios em dinheiro, serviços de bar e restaurante (Umuarama), além de desfile de artistas.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>13/01/1945</b>	"V Feira Nacional de Indústrias. Último mês de funcionamento da maior exposição industrial da América Latina"	Anúncio de divulgação da V Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>19/01/1945</b>	"V Feira Nacional de Indústrias. Última quinzena de funcionamento da maior exposição industrial da América Latina"	Anúncio de divulgação da V Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>05/05/1945</b>	"Estreiou ontem com grande êxito Parque Shanghai apresentando no palco Las Golondrinas e Walter Gonçalves".	Anúncio de divulgação das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>12/07/1946</b>	"Astro máximo da canção argentina em excursão pelo Brasil. O autor criador da Mulita e Pampa Mia. Francisco Amor com suas guitarras	Anúncio de divulgação das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>

	argentinas e conjunto Los Gauchos. Amanhã e Domingo no Parque Shanghai".		
<b>06/12/1946</b>	"Amanhã e domingo Grande Othelo no Parque Shanghai".	Anúncio de divulgação das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>14/12/1946</b>	"O maior artista nacional do cinema nacional Grande Othelo. Trio Tamoyo, Walter Gonçalves, Garotos Vocalistas, Chico da Folha".	Anúncio de divulgação das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>14/05/1949</b>	"Grande Exposição Parque Dom Pedro II. Grande Festa Afro-Brasileira".	Anúncio de divulgação da Grande Exposição Parque Dom Pedro II destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO (SP)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>18/05/1960</b>	"Rádio e TV. Limoeiro e seus Jagunços em junho"	A reportagem revela que a Rádio Record fechou um acordo com o Parque Shanghai para transmitir um programa de Festas Juninas em seu espaço. Ainda aborda que o grupo musical Limoeiro e seus Jagunços seria uma das atrações.	<b>Parque Shangai</b>
<b>24/09/1961</b>	"40 anos de profissão do Palhaço Carequinha"	A reportagem aborda os 40 anos de carreira do Palhaço Carequinha mencionando um disco que este gravou no Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>13/04/1962</b>	"Disco de Carequinha Sucesso na Europa"	A reportagem revela que o disco que o Palhaço Carequinha gravou no Parque Shanghai está fazendo sucesso na Europa.	<b>Parque Shangai</b>
<b>23/11/1963</b>	"Folha adia festa"	A notícia revela o adiamento da Festa do Jornaleiro, que seria promovida pela Folha no Parque Shanghai, pelo motivo do assassinato de J. Kennedy.	<b>Parque Shangai</b>
<b>29/11/1963</b>	"Festa do Jornaleiro"	A notícia revela a realização da Festa do Jornaleiro promovida pela Folha no Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>19/01/1964</b>	"A Casa Anglo Americana S.A. -	A notícia revela a realização da Festa das Crianças promovida	<b>Parque Shangai</b>

	Mappin"	pela Empresa Mappin em benefício de seus funcionários e familiares no Parque Shanghai.	
<b>13/11/1964</b>	"Dia do Jornaleiro"	A notícia revela a realização da Festa do Jornaleiro promovida pela Folha no Parque Shanghai	<b>Parque Shangai</b>
<b>16/11/1964</b>	"Dia do Jornaleiro"	A notícia revela a realização da Festa do Jornaleiro promovida pela Folha no Parque Shanghai	<b>Parque Shangai</b>
<b>04/10/1965</b>	"Assaltantes ferem e roubam dois a pauladas e tiro"	A notícia aborda um assalto ocorrido nas imediações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>13/11/1968</b>	"Três arrojados viadutos em formato de cruz vão surgir na região do Glicério"	A notícia aborda a desapropriação do Parque Shanghai, localizado na região do Parque Dom Pedro II, em função da construção de viadutos.	<b>Parque Shangai</b>
<b>15/12/1968</b>		A notícia aborda o andamento das obras na região onde estava montada a estrutura do Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>08/04/1970</b>	"Seu dinheiro está aqui: fiscalize essas obras"	A notícia aborda o andamento das obras na região onde estava montada a estrutura do Parque Shanghai e o descontentamento de parte da sociedade com as mudanças ocorridas no Parque Dom Pedro II.	<b>Parque Shangai</b>
<b>25/03/1974</b>	"Em São Paulo"	A notícia evidencia a falta que tanto o Parque Shanghai, quanto as áreas verdes do Parque Dom Pedro II fizeram à sociedade paulistana após as obras viárias ocorridas na região.	<b>Parque Shangai</b>
<b>16/02/1975</b>	"Enrique Pio Gaspar Zaragueta"	A notícia revela o agradecimento da família de Enrique Pio Gaspar Zaragueta as pessoas que os confortaram pela morte do mesmo e convoca para missa de 7º dia.	<b>Zaragueta</b>
<b>09/09/2017</b>	"Playcenter renasce menor e com barco viking em shopping na Zona Leste de São Paulo"	Notícia sobre a reabertura do Playcenter no Shopping Aricanduva.	<b>Playcenter</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL CORREIO PAULISTANO (SP)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>20/12/1936</b>	"Paulistas!!! Visitae o certame campineiro! Apreeiae o ruidoso e crescente successo da Exposição-Feira do Centenario de Carlos Gomes"	O Parque Shanghai esteve presente na Grande Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes na cidade de Campinas.	<b>Parque Shangai</b>
<b>09/01/1937</b>	"Exposição-Feira"	O Parque Shanghai esteve presente na Grande Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes na cidade de Campinas. A notícia ainda revela que a empresa Ferraris e Cia eram os concessionários do Parque nessa exposição.	<b>Parque Shangai</b>
<b>24/01/1937</b>	"Inicia-se amanhã a semana de encerramento da Exposição-Feira"	O Parque Shanghai esteve presente na Grande Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes na cidade de Campinas.	<b>Parque Shangai</b>
<b>27/01/1937</b>	"Aproxima-se o encerramento da Grande Exposição-Feira Commemorativa do Centenario do Nascimento de Carlos Gomes"	O Parque Shanghai esteve presente na Grande Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes na cidade de Campinas.	<b>Parque Shangai</b>
<b>28/01/1937</b>	"Grande Exposição-Feira Commemorativa do Centenario do Nascimento de Carlos Gomes"	O Parque Shanghai esteve presente na Grande Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes na cidade de Campinas.	<b>Parque Shangai</b>
<b>21/03/1940</b>	"Grande Exposição Nacionalista. Inauguração na 1º quinzena de julho"	A notícia revela a cooperação do Parque Japonez de Buenos Aires com o Parque Shanghai de São Paulo por meio da disponibilização de equipamentos. Gaspar Zaragueta, proprietário dos dois Parques, era o responsável pela organização dessa parceria, objetivando oferecer um maior número de atrações para o evento em questão.	<b>Parque Shangai</b>
<b>08/09/1940</b>	"Visitem hoje a partir das 13 horas Feira Nacional de Indústrias"	Anúncio da Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>

<b>15/09/1940</b>	"Visitem a Feira Nacional de Indústrias"	Anúncio da Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>10/10/1940</b>	"Semana da criança. Hoje, Dia da criança que trabalha"	Reportagem aborda o oferecimento gratuito das atrações do Parque Shanghai disponíveis da Feira Nacional de Indústrias aos menores que trabalham, bem como aos alunos inscritos nos cursos de Ensino Profissional.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>13/10/1940</b>	"Feira Nacional de Indústrias"	Reportagem da Feira Nacional de Indústrias destacando a presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>30/01/1941</b>	"Diversões de S.M. Rei Momo"	A reportagem destaca a presença do Parque Shanghai na Cidade da Folia durante o Carnaval.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>14/02/1941</b>		Nessa edição do jornal haviam convites impressos para utilização do Parque Shanghai durante o Carnaval. As Grandes Indústrias Minetti-Gamba ofereciam esses convites com a intenção de promover seus produtos nos mesmos.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>16/02/1941</b>	"Os festejos carnavalescos da Cidade da Folia"	A reportagem destaca à presença e as atrações do Parque Shanghai na Cidade da Folia durante o Carnaval.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>25/02/1941</b>	"A Cidade da Folia em sua phase final"	A reportagem destaca à presença e as atrações do Parque Shanghai na Cidade da Folia durante o Carnaval.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>07/09/1940</b>	"Divirta-se no Parque Shanghai"	Anúncio da Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>23/12/1936</b>	"Grande Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes"	A reportagem evidencia que 80% da renda do dia 20/01/1937 da Grande Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes e do Parque Shanghai na foram destinadas para o Hospital das Crianças Pobres Alvaro Ribeiro.	<b>Parque Changai</b>
<b>29/12/1936</b>	"Grande Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes"	A reportagem evidencia que o Parque Shanghai esteve presente na Grande Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de	<b>Parque Changai</b>

		Carlos Gomes na cidade de Campinas. Revela também que o parque foi visitado por milhares de pessoas que se divertiram em seus brinquedos gratuitos. Montado no antigo Jockey campineiro	
<b>03/01/1937</b>	"Exposição-feira"	Os concessionários do Parque os Srs. Ferraris e Cia ofereceram as moças gratuitamente os brinquedos entre 14 e 16 horas.	<b>Parque Changai</b>
<b>20/01/1937</b>	"Exposição-feira"	O Parque Shanghai participou da Exposição-Feira Agropecuária e Industrial ocorrida em Ribeirão Preto, no mês de fevereiro de 1937.	<b>Parque Changai</b>
<b>07/02/1937</b>	"Exposição-feira"	O Parque Shanghai participou da Exposição-Feira Agropecuária e Industrial ocorrida em Ribeirão Preto, no mês de fevereiro de 1937	<b>Parque Changai</b>
<b>05/07/1937</b>	"Comemorou-se brilhantemente o dia da Antártica"	Lanche oferecido pelos diretores da Cia Antártica no bar do Parque Shanghai aos representantes da imprensa.	<b>Parque Changai</b>
<b>08/08/1937</b>	"O Livro Vermelho homenageou a imprensa paulistana"	Lançamento do tradicional Livro Vermelho dos Telefones comemorado pela editora dos irmãos Ancona Lopes ocorreu no Parque Shanghai instalado na Feira do Finquentenário da Imigração Oficial .	<b>Parque Changai</b>
<b>28/12/1937</b>	"Exposição de brinquedos no Parque Dom Pedro II"	Serão colocados fogos de artifício na noite do ano novo na piscina do Parque Shanghai simulando uma batalha naval.	<b>Parque Changai</b>
<b>01/01/1938</b>	"Jundiahy Exposição Viti-Vinícola"	Parque Shanghai participará da 2ª Exposição que comemora a colheita da uva a partir de 15 de janeiro do corrente. O "afamado Parque" que tem feito sucesso no Rio de Janeiro e São Paulo começará a se instalar no recinto e solicitou 8 mil metros quadrados para instalações de brinquedos como roda gigante, carrossel, aviões, bicho de seda, chicote, autodromo, bicho de seda, etc.	<b>Parque Changai</b>
<b>03/01/1939</b>	"Caiu de um Vagão da Montanha Russa"	Notícia revela um acidente ocorrido na montanha russa do Parque Shanghai do Rio de Janeiro em que uma pessoa foi	<b>Parque Changai</b>

		imprudente, pois não usou o cinto de segurança e ficou em pé no brinquedo. Esta acabou lançada sofrendo grave escorição no crânio. Faleceu no hospital.	
<b>10/01/1939</b>	“20 Mil pessoas assistiram a festa da polícia militar. Imponentes solenidades realizadas domingo, na Exposição Nacional do Estado Novo”	Notícia exalta a programação da Feira do Estado Novo ocorrida no Rio de Janeiro. Evidencia que os exercícios equestres ocorreram no recinto do Parque Shanghai. Nesta foi montado um museu da Polícia Militar, realizados jogos desportivos e uma apresentação de orquestra com músicas militares.	<b>Parque Changai</b>
<b>18/09/1940</b>	“Feira Nacional de Indústrias”	Parque Shanghai esteve presente na Feira Nacional de Indústrias no Parque Antarctica com brinquedos como o trem fantasma, montanha russa e o bicho de seda.	<b>Parque Changai</b>
<b>29/09/1940</b>	“Feira Nacional de Indústrias sob auspícios da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo demonstração brilhante da pujança econômica do Brasil”	Notícia exalta o Parque Shanghai como o maior da América do Sul.	<b>Parque Changai</b>
<b>20/10/1940</b>	“Feira Nacional de Indústrias”	Resumo das atrações que estiveram na Feira. Juan Daniel, cantor romântico mexicano; Mari-alba, com bailados acrobáticos; Gina Bianchi, com canções italianas; Carlos Tovar e Gremio Escola Dramática.	<b>Parque Changai</b>
<b>16/01/1941</b>	“Inauguração da Cidade da Folia”	Reportagem revela que na Cidade da Folia as pessoas poderão se divertir nos alucinantes brinquedos do Parque Shanghai. Alerta os foliões de São Paulo que deixem as máguas de lado, com dinheiro e sem dinheiro encontrarão na Cidade da Folia um ambiente encantador onde esquecerão as agruras da crise e darão expansão ao seu espírito carnavalesco. Descrição dos cordões e escolas que participarão do evento.	<b>Parque Changai</b>
<b>16/01/1941</b>	“Bailes organizados na Campanha Contra o stádio, no Gymnasio do stádio	Carnaval no Estádio do Pacaembu. Bailes beneficentes, colaboração na Campanha	<b>Parque Changai</b>

	Municipal do Pacaembu”	Contra o Câncer.	
<b>25/01/1941</b>	“Calouros Carnavalescos”	Reportagem que revela na Cidade da Folia estão presentes equipamentos como a montanha russa, autódromo e trem fantasma do Parque Shanghai. Desfile das sociedades carnavalescas. Cortejo com mais de 2 mil pessoas esperado para recepção do Rei Momo que sairá do Anhangabaú. Homenagens ao Rei Momo e participação de escolas e cordões que desfilaram durante o carnaval. Descrição do percurso e posse do Rei Momo.	<b>Parque Changai</b>
<b>26/01/1941</b>	“Bailes ao ar livre”	Reportagem que revela na Cidade da Folia foram montados 3 tablados para bailar.	<b>Parque Changai</b>
<b>26/01/1941</b>	“Carnaval Beneficente”	Carnaval no Estádio do Pacaembu. Bailes beneficentes, colaboração a Escola Nocturna Paula Sousa	<b>Parque Changai</b>
<b>28/01/1941</b>	"Agredido um empregado do Parque Changai"	A notícia revela uma briga entre funcionários no Parque Shanghai.	<b>Parque Changai</b>
<b>13/02/1941</b>	“Carnaval é no Odeon”	Descrição da estrutura dos bailes de carnaval promovidos pelo Cine Odeon	<b>Parque Changai</b>
<b>13/02/1941</b>	“Portaria do Juizo de Menos sobre as actividades carnavalescas”	Regras estabelecidas para os menores desfrutarem do carnaval, proibições para determinados festejos, limites de idades.	<b>Parque Changai</b>
<b>14/02/1941</b>	“As Actividades na Cidade da Folia”	Federação das Pequenas Sociedades Carnavalescas promove concursos de fantasias e enredos entre ranchos, blocos, escolas, cordões de samba e grupos regionais associados presentes nos festejos pré carnaval.	<b>Parque Changai</b>
<b>14/02/1941</b>	"Outro decreto do Rei Momo"	Reportagem anuncia a decisão do Rei momo de que os brinquedos do Parque Shanghai serão franqueados de graça para as crianças nos dias 09/02/1941 e 16/02/1941 durante os festejos de carnaval.	<b>Parque Changai</b>
<b>15/02/1941</b>	“As actividades da Cidade da Folia”	Reportagem anuncia que o Rei Momo distribuirá vales por bairros de São Paulo para as crianças brincarem	<b>Parque Changai</b>

		gratuitamente nos brinquedos do Parque Shanghai. passou por bairros como Higienópolis, Cambuci, Glória, Bela Vista, Lavapés, Paraíso e Liberdade.	
<b>15/02/1941</b>	“Quatros Grandes Bailes no Odeon”	Estruturas dos bailes promovidos pelo Cine Odeon.	<b>Parque Changai</b>
<b>15/02/1941</b>	“O Baile beneficente, hoje inaugurando o Pacaembu”	Pacaembu se notabilizou em 1941 por sediar bailes beneficentes para diversas campanhas. Promoveu também bailes infantis e de gala. Nessa data ocorreu um baile em benefício da Casa Maternal e da Infância.	<b>Parque Changai</b>
<b>19/02/1941</b>	“Os bailes de carnaval no Odeon”	Descrição dos bailes de carnaval promovidos pelo Odeon.	<b>Parque Changai</b>
<b>25/02/1941</b>	“Despede-se hoje o Rei Momo”	reportagem anuncia o fim do carnaval paulista elucidando a distribuição de vales para brincar gratuitamente no parque shanghai durante o carnaval. descrição da atuação Rei Momo e agradecimento a disciplina e obediência dos paulistas.	<b>Parque Changai</b>
<b>27/09/1941</b>	“Feira Nacional de Indústrias Avenida Agua Branca Parque Antartica”	Anúncio que evidencia a presença do parque. bem como de outras empresas, dentre elas, Fábrica Aliança, Empresa Mercúrio na Feira Nacional de Indústrias	<b>Parque Changai</b>
<b>11/10/1942</b>	"Feira Nacional de Indústrias"	Anúncio da Feira Nacional de Indústrias destacando à presença das atrações do Parque Shanghai. O anúncio em questão é um tirinha em quadrinhos que promove os principais brinquedos e o preço baixo.	<b>Parque Changai</b>
<b>20/03/1937</b>	"O que será o parque de diversões da Grande Exposição Commemorativa do Cinquentenário da Imigração Official no Estado de S. Paulo"	Entrevista com Gaspar Zaragueta, proprietário do Parque Shanghai, discutindo a estrutura do evento e as atrações de diversões que foram disponibilizadas para o mesmo.	<b>Zaragueta</b>
<b>22/03/1937</b>	"Grande Exposição Commemorativa do Cinquentenário da Imigração Official do Estado. Foi montado no recinto do Parque Pedro II o maior parque de diversões	Entrevista com Gaspar Zaragueta, proprietário do Parque Shanghai, discutindo a estrutura do evento e as atrações de diversões que foram disponibilizadas para o mesmo.	<b>Zaragueta</b>

	do América do Sul. Duas Palavras com o sr. Gaspar Zaragueta, director e proprietario dos parques de Buenos Aires, Montividéo, Mar del Plata e São Paulo".		
<b>25/05/1937</b>	"Exposição de São Paulo. No importante certame do Parque Pedro II sera hoje festivamente comemorada a data da independência da Argentina"	A reportagem revela que será realizada uma homenagem a Argentina em função de sua independência patrocinada pelo proprietário do Parque Shanghai.	<b>Zaragueta</b>
<b>22/07/1937</b>	"O publico quer sempre novas emoções. O Correio Paulistano ouve o sr. Gaspar Zaragueta, Director-proprietario do parque de diversões da grande exposição do Cinquentenario da imigração na vespera de seu embarque para Europa".	Concepções empreendedoras do proprietário do Parque Shanghai. Gaspar Zaragueta acreditava que o lazer era dinâmico, pois o público sempre ansiava por novas emoções.	<b>Zaragueta</b>
<b>23/07/1937</b>	"Grande Exposição de São Paulo"	Notícia revela a presença do Parque Shanghai na exposição comemorativa do cinquentenario da imigração oficial no Parque D. Pedro II e a viagem de seu proprietário Gaspar Zaragueta a Paris para buscar ideias e equipamentos para seu empreendimento no Brasil.	<b>Zaragueta</b>
<b>22/03/1940</b>	"A Grande Exposição Nacionalista"	A reportagem aborda a chegada de Gaspar Zaragueta em São Paulo, vindo de Buenos Aires. Além disso, descreve alguns empreendimentos do mesmo e a participação do Parque Shanghai na Grande Exposição Nacionalista.	<b>Zaragueta</b>
<b>13/05/1914</b>	"Parecer nº51 da Comissão de Justiça"	Solicitação para implantação de um parque de diversões no Vale do Anhangabaú	<b>Parque de Diversões</b>
<b>24/04/1925</b>		Notícia sobre o parque de diversões do Gonzaga, localizado em Santos, de Turíbio Gimenez, que se destacava pela promoção de ações beneficentes em seu espaço.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>25/10/1926</b>		Notícia sobre a existência de um parque de diversões em Ribeirão Preto ligado a	<b>Parque de Diversões</b>

		Empresa Ciciola	
<b>07/11/1926</b>		Notícia sobre os parques de diversões montados nas Feiras Industriais ocorridas no Palácio das Indústrias na capital	<b>Parque de Diversões</b>
<b>11/03/1928</b>	“Polícia do Estado”	Pedido negado de transferência de um parque de diversões que le localizava no Cambuci de propriedade de Nagib Antonio.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>12/05/1928</b>	“Exercício de 1928. Imposto de Comércio e Indústria”	Parque de Toríbio Ximenez na Rua São Jorge arrecadou 1:000\$000.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>18/08/1935</b>	“Odeon - Sala Vermelha. Às 14,25 horas. Soirée, às 19,30 e 21,30 horas. A mascote do regimento, Shirley Temple e Lionel Barrymore. Preços: Poltronas 3 Mil Reis, Meias entradas 1500 Reis. A Noite: Poltronas 4 mil Reis, meias entradas e balcão 2 mil reis”	Preços Cinema, 1935.	<b>Cine Odeon</b>
<b>17/01/1937</b>	“Dois espetáculos hoje no Theatro Colombo”	Companhia Miramar com o espetáculo "Mas que Mulher", Matinee custando 2 mil Reis. A noite o espetáculo "O secretário de sua Excellencia" 3 mil Reis.	<b>Theatro Colombo</b>
<b>20/08/1940</b>	“Theatro Municipal. Granda Companhia Lyrica Official. Estréa com apparatusa opera-baile de Verdi”	Preços Theatro Municipal. Frisas e Camarote de 1º 450 Mil Reis, Camarotes de Foyer 325 mil Reis, Camarotes de 2º 225 mil Reis, Poltronas 90 mil Reis, Balcões 85mil Reis, cadeiras de foyer 65 mil Reis, Galerias e Anfiteatro 30mil Reis.	<b>Theatro Municipal</b>
<b>06/07/1914</b>	"Raid São Paulo-Rio". “O glorioso aviador paulista Edú Chaves fez hontem inesperadamente um brilhante raid de S. Paulo ao Rio - Quatro Horas e 25 minutos de viagem"	Vôo Edu Chaves de São Paulo para o Rio de Janeiro	<b>Edu Chaves</b>
<b>13/01/1935</b>	“Uma homenagem a imprensa. O srs Ferraris e Cia ofereceram aos jornalistas um almoço no Luna Parque”	Fotografia do Almoço no Luna Parque. Homenagens a imprensa e autoridades de São Paulo.	<b>Ferraris e Cia</b>
<b>14/12/1935</b>	“Reabertura do Luna Parque Antarctica”	Indica atividades que contemplaram a reabertura, dentre elas um concurso de jazz.	<b>Ferraris e Cia</b>
<b>06/12/1936</b>	“Churrasco a imprensa em	O Parque Shanghai esteve	<b>Ferraris e Cia</b>

	Campinas”	presente na Grande Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes na cidade de Campinas. A notícia ainda revela que a empresa Ferraris e Cia era a concessionária do Parque Shanghai nessa exposição.	
<b>08/12/1936</b>	“Preparativos para Exposição-Feira de Campinas”	Fotografia do Parque em que aparece uma roda gigante. Notícia evidencia que a empresa Ferraris e Cia era a concessionária do Parque Shanghai, revela ações de caridade com a doação dos lucros a instituições de Campinas e o franqueamento de brinquedos a escolas públicas.	<b>Ferraris e Cia</b>
<b>10/01/1937</b>	“Exposição-Feira”	Brinquedos oferecidos no Parque Shanghai instalado na Exposição entre 14 e 24 horas.	<b>Ferraris e Cia</b>
<b>13/05/1937</b>	“Os campeões brasileiros de natação visitaram ontem a Grande Exposição de São Paulo”	A empresa Ferraris e Cia receberam os atletas no parque de diversões instalado na feira	<b>Ferraris e Cia</b>
<b>06/06/1937</b>		Anúncio de venda da Rotisserie Ferraris e Cia.	<b>Ferraris e Cia</b>
<b>23/07/1937</b>	“Grande Exposição de São Paulo”	Notícia evidencia a relação entre José Luis Gaspar Zaragueta e a Empresa Ferraris e Cia. Exalta o trabalho em conjunto para o oferecimento do maior parque de diversão da América do Sul. Discorre sobre jantar oferecido a Zaragueta na Rotisserie Ferraris e Cia, que estava com embarque marcado para Paris.	<b>Ferraris e Cia</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL DE CORREIO DE SÃO PAULO (SP)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>12/06/1937</b>	“A bandeira japonesa flutuava no Parque Shanghai”	Reportagem aponta a solicitação de membros da comunidade chinesa para troca da bandeira do Japão por uma da China, que fazia alusão ao Parque instalado na Exposição do Centenário da Imigração Oficial.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>28/12/1936</b>	“Exposição Feira do Centenário de Carlos Gomes em Campinas”	Anúncio divulga que os equipamentos do Parque Shanghai da Feira de Amostras no Rio estavam disponíveis no certame de Campinas.	<b>Parque Shanghai</b>

		Concessionários Ferraris e Cia, do Luna Parque eram os responsáveis.	
<b>06/06/1933</b>	“Luna Park Antarctica”	Ferraris e Cia arrendaram o Parque Antarctica e reabrirão o Luna Park. Rotisserie Ferraris será a responsável pelos alimentos.	<b>Ferraris e Cia</b>
<b>17/12/1935</b>	“Está reaberto ao público o Luna Park Antarctica”	Anúncio reportando a reabertura do Luna Park, idealizado pelos srs Ferraris e Cia e localizado na Água Branca	<b>Ferraris e Cia</b>
<b>28/12/1936</b>	“Mais de 50 mil pessoas já visitaram a Exposição Feira”	Notícia que divulga presença do Parque Shanghai na Exposição Carlos Gomes. Revela que a Empresa Ferraris e Cia é a concessionária do Parque Shanghai e que anteriormente já havia idealizado o Luna Park Antarctica.	<b>Ferraris e Cia</b>
<b>04/07/1932</b>	“Parque de Diversões Ideal”	Anexo ao Bar Ideal, à Rua Anhangabau, 62 está funcionando o novo parque de diversões. Parque equipado com estrutura esportiva, tiro ao alvo, pistas, restaurante. Proprietário é Antonio Ventura.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>11/07/1933</b>	“No Parque de Diversões da Rua José Paulino”	Parque de diversões no Bom Retiro.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>25/12/1933</b>	“O prefeito da capital visita o Luna Parque Antarctica”	Menção a concessionários Srs Ferraris e Cia. Segundo notícia os concessionários eram Vicente Coccozza e João Ferraris. Parque de diversão na Avenida Água Branca. Oferecia o equipamento Auto-Pista.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>07/02/1934</b>	“Os festejos carnavalescos no Luna Parque Antarctica marcarão época”	Foi atração do Carnaval de 1934. Aparentemente espaço que agregaria elites, bandas de jazz, decoração sob a responsabilidade do artista Gentile e Sercelli. Outras notícias colocam que o parque era marcado pela distinção. Promovia shows de artistas estrangeiros, como Roberto Diaz de Buenos Aires.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>28/04/1934</b>	“São Paulo e sua 4ª feira de amostras. Abatimento de 50% em todas as estradas de ferro”	Feira ocorrida no Parque da Água Branca. Exposição das últimas conquistas do comércio, indústria e agricultura nacional. "Exaltação do poder Cyclopico da economia Paulista". "Indústria Gigantesca e operosidade incansável". Haverá um parque de diversões com todas as características dos estrangeiros.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>04/12/1934</b>	“Um colossal parque de diversões em São Paulo”	Instalação do Parque de Diversões Schippers-Vanderville, que tinha como representante José Schippers, na praça Marechal Deodoro, onde funcionava o Circo Piolin e outro a rua das Palmeiras, esquina da Rua Olympia,	<b>Parque de Diversões</b>

		defronte ao Mercado Orion. Equipamentos do parque haviam feito sucesso na Feira de Amostras do Rio de Janeiro.	
06/12/1934	“Parque de Diversões”	Descrição dos equipamentos do Parque de Diversões Schippers-Vanderville. Vindo da Feira da Amostras do Rio de Janeiro esse parque o material pesa mais de 100 toneladas, um vultoso material de diversões. Comparado em termos de estrutura ao Circo Sarrasani. Parque composto por montanha russa, roda gigante, carrossel, tiro ao alvo, tobogã, auto-pista, chicote, etc...	<b>Parque de Diversões</b>
04/09/1935	“5º Feira de Amostras de São Paulo”	Parque de diversão era uma das atrações da feira. Abrigou pavilhões com produtos químicos, mobiliários, modas, manufaturas. Evento realizado no Parque da Água Branca.	<b>Parque de Diversões</b>
03/10/1936	“Parque de Diversões”	Venda de equipamentos de parque de diversões localizado na Rua Engenheiro Andrade Junior, nº77.	<b>Parque de Diversões</b>
01/09/1932	“Theatro Municipal”	Grandioso Festival em Benefício da Cruz Azul de São Paulo. Vinte artistas de renome tomarão parte do festival. Preço das entradas Frizas e Camarotes 100 mil reis, Camarotes de segunda 80 mil reis, Camarotes de Foyer 40 Mil Reis, Poltronas e Balcões 10 mil reis, Cadeiras de Foyer 8mil reis, Galerias 3 mil reis.	<b>Theatro Municipal</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL DE NOTÍCIAS (SP)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
08/12/1946	"No auditório grátis o maior artista do cinema nacional Grande Othelo"	Anúncio de divulgação de atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
22/12/1946	"A direção do Parque cumprimenta o distinto público de São Paulo, desejando-lhes um feliz natal e apresenta o seguinte show Adoniram Barbosa em Barbosadas do Barbosa"	Anúncio de divulgação de atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
01/01/1947	"Diretamente do Rio... Ele... Ataulfo Alves e suas pastoras"	Anúncio de divulgação de atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
06/05/1947	"Sete pessoas	A notícia revela uma briga entre	<b>Parque</b>

	envolvidas num conflito ocorrido no Parque Shangai"	funcionários e clientes do Parque Shanghai.	<b>Shangai</b>
<b>27/07/1947</b>	"Exploração na Feira da Sociedade Rural"	A notícia revela a denúncia de um leitor do jornal sobre os preços abusivos que estão sendo cobrados no evento, inclusive nas atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>16/09/1948</b>	"Campanha de Alimentação"	A notícia aborda a implantação de uma campanha de alimentação no Parque Shanghai, instalado na Exposição Comercial e Industrial.	<b>Parque Shangai</b>
<b>18/12/1948</b>	"Natal dos Filhos dos Servidores Municipais"	Noticia revela que será realizado no recinto do Parque Shanghai o festejo de natal para os filhos dos servidores municipais. A festa ocorrerá entre 9 e 12 horas do dia 26 de dezembro e haverá distribuição de brinquedos e ingressos para as atrações do Parque Shanghai. Esposa do governador, Leonor Mendes de Barros compareceu.	<b>Parque Shangai</b>
<b>02/04/1949</b>	"Ordem do dia"	A notícia aborda discussões políticas sobre a utilização do espaço do Parque Dom Pedro II. O Parque Shanghai estava instalado na região em função da Exposição Industrial, Agrícola e Comercial, e seus defensores alegavam a importância da manutenção do mesmo após o término do evento, pois o Parque promovia filantropia.	<b>Parque Shangai</b>
<b>19/07/1949</b>	"Desumanamente despejadas pela Prefeitura mais de 30 famílias da Favela Prestes Maia"	A reportagem descreve a destruição de uma favela instalada na região do Glicério em função da instalação do Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>20/07/1949</b>	"Dezenas de famílias ficaram sem teto para dar lugar ao Parque Shanghai"	A reportagem descreve a destruição de uma favela instalada na região do Glicério em função da instalação do Parque Shanghai. A notícia ainda revela que a demolição da favela não foi autorizada pela prefeitura.	<b>Parque Shangai</b>
<b>25/09/1949</b>	"Obstruída pelas instalações do Parque Shangai grande parte de um aprasível logradouro publico"	A reportagem aborda o conflito em torno da permanência do Parque Shangai no entorno do Parque Dom Pedro II. Além do episódio da demolição de uma favela localizada na região, as autoridades políticas alegavam que o Parque estava prejudicando a campanha de arborização da Capital Paulista.	<b>Parque Shangai</b>

<b>25/09/1949</b>	"Obstruídas pelas..."	A reportagem relata o conflito em torno da permanência do Parque Shangai no entorno do Parque Dom Pedro II. O Parque Shangai prejudicava a Campanha de Arborização da Cidade.	<b>Parque Shangai</b>
<b>25/09/1949</b>	"Parque Shangai e quem impera"	A notícia evidencia uma crítica ao proprietário do Parque Shangai, Enrique Zaragueta, revelando que este era membro do conselho diretor da Exposição Industrial, Agrícola e Comercial e que este evento era apenas um rótulo para promover seu empreendimento.	<b>Parque Shangai</b>
<b>18/10/1949</b>	"Criaram raízes as instalações do Parque Shangai"	A notícia expõe uma crítica ao Parque Shangai relatando o desrespeito ao prazo do alvará de funcionamento, a arbitrariedade contra os moradores de uma favela localizada na região, a incidência de jogatinas irrulares em seu interior e o prejuízo a campanha de arborização da cidade.	<b>Parque Shangai</b>
<b>01/11/1949</b>	"Retiradas do Parque Dom Pedro II as instalações do Parque Shangai"	A notícia aborda a desapropriação do Parque Shangai determinada pelo Prefeito Asdrubal da Cunha após insistentes pedidos do Legislativo Municipal.	<b>Parque Shangai</b>
<b>02/11/1949</b>	"Insignificante a caução do Parque Shangai para recuperação parcial do Parque Dom Pedro II"	A notícia revela que uma cláusula contratual diminuiu sensivelmente o recolhimento obrigatório da empresa aos cofres municipais para as obras de arruamento e ajardinamento.	<b>Parque Shangai</b>
<b>04/11/1949</b>	"Recuperação do Parque Pedro II"	A notícia revela que a Prefeitura acabou arcando com grande parte dos custos das obras de arruamento e ajardinamento para recuperação da área em que o Parque Shangai estava instalado diante da baixor valor arrecadado no contrato firmado com seus administradores.	<b>Parque Shangai</b>
<b>06/11/1949</b>	"Abertura de inquérito na Prefeitura para apurar eventual evasão de rendas"	A notícia revela que a Prefeitura abriu um inquérito para investigar uma possível evasão de rendas por parte dos organizadores da Exposição Industrial, Agrícola e Comercial no acordo que concessão do espaço para a realização do evento, que teve a presença do Parque Shangai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>28/01/1950</b>	"Reabertura hoje do Parque Shangai"	A notícia revela que o Parque será reaberto na rua Glicério, esquina da Avenida do Estado e destinará toda	<b>Parque Shangai</b>

		a renda do dia para a campanha contra a tuberculose promovida pela Bandeira Paulista Contra a Tuberculose.	
<b>24/12/1950</b>	"Atrações dessa semana no Grande Carnaval Salton apresenta. Hoje, Marlene, amanhã, Vocalistas Tropicais, quarta-feira, Emilinha Borba, sexta-feira, Francisco Alves, diretamente do auditório do Parque Shangai"	Anúncio de divulgação de atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>27/12/1950</b>	"Grande Carnaval Salton apresenta, hoje às 21,30hs, Emilinha Borba diretamente do auditório do Parque Shangai"	Anúncio de divulgação de atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>08/01/1951</b>	"Carnaval Salton apresenta, hoje às 21,30hs, diretamente do auditório do Parque Shangai Black-Out"	Anúncio de divulgação de atrações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>18/09/1951</b>	"Prostrou gravemente ferido o operário"	A notícia revela que um funcionário do Parque Shanghai foi esfaqueado por um cliente no interior do Parque. O funcionário foi internado no Hospital das Clínicas e o cliente preso.	<b>Parque Shangai</b>
<b>06/05/1951</b>	"Teatro do Comerciário"	Teatro promovido pelo SESC a família comerciária no Cine Odeon. Peça Dias Felizes com ingresso a 5 Crs.	<b>Cine Odeon</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL MUNDO ESPORTIVO (SP)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>13/12/1946</b>	"Parque Shangai"	Anúncio do show de Grande Otelo, Trio Tamoio e Garotos Vocalistas.	<b>Parque Shangai</b>
<b>15/04/1949</b>	"III Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial patrocinada pela	Anúncio sobre participação do Parque Shanghai no evento com 30 aparelhos mecânicos.	<b>Parque Shangai</b>

	sociedade rural brasileira”		
<b>17/06/1954</b>	Festas Joaninas Portuguesa de Desportos de	Anúncio sobre a Festa Joanina promovida pela Portuguesa de Desportos no Parque Shanghai. 30 brinquedos mecânicos ofertados.	<b>Parque Shangai</b>
<b>24/01/1947</b>	“Teatro Municipal. Il Trovatore de Verdi”	Evento no Teatro Municipal. Frisas e Camarotes de 1° 300 Crs, Camarotes Foyer Crs 250 Crs, Camarotes de 2° 150 Crs, Poltronas e Balcões 60 Crs, Cadeiras Foyer 50 Crs, Galerias 20 Crs, Anfiteatro 12 Crs.	<b>Theatro Municipal</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NO JORNAL O GOVERNADOR (SP)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>02/12/1954</b>	“Correio do circo”	Notícia aponta que o humorista Zé Fidelis da Rádio Record esteve no Parque Shanghai	<b>Parque Shangai</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NO JORNAL PASQUINO COLONIALE (SP)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>11/09/1937</b>	“Cia Antarctica Paulista”	Menção ao Parque Shanghai no jornal da comunidade italiana	<b>Parque Shangai</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS NO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO (SP)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>07/02/1941</b>	“Carnaval Paulista - Cidade da Folia”	Carnaval sublime de PRA-5 Rádio São Paulo na cidade da folia oferecerá a criançada paulista 28 aparelhos do "Parque Changai", o maior parque da América do Sul, franqueados no domingo próximo das 14 às 18 horas, à garotada.	<b>Parque Shangai</b>
<b>09/02/1941</b>	O carnaval na "cidade da folia" - Franqueados todas as crianças, hoje à tarde, os brinquedos do Parque Shangai - os bailes de hontem e de hoje no Parque	Carnaval sublime de PRA-5 Rádio São Paulo na cidade da folia oferecerá a criançada paulista 22 aparelhos do "Parque Changai", o maior parque da América do Sul, franqueados aos garotos paulistanos que se apresentaram na Cidade da Folia acompanhados dos pais.	<b>Parque Shangai</b>

	Antarctica - o carnaval nas sociedades.		
<b>11/02/1941</b>	“Cidade da Folia”	Carnaval sublime e Rei momo, franquearão aos meninos e meninas brinquedos do Parque Shangai das 14 às 18 horas na Cidade da Folia, entre eles roda gigante e Trem Fantasma.	<b>Parque Shangai</b>
<b>16/02/1941</b>	“Acontecimentos na Cidade da Folia - Brinquedos Grátis para a criançada no Parque Shangai”	Carnaval sublime de PRA-5 Rádio São Paulo na cidade da folia oferecerá a criançada paulista 22 aparelhos do "Parque Changai", o maior parque da América do Sul, franqueados aos garotos paulistanos. Rei momo da Cidade da Folia distribuiu mais de 20 mil ingressos para os brinquedos nos bairros próximos do evento.	<b>Parque Shangai</b>
<b>13/10/1943</b>	“Mais de três centenas de expositores vão divulgar o resultado dos esforços na "IV Feira Nacional de Indústria" - Muito aumentado o Parque Shangai a fim de oferecer diversões a todos os gostos e todas as idades”	Excepcional caráter nacionalista ocorrida no Parque Antarctica. Mais de três centenas de expositores. O recinto do Pq. Antarctica se transformou num lugar de diversões coletivas. Todas as invenções que o homem inventou enriquecerão o aparelhamento do Parque Changai, para o gáudio dos paulistas.	<b>Parque Shangai</b>
<b>16/01/1953</b>	“Programa de Festas”	Participação do Parque Shangai na Exposição Viltvinícola em Jundiá.	<b>Parque Shangai</b>
<b>28/06/1953</b>	“Repressão ao Jogo em Clubes Esportivos”	Denúncia e fechamento de jogos de azar no recinto do Parque Shangai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>05/12/1953</b>	“Para os filhos dos comerciários”	SESC promoverá o natal do filho do comerciário. Os filhos dos comerciários poderão a partir das 13 brincar em um brinquedo e assistir ao show gentilmente cedidos pelo proprietário do Parque - Distribuição de ingressos e cartões que darão direito a um brinquedo por criança distribuídos nos centros sociais do Sesc.	<b>Parque Shangai</b>
<b>17/12/1953</b>	“Filho do Comerciário”	SESC promoverá o natal do filho do comerciário. Os filhos dos comerciários poderão a partir das 13 brincar em um brinquedo e assistir ao show gentilmente cedidos pelo proprietário do Parque - Distribuição de ingressos e cartões que darão direito a um brinquedo por criança distribuídos nos centros sociais do Sesc.	<b>Parque Shangai</b>

<b>19/06/1954</b>	“Ciclismo”	Parque Shangai como ponto de concentração para prova de ciclismo que será realizada na Avenida Passos.	<b>Parque Shangai</b>
<b>10/12/1954</b>	“Natal do Filho do Comerciarío”	SESC promoverá o natal do filho do comerciarío - Haverá distribuição de brinquedos do Parque Shangai entre as 13 e 15 horas gentilmente cedidos pelo proprietário do Parque. Distribuição de ingressos e cartões que darão direito a um brinquedo por criança distribuidos nos centros sociais do Sesc.	<b>Parque Shangai</b>
<b>11/12/1954</b>	“Natal do Filho do Comerciarío”	SESC promoverá o natal do filho do comerciarío - Haverá distribuição de brinquedos do Parque Shangai entre as 13 e 15 horas gentilmente cedidos pelo proprietário do Parque. Distribuição de ingressos e cartões que darão direito a um brinquedo por criança distribuidos nos centros sociais do Sesc.	<b>Parque Shangai</b>
<b>12/12/1954</b>	“Natal do Filho do Comerciarío”	SESC promoverá o natal do filho do comerciarío - Haverá distribuição de brinquedos do Parque Shangai entre as 13 e 15 horas gentilmente cedidos pelo proprietário do Parque. Distribuição de ingressos e cartões que darão direito a um brinquedo por criança distribuidos nos centros sociais do Sesc.	<b>Parque Shangai</b>
<b>10/12/1955</b>	“Festa de Natal do filho do comerciarío”	Entre as 13 e 15 horas se realizará a festa do comerciarío no Parque Shangai. Haverá distribuição de brinquedos e guloseimas. Retirada de ingressos por meio do cartão de matrícula em centros sociais do Sesc.	<b>Parque Shangai</b>
<b>16/12/1955</b>	“Festa de Natal do filho do comerciarío”	Entre as 13 e 15 horas se realizará a festa do comerciarío no Parque Shangai. Haverá distribuição de brinquedos e guloseimas. Retirada de ingressos por meio do cartão de matrícula em centros sociais do Sesc.	<b>Parque Shangai</b>
<b>17/12/1955</b>	“Festa de Natal do filho do comerciarío”	Entre as 13 e 15 horas se realizará a festa do comerciarío no Parque Shangai. Haverá distribuição de brinquedos e guloseimas.	<b>Parque Shangai</b>
<b>20/11/1955</b>	“Agressão”	Agressão a tiros em frente ao Parque Shangai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>09/10/1956</b>	“Notas Policiais.Ferida por uma leoa no circo”	Mulher é ferida por leoa no Circo Garcia instalado no Parque Shangai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>22/12/1956</b>	“Festa de Natal dos Filhos dos Empregados da	Distribuição de ingressos para Festa que ocorrerá no Parque Shangai na Festa realizada no Estádio do	<b>Parque Shangai</b>

	CMTC”	Pacaembu.	
<b>11/03/1960</b>	“Domingo”	Notícia revela os inúmeros atrativos do Parque Shanghai e a instalação de um circo em suas proximidades e suas atrações.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>06/01/1961</b>	“Restauração da Quinta da Boa Vista”	Governo do Estado da Guanabara abriu crédito de 60 milhões de Cruzeiros para restauração da Quinta da Boa Vista e o Parque Shanghai deverá ser transferido de local.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>12/11/1968</b>	“Shanghai já não existe”	Breve histórico da atuação do Parque Shanghai no Parque Dom Pedro II. Entrevista com Berthold Wronke sobre o comunicado e retirada do parque daquele espaço.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>25/09/1969</b>	“Viaduto”	Notícia sobre a construção do I Viaduto no Parque Dom Pedro II nas imediações do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>15/05/1970</b>	“Ajardinamento no Parque Dom Pedro”	Contratação de serviços para o ajardinamento e de urbanização para uma área de frente ao local onde se situava o Parque Shanghai. Serão colocados bancos, aparelhos de ornamentação, Chafariz, áreas de recreação, sanitários. Obra custará dois milhões de cruzeiros.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>27/04/1971</b>	“Viaduto vai alterar Trânsito no Parque”	Explicação das obras viárias no Parque Dom Pedro II responsáveis pela saída do Parque Shanghai da região.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>01/10/1972</b>	“Penha sobe o morro é festa da padroeira”	Abertura dos Festejos de Nossa Senhora da Penha, Parque Shanghai uma das atrações que animará festejos.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>30/08/1988</b>	“A mulher gorila agora ataca de revista”	Notícia aborda sobre a Revista Monga. Nome em homenagem ao Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>13/05/1992</b>	“Espelhos enchem de riso o Aricanduva”	Notícia aborda sobre os espelhos de riso que eram atração do Parque Shanghai nas décadas de 1940 e 50. Referência ao Circo Garcia.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>28/01/2011</b>	“A tarde em que descobri a televisão”	Inácio de Loyola Brandão expõe um dia que comprou um balão vermelho para Marlene, estrelinha do cinema.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>21/01/2011</b>	“Visão pessoal”	Notícia expõe a obra do Jornalista Heródoto Barbeiro que conta suas memórias no Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>07/09/1940</b>	“Feira Nacional de Indústrias sob os auspícios da federação das indústrias do Estado de São Paulo -	Anúncio que detém uma montanha russa.	<b>Parque Shanghai</b>

	Divirta-se no Parque Shanghai - O maior parque de diversões da América do Sul. 40 aparelhos diferentes”		
<b>19/11/1944</b>	“V Feira Nacional de Industrias”	Avenida Água Branca - Pq Antarctica/ Parque Shanghai, o maior parque de diversões da América do Sul apresenta: Saturno, Roda infantil, trezinho elétrico, absolutas novidades para São Paulo.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>04/03/1948</b>	“II Grande Exposição Industrial, Agrícola, Comercial Patrocinada pela Sociedade Rural Brasileira”	Parque Shanghai - O maior centro de diversões do Brasil no mais central Jardim de São Paulo - 30 Aparelhos Mecânicos, entre os quais: Piloto Bombardeiro, Whater Shoot, Lanchas Mágicas. Inauguração 27 de março.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>07/04/1949</b>	“III Grande Exposição Industrial, Agrícola, Comercial Patrocinada pela Sociedade Rural Brasileira”	Parque Shanghai - O maior centro de diversões do Brasil - 30 Aparelhos Mecanicos, entre os quais: Trem Fantasma, Whater Shoot, Lanchas Mágicas, Tartaruga, Chicote Americano. Looper. 10 carros individuais fazendo duplo looping individual. Aparelho inédito na América do Sul. Inauguração foi em 16 de abril.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>27/06/1968</b>	“Parque Shanghai”	Notícia revela o plano do prefeito Faria Lima para projeto de aproveitamento urbanístico da área ocupada pelo Parque shanghai no Parque Dom Pedro II. Imóvel é da prefeitura e vem sendo ocupado a vários anos pelo Shanghai. Ideia é de criar um centro de recreação para população.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>05/02/1939</b>	“Gaspar Zaragueta, Proprietário do Parque Changai Não está processado no Rio”	Notícia aborda a tragédia no edifício Pan América no Rio em que esteve envolvido Gaspar Zaragueta (negociante em Buenos Aires, São Paulo e Rio de Janeiro). Revela também que Zaragueta havia sido processado duas vezes no Rio Janeiro por apropriação indébita e falência fraudulenta. Quando foi pegar o passaporte (n° 50.234) para viajar a Argentina nada constava contra Zaragueta.	<b>Parque Changai</b>
<b>25/02/1941</b>	“Cidade da Folia”	22 aparelhos do famoso Parque Changai, o maior da América do Sul.	<b>Parque Changai</b>

<b>24/11/1943</b>	“IV Feira Nacional de Indústrias - Parque Antarctica, Avenida Água Branca. Bondes Pompeia e Lapa”	Parque Changai com as mais modernas atrações funcionará desde as 16 horas.	<b>Parque Changai</b>
<b>26/02/1946</b>	“Parque Changai”	Realizam-se em março seis bailes ao ar livre no Parque Changai, sendo quatro noturnos e dois vesperais. Haverá concursos de fantasias com prêmios para adultos e crianças.	<b>Parque Changai</b>
<b>06/12/1953</b>	“Para os filhos dos comerciários”	Natal dos filhos dos comerciários do SESC promovida no Parque Changai.	<b>Parque Changai</b>
<b>17/12/1954</b>	“Natal do Filho do Comerciaro”	Natal dos filhos dos comerciários do SESC promovida no Parque Changai.	<b>Parque Changai</b>
<b>02/09/1955</b>	“O Parque Dom Pedro II”	Notícia revela crítica as diversas apropriações do Parque Dom Pedro II, inclusive do Parque Changai que escangalhou o Parque Dom Pedro II.	<b>Parque Changai</b>
<b>25/09/1969</b>	“O silêncio da Cia. De Metrô”	Notícia explica as obras que serão realizadas e o prazo dos viadutos no Parque Dom Pedro II onde se localizava o Parque Shanghai.	<b>Parque Changai</b>
<b>12/10/1948</b>	“Parque Xangai”	Parque Xangai franquia hoje a entrada de crianças pobres, que poderão entrar sem pagamento e se divertir gratuitamente no Parque.	<b>Parque Xangai</b>
<b>01/03/1949</b>	“Parque Xangai”	Parque Xangai na Grande Exposição Industrial, Agrícola e Comercial no Parque Dom Pedro II.	<b>Parque Xangai</b>
<b>19/06/1949</b>	“Exposição Industrial, Agrícola e Comercial”	Discorre sobre as atrações artísticas e musicais na Exposição, bem como sobre o Parque Xangai que reúne o que atualmente há de mais atraente em matéria de divertimento popular em São Paulo.	<b>Parque Xangai</b>
<b>02/10/1969</b>	“Nasce um Novo Parque”	Notícia discorre sobre as apropriações do Parque Dom Pedro II ao longo do tempo revelando as diversas apropriações degradadas, indevidas da região. Crítica ao Parque Xangai que logo foi contaminado pelo espírito nocivo da região, antro de viciados e ante-sala da prostituição.	<b>Parque Xangai</b>
<b>22/10/1972</b>	“Refugio de Marginais. Vadiagem”	Notícia revela as diversas apropriações degradadas, indevidas da região. Crítica ao Parque Xangai e Mercado Municipal, considerados centro de operações de bandidos, locais de escolha de vitimas.	<b>Parque Xangai</b>
<b>22/05/2015</b>	“Era uma vez em SP...Teatros Santana”	Histórico sobre os Teatros Santana da cidade de São Paulo.	<b>Teatro Santana</b>

<b>03/06/1976</b>	Circo Piolin na Av. Paulista	Anúncio de Divulgação do Espetáculo do Circo Piolin na Avenida Paulista.	<b>Circo Piolin</b>
<b>22/07/1966</b>	"Fogo destrói o Colombo"	Notícia sobre incêndio que atingiu o Theatro Colombo.	<b>Theatro Colombo</b>
<b>29/04/1929</b>	"Cine Paramount"	Anúncio de divulgação do Cinema Panamout. Preços de "6\$000 a 40\$000 Réis.	<b>Paramounth</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS (RS)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>09/11/1953</b>	"A festa política dos dias 12 e 13 no Parque Shanghai"	Festa do Congressamento Democrático no Parque Shanghai. Diretório Metropolitano do PTB	<b>Parque Shanghai</b>
<b>30/03/1956</b>	"Amanhã a homenagem dos associados aos campeões Pan-Americanos"	Homenagem a equipe brasileira campeã pan-americana de futebol pelos associados da imprensa gaúcha. Diário de Notícias, Rádio Farroupilha, Rádio Difusora.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>12/04/1956</b>	"Uma nova atração unem-se a Radio Farropilha e ao Parque Shanghai para lhe oferecer todos sábados e domingos grande show"	Foto auditório ao ar livre do Parque Shanghai com capacidade par 800 pessoas.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>23/06/1956</b>	"Grandes Festas Juninas no Parque Shanghai dia 23 e 24"	Festa patrocinada pelas empresas Mesbla; Café Haiti; Metalúrgica Wallig".	<b>Parque Shanghai</b>
<b>24/06/1956</b>	"Festa Junina do Auditório Associado"	Festa transferida da Praça da Alfândega devido ao mau tempo.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>21/12/1957</b>	"Domingo no Parque Shanghai, o Natal do Filho Municipal"	A festa de Natal do Filho do Município distribuirá prêmios, dentre eles, bicicletas, bolas, cadernetas com depósito da Caixa Economica Federal. Distribuirá também alimentos, e contemplará teatro, marionetes, fogos de artifício.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>12/11/1955</b>	"Aviso Parque Shanghai"	Cancelamento da Festa do Congressamento Democrático. Parque Shanghai funcionando no Parque Farroupilha de Porto Alegre.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>22/06/1958</b>	"A Grande Festa Junina da Radio Farroupilha"	Maior Festa Junina de Porto Alegre sediada na Praça da Alfândega. Apresentações musicais no Parque Shanghai de artistas do Brasil. Rádio Farroupilha estará instalada no Parque.	<b>Parque Shanghai</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO (PE)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>09/07/1939</b>	"Exposição Nacional de Pernambuco. Contractado o Parque Shanghai para o certamen de dezembro"	Contratado o Parque Shanghai para figurar na Exposição Nacional do Pernambuco. Menção a trajetória no país, Parque Buenos Aires, Montivideu. Parque participou com atrações mecânicas inéditas em Recife.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>30/07/1939</b>	"Exposição Nacional de Pernambuco. Contractado o afamado Parque Shanghai de Buenos Aires"	Contratado o Parque Shanghai para figurar na Exposição Nacional do Pernambuco. Menção a trajetória do Parque Buenos Aires. Notícia revela que a contratação de Empresas como o Parque Shanghai eram estratégicas para atração de grandes públicos. Shanghai tam	<b>Parque Shanghai</b>
<b>19/12/1939</b>		Anúncio Parque Shanghai na Exposição Nacional de Pernambuco. Atrações como Roda Gigante, Carrossel, Dangler, Monodromo. Ingressos adultos 1\$200 e Crianças até 8 anos \$600.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>22/12/1939</b>		Anúncio Parque Shanghai na Exposição Nacional de Pernambuco. Atrações como Roda Gigante, Carrossel, Dangler, Monodromo. Aberta diariamente das 17 às 23 horas. Domingos e feriados das 15 às 24 horas.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>09/11/1950</b>	"Notícias de Campina Grande"	Notícia evidencia à presença do Parque Shanghai em Campina Grande por dois meses e que encerrará sua temporada promovendo um festival beneficente	<b>Parque Shanghai</b>
<b>24/12/1950</b>	"XIV Festa da Mocidade. Gigantesca programação natalina"	Festa realizada no Parque Treze de Maio. Parque Shanghai participou com aparelhos de diversões.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>12/11/1954</b>	"Novas atrações na Festa da Mocidade"	Parque Shanghai participou com seus equipamentos da Festa da Mocidade de 1954.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>27/11/1954</b>	"Passem um sábado alegre e divertido no grandioso festival do Recife"	Ingressos grátis para crianças de até quatro anos e com preços reduzidos para crianças acima dessa idade.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>26/10/1955</b>	"XIX Festa da Mocidade"	Organizada pela Casa do Estudante de Pernambuco, essa festa se trata de um grande festival do Nordeste. Atrações artísticas como obras do Mestre Vitalino, Teatro, Restaurante, Sorveteria, e o Parque Shanghai com	<b>Parque Shanghai</b>

		diversas atrações como Automóveis Elétricos.	
<b>30/10/1955</b>		Anúncio - XIX Festa da Mocidade que exalta à presença do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>02/12/1956</b>	"XX Festa da Mocidade"	Parque Shanghai presente na vigésima Festa da Mocidade no Parque Treze de Maio com diversas atrações novas, especialmente um Stand de Tiro e Carrossel Aquático. Stands de Indústria e Comércio com produtos importados e exportados de Pernambuco.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>04/01/1940</b>	"Prosegue, hoje, no recinto da exposição, a série de conferências anti-comunistas"	Exposição no Parque Treze de Maio. Aparelhos do Parque Shanghai. Exposição traz programa contra o Comunismo.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>06/01/1940</b>	"Inaugura-se, hoje, na Exposição o Stand da Parahyba. A conferencia Anti-Comunista que o professor Barreto Campello irá pronunciar".	Expoisição no Parque Treze de Maio. Aparelhos do Parque Shanghai. Exposição traz programa contra o Comunismo.	<b>Parque Shanghai</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL A NOITE (PE)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>18/11/1941</b>	"Festa da Mocidade em Recife"	Notícia evidencia a presença do Parque Shanghai nesse evento em Recife. Este foi sediado no no Parque 13 de Maio em benefício a Casa de Estudante de Pernambuco.	<b>Parque Shanghai</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL O JORNAL (PE)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>18/11/1941</b>	"Milhares de pessoas visitam diariamente a Exposição Nacional de Pernambuco"	Noticia evidencia a instalação de 38 bilheterias, exposição em area de 110 mil metros quadrados, organizada sob auspícios do interventor Agamenon Magalhães. Composta por restaurante, sorveteria, pavilhões para venda de leite maltado e bebidas regionais. Fotografia do Pavilhão Anti-Comunista.	<b>Parque Shanghai</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS NO  
JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>11/12/1962</b>	“Departamento Recreativo”	Festividade do Clube Militar no Parque Shanghai localizado no bairro da Penha no início da ladeira que conduz ao Santuário.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>07/10/1964</b>	“Festa da Penha”	Presença de Romeiros na Festa da Penha. Menção ao Parque Shanghai como local que serviu a organização do festejo.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>04/10/1966</b>	“Cupom da Festa da Penha”	Cupom promocional impresso no jornal que promove acesso as diversões do Parque Shanghai instalado na Penha.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>30/07/1960</b>	“Notas Curtas”	O Parque Shanghai está sendo reformado pelo seu dinâmico proprietário, sr. Bernardo. O objetivo é oferecer mais diversões aos petizes da Leopoldina e adjacências.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>05/10/1967</b>	“Fiéis de todo Brasil consagram os festejos de Nossa Senhora da Penha”	Parque Shanghai integrado a Festa Penha. Integração com a comunidade era marca desde os primeiros anos em que estava na Penha.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>12/10/1937</b>	"Será solenemente inaugurada hoje a X Feira Internacional de Amostras"	Retrato de Henrique Dodsworth - Prefeito do Rio que negociou com Caballero e Zaragueta.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>30/12/1960</b>	"Convite para um fim de ano Festivo no Parque Shanghai"	Convite para festa de ano novo no Parque Shanghai instalado na Feira Internacional de Indústria e Comércio no Campo de São Cristóvão.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>18/08/1961</b>	"Almoço"	Copacabana discos e o Parque Shanghai oferecem um churrasco em agosto de 1961 no Campo de São Cristóvão, local da Exposição Internacional de Indústria e Comércio para apresentar o LP Carequinha no Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>17/09/1966</b>	"Festa na Penha. Tudo Grátis"	Noticia revela promoção do Parque Shanghai em conjunto com o jornal diário de noticias para se divertir em uma atração.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>03/07/1941</b>	“Inaugura-se hoje a Festa da Mocidade”	Parque Shanghai ajuda vitimas da enchente no Rio Grande do Sul com arrecadação na inauguração da Festa da Mocidade do Rio de Janeiro	<b>Parque Changai</b>
<b>18/06/1942</b>	“Uma cidade que brota do deserto”	Parque Shanghai presente no Batismo Cultural de Goiânia realizado em 1942.	<b>Parque Changai</b>
<b>08/10/1937</b>	"A Feira Internacional de Amostras"	Parque Shanghai estará presente com 56 equipamentos de lazer. O maior parque que ja se instalou na América do Sul. Construção da maior montanha russa do mundo para inauguração em	<b>Manoel Caballero</b>

		1938 com apoio da prefeitura. Parque shanghai tem ramificações em toda América do Sul com capital estimado em 8 mil contos. Notícia evidencia que o Manoel Cabellero do Parque possui grande prestígio esportivo e círculos sociais no Rio de Janeiro.	
<b>17/11/1937</b>	"Na Feira Internacional de Amostras será realizada hoje no autodromo uma interessante prova automobilística entre os jornalistas"	Notícia revela que Manoel Caballero cedeu o autódromo do Parque Shanghai para o evento.	<b>Manoel Caballero</b>
<b>12/10/1938</b>	"Na Feira Internacional de Amostras as grandes e sensacionaes novidades introduzidas este anno no Parque de Diversões - Uma das maiores montanhas russas do mundo"	Notícia descreve que a Feira terá inicio dia 13 de outubro, a composição da montanha russa e de outros aparelhos, totalizando 37. Além disso, revela a satisfação do Prefeito Henrique Dodsworth na assinatura do contrato com Manoel Caballero e Gaspar Zaragueta responsáveis pelo Shanghai. Notícia possui uma foto com aspecto do Parque Shanghai.	<b>Manoel Caballero</b>
<b>04/11/1938</b>	"Um almoço para jornalistas no Parque Shanghai"	Almoço oferecido pelo diretor do Parque Shanghai Manoel Caballero.	<b>Manoel Caballero</b>
<b>23/12/1939</b>	"O natal no parque de diversões da Feira de Amostras. O senhor Manoel Caballero oferecerá novos e interessantes divertimentos"	Notícia revela a presença do Parque Shanghai na XII Feira internacional de amostras e o objetivo do diretor Manoel Caballero oferecer novas atrações.	<b>Manoel Caballero</b>
<b>11/04/1958</b>	"Aniversários"	Angelo Sbarra nasceu em 11/04.	<b>Angelo Sbarra</b>
<b>12/04/1958</b>	"Empossado o Presidente do E.C. Shanghai. Êxito absoluto na festa de aniversário"	Empossado o presidente Hamilton Sbarra, filho do superintendente da empresa Angelo Sbarra.	<b>Angelo Sbarra</b>
<b>11/10/1958</b>	"Festa no Jardim Zoologico"	Noticia revela que Sbarra franqueou os brinquedos as crianças que foram no Zôo da Quinta em comemoração a semana da criança.	<b>Angelo Sbarra</b>
<b>15/11/1959</b>	"Papai noel chegará dia 29 na Quinta da Boa Vista/Franqueado Parque Shanghai"	Angelo Sbarra, diretor de bares e diversões na Quinta franqueou os brinquedos as crianças após negociação do sindicato dos lojistas com Sbarra.	<b>Angelo Sbarra</b>
<b>31/03/1962</b>	"Exposição Brasil URSS abre em Maio"	Angelo Sbarra coordenador da instalação das mostras industriais de Brasil e URSS. Feira de Indústria e Comércio de São Cristóvão será reaberta em maio. Parque Shanghai	<b>Angelo Sbarra</b>

		participou dessa feira.	
<b>12/10/1938</b>	“Na Feira Internacional de Amostras as grandes e sensacionaes novidades introduzidas este anno no Parque de Diversões - Uma das maiores montanhas russas do mundo”	Notícia descreve que a Feira terá inicio dia 13 de outubro. Abrigará uma montanha russa e de outros aparelhos, totalizando 37. Além disso, revela a satisfação do Prefeito Henrique Dodsworth na assinatura do contrato com Manoel Caballero e José Luis Gaspar Zaragueta proprietários do Shanghai. Notícia possui uma foto com aspecto do Parque Shanghai.	<b>Gaspar Zaragueta</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS NO JORNAL O IMPARCIAL (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>18/12/1938</b>	"Exposição do Estado Novo está obtendo o maior exito as solemnidades de hoje"	Notícia revela funcionamento do Parque Shanghai na Feira Internacional de Amostras que também recebe a Exposição do Estado Novo. Esse evento possui documentação construtiva e um mostruário das riquezas do país.	<b>Parque Shangai</b>
<b>18/01/1939</b>	"Impetraram habeas corpus"	Noticia revela que o advogado de José Domingos Pereira, ex-funcionário do Parque Shanghai na Feira de Amostras, que foi acusado de sabotagem tentando inutilizar o chicote por meio de ácido clorídrico.	<b>Parque Shangai</b>
<b>14/12/1940</b>	“XIII Feira Internacional de Amostras. Extraordinariamente movimentado o Parque de Diversões”	Foto da montanha russa.	<b>Parque Shangai</b>
<b>26/10/1938</b>	"O extraordinário processo das indústrias nacionais"	Noticia revela area de 8mil m <sup>2</sup> que o Parque ocupou em 37 e o aumento do valor do aluguel para 38.	<b>Manoel Caballero</b>
<b>25/10/1940</b>	"Os novos aparelhos do Parque Shanghai"	Noticia que revela a participação do Shanghai na XIII feira internacional de amostras de 1940 e os novos aparelhos que o parque vai instalar, juntamente com o conjunto dos antigos.	<b>Manoel Caballero</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS NO JORNAL A MANHÃ (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>23/05/1943</b>	"O Governo da Cidade"	Notícia revela o início das atividades do Parque na Quinta da Boa Vista e revela que o parque shanghai disponibilizará a renda integral do dia ao prefeito que aceitou e	<b>Parque Shanghai</b>

		repassará merendas escolares.	
<b>23/05/1943</b>	"Montanha Russa na Quinta da Boa Vista"	Notícia revela o início das atividades do Parque na Quinta da Boa Vista e revela que o parque shanghai disponibilizará a renda integral do dia ao prefeito que aceitou e repassará a merendas escolares. Parque abrirá com as atrações da Antiga Feira de Amostras.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>19/09/1943</b>	"Vá Hoje ao recanto maravilhoso da Quinta da Boa Vista"	Parque Shanghai instalado na Quinta da Boa Vista com a Montanha Russa e mais 50 aparelhos de diversões, aparelhos infantis gratuitos no auditório, Conjunto de Tonies circulando o Parque, Shows Cômicos e apresentação de orquestra. Auditório da Quinta da Boa Vista instalado ao lado do Parque.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>10/10/1943</b>	"O shows na Quinta da Boa Vista"	Explicação do nome Parque Shanghai. Nome da mais fantástica cidade da antiga china dos Deuses exóticos, cidade do esplendor, da vida noturna, com as maiores atrações. Nome baseado na cidade de shanghai, pois assim como a cidade o Parque conservava aparelhos modernos, repleto de emoções, sensações da cidade de Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>05/09/1944</b>	"A festa das crianças na Quinta da Boa Vista"	Noticia evidencia que crianças de todas as classes (escolares do Rio) se agrupavam felizes em torno dos brinquedos o Parque Shanghai. Festa oferecida pelo Departamento de imprensa e propaganda na Semana da Pátria.	<b>Parque Changai</b>
<b>29/01/1943</b>	"Eleitos novos diretores da CBD"	Manoel Caballero era suplente da Comissão Fiscal da CBD.	<b>Manoel Caballero</b>
<b>05/05/1944</b>	"O Primeiro exercício do selecionado"	Manoel Caballero enviado especial de CBD ao Uruguai.	<b>Manoel Caballero</b>
<b>09/10/1949</b>	"Desfazendo insinuações malévolas"	Noticia que evidencia a ampliação do zôo da Quinta. A ideia de transferir o Parque de terreno e explica termos do contrato entre o Parque a Prefeitura quando este se mudou para o local após período na Feira de Amostras do Rio de Janeiro.	<b>Manoel Caballero</b>
<b>20/12/1950</b>	"Distribuição de brinquedos aos escolares cariocas"	Noticia que evidencia distribuição de brinquedos gratuitos no Shanghai e faz referência a Caballero como cônsul.	<b>Manoel Caballero</b>
<b>16/12/1952</b>	"Aniversários"	Aniversário de Caballero. Cônsul comercial do Uruguai no Brasil. Figura esportiva do Brasil.	<b>Manoel Caballero</b>
<b>19/10/1952</b>		Anúncio revela nome da filha e esposa de Caballero. Maria Maia Caballero e Leonor Maia Caballero.	<b>Manuel Caballero</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS NO  
JORNAL A NOITE (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>06/10/1937</b>	"Uma visita ao Paiz das Maravilhas"	Noticia evidencia o deslumbramento de repórter com a estrutura do Parque Shanghai na Feira de Amostras de 1937. Ressalta viagem de Zaragueta a Paris, capital da Empresa, centenas de trabalhadores (55 técnicos e 600 empregados diversos cargos) estão armando o Parque que possui atrações para pessoas de três meses a 90 anos.	<b>Parque Shangai</b>
<b>10/12/1938</b>	"Parque Shangai e a Exposição Nacional do Estado Novo"	Notícia que evidencia a colaboração do Parque Shanghai com a Exposição do Estado Novo na Feira de Amostras.	<b>Parque Shangai</b>
<b>22/12/1939</b>	"O Parque Shangai. A formidável e fantástica atração da Feira de Amostras"	Parque Shangai constitui um espetáculo inédito e assombroso para os olhos dos cariocas na Feira Internacional de Amostras. 70 mil pessoas já experimentaram as emoções que oferecem o Parque Shangai. Apresenta números sensacionais e impressiona pelo sangue frio de seus personagens. Domadora de cobra e jacaré, figuras teatrais que remetem a índios e africanos e ao Tarzan. Parque shanghai contratado para Feira de Amostras de Pernambuco.	<b>Parque Shangai</b>
<b>19/11/1940</b>	"Onde o carioca se diverte. Dezenas de sensacionais aparelhos no Parque de Diversões da Feira de Amostras"	Noticia evidencia que todas as grandes cidades possuem um parque de diversões permanente estilo Luna Park destinados a recreação de massas populares. Aponta a Prefeitura e Manoel Caballero como promotores do Parque Shanghai. Fotografia do chicote.	<b>Parque Shangai</b>
<b>05/09/1943</b>	"A festa da criança na Quinta da Boa Vista"	Noticia sobre os festejos promovidos na Semana da Pátria. O Parque da Quinta da Boa Vista e o Parque Shanghai eram opções. Distribuição de 20 mil ingressos para os brinquedos do Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>13/09/1962</b>	"Livre a Quinta da Boa Vista do Parque Shangai"	Notícia evidencia que Brinquedos do Parque Shanghai estavam sendo removidos da Quinta da Boa Vista e que parte deles estavam sendo transferidos para São Paulo. Nesta ainda está descrita a disputa judicial que levou ao fechamento do Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>01/07/1938</b>	"Será a maior montanha russa do mundo!"	Apresentação do engenheiro norte americano Mahlon Taillor, responsável pelo projeto da montanha russa do Parque Shanghai. Descrição do equipamento de diversão.	<b>Parque Shanghai</b>

<b>25/05/1953</b>	“100 diversões para divertir o povo à vontade”	Anúncio que aponta a grande circulação do Parque Shanghai pelo Brasil. Participou das Feiras de Amostras do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, nas cinco Feiras Nacionais de Indústrias em São Paulo, nas festas de mocidade de Recife. 100 aparelhos modernos, em diversos conjuntos pelo Brasil, para divertir o nosso povo.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>05/11/1937</b>	"Confessou! Agia por vingança. Como um homem honesto se confunde com um desclassificado"	Notícia revela que o ex-funcionário Domingos Pereira Marret do Parque Shanghai na Feira de Amostras de São Paulo demitido por tentar organizar um movimento grevista com os companheiros de trabalho. Tentou se vingar de seus patrões na Feira de Amostras do Rio de Janeiro colocando graxa com ácido clorídrico nos motores que movimentam a atração Chicote. A notícia evidencia outros atos ilícitos de Marret como uma detenção após ser expulso de casa por sua esposa e revidar com agressões.	<b>Parque Changai</b>
<b>05/11/1937</b>	"O dia da imprensa na Feira de Amostras"	O Parque Shanghai ofereceu ingressos aos jornalistas e aos pequenos vendedores de jornais para desfrutar de suas atrações.	<b>Parque Changai</b>
<b>07/12/1937</b>	"Continuarão até a segunda quinzena de janeiro"	Notícia aponta que o prefeito do Rio de Janeiro aceitou a proposta dos empresários do Parque Shanghai para ampliação do período na Feira de Amostras.	<b>Parque Changai</b>
<b>07/12/1938</b>	"Atingido por hélice de avião. Um acidente no Parque de Diversões"	Notícia evidencia um acidente ocorrido com João Ferreira de Almeida que foi atingido por uma hélice de um dos brinquedos no crânio. O homem foi encaminhado ao hospital em estado grave.	<b>Parque Changai</b>
<b>08/01/1939</b>	"Passeios aéreos gratuitos"	Festa da Polícia Militar na Exposição do Estado Novo na Feira de Amostras. Passeio aéreo em um Junker 52 da VASP de 15 minutos para os visitantes da Exposição desfrutarem. Oportunidade passeio aéreo organizada por sorteios. Panair do Brasil também disponibilizaria o avião Commodore para quatro passeios com 14 tripulantes em cada. Exercícios equestres no Parque Shanghai.	<b>Parque Changai</b>
<b>10/01/1939</b>	“Mais uma tarde de aviação”	Fotografia de demonstração esportiva militar no recinto da Exposição do Estado Novo. Exibição equestre no Parque Shanghai.	<b>Parque Changai</b>
<b>11/12/1939</b>	"O que foi o dia das	Notícia evidencia que o Parque	<b>Parque Changai</b>

	classes armadas na feira de amostras"	Shanghai ofereceu duas horas de diversões grátis aos militares e família.	
<b>20/12/1939</b>	"O natal das crianças nos Parques de Recreação"	Pio Borges, secretário de Educação e Cultura organizou Festa de Natal na Feira de Amostras para 3 mil crianças sob a assistência de professores especializados em Educação Física, jogos e recreação. Divididos em 3 grupos em rodízio visitaram os pavilhões nacionais recebendo serviço de educação cívica, refeitório, e divertimento nas atrações o Parque Shanghai cedido pelos seus empresários.	<b>Parque Changai</b>
<b>21/12/1939</b>	"Jardim encantado da cidade"	O jornal A NOITE franqueará as crianças os brinquedos do Parque Shanghai por duas horas gratuitamente, distribuiu brinquedos e doces. A notícia coloca a Feira como jardim encantado da cidade e revela que seus pavilhões evidenciam o progresso comercial e industrial do Brasil.	<b>Parque Changai</b>
<b>22/12/1939</b>	"Um acidente no Parque Changai da Feira de Amostras"	Notícia evidencia um acidente ocorrido com o Tarzan, personagem que trabalha no Parque Shanghai na Feira de Amostras. O Tarzan foi atacado por um Jacaré, mas não se feriu gravemente.	<b>Parque Changai</b>
<b>03/07/1941</b>	"Abre-se hoje no recinto da Feira de Amostras"	Inauguração Festa da Mocidade do Rio de Janeiro. O valor arrecado será destinado as vítimas da enchente no Rio Grande do Sul.	<b>Parque Changai</b>
<b>18/11/1941</b>	"Festa da Mocidade em Recife"	Notícia evidencia a presença do Parque Shanghai nesse evento em Recife que ocorreu no Parque 13 de Maio em Benefício à Casa do Estudante de Pernambuco.	<b>Parque Changai</b>
<b>26/12/1942</b>	"Natal da Vitória"	Notícia revela a presença do Parque Shanghai na Quinta da Boa Vista em 1942. Festa para aquisição de bonus de guerra contra o Eixo. Encontram-se na quinta da boa vista vendas de prendas e variados divertimentos no Parque Shanghai	<b>Parque Changai</b>
<b>03/09/1943</b>	"Os festejos da Quinta da Boa Vista"	Notícia revela a distribuição de 20 mil ingressos para crianças de 7-16 anos para desfrute do Parque Shaghai. Evidencia que quem não tem ingresso para os brinquedos poderá se divertir com apresentações de artistas de rádio e circos. Entradas para Festa do Dia do Soldado que não se realizou serão aceitas.	<b>Parque Changai</b>
<b>16/08/1952</b>		Fotografia de Caballero.	<b>Manoel Caballero</b>
<b>25/08/1952</b>	"Líder da Colônia"	Revela que Caballero chegou ao Brasil	<b>Manoel Caballero</b>

	uraguaia no Brasil"	em 1919, residindo há 33 anos no país. Adido da Embaixada do Uruguai no Brasil e atuante no setor esportivo no Brasil.	
--	---------------------	--	--

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS NO  
JORNAL DIÁRIO DA NOITE (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>30/06/1951</b>	"As crianças divertem-se"	Reportagem enfatiza a existência de um outro equipamento de lazer com ingressos instalado no campo de São Cristóvão e o Shanghai no Parque da Quinta. Notícia pontua preços exorbitantes nos ingressos dos brinquedos e como as crianças improvisam nas diversões por não poderem pagar muitas vezes para brincar no parque	<b>Parque Shangai</b>
<b>23/01/1954</b>	"A abandonada Quinta da Boa Vista"	Críticas à Municipalidade pelo descaso com a Quinta da Boa Vista que possui atrativos naturais e de lazer, porém não é bem cuidada pelas autoridades.	<b>Parque Shangai</b>
<b>13/11/1956</b>	"Estão Atrasando a Quinta da Boa Vista"	Reportagem critica vigorosamente o estado físico da Quinta, as atividades, a estrutura do Parque Shanghai, além do intenso tráfego. Remora o antigo aspecto da Quinta e o plano de Glaziou, elogiando a função do Museu nacional e do Zôo. Fotos publicadas do aspecto da Quinta e do Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>29/05/1957</b>	"Cúpula Acústica"	Planejada a saída do Parque Shanghai da Quinta da Boa Vista que vem estragando a arborização do local.	<b>Parque Shangai</b>
<b>18/12/1957</b>	"O Parque Shangai da ao povo a diversão que ele tanto necessita"	Evidencia a participação do Shanghai na Festa Nacional dos Estudantes na Praça do Congresso e suas atividades na Quinta. Parque atenderá em horários específicos militares, estudantes, profissionais de rádio e operários. Curioso slogan "Parque Shangai, diverte, instrui e distrai". Mesmo fixo continuou com	<b>Parque Shangai</b>

		ações itinerantes.	
<b>14/08/1958</b>	"Parque Shanghai prejudica a remodelação da Quinta da Boa Vista"	Críticas ao Parque Shanghai e sua permanência na região.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>27/08/1958</b>	"Pranto do Povo"	Frequentedora do Parque Shanghai reclama de atendimento do funcionário que se negou a parar a roda gigante em que sua filha estava.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>02/02/1963</b>	"Hoje, no Parque Shanghai, o primeiro pré-carnavalesco"	Parque Shanghai participou do evento Carnaval na Lua promovido e transmitido pelas emissoras associadas (TV Tupi e Cultura). Notícia enfatiza que o festejo será de cunho popular e contará com a presença de escolas de samba e do músico Herivelto Martins. Parque Shanghai promoveu eventos pré e durante o carnaval. Evento ocorrido na unidade paulistana. Desfile na Avenida Prefeito Passos. Público acomodado na Auto-Pista (Divertimento do Parque Shanghai). O valor para participar do festejo era de 100 cruzeiros. Menores de 10 anos não pagavam.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>15/02/1963</b>		Anúncio de divulgação do 1º Carnaval na Lua sediado no Parque Shanghai de São Paulo. Festejo ocorreu entre os dias 23 e 26 de fevereiro.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>17/01/1964</b>	"Famosa escola de samba de Santos no Carnaval da Lua"	Participação do Parque Shanghai no II Carnaval na Lua	<b>Parque Shanghai</b>
<b>28/08/1964</b>	"Vendedores de discos"	Anúncio que divulga vaga para trabalhar como vendedor de discos em local na Avenida do Estado, próximo do Parque Shanghai. Mais um indício da relação do Parque com o bairro, sua fama notada em sua utilização como ponto de referência.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>03/10/1939</b>	"Com vistas à polícia de Nictheroy"	Denúncias de jogatinas ilegais no Parque Shanghai de Niterói.	<b>Parque Shanghai</b>

<b>11/10/1938</b>	"Amanhã! A montanha russa! A inauguração da Feira de Amostras"	Em 1938 empreendimento tomou proporções maiores, mais de mil contos custou a montanha, 37 segundos em um percurso de mais de 1km. menção ao engenheiro americano Taylor que cuidava do movimento e da segurança das máquinas.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>05/12/1939</b>	"Uma tarde de emoção e beleza na Feira de Amostras"	Depoimento de frequentador que veio do Recife sobre Feira de Amostras e a experiência no Parque Shanghai	<b>Parque Shanghai</b>
<b>20/12/1939</b>	"Comemora-se hoje o dia da Itália na XII Feira Internacional de Amostras. Duas Horas de divertimentos grátis para as crianças pobres, no parque de diversões"	Duas horas para as crianças acompanhadas de seus pais brincarem gratuitamente no Parque. Haverá também distribuição de frutas, brinquedos e espetáculo de circo.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>28/08/1958</b>	"Mais deserta ficará a Quinta sem seu Parque"	Reportagem evidencia que a saída do Parque Shanghai da Quinta da Boa Vista seria prejudicial ao local. Cita Hamilton Sbarra, relações públicas da empresa Bars e Diversões Boa Vista Ltda. Cita que empresa está desde 1936 em na Quinta. Saída ocorreu em 1962.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>04/08/1961</b>	"Parque Shanghai - Ingresso Grátis - Promoção Diário da Noite"	Ingresso grátis impresso no jornal para as atrações o parque shanghai na Quinta da Boa Vista e no campo de São Cristóvão, durante o mês de agosto.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>22/01/1963</b>	"Herivelto Martins e sua escola de samba! Orquestra de arlindo e seus pinguins estarão animando o Carnaval na lua no Parque Shanghai"	Bailes de carnaval ocorridos no Parque Shanghai, concursos de escolas de samba, blocos, ranchos e fantasias infantis.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>22/07/1940</b>	"A próxima feira de amostras"	Noticia revela novos brinquedos que virão dos EUA para a feira de amostras de 1940.	<b>Manoel Caballero</b>
<b>15/10/1943</b>	"Anúncio que evidencia que o Parque Shanghai da Feira Internacional de Amostras já funcionando na Quinta da Boa Vista com montanha russa e mais de 50 aparelhos cumprimenta o Bomsucesso FC pelo seu 30 aniversário"	Relação do Parque Shanghai com Bomsucesso FC, clube do qual Manoel Caballero participava.	<b>Manoel Caballero</b>

<b>27/12/1957</b>	"Parque Shanghai E.C."	Notícias sobre o Esporte Clube Shanghai. Cita Sbarra e Esposa Zilda Sbarra e E. Zaragueta e esposa Zulema Zaragueta. Comemorações do 2º aniversário do clube em 1959 na Quinta da Boa Vista com diversas atividades, dentre elas, jogos, missa. Clube surgido em 1958.	<b>Gaspar Zaragueta</b>
<b>15/10/1943</b>		Anúncio que evidencia que o Parque Shanghai da Feira Internacional de Amostras já funcionava na Quinta da Boa Vista com montanha russa e mais de 50 aparelhos.	<b>Feira Internacional de Amostras</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS NO  
JORNAL A BATALHA (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>08/10/1937</b>	"São Paulo, Minas Gerais e Goyaz na X Feira Internacional de Amostras"	Foto do brinquedo autódromo.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>10/10/1937</b>	"Viverá na Realidade dos Cariocas, um sonho das mil e uma noites. Uma visita ao parque shanghai, a grande atracção da X Feira de Amostras. Palestrando com os srs Caballero e Zaragueta, directores do Parque Maravilhoso"	Notícia que traz entrevista com os proprietários do Parque e evidencia sua estrutura, planos para construção da maior montanha russa do mundo, visita de Zaragueta a exposição de Paris que influenciou nas novidades de diversões do Parque.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>12/10/1937</b>	"Inaugura-se hoje a X Feira Internacional de Amostras do Rio de Janeiro"	Diversões da mais modernas só vistas em Paris serão apresentadas no Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>17/10/1937</b>	"As curiosidades da X Feira Internacional de Amostras. O Parque Shanghai continua sendo o ponto predileto"	Parque Shanghai ponto alto da Feira com atrações que atendem de 2 meses a 90 anos.	<b>Parque Shanghai</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS NO  
JORNAL ÚLTIMA HORA (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>02/12/1957</b>	"Sensacional Festival de Diversões Estrela"	Parque Shanghai da Praça do Congresso na da Festa Nacional dos Estudantes.	<b>Parque Shanghai</b>

<b>18/12/1957</b>	"O Parque Shangai da ao povo a diversão que ele tanto necessita"	Evidencia a participação do Shanghai na Festa Nacional dos Estudantes na Praça do Congresso e suas atividades na Quinta. Parque atenderá em horários específicos militares, estudantes, profissionais de rádio e operários. Curioso slogan "Parque Shangai, diverte, instrui e distrai". Mesmo fixo continuou com ações itinerantes.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>18/06/1958</b>	"Ultima Hora fez anos e seus leitores se divertiram muito"	Noticia revela a parceria do Jornal Última Hora com o Shanghai na comemoração de seu sétimo aniversário. Parque Shanghai/ Bars e diversões Boa Vista Ltda. ofereceu bebidas e brinquedos.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>20/06/1958</b>	"Rádio TV e Discos"	Menção a Hamilton Sbarra, relações públicas do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>14/06/1957</b>	"Jantar, ontem, no restaurante do zôo, na quinta da Boa Vista, em companhia dos amigos Henrique Zaragueta, Bernardo Waller e o casal Ângelo Sbarra"	Jantar entre Enrique Zaragueta e Bernardo Waller.	<b>Bernardo Waller</b>
<b>24/06/1961</b>	"Programa da garotada amanhã é na Quinta: Gladys e Carequinha vão batizar a zebrinha"	Angelo Sbarra concessionário do Parque Shanghai distribuirá ingressos grátis para as crianças dos orfanatos se divertirem.	<b>Angelo Sbarra</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL DO BRASIL (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>27/02/1935</b>	"Centenário de NITERÓI - Início das Obras de instalação da 1ª feira de amostras"	Noticia revela que o parque shanghai que fez grande sucesso na ultima feira de amostras do distrito federal, após ter marcado bom êxito em Buenos Aires participara do evento em Niterói.	<b>Parque Shangai</b>
<b>18/11/1937</b>	"X Feira Internacional de Amostras"	Prova automobilística ocorrida no autódromo da Feira por iniciativa do antigo sportsman Manoel Caballero, diretor do Parque Shanghai. Festa em Homenagem à imprensa brasileira.	<b>Parque Shangai</b>
<b>23/10/1938</b>	"Na feira de amostras"	Noticia evidencia venda de barraca no Parque Shanghai presente na Feira. Motivo é que o dono da barraca vai embora do Rio de Janeiro. Interessados devem mandar carta para portaria do Jornal do	<b>Parque Shangai</b>

		Brasil.	
<b>08/11/1938</b>		Anúncio que promove atrações do Parque Shanghai na Feira de Amostras.	<b>Parque Shangai</b>
<b>16/11/1938</b>	"XI Feira Internacional de Amostras"	Notícia divulga a presença do Parque na Feira. Mais do que isso revela o evento como uma demonstração pujante da indústria do país. Revela que no pavilhão o Ministério da Justiça fará uma demonstração contra o Comunismo.	<b>Parque Shangai</b>
<b>10/11/1939</b>	"Telegramas do Interior - Pernambuco"	Notícia revela que o Parque Shanghai estará instalado na Feira de Amostras de Pernambuco que será inaugurada no dia 16/11/1939.	<b>Parque Shangai</b>
<b>01/12/1939</b>	"Cooperação do Parque de diversões Shanghai ao dia das forças armadas"	Franquerá gratuitamente às crianças e filhos de militares os brinquedos das 14 às 16 entre os dias 9 e 19 de dezembro.	<b>Parque Shangai</b>
<b>12/12/1939</b>	"XII Feira Internacional de Amostras dia do funcionário municipal"	Parque Shanghai franqueara aos serventuários da prefeitura e seus filhos gratuitamente os brinquedos das 19 às 20 horas por gentileza de seu concessionário Manoel Caballero. Concessão realizada ao Prefeito evidenciando as estreitas relações.	<b>Parque Shangai</b>
<b>14/12/1939</b>	"a maior atração da cidade o Parque Shanghai"	Notícia exalta a estrutura do parque shanghai na Feira de Amostras, com 57 aparelhos mecânicos, gerando aproximadamente 500 empregos, revelando seu caráter itinerante. Revela também que possui um parque infantil com miniaturas das atrações do parque adulto.	<b>Parque Shangai</b>
<b>12/12/1940</b>	"A cidade e seu grande parque de diversões"	Descrição das diversas atrações e novas que compoem o Parque Shanghai, maior da América do sul. Jornalista lamenta seu caráter itinerante e indica que a dispersão das pessoas por diversas partes da cidade dificulta a criação de parques fixos. Fotografia da Batedeira, nova atração do Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>14/12/1940</b>	"Asilo de São Cornélio"	Concessão de ingressos grátis de Manoel de ingressos grátis ao asilo.	<b>Parque Shangai</b>
<b>20/12/1940</b>	"O parque maravilhoso da cidade maravilhosa"	Notícia exalta o parque Shanghai e suas atrações, único ambiente salutar de diversão na cidade. Foto panorâmica da montanha russa.	<b>Parque Shangai</b>

<b>24/08/1941</b>	“Festa da Mocidade”	Noticia evidencia a participação do Parque Shanghai na Festa da Mocidade. Evento realizado no antigo recinto da Feira de Amostras sob o patrocínio da União Brasileira de Estudantes. Visa colaborar com os afetados pelas chuvas no Rio Grande do Sul	<b>Parque Shanghai</b>
<b>23/05/1943</b>	“Novo centro de diversões”	Reabertura do Parque Shanghai. Agora fixo e aberto diariamente entre 8 e 22 horas na Quinta da Boa Vista. Renda do primeiro dia destinada à merenda escolar para meninos pobres. Parque ampliado, com novas diversões mecânicas.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>30/05/1943</b>	“Os autênticos atrativos da antiga Feira de Amostras”	Anúncio do Parque Shanghai. Presente nas Feiras de Amostras desde 1943 se fixou na Quinta da Boa Vista. Entradas grátis.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>24/08/1943</b>	“Caxias figura ímpar de soldado padrão e cidadão modelo”	Participação do Parque Shanghai em evento que homenageava Caxias e o exército brasileiro. Shanghai ofereceu 10 mil entradas.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>03/09/1943</b>	“As comemorações da Semana da Pátria”	Participação do Shanghai cedendo ingressos e o espaço para o evento da Semana da Pátria	<b>Parque Shanghai</b>
<b>15/10/1943</b>	“A Semana da Criança”	Participação do Parque Shanghai franqueando entradas a estudantes de escolas públicas por intermédio das ações promovidas pela entidade Legião Brasileira de Assistência.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>24/12/1943</b>	“Natal. O Ministro Gaspar Dutra promoveu para hoje uma festa de conagração de todos os militares que servem em seu gabinete”	Parque Shanghai participou pela segunda vez de arrecadações para Guerra e promoveu o lazer para militares e parentes na festividade Natal da Vitória	<b>Parque Shanghai</b>
<b>20/02/1944</b>	“Parque Shanghai na Quinta da Boa Vista funcionara os tres dias de carnaval”	Programa de shows no auditório do Parque.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>28/04/1944</b>	“Aniversário do Presidente Getúlio Vargas”	Comemorações do aniversário do presidente. Parque Shanghai envolvido na programação	<b>Parque Shanghai</b>
<b>05/09/1944</b>	“Desfila a Juventude numa eloquente afirmação de vigor e de beleza da raça”	Descrição do programa da Semana da Pátria de 1944.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>29/10/1944</b>	“Cem casas inauguradas para os bancários. O belo espetáculo realizado na Quinta da Boa Vista. Relação das crianças vencedoras do concurso	Festejos do primeiro decênio do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários. Inauguração de casas para funcionário com renda menor. 2º concurso de Robustez Infantil dos filhos dos	<b>Parque Shanghai</b>

	de robustez”	associados do Instituto promovido na Quinta da Boa Vista. Prêmios em dinheiro aos vencedores. Shows de artistas de rádio e franqueamento as crianças dos brinquedos do Parque Shanghai.	
<b>04/02/1945</b>	“Divirta-se a valer. Hoje, todos os domingos e feriados Parque Shanghai na Quinta da Boa Vista”.	Anúncio do Parque Shanghai das atrações mecânicas, horário e espetáculos oferecidos gratuitamente em seu auditório. Essa prática parece ter sido comum em todas as unidades quando o parque se fixou. O fato de oferecer atrações grátis pode ser visto possivelmente como uma estratégia para motivar maior circulação em seu espaço.	<b>Parque Shangai</b>
<b>30/04/1948</b>	“O Parque Shangai será franqueado aos filhos de operários no dia 1º de maio”	Parque Shanghai franqueado aos filhos de cariocas operários. Iniciativa dos funcionários do parque com aprovação da diretoria da empresa.	<b>Parque Shangai</b>
<b>01/05/1948</b>	“1º de Maio. As comemorações de hoje, data consagrada ao trabalhador universal”	Programação de festejos de primeiro de maio com anúncio do franqueamento do Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>27/04/1949</b>	“Será comemorado com grandes solenidades o próximo dia do trabalho”	Festejos do dia do trabalho de 1949. Extenso programa realizado durante a última semana de abril . Semana de Higiene e segurança de trabalho. Franqueamento do Parque Shanghai e do Zôo da Quinta da Boa Vista.	<b>Parque Shangai</b>
<b>22/01/1950</b>	“A Questão do Parque Shangai”	Notícia aponta uma crítica a falta de clareza na questão da concorrência pública administrada pela Prefeitura que supostamente privilegia o Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>25/04/1958</b>	“60 Milhões de Cruzeiros é o preço da tranquilidade para a Quinta da Boa Vista”	Remodelação da Quinta e consequente remoção do Parque Shanghai. Debate surgiu nesse período em que SPHAN também sugeriu o fechamento do Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>25/06/1958</b>	“Ganhará com a restauração o Zoo”	Diretor do Zôo acredita que com a reforma da Quinta o mesmo se beneficiará. A retirada do Parque Shanghai é encarada como vantajosa no que tange a qualidade da frequência, mas numericamente pode cair segundo o diretor.	<b>Parque Shangai</b>
<b>19/09/1958</b>	“Jornaleiros vão desfilar até a Praça do Congresso para assistir a revoada”	Parque Shanghai, franquia de brinquedos no dia dos pombos na Praça do Congresso.	<b>Parque Shangai</b>
<b>26/09/1958</b>	“Vencedoras do concurso de redações sobre os	Dentre os prêmios, ingressos com acompanhante para os brinquedos	<b>Parque Shangai</b>

	pombos vão receber hoje seus prêmios”	do Parque Shanghai.	
<b>17/07/1976</b>	“Aonde levar as crianças”	Coluna com dicas de espaços de lazer para levar as crianças. Breve descrição sobre o Parque de Diversões Shanghai localizado na Penha. "18 brinquedos para todas as idades: Peter Pan; Autopista; Miniscooter; Chicote Americano e outros. Sábados, a partir das 18hrs. Domingos e feriados, a partir das 15hrs. Vila da Penha. Entrada Franca".	<b>Parque Shangai</b>
<b>28/01/1981</b>	“Polícia prende um, mata um e fere dois na Penha, em tiroteio com dez suspeitos”	Assalto a frigorífico na Penha. Um dos suspeitos fugiu pelo Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>14/10/1985</b>	“Acidente em Parque fere 11”	Acidente no Brinquedo Jatão do Parque Shanghai deixou crianças e adultos feridos. Notícia ainda pontua que o parque de diversões estava lotado devido aos festejos de Nossa Senhora da Penha.	<b>Parque Shangai</b>
<b>04/07/2010</b>	“O Eterno Parque Shanghai”	Entrevista com Nelson Waller. O proprietário do Parque Shanghai expõe as dificuldades de operação em função da violência no bairro da Penha	<b>Parque Shanghai</b>
<b>22/06/1943</b>		Anúncio que evidencia o Parque Shanghai como ponto de referencia. Desejam passar um ponto comercial próximo do mesmo na Quinta da Boa Vista.	<b>Parque Changai</b>
<b>30/04/1948</b>	"Diversões gratuitas para os filhos dos operários no Parque Changai"	Manoel Caballero, proprietário do Shanghai, convencido pelos funcionários do Shanghai foi comunicar ao Ministério do Trabalho sua decisão em oferecer no 1º de Maio as atrações gratuitamente do Parque Shanghai aos filhos dos operários.	<b>Parque Changai</b>
<b>12/10/1938</b>	"Grande Parque de Diversões Schangai. O mais interessante e moderno parque sul-americano"	Notícia sobre a Feira de Amostras de 1938. Revela que o Rio de Janeiro se recente de espaço de diversões, sobretudo de diversões mecânicas possibilitadas pelo progresso surgindo varias modalidades.	<b>Gaspar Zaragueta</b>
<b>14/09/1952</b>	"D. Gaspar José Luiz Zaragueta Echevarria"	Anúncio sobre missa de 30º dia da morte de Gaspar Zaragueta. Anúncio encomendado por Manoel Caballero seu sócio.	<b>Gaspar Zaragueta</b>

<b>07/02/1969</b>	"Revistinha em sociedade"	Menção a Enrique Gaspar Zaragueta Filho que aproveita férias no Guarujá com a família.	<b>Gaspar Zaragueta</b>
<b>09/07/1937</b>	"Termo de contrato para exploração a título precário, no recinto do Parque da Quinta da Boa Vista, de passeios de bicicletas e de um rink de patinação que, com a prefeitura do distrito municipal, celebra Angelo Sbarra"	Contrato de Sbarra com a prefeitura de para exploração de equipamento de diversão na Quinta da Boa Vista.	<b>Ângelo Sbarra</b>
<b>26/07/1961</b>	"Casamentos"	Notícia sobre o casamento de Hamilton Sbarra com Maria de Lourdes Correia. Hamilton é filho do proprietário Angelo Sbarra do Parque Shanghai e de Zilda Sbarra.	<b>Ângelo Sbarra</b>
<b>14/03/1962</b>	"Prazo do Xangai Terminou, mas dono quer esperar na quinta para ver como fica"	Notícia esclarece que o Parque Shanghai está na Quinta desde 1943. Revela que há 30 anos, desde 1932, Angelo Sbarra explora na Quinta serviços de restaurante, barcos e bicicletas.	<b>Ângelo Sbarra</b>
<b>18/09/1962</b>	"Departamento de Parque não planejou obra para substituir Parque Xangai"	Notícia revela que o Parque Shanghai já tinha sido removido e que não foram planejadas obras para área. Plano de recuperação da Quinta visa tratar os lagos e criar playgrounds. Além do Shanghai foram removidos os outros negócios de Angelo Sbarra.	<b>Ângelo Sbarra</b>
<b>03/07/2010</b>	"Shanghai, parque mais antigo no Brasil, nunca registrou acidente"	Notícia revela que o parque foi constituído em 1934.	<b>Nelson Waller</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO A GAZETA DE NOTÍCIAS (SP)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>23/11/1922</b>	"O parque de diversões. A sua inauguração. Uma obra de valor do professor Morales de los Rios"	Breve descrição do parque de diversões da exposição de 1922 do Rio de Janeiro. Alexandre Vigorito Sobrinho possível responsável do parque de diversões da exposição do centenário de 1922.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>04/12/1922</b>	"Parque Brahma"	Parque de diversões de Pietro Signorini. 24 mil metros quadrados, bar, restaurante, divertimentos, jogos, caramanchões. Rua Voluntários da Pátria, 555.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>25/10/1924</b>	"Jardim da Aclimação e"	Atrações diversas. Animais, partida de futebol, bar e restaurante, casino, teatro.	<b>Parque de Diversões</b>

	Zoologico de São Paulo”		
<b>01/04/1925</b>	“Parque de diversões Sul-Americano”	De Paschoal Segreto. Empresa Ballesteros & Ciociola. Instalado na Rua da Consolação esquina da Rua Fernando Albuquerque. Aparelhos da exposição do centenário de 1922.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>12/06/1925</b>	“Parque de diversões Sul-Americano”	Instalado na Avenida Rangel Pestana, 192. Propriedade Paschoal Ciociola. Empresa Ballesteros Ciociola. Aparelhos da Exposição de 1922 que anteriormente realizaram temporada à rua da Consolação. Preços: entrada para o parque \$300; Chicote 1\$600; Balanços Venezianos 1\$000; Orchestra Original 1\$000, Casa de Loucos 1\$000; Carroussel 1\$000; Aeroplanos 1\$000.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>12/06/1925</b>	“Theatro Sant’anna da Empresa Paschoal Segreto”.	Theatro Sant’anna da Empresa Paschoal Segreto. Frisas e Camarotes 90\$000; Poltronas e Balcões 17\$000; Galeria Numerada 6\$700. Theatro Casino Antarctica. Empresa José Loureiro. Preços: Frisas e Camarotes 28\$000; Poltronas 5\$600; Galeria Numerada 2\$800; Geral 2\$300. Empresas Cinematographicas. Triangulo, Rua 15 de Novembro. Poltronas 2\$500; Crianças 1\$200. Paraizo, Avenida Paraizo, 63. Frisas e Camarotes 12\$000; Poltronas 2\$300, Crianças 1\$000; Geraes \$800. Olympia. Braz, 1533. Preços: Frisas e Camarotes 6\$000; Poltronas 1\$200; Geraes \$600. Republica. Praça da Republica. Preços: Frisas e Camarotes 15\$000; Poltronas 2\$500; Crianças 1\$300; Geraes 1\$000. Avenida. Avenida São João. Preços: Frisas e Camarotes 15\$000; Poltronas 3\$000; Crianças 1\$500; Geraes \$800.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>06/11/1926</b>	“Palacio das Industrias. I Feira Industrial de São Paulo”	No recinto da Feira Industrial o maior parque de diversões da América do Sul. Inauguração 13 de novembro.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>20/05/1925</b>	“Na A.B.C.”	Evento no Parque de Diversões Jahu. Rua Carlos Botelho, esquina com a Rua Joly.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>08/10/1929</b>	“III Feira Industrial de São Paulo. Sua inauguração no próximo dia 19. Pavilhão de Automoveis, Pavilhão da imprensa paulista, parque de diversões”	Feira industrial instalada no Glicério. Com amplos pavilhões. Construção de 5 pavilhões numa área de 12 mil metros quadrados. As duas edições anteriores ocorreram no Palácio das Indústrias. Filmes instrutivos e para diversões. Área de 4 mil metros para o parque de diversões. Notícia descreve " funcionará um parque de diversões, e será esse um lado de real interesse, visto como o público, ainda não totalmente habituado a frequentar os certames dessa natureza, precisa de um estímulo que o faça acorrer em massa. Mais alguns dias e será posto a prova	<b>Parque de Diversões</b>

		o apregoado processo industrial da gigantesca São Paulo". Inauguração dia 19. O Parque abrigará balanços, trio ao alvo; rink para patinação, Chicote. 50% de desconto no preço das passagens de trem no dia da inauguração da feira.	
<b>07/09/1931</b>	"A instalação da Feira de Amostras do Estado de São Paulo"	O certame realizado na água branca abrigou um parque de diversão para proveito infantil.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>16/09/1931</b>	"Feira de Amostras. Continua concorrida a grande exposição"	Parque de diversões equipado com cavalinhos; Chicote; montanha russa; aeroplanos, roda gigante; casa dos loucos, globo do diabo (manobras de motociclistas italianos). Evento na Água Branca e abriga outras diversões como cinema, Zoo, restaurante, bar, rink de patinação.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>02/06/1932</b>	"II Feira de Amostras de São Paulo"	Abrigo parque de diversões e foi realizada novamente na Água Branca.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>07/01/1933</b>	"Parque de diversões Rodó"	Notícia que aponta inauguração do Parque de Diversões Rodó de propriedade de Luiz Rodrigues. Localizado na Avenida São João, 134. Parque equipado com roda gigante, torre da força, balanços venezianos, dentre outras atrações.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>06/06/1933</b>	"Luna Parque Antarctica"	Ferraris & Cia arrendou o Parque Antarctica para implantação do Luna Parque Antarctica.	<b>Parque de Diversões</b>
<b>22/09/1933</b>	"Anúncio da III Feira de Amostras de São Paulo. Realizada na Água Branca a feira contemplou um parque de diversão"	Parque de Diversão na Água Branca.	<b>Parque de Diversões</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO A GAZETA DE NOTÍCIAS (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>27/08/1936</b>	"A Feira de Amostras como Symbolo da Fraternidade Mineira"	Notícia revela a presença do Parque Shanghai na Feira de Amostras de Belo Horizonte. Entre as atrações do Parque destacaram-se o Auto-Pista, o Bicho de Seda e a Carambola.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>03/09/1936</b>	"A Feira Permanente de Amostras de Belo Horizonte"	Notícia revela a presença do Parque Shanghai na Feira de Amostras de Belo Horizonte. Algumas das atrações do Parque serão o Auto-Pista e o Bicho de Seda, Cinema ao ar livre, teatro com artistas vindos do Rio de Janeiro tirados dos melhores music	<b>Parque Shanghai</b>

		halls. Experiência do Professor Von Houer. Número de sucesso em thetros europeus e da América.	
<b>04/09/1936</b>	"A Feira Permanente de Amostras de Belo Horizonte. A Abertura Hontem do Parque de Diversões"	Apresentação do grupo tupinambá.	<b>Parque Shangai</b>
<b>10/10/1937</b>	"Visitando o maior parque de diversões que já veio a América do Sul. Reportagem do DPGN".	Notícia exalta o poderio econômico da Empresa Parque Shanghai, os sócios Caballero e Zaragueta, as novidades trazidas da Exposição da Paris, o trabalho em conjunto com a Diretoria de Turismo e Propaganda para instalação da maior montanha russa do mundo com mais de 1000 metros. Capital do Parque de 8 mil contos de reis.	<b>Parque Shangai</b>
<b>06/11/1938</b>		Anúncio que promove atrações do parque shanghai na Feira de Amostras. Monumental Parque Shanghai + 37 aparelhos.	<b>Parque Shangai</b>
<b>10/01/1939</b>	"Vinte Mil pessoas assistiram a Festa da Policia Militar Imponentes solenidade realizadas, domingo, na Exposição Nacional do Estado Novo"	Festa da Policia Militar na Exposição do Estado Novo na Feira de Amostras. Museu com objetos tirados da sala de armas dessa corporação. Exercícios equestres no Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>02/10/1945</b>	"Furtaram o Parque Shanghai"	Manoel Cabellero se queixa de constantes furtos ao Parque Shanghai. Roubavam peças, motores e até as roupas dos funcionários.	<b>Parque Shangai</b>
<b>30/04/1948</b>	"No dia do trabalho o parque shanghai será franqueado aos filhos de operários"	Por iniciativa dos funcionários do Parque Shanghai brinquedos serão franqueados aos filhos de operários. A administração apoiou a promoção.	<b>Parque Shangai</b>
<b>08/10/1937</b>	"A Feira Internacional de Amostras"	Notícia exalta o poderio econômico da Empresa Parque Shanghai, os sócios Caballero e Zaragueta, as novidades trazidas da Exposição da Paris, o trabalho em conjunto com a Diretoria de Turismo e Propaganda para instalação da maior montanha russa do mundo com mais de 1000 metros. Capital do Parque de 8 mil contos de reis. Grande quantidade de funcionários.	<b>Parque Shanghai</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL O RADICAL (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>21/12/1939</b>	"Amanhã o dia da petizada na Feira de Amostras"	Brinquedos, doces e bombons serão oferecidos a crianças pobres pela esposa do prefeito Henrique Dodsworth na Feira de Amostras. Os brinquedos do Parque Shanghai seriam oferecidos gratuitamente.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>03/12/1940</b>	"No Recinto da Feira Internacional de Amostras. O parque Shanghai como uma das maravilhas da Feira Internacional de Amostras"	Noticia exalta a estrutura do parque Shanghai na Feira de Amostras revelando que não é possível pensar o certame sem o mesmo. Exalta o esforço do Proprietário Manoel Caballero. Todas as classes e condições sociais visitando a feira parecem impelidos e atraídos em gozar das delicias do Parque com múltiplos aparelhos de diversão.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>21/12/1940</b>	"Hoje é dia das classes armadas na Feira de Amostras"	Os militares terão entrada gratuita se estiverem fardados na Feira, os que forem à paisana deverão exibir a carteira de identificação. As diversões serão gratuitas no Shanghai das 13 às 18h.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>24/08/1943</b>	"Na Quinta da Boa Vista"	O parque Shanghai oferecerá 10 mil entradas gratuitas. Evento festivo na Quinta com a participação de Getúlio Vargas. Escolares premiados na Campanha da Borracha Usada	<b>Parque Shanghai</b>
<b>15/10/1943</b>	"A Semana da Criança"	Franqueados a alunos de escolas públicas divertimentos do Parque Shanghai instalados na Quinta da Boa Vista. Ingressos fartamente distribuídos pela Legião Brasileira de Assistência.	<b>Parque Shanghai</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL CORREIO DA MANHÃ (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>21/12/1939</b>	"Dia das crianças na XII Feira Internacional de Amostras"	Noticia revela que será franqueado brinquedos do Parque Shanghai das 14 as 16 as crianças	<b>Parque Shanghai</b>
<b>08/12/1940</b>	"A Feira de Amostras desde a sua criação"	Resumo do histórico da Feira de Amostras do Rio de Janeiro desde sua criação em 1928. Administrações, público que atraiu, número de dias de cada evento, expositores. Exalta também o progresso da manufatura brasileira e a relevância de se estreitar as relações comerciais com as nações estrangeiras. Parque Shanghai instalado em 1940 em uma área de 14 mil <sup>2</sup> .	<b>Parque Shanghai</b>

<b>08/12/1940</b>	“Uma das grandes atrações da Feira de Amostras. O Parque Shangai e seus divertimentos”	Noticia exalta a presença do Parque Shanghai na XIII Feira Internacional de Amostras. Aparelhos de diversão de fabricação brasileira. Parque equivale “a um centro de curas, um verdadeiro sanatório de onde as pessoas saem contentes após terem sujeitado o corpo e o espírito a sensações inigualáveis e inesquecíveis”.	<b>Parque Shangai</b>
<b>08/12/1940</b>	“A indústria nacional na Feira de Amostras. A nossa produção de Machinas de lavanderia e cozinhas a vapor”	Destaque para a produção da nacional, maior autonomia e menor importação do estrangeiro.	<b>Parque Shangai</b>
<b>12/12/1940</b>	“Luminarias da Feira de Amostras”	A Guerra propiciou que a indústria nacional ganhasse mais espaço nos pavilhões. Questão da luminosidade, novas tecnologias.	<b>Parque Shangai</b>
<b>21/12/1940</b>	“XIII Feira Internacional de Amostras. Hoje, "o dia das classes armadas"	Franqueamento gratuito aos militares e seus familiares.	<b>Parque Shangai</b>
<b>27/12/1940</b>	“Na Feira de Amostras. O dia de hoje é consagrado aos funcionarios municipais”	Franqueamento gratuito aos funcionários municipais e seus familiares.	<b>Parque Shangai</b>
<b>04/01/1971</b>	“Rio, onde férias e crianças não combinam”	Reportagem discorre sobre a falta de alternativas para o lazer infantil durante as férias. Listam uma série de opções públicas e privadas, contudo criticam falta de estrutura, programação adequada, etc. No que tange aos parques de diversões citam o Parque Shanghai e mais 11, indicando que a cidade possui 32 mas que a maioria não possui condições ideais de funcionamento.	<b>Parque Shangai</b>
<b>27/02/1935</b>	"Centenário de NITERÓI - Início das Obras de instalação da 1ª feira de amostras"	Noticia revela que o Parque Shanghai que fez grande sucesso na última Feira de Amostras do Distrito Federal, após ter marcado bom êxito em Buenos Aires, participaria do evento em Niterói.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>12/10/1937</b>	"Haverá na Feira de Amostras o Maior Parque de Diversões da América do Sul"	Notícia exalta o poderio econômico da empresa Parque Shanghai, os sócios Caballero e Zaragueta, e as novidades trazidas da exposição da Paris pelo segundo. Aponta o trabalho em conjunto com a Diretoria de Turismo e Propaganda para instalação da maior montanha russa do mundo.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>09/11/1944</b>	"Inaugurada a V Feira Nacional de	Feira realizada no Parque Antartica que contará com a presença de equipamentos de	<b>Parque Changai</b>

	Indústrias, os discursos pronunciados no ato, pelo ministro Marcondes Filho e pelo interventor Fernando Costa"	diversão do Parque Shanghai.	
--	--	------------------------------	--

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL DIÁRIO CARIOCA (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>16/11/1938</b>	"Primeira Feira de Amostras de Porto Alegre"	Noticia revela que o Parque Shanghai do Rio de Janeiro, o mais completo da América do Sul, transportará seus equipamentos de diversão ao Parque Farroupilha por ocasião da Feira de Amostras de Porto Alegre.	<b>Parque Shangai</b>
<b>12/12/1939</b>	"Os festejos de hoje na XII Feira Internacional de Amostras"	Notícia traz uma fotografia dos militares e seus familiares se divertindo na Roda gigante no dia das classes armadas.	<b>Parque Shangai</b>
<b>18/12/1942</b>	"Reformas radicais nos estatutos da liga da defesa nacional"	Participação do Parque Shanghai no Natal da Vitória. Esforço para arrecadação para II Guerra Mundial. Exaltação de um sentimento nacionalista, lazer, esporte, teatro, cinema a serviço do governo. Demonstrações militares.	<b>Parque Shangai</b>
<b>06/06/1943</b>	"Visite o Parque Shanghai"	Anúncio do Parque Shanghai instalado na Quinta da Boa Vista.	<b>Parque Shangai</b>
<b>28/12/1947</b>	"Os grandes festejos comerciários. Hoje na Quinta da Boa Vista o programa organizado pelo Sesc do distrito federal. Atrações infantis e fogos de artifício"	Festejo organizdos pelo SESC na Quinta da Boa Vista. Estavam disponíveis brinquedos do Parque Shanghai na ocasião.	<b>Parque Shangai</b>
<b>28/12/1947</b>	"Natal das crianças dos orfanatos e asilos. A festa realizada ontem sob o patrocínio da Prefeitura"	Manoel Caballero cedeu os equipamentos do Shanghai gratuitamente para que as crianças que não possuem um lar pudessem desfrutar de uma festa de Natal.	<b>Parque Shangai</b>
<b>17/12/1949</b>	"Natal dos comerciários promovido pelo SESC carioca"	Festa promovida pelo SESC no Parque Shanghai. Além dos brinquedos, o público desfrutou de teatro, apresentações de artistas de rádio, mate gelado e doces.	<b>Parque Shangai</b>
<b>26/09/1959</b>	"Utilidade pública"	Elogios ao Parque Shanghai por sua atuação no Rio de Janeiro, um dos únicos recintos de lazer da cidade.	<b>Parque Shangai</b>

<b>18/12/1959</b>	"Quinta será igual o paço imperial"	Remodelação da Quinta da Boa Vista dependia da saída do Parque Shanghai.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>29/04/1960</b>	"Dia do Trabalho 1º de Maio"	Convite para usufruir de uma atração do Parque Shanghai instalado na Feira Internacional de Indústria e Comércio no campo de São Cristóvão.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>14/10/1938</b>	"Na XI Feira de Amostras o maior Parque de Diversões da América do Sul"	Notícia descreve a estrutura do Parque Shanghai na XI Feira de Amostras, revela que serão 38 aparelhos, e cita os proprietários Gaspar Zaragueta e Manoel Caballero. Mostra uma foto com aspecto da roda gigante. Descreve a composição da montanha russa.	<b>Gaspar Zaragueta</b>
<b>16/02/1962</b>	"Quinta fecha mas as empresas não sairão"	Notícia evidencia que o prazo para o fim as atividades na Quinta se encerra dia 25 de Fevereiro de 1962. Apelo de 180 funcionários que ficarão desempregados a Câmara dos Deputados para manutenção das diversões na Quinta da Boa Vista.	<b>Angelo Sbarra</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL A CRUZ (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>22/12/1957</b>	"O parque Shanghai da ao povo a diversão que ele tanto necessita"	Anuncio que evidencia participação do Parque na Festa Nacional de Estudantes na Quinta atendendo o natal da Rádio Globo, filho do trabalhador, serviço de recreação operária, natal do Clube Militar, Festival de Diversões Estrela.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>26/11/1944</b>	"Parque Changhai"	Anúncio do Parque Shanghai enfatizando os proprietários Gaspar e Enrique Zaragueta e dizendo que o Parque possui atrações internacionais.	<b>Enrique Zaragueta</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL TRIBUNA DA IMPRENSA (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>09/09/1959</b>	"Remodelação da Quinta da Boa Vista"	Obras previstas para Quinta da Boa Vista. Projeto baseado no aspecto físico da época imperial. Saída do Parque Shanghai essencial ao projeto.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>06/03/1960</b>	"Gente do "bem" abandonou a Quinta da Boa Vista por causa dos malandros"	Remodelação da Quinta da Boa Vista. Parque Shanghai por pertencer a empresa particular único apresenta sinais de cuidado.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>15/06/1960</b>	"Defensores do Parque querem fazer paraíso"	Notícia aponta um acidente com uma frequentadora do Parque Shanghai e que o seu representante acompanhou a acidentada	<b>Parque Shanghai</b>

		no pronto socorro. Denúncia sobre alta velocidade dos brinquedos do Shanghai	
<b>15/10/1961</b>	"Governo do Estado"	O Parque Shanghai tem prazo de 90 dias para deixar a Quinta da Boa Vista. É pedido do Estado a Primeira vara da Fazenda. Parque notificado em 13/10/61. Notificação para empresa Bar e Restaurante Boa Vista a que o Parque Shnaghai estava vinculado.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>20/12/1956</b>	"O D.I.E. e o Natal"	Ação filantrópica da empresa de diversões Boa Vista Ltda. cedendo o Parque Shanghai para confraternização dos cronistas esportivos e seus filhos.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>14/04/1958</b>	"Parque"	Anúncio que divulgava que orfanatos e instituições de caridade poderiam dispor dos aparelhos do Parque Shanghai, bastando que seus responsáveis entrassem em contato com a administração do Parque.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>15/02/1962</b>	"Montanha Russa, vende-se. Única na América Latina"	Saída do parque da Quinta da Boa Vista. Anúncio de venda da Montanha Russa do Parque Shanghai prestes a vencer sua concessão na Quinta. Descrição da montanha russa, 5º maior do mundo.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>17/03/1962</b>	"Ainda há tempo de andar na montanha russa. Sítio do Picapau amarelo vem aí".	Notícia revela sobre a remoção do Parque da Quinta da Boa Vista. Explica sobre estrutura e investimento da montanha russa. Energia fornecida por uma subestação própria. A questão no nome atrelada a um antigo funcionário chinês que possuía um nome difícil de pronunciar que passou a ser chamado de Shanghai. Idéia da implantação de um outro Parque. Documento expedido para o Shanghai deixar. Tentativa de contato de Sbarra com as autoridades que o ignoraram para reverter à situação. 27 de novembro de 1961, intimação da Vara Fazenda pública concedendo prazo de 90 dias para que todos os serviços explorados fossem removidos.	<b>Angelo Sbarra</b>
<b>20/03/1962</b>	"Quinta não vai parar com as obras do Parque"	Notícia sobre a remoção do Parque da Quinta da Boa Vista. Parque continua funcionando mesmo com a determinação do Governador Carlos Lacerda. Sbarra critica a postura do Governador que poderia tomar decisões com mais ponderação. Sbarra recebe ligações solicitando a reabertura dos serviços do Parque, das bicicletas e barcos.	<b>Angelo Sbarra</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL O JORNAL (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>24/06/1941</b>	"As feiras constituem um espelho fiel no qual se reflete a capacidade industrial de uma nação"	Notícia sobre o Parque Shanghai de São Paulo. Depoimento de Artacho Jurado, comissário geral da feira. Novidades no que tange aos divertimentos. Mais de um milhão de pessoas participaram do evento de 1940. A feira de 1941 tem expectativa de ultrapassar a anterior em números. Descrição Tartaruga e Estratosfero, aparelhos do Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>
<b>24/07/1930</b>	"Que lhes sirva, para o futuro, a lição - O football é um jogo de conjunto, diz sr Manoel Caballero"	Foto de Caballero e referência ao seu nascimento no Uruguai.	<b>Manuel Caballero</b>
<b>27/12/1938</b>	"Mortos no apartamento fechado os dois protagonistas da sangrenta ocorrência - teria sido abatido pela esposa, na ocasião em que eliminava a punhaladas"	Notícia sobre a tragédia que envolveu Gaspar Zaragueta, proprietário do Parque Shanghai, que se envolveu com a esposa do mecânico chefe do Parque Shanghai e no momento da tragédia estava na Argentina.	<b>Gaspar Zaragueta</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL O FLUMINENSE (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>08/11/1938</b>	"Visita dos Escolares a Feira de Amostras"	Notícia revela que foram distribuídos ingressos gratuitos a crianças de escolas públicas para ir ao Parque Shanghai.	<b>Parque Shangai</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL O GLOBO (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>23/07/2011</b>	"Parque Shanghai comemora a volta aos tempos de glória"	Breve histórico do Parque Shanghai que aponta sua fundação em 1919, sua tranferencia para penha em 1968, número de atrações e ingressos vendidos.	<b>Parque Shangai</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL DOS SPORTS (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>07/06/1946</b>	“Diversões e emoções que se renovam no mais lindo recanto da cidade - O parque shanghai, maravilha da técnica - instalado na Quinta da Boa Vista; Reune os mais variados atrativos”	Notícia de página inteira do Parque Shanghai com ampla explicação sobre o nome Shanghai, questões relativa as sensações de lazer, que surgiu na Feira de Amostras. Atrações musicais que se apresentavam em seu auditório, dias de função, equipamentos mecânicos de diversão, montanha com 1026m e que atingia 130 km por hora. Mais de 50 atrativos.	<b>Parque Shanghai</b>
<b>26/02/1949</b>	“O Parque Shanghai”	Instalado na Quinta da Boa Vista funcionará de domingo a terça de carnaval promovendo festas carnavalescas.	<b>Parque Shanghai</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL DO COMMERCIO (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>30/11/1963</b>	“Festa de Natal”	Participação do Parque Shanghai na Festa de Natal promovida pela Associação Guanabarina de Imprensa na Praça Antero de Quental.	<b>Parque Shanghai</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL LUTA DEMOCRÁTICA (RJ)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>04/10/1973</b>	“Ponto de Encontro”	Notícia destaca a Festa da Penha ocorrida em outubro de 1973. Diversos fiéis foram a igreja acompanhar a missa e o movimento do Parque Shanghai dobrou. Nota-se que desde que foi para a Penha o Parque Shanghai se mantém envolvido com a comunidade. No mês de outubro quando ocorre os festejos de Nossa Senhora da Penha o movimento no bairro e no santuário aumenta, por consequência o do parque de diversões também.	<b>Parque Shanghai</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL CLARÍN (AR)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>12/12/2011</b>	"Cuando Retiro era divertido". (Online)	Breve histórico do "Parque Japonés" estabelecido no bairro Retiro.	<b>Parque Japonés</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL LA NACIÓN (AR)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>11/06/2008</b>	"Adiós Parque Japonés" (Online)	Breve histórico do "Parque Japonés" estabelecido no bairro Retiro, com destaque para seu fechamento.	<b>Parque Japonés</b>

**QUADRO DESCRITIVO DE MATÉRIAS ENCONTRADAS  
NO JORNAL CRITICA (AR)**

<b>Data</b>	<b>Título da Notícia</b>	<b>Assunto</b>	<b>Tag</b>
<b>25/12/1930</b>	"Se Incendio Hoy El Fujiyama -Es la célebre Montaña del "Parque Japonés"	Incêndio na Montanha Russa do Parque Japonés de Buenos Aires.	<b>Parque Japonés</b>

## Anexo III

### Entrevista com Nelson Waller<sup>237</sup>

**1) Nome?**

**R:** Nelson Waller.

**2) Idade?**

**R:** 58 anos.

**3) Profissão?**

**R:** Comerciante (Sócio-Administrador da empresa Bars e Diversões Boa Vista LTDA-EPP/Parque Shanghai).

**4) Há quanto tempo o Parque Shanghai existe no Rio de Janeiro?**

**R:** Desde 1934.

**5) Por quais lugares o Parque Shanghai circulou no Rio de Janeiro?**

**R:** Praia do Flamengo, Parque da Quinta da Boa Vista (São Cristóvão) e o Bairro da Penha.

**6) Há quanto tempo o Parque Shanghai está na Penha?**

**R:** Desde de 1967.

**7) O que você sabe sobre a trajetória do Parque Shanghai?**

**R:** Não sou um conhecedor nato da história do Parque Shanghai. Posso contribuir com a informação sobre a origem no “nome” Shanghai. Este foi inspirado em um ringue de lutas marciais, e parece que isso começou na Bahia. “Me lembro também da possível motivação de transferência da Quinta da Boa Vista para a Penha”. Meu Pai contou que um dos antigos sócios, Angelo Sbarra, numa campanha política apoiou o Marechal Henrique Teixeira Lott e não Carlos Lacerda (episódio relativo à eleição presidencial dos anos 1950) o que foi determinante para saída do Parque Shanghai daquele local. Após a transferência, Sbarra deixou a sociedade.

**8) Qual dinâmica de funcionamento do Parque Shanghai atualmente? Que dias fica aberto? Qual estimativa de público de semana? Por mês?**

**R:** O Parque Shanghai fica aberto entre quinta-feira e domingo, segunda-feira é o dia de folga dos funcionários, terça-feira e quarta-feira trabalhamos na manutenção de seus equipamentos. A Questão do público varia de acordo com a sazonalidade. O Parque Shanghai já atingiu várias multidões, nas décadas de 1970 e 1980, no mês das festas da Penha, o número de pessoas que frequentavam o Shanghai era incalculável. Não realizamos estimativas, nem um controle preciso atualmente.

**9) Quais eventos o Parque Shanghai promove atualmente?**

---

<sup>237</sup> Entrevista realizada com Nelson Waller em 21/07/2016 no Parque Shanghai, localizado no bairro da Penha, na cidade do Rio de Janeiro.

**R:** Por se tratar de um “parque de diversões fixo”, atualmente promovemos festas de aniversário e de empresas. As empresas que nos procuram são todas do Rio de Janeiro.

**10) Quem são os atuais sócios do Parque Shanghai?**

**R:** “Eu e meu filho”. (Nelson Waller e Bernardo Waller).

**11) Quantos funcionários e quais cargos existem no Parque Shanghai?**

**R:** O parque possui 70 funcionários, sendo 50 eventuais, são “horistas”, e o restante fixos. Quanto aos cargos, gerente geral e administrativo, mecânicos, pintores, manutenção, caixa, além dos que trabalham no estande de alimentação do parque.

**12) Como adquire equipamentos para o Parque Shanghai?**

**R:** Viajo para Itália e para São Paulo para efetuar esses negócios. A IAPPA (International Association of Amusement Parks and Attractions) também é um importante canal para aquisição, pois possibilita contatos, e assim encontramos preços mais competitivos. Porém, é muito complicado trocar os aparelhos com frequência, pois o processo de importação é caro. Dessa forma, investimos mais em alterar a estética dos brinquedos e do espaço. Na prática, as funções, direções, se sobe ou desce, enfim, a dinâmica do brinquedo, não mudou muito no decorrer do tempo.

**13) Quais os planos e objetivos do empreendimento?**

**R:** Não pretendemos expandir para além do Rio de Janeiro. Concentramos nossas atividades em função do bairro e aproveitamos eventuais oportunidades para “locar” o Shanghai para outras entidades/pessoas que demonstram interesse em “utilizar” o seu espaço para alguma finalidade particular. Inauguramos atrações esporadicamente também. Além disso, ocasionalmente realizamos algumas reformas no parque, trocamos os murais, pintamos os muros, enfim, alguns reparos estéticos.

**14) Algum órgão ou instituição colabora/investe no Parque Shanghai?**

**R:** Não.

**15) Qual público frequentador do Parque Shanghai? Se restringe, sobretudo, ao Rio de Janeiro? Ao bairro?**

**R:** O público é variado. Mas alguns frequentadores são assíduos. Aparece bastante turista também, afinal, estamos em uma região turística da cidade. Diversas pessoas que visitam o Santuário da Penha acabam passando também no Parque Shanghai.

**16) Qual sua relação com os antigos sócios?**

**R:** Todos já morreram. Não tenho relação e conhecimento sobre a família “Zaragueta” também. Berthold Wroke casou-se com a minha tia Mimi. Meu pai nasceu em Dusseldorf em 1908 e morreu no Rio de Janeiro em 1998. Sua vinda para o Brasil está relacionada à instabilidade e aos conflitos do período entre guerras na Alemanha. O nome da embarcação que o trouxe ao Brasil era Netuno.

**17) Discorra sobre a relação do Parque Shanghai com o bairro da Penha**

**R:** Não há dúvidas que o Parque Shanghai mantém uma estreita relação com a comunidade. Um exemplo, é que no mês de outubro nos envolvemos com as festividades de Nossa Senhora da

Penha que atraem muitas pessoas ao Santuário e, por consequência ao Parque Shanghai. Lembro que nos anos 1970 e 1980 o público era muito maior que o atual. Entre o final da década de 1990 e a primeira de 2000 a frequência decaiu em função da violência no bairro. Desde 2010, em função das intervenções ocorridas no bairro (se refere as UPP) a circulação tem aumentado.

#### **18) Outras considerações**

**R:** Meu Pai, Bernhard Waller, antes de se tornar sócio do Parque Shanghai possuía outro parque de diversão chamado “*Coney Island*”. Sobre o Parque Coney Island sei que ele era itinerante e que circulou pela Bahia. Meu pai era alemão e chegou ao Brasil em 1932. Ele se casou com uma brasileira em Curitiba. Antes de chegar ao Brasil ele era comerciante na Alemanha, mas não do setor de parques de diversões.

## Anexo IV

### Questionário Parque Shanghai<sup>238</sup>

**1) Quantas vezes foi ao Parque Shanghai?**

R: 02 ou 03 vezes.

**2) Quando foi? Lembra o ano? A década?**

R: entre 1966 e 1967.

**3) Você pagou ingresso para entrar? Entrou de outra maneira?**

R: Não posso afirmar com certeza, mas não havia pagamento para o ingresso no parque e sim para as atrações e brinquedos.

**4) Qual era o valor do ingresso quando foi ao Parque? Pagava um valor para entrar e outro para se divertir nos equipamentos? Quanto pagava nos equipamentos?**

R: Não me recordo.

**5) Lembra se o Parque fazia algum tipo de promoção?**

R: Não me recordo.

**6) Era necessário ter muito dinheiro para frequentar o Parque?**

R: Para nós, naquela época era muito. Meu pai era um pequeno comerciante de auto peças.

**7) Com quem foi ao Parque? Ou quem te levou ao Parque?**

R: Em todas as vezes fui com o meu pai que convidava alguns vizinhos para ir junto. Íamos na VW Kombi da loja de meu pai.

**8) Quantos brinquedos o Parque abrigava? Lembra o nome de quais brinquedos?**

R: Lembro que alguns brinquedos eram fixos, outros ficavam uma temporada. Lembro da montanha russa que era toda de madeira; da casa dos espelhos; das motos no globo da morte e do esqueleto da baleia Moby Dick, do filme Moby Dick: a Baleia Branca.

**9) Qual era sua atração preferida?**

R: A montanha russa.

**10) Ir ao Parque era um evento distinto? Como se vestia para ir ao Parque?**

R: Eu ia com minhas roupas de “domingo”, ou seja, as melhores que eu tinha.

**11) Qual meio de transporte utilizava para ir ao Shanghai?**

---

<sup>238</sup> Questionário respondido por Miguel Rachid em 12/03/2017. Rachid foi frequentador do Parque Shanghai de São Paulo durante a década de 1960.

R: Morávamos em São Miguel Paulista, extremo leste da capital. Havia 03 modos de se chegar a São Miguel : de trem, pela variante de Calmon Viana, de carro ou ônibus, pela Rodovia Pres. Dutra ou pela av. Celso Garcia. Íamos de carro pela Celso.

**12) O Parque funcionava durante a semana, ou apenas sábados, domingos e feriados?**

R: Não sei.

**13) Descreva suas sensações no espaço do Parque, nos brinquedos, com as personagens ou pessoas que lá circulavam.**

R: Era como se eu estivesse mergulhando em um outro mundo, coisas interessantes, diferentes e misteriosas que eu só conhecia das seleções Reader's Digest.

**14) Foi em algum show no auditório do Shanghai? Lembra de algum artista que se apresentou?**

R: Não nunca.

**15) Tem ideia de quantos funcionários o Parque possuía? Usavam algum uniforme?**

R: Não.

**16) Animadores trabalhavam no Parque? Conhecia alguém que trabalhava no Parque?**

R: Não me recordo.

**17) O Parque vendia comida? Algum souvenir?**

R: Me recordo de pipoca e outros doces.

**18) Foi em algum circo no Parque ou nas imediações?**

R: Não.

**19) Guardou alguma recordação do Parque? Ingresso? Souvenir?Fotografia?**

R: Não.

**20) Morava próximo ao parque? O que Lembra do entorno? O Parque influenciava no entorno? Era o grande atrativo das imediações?**

R: Como relatei, morávamos no extremo leste da cidade, bem distante.

**21) Moradores do Brás frequentavam o Parque?**

R: Não sei.

**22) Lembra de algum conflito que envolveu o Parque? (Brigas, crimes, desacordo com o poder público)**

R: Não me recordo.

**23) Quais outros espaços de lazer, dentre outros, elementos existiam no entorno do Parque?**

R: Me recordo do Palácio das Indústrias e do Quartel.

**24) Além do Parque Shanghai frequentava outros espaços de lazer da cidade de São Paulo? Quais? Lembra dos preços?**

R: Frequentava o parque do Ibirapuera e me lembro de ter ido ao Grande Circo de Moscou

## Questionário Parque Shanghai<sup>239</sup>

### **1) Quantas vezes foi ao Parque Shanghai?**

R: Mudamos para São Paulo, vindos de Lins, interior do estado, por volta de 1958. Moramos 12 anos na capital e voltamos para a terra natal. Nesse período de tempo, não sei precisar quantas vezes fomos ao Parque Shanghai, fazia parte dos programas dominicais, mas eu tinha entre os 08 e 10 anos quando o visitávamos.

### **2) Quando foi? Lembra o ano? A década?**

R:

### **3) Você pagou ingresso para entrar? Entrou de outra maneira?**

R:

### **4) Qual era o valor do ingresso quando foi ao Parque? Pagava um valor para entrar e outro para se divertir nos equipamentos? Quanto pagava nos equipamentos?**

R:

### **5) Lembra se o Parque fazia algum tipo de promoção?**

R:

### **6) Era necessário ter muito dinheiro para frequentar o Parque?**

R: Em relação às essas cinco perguntas não tenho ideia, mas creio que fosse pago.

### **7) Com quem foi ao Parque? Ou quem te levou ao Parque?**

R: Nossos passeios ao Parque eram feitos em família: meu pai, minha mãe e os cinco filhos: eu, minha irmã e três irmãos. O mais velho tinha por volta de 12 ou 13 anos e a caçula por volta de 03 anos.

### **8) Quantos brinquedos o Parque abrigava? Lembra o nome de quais brinquedos?**

R: Não sei precisar, eram barquinhos em um lago (creio eu), roda gigante, trem fantasma e montanha russa. São os que me lembro.

### **9) Qual era sua atração preferida?**

R: Não tinha preferência por nenhum brinquedo, pois foi uma experiência marcante e que, muitas vezes, me levou ao medo... (rsrsrs).

---

<sup>239</sup> Questionário respondido por Sueli Ambrósio em 15/03/2017. Ambrosio foi frequentadora do Parque Shanghai de São Paulo durante a década de 1960. Atualmente é especialista em Gestão Educacional da UNESP. Foi professora de filosofia no Ensino Médio e Fundamental.

**10) Ir ao Parque era um evento distinto? Como se vestia para ir ao Parque?**

R: Hoje talvez seja diferente, devido à profusão de divertimentos, mas, na época, ir ao parque Shangai era algo quase que uma epopéia... Minha vestimenta na época eram os vestidos, não tinham alternativas.

**11) Qual meio de transporte utilizava para ir ao Shanghai?**

R: Nessa época morávamos na Rua Jaceguay, bairro da Liberdade. Creio que o Shanghai ficava no Parque Dom Pedro e acredito que íamos a pé. Os transportes coletivos na época eram os bondes, papa-filas e creio que ônibus comum também. Mas não tenho lembrança de como chegávamos ao parque.

**12) O Parque funcionava durante a semana, ou apenas sábados, domingos e feriados?**

R: Não sei precisar, mas acredito que íamos aos finais de semana. Eu era uma menininha, poucas lembranças. Rsr.

**13) Descreva suas sensações no espaço do Parque, nos brinquedos, com as personagens ou pessoas que lá circulavam.**

R: Ir ao Parque Shangai, como já descrevi, era um evento, uma aventura, mas tinha algo que mexia muito comigo. Ia meio no suspense, preparada, sabendo o que teria que enfrentar. Experimentei a Montanha Russa, algo como uma cesta que desabalava feito doida por umas enormes calhas de madeira (isso é o que ficou na memória, não sei se é a verdade..rsrsr), e cravou na minha memória somente uma curva que ela fez. Foi a primeira vez que ousei descer uma Montanha Russa. Também foi a única e a última...O Trem Fantasma, creio, foi o terror da geração que frequentou parques, sem comentários. Agora, vamos ao processo de chegada ao Parque. Não tenho lembrança de ter ido durante o dia, pois as imagens retidas remetem à noite. Ali começava o sofrimento. Era um lugar de aparência estranha, soturna, algo que me amedrontava. Entrávamos e, Meu Deus: passar por ela...era a parte mais difícil. Dizem que tinha uma boneca que ria.. Quem disse, não viu. Não era uma boneca que ria, era algo assustador. Usando a linguagem na qual a imagem foi formatada na lembrança, era uma “mulher velha” de saia, blusa, uma bolsa na mão ou pendurada no ombro, algo assim. Os cabelos brancos, puxados para trás em um coque. Hoje sou uma mulher de pequena estatura; com 8 ou 10 anos, imagina.. A “velha” para mim era algo gigantesco, colocada a uma altura imensa. Só? Não... As gargalhadas soavam estridentes, enquanto ela movimentava a cabeça para cima e para baixo, chacoalhando o corpo. Terrível, terrível. A prova de fogo era passar por ali. Imagino que eu até quebrava a mão de minha mãe de tanto apertar, procurava abaixar a cabeça para não olhar, mas era mais forte do que eu. Eu levantava a cabeça e olhava para ela... Sua gargalhada ecoava pelo parque todo, entrava nos ouvidos, se emaranhava no cérebro e, até hoje, posso vê-la ameaçadoramente gargalhando para mim. Pode ser que outros contestem a descrição, que não corresponda ao real, mas a imagem que trago da infância é essa. Dentro do Parque tudo transcorria bem, nos divertíamos, mas com uma pontinha de ansiedade: na saída, eu tinha que passar por “ela” novamente. Assim o Parque Shangai não foi somente um local de diversão na minha infância. Foi um Rito, uma iniciação à coragem. Lindo Parque, essas lembranças não têm preço, jamais.

**14) Foi em algum show no auditório do Shanghai? Lembra de algum artista que se apresentou?**

R: Não tenho recordação disso.

**15) Tem ideia de quantos funcionários o Parque possuía? Usavam algum uniforme?**

R: Não sei dizer.

**16) Animadores trabalhavam no Parque? Conheciam alguém que trabalhava no Parque?**

R: Não sei dizer.

**17) O Parque vendia comida? Algum souvenir?**

R: Talvez vendesse guloseimas como balas, algodão doce, coisas assim, mas não tenho lembrança.

**18) Foi em algum circo no parque ou nas imediações?**

R: Não me lembro.

**19) Guardou alguma recordação do Parque? Ingresso? Souvenir? Fotografia?**

R: Não. As fotos tiradas e vendidas na época eram aquelas instantâneas, onde se fotografava e já entregavam a foto. Se não me engano, Polaroid? Com o tempo sumia a imagem, não foram feitas para a posteridade.

**20) Morava próximo ao Parque? O que Lembra do entorno? O Parque influenciava no entorno? Era o grande atrativo das imediações?**

R: Eu morava no bairro da Liberdade e acredito que o Parque Shangai era, sem dúvida, a grande atração em divertimento familiar. Eu acredito que sim.

**21) Moradores do Brás frequentavam o Parque?**

R: Não sei precisar.

**22) Lembra de algum conflito que envolveu o Parque? (Brigas, crimes, desacordo com o poder público)**

R: Nenhuma lembrança.

**23) Quais outros espaços de lazer, dentre outros, elementos existiam no entorno do Parque?**

R: Não.

**24) Além do Parque Shanghai frequentava outros espaços de lazer da cidade de São Paulo? Quais? Lembra dos preços?**

R: Nossos finais de semana eram sempre destinados ao lazer. Lá ia minha mãe com os cinco filhotes em busca de passeios. Nem sempre meu pai podia nos acompanhar. Os que me recordo porque foram visitados varias vezes: Parque do Ibirapuera, Museu do Ipiranga (nunca entendi como minha mãe conseguia chegar ao Museu e porque se interessava em museu), Zoológico. Este último rendeu-me angústias pela vida afora, uma ansiedade que até hoje me castiga. O Zoológico era muito longe e fechava às 17.00h, isso me lembro. As longas filas à espera do ônibus, o trajeto demorado e chegávamos a casa à noite. Sempre tive medo que minha mãe se perdesse no caminho e não conseguisse chegar mais em casa. Mesmo agora, passeios

distantes me causam horror, medo de não conseguir voltar... (Não sabe o que um imaginário infantil leva para a vida adulta (rsrs). Quanto aos preços, não tenho ideia nenhuma.

## Questionário Parque Shanghai<sup>240</sup>

**1) Quantas vezes foi ao Parque Shanghai?**

R: Fui 3 a 4 vezes, com minha ex-esposa.

**2) Quando foi? Lembra o ano? A década?**

R: Em 1965 e 1966

**3) Você pagou ingresso para entrar? Entrou de outra maneira?**

R: Não pagamos ingresso. Ganhei convites da extinta Eletro Radio Bráz, onde tinha uma amiga que era Gerente do RH.

**4) Qual era o valor do ingresso quando foi ao Parque? Pagava um valor para entrar e outro para se divertir nos equipamentos? Quanto pagava nos equipamentos?**

R: Não tenho nem ideia de custo dos equipamentos, entrada também, mas não era caro não.

**5) Lembra se o Parque fazia algum tipo de promoção?**

R: Sim tinha preços melhores no meio de semana.

**6) Era necessário ter muito dinheiro para frequentar o Parque?**

R: Não. Os preços eram condizentes e bons.

**7) Com quem foi ao Parque? Ou quem te levou ao Parque?**

R: Minha ex-esposa.

**8) Quantos brinquedos o Parque abrigava? Lembra o nome de quais brinquedos?**

R: Muitos. Lembro bem da roda gigante, carrinhos bate-bate, gangorra tipo nórdica, um gira-gira com vários assentos.

**9) Qual era sua atração preferida?**

R: Gangorra e Gira-Gira.

**10) Ir ao Parque era um evento distinto? Como se vestia para ir ao Parque?**

R: Roupas da época. Calça jeans, camisa e tênis.

**11) Qual meio de transporte utilizava para ir ao Shanghai?**

R: Usava ônibus e bonde. Descia na Praça da Sé ou Praça Clóvis Bevilacqua, onde passava os bondes. De lá ia a pé até o Parque.

---

<sup>240</sup> Questionário respondido por Walter Barbosa em 14/03/2017. Barbosa foi frequentador do Parque Shanghai de São Paulo durante a década de 1960.

**12) O Parque funcionava durante a semana, ou apenas sábados, domingos e feriados?**

R: Funcionava de terça a domingo.

**13) Descreva suas sensações no espaço do Parque, nos brinquedos, com as personagens ou pessoas que lá circulavam.**

R: Era uma coisa fenomenal na época, como hoje seria um Playcenter, e outros grandes Parques.

**14) Foi em algum show no auditório do Shanghai? Lembra de algum artista que se apresentou?**

R: Lembro de um show que participamos, era de um programa de rádio do apresentador Barros de Alencar. Juancito e Orlando Alvarado se apresentaram.

**15) Tem ideia de quantos funcionários o Parque possuía? Usavam algum uniforme?**

R: Lembro de funcionários com roupas vermelhas (uniformes).

**16) Animadores trabalhavam no Parque? Conhecia alguém que trabalhava no Parque?**

R: Não conhecia.

**17) O Parque vendia comida? Algum souvenir?**

R: Lembro muito das delícias que tinha, dentre elas, maçãs do amor, crepes suíços, pipoca, algodão doce, amendoins torrados, lanches e refrigerantes.

**18) Foi em algum circo no Parque ou nas imediações?**

R: Não.

**19) Guardou alguma recordação do Parque? Ingresso? Souvenir? Fotografia?**

R: Sim. Até hoje tenho um palito de maçã do amor de 1966

**20) Morava próximo ao parque? O que Lembra do entorno? O Parque influenciava no entorno? Era o grande atrativo das imediações?**

R: Não. Naquela época morava em Guarulhos. O percurso de ônibus era de aproximadamente 45 minutos.

**21) Moradores do Brás frequentavam o Parque?**

R: Sim, com grande frequência.

**22) Lembra de algum conflito que envolveu o Parque? (Brigas, crimes, desacordo com o poder público)**

R: Não

**23) Quais outros espaços de lazer, dentre outros, elementos existiam no entorno do Parque?**

R: \_Tinha na época um espaço na Praça da Sé com venda de Discos LPS.

**24) Além do Parque Shanghai frequentava outros espaços de lazer da cidade de São Paulo? Quais? Lembra dos preços?**

R: Frequentei muito o Teatro de Alumínio, na Praça Ramos. Não lembro de preços, assisti alguns shows, com Wanderley Cardoso, Juancito, Rosemary e os Incríveis.

Anexo V

I N V E N T Á R I O

Inventário geral dos bens de propriedade do senhor ENRIQUE PIO GASPAR ZARAGUETA, transferidos para a Sociedade DIVERSÕES "SHANGHAI" DO BRASIL LIMITADA, constante de aparelhos de diversões, acessórios, peças, móveis e utensílios, a baixo discriminado. O presente inventário é extraído em quatro (4) vias, conforme constituição de Sociedade, organizada em 16-6-54, no Tabelião Armando Sales, Livro 373, fôlhas 12 e escritura de retificação e ratificação lavrada em 27-9-54, livro 349 fôlhas 104.-

PARQUE DE DIVERSÕES - SÃO PAULO

APARELHOS E INSTALAÇÕES

Conjunto de motores e trilhos .....	4.700,00
Aparêlho Viagem à Lua "Saturno" .....	4.500,00
1 Realço .....	1.680,00
1 Aparêlho Metamorfose .....	7.400,00
1 aparelho de habilidade .....	700,00
1 aparelho Alfândega .....	1.950,00
1 Luminoso .....	970,00
1 Amplificador .....	2.900,00
1 Avião com torre elétrica .....	2.000,00
12 autos Infantil .....	8.000,00
1 Projetor de Cinema 16mm .....	7.150,00
1 Motor Elétrico .....	2.840,00
1 Máquina pipocas .....	1.100,00
1 Barraca usada .....	1.560,00
1 Marequinha Infantil .....	4.380,00
1 Projetor de Cinema .....	8.200,00
1 Aparêlho "Chicote Americano" .....	135.000,00
5 Espingardas .....	3.500,00
1 Auto-Pista Infantil .....	12.500,00
1 Avião Infantil .....	6.250,00
1 Avião Infantil .....	6.250,00
2 Marrequinhas Infantil .....	12.500,00
2 motores elétricos .....	2.950,00
1 Barracão metálico .....	24.000,00
1 Maquete Monhanha Russa .....	14.500,00
1 Realço .....	22.300,00
1 Pista Infantil coberta .....	62.400,00
1 Motor Elétrico .....	9.150,00
1 Motor Elétrico .....	1.080,00
1 Trem "Expresso Adulto" .....	52.000,00
Instalações elétricas, barracas, quiosques etc	157.912,30

MÓVEIS E UTENSÍLIOS

Móveis para ambulatórios .....	1.510,00
Fachada e escritório .....	8.030,00
1 Bilhar .....	210,00
1 Microfone .....	105,00
1 Vitrola .....	380,00
1 Bicorna .....	395,00
2 Carrinhos para aterros .....	400,00
1 Fogão .....	530,00
1 Acumulador .....	173,00
1 Máquina de somar .....	2.950,00
1 Máquina de escrever .....	2.660,00
1 Geladeira .....	11.050,00
3 Escrevaninhas .....	1.003,00
2 Estantes .....	944,00
6 Cadeiras .....	180,00
1 Grupo estofado para escritório .....	1.003,00
1 Cofre de ferro .....	3.835,00
Some .....	617.680,30

INVENTÁRIO DE ENRIQUE PIO GASPAR ZARAGUETA QUE SE TRANSFERE PARA DIVERSÕES SHANGHAI DO BRASIL LIMITADA.

	Transporte .....	2.152.936,40
1	MOTOR LANCHAS, incompleto e em reforma com 20 lanças e 20 motores. Dinamo e demais pertences .....	100.000,00
<b>PARQUE DO RIO</b>		
1	Carroussel Americano, com 36 cavalos, estrada de madeira, torre de ferro, cobertura de lona, motor e grades .....	100.000,00
1	AVIÃO INFANTIL, torre de ferro, com longarinas, e 6 aviões de chapa, movido à mão .....	13.000,00
1	DANGLER AMERICANO, torre de ferro, longarina em tubo. 24 cadeiras, motor e grades .....	30.000,00
1	CHICOTE AÉREO, em ferro e cantoneira, com 14 carros de ferro, cabo de aço, motor elétrico e grades .....	80.000,00
1	TREM FANTASMA - A - com pavilhão de madeira, cobertura de zinco, assoalhado, trilhos, decorações internas, 4 carros, motores, frente de chapa .....	100.000,00
1	TREM FANTASMA - B - com pavilhão, com estrutura de ferro, chapas de zinco, côncavo 30 x 15, painéis de madeira, 5 carros, motores, figuras decorativas internas, gás neon .....	80.000,00
1	AUTO-PISTA ELÉTRICO, estado precaríssimo, bar ração cobertura chapa, tela de arame, assoalhado de chapa e madeira 22 x 12 - 20 autos de chapa e motores, dinamo, grades e cabine ...	120.000,00
1	AUTO-PISTA ELÉTRICO - B - estado precaríssimo - cobertura de chapa, tela de arame, assoalhado de chapa e madeira 22 x 12, com 25 autos motores, 2 dinamos, grades, cabine .....	120.000,00
1	PALÁCIO DO RISO - cobertura de chapa - laterais de madeira, disco giratório e tubos e espelhos .....	10.000,00
1	RODA GIGANTE - Americana original, com 12 carros, grades, motor .....	100.000,00
1	MONTANHA RUSSA, toda de madeira, altura de 29 metros, com 123 metros de comprimento, trilhos e 3 carros com 3 composições - Estação de embarque. Fluorescente. Correntes. Motores elétricos. Chave de comando. Bilheteria fixa, digo fixa .....	1.000.000,00
1	BICHO DA SEDA. Aparelho circular, com ondulação, trilhos, braços e longarinas em tubos, com 30 assentos duplos, estofados, girando sobre rodas massiça. Cobertura em lona. Cabine de comando. Ventiladores. 3 motores elétricos. Gradil de tubo. Grades .....	150.000,00
1	GARROUSSEL AQUÁTICO, com 17 barcos de chapa de ferro. Trilhos e 2 motores .....	30.000,00
1	TREM INFANTIL (EXPRESSO SHANGHAI), máquina elétrica que puxa 4 vagões, sobre trilhos com 120 metros de trilhos. Estação .....	20.000,00
1	MARREQUINHA INFANTIL, com torre de ferro, com 6 braços, 12 assentos, com correntes, motor elétrico e grades .....	10.000,00
1	ACROPLANO, em chapa de ferro, montado sobre uma forquilha, motor e grades .....	30.000,00
1	ESTRATOSFÉRICO, aparelho movido à pressão de água com hélice e 3 motores. Cabine de comando e grades .....	60.000,00
1	CHICOTE AMERICANO, com plataforma de madeira e ferro. Engrenagem. Cabo de aço com 12 carros. Motor e grades .....	120.000,00
	Soma .....	4.425.936,40

INVENTÁRIO DE ENRIQUE PIO GASPAR ZARAGUETA QUE SE TRANSFERE PARA DIVERSÕES SHANGHAI DO BRASIL LTDA.

	Transporte .....	617.680,30
1	Conjunto móveis de aço .....	2.470,00
1	Relógio elétrico de parede .....	440,00
1	Abat-jour .....	195,00
1	Geladeira pequena .....	7.375,00
1	Microfone .....	236,00
1	Aparelho de rádio .....	1.298,00
1	Automóvel Ford .....	35.900,00
1	Revolver para o vigia .....	590,00
1	Lote de cadeiras .....	2.820,00
1	Cofre de ferro .....	1.590,00
200	Mesas e 600 cadeiras .....	29.700,00
1	Lote cobertura Antártica .....	8.580,00
1	Espelho .....	292,00
1	Espelho .....	102,00
1	Carro "Jeep" .....	36.300,00
1	Máquina de escrever .....	1.820,00
1	Amplificador .....	2.916,00
2	Espelhos .....	291,00
1	Arquivo de aço "Fiel" .....	2.120,00
1	Estabilizador .....	1.620,00
1	Espelho .....	567,00
1	Armário de Aço .....	2.360,00
1	Caminhão Ford .....	64.800,00
1	Gravador .....	6.885,00
1	Gerador à gasolina .....	10.940,00
2	Serras elétricas .....	8.505,00
1	Arquivo de aço .....	1.800,00
1	Máquina de escrever .....	4.050,00
	Soma .....	854.242,30
	Deduzir vários objetos vendidos .....	41.305,90
		812.936,40
1	CARROUSSEL AMERICANO, cobertura de chapa, 24 cavalos de madeiras com 4 bancos e 4 barcos .....	70.000,00
1	RODA GIGANTE com 18 caçambas, escadas fixas toda em ferro .....	100.000,00
1	TREM FANTASMA, pavilhão desmontável de madeira com cobertura de chapa 24 x 14, com 6 carros .....	100.000,00
1	WATER SHOTT, em madeira e ferro, com 2 lanças de madeira e chapa, corrente e motores .....	50.000,00
1	TARTARUGA, com composição e 6 carros que circula sobre trilhos fixos e motores .....	300.000,00
1	AVIAO INFANTIL, torre de ferro e 6 aviões chapa .....	10.000,00
1	RODINHA INFANTIL, em cantoneira de ferro com 8 caçambas, motores e grades .....	15.000,00
1	CHICOTE AMERICANO, com plataforma de madeira e ferro, com 12 carros, com motores, grades .....	150.000,00
1	PLANADOR, com torre de ferro e plataforma de madeira, longarinas com 18 braços, 12 caçambas de chapa e motores, painéis, grades .....	100.000,00
1	AUTO-PISTA ELÉTRICO, com pavilhão de madeira, cobertura de zinco, 24 x 12, com plataforma de chapa e madeira com 24 autos e motores e dinamo .....	300.000,00
1	CARROUSSEL AQUÁTICO, com 17 barcos de chapa de ferro e trilhos, com 2 motores .....	30.000,00
1	AUTO-PISTA INFANTIL, com 10 autos e plataforma circular de madeira e motor .....	10.000,00
1	CARROUSSEL, somente armação .....	15.000,00
1	BALANÇO VENEZIANO, com 9 barcos .....	10.000,00
1	CICLONE, incompleto, com 6 carros redondos, centro giratório e engate, armação de carno, sem assoalho e sem cobertura .....	80.000,00
	Soma .....	2.152.936,40

*Obra*  
*Emprego*  
*de*  
*Emprego*

INVENTÁRIO DE ENRIQUE PIO GASPAR ZARAGUETA  
QUE SE TRANSFERE PARA DIVERSÕES SHANGHAI  
DO BRASIL LIMITADA.

	Transporte .....	4.425.936,40
1 DANGLER AMERICANO, com torre de ferro, longarinas de tubo e 24 cadeiras. Motor e grades		30.000,00
1 CHICOTE MALUCO, circular, plancha de madeira e ferro. 6 carros redondos com defesa de borracha. Motor elétrico e grades .....		70.000,00
1 PALÁCIO DA GARGALHADA. Cobertura em chapa e laterais de madeira. Espelhos. Fachada .....		30.000,00
1 AUTO-DROMO. Pista de madeira, cerca em tela de arame. Estação. 8 carros com motores, gasolina .....		100.000,00
<b>PARQUE DE CURITIBA</b>		
1 CHICOTE AMERICANO. 12 carros, motor 15 HP. Grades, cabo de aço. Engrenagem .....		180.000,00
1 DANGLER AMERICANO. Com 24 cadeiras. Torre de ferro, correntes e um motor de 7 1/2 HP. Grades		40.000,00
1 AUTO-PISTA INFANTIL, descoberta. Plataforma de madeira com 12 autos. 2 motores 1 HP .....		25.000,00
1 MARREQUINHA INFANTIL. Torre de ferro, 16 cadeiras. Motor de 1 HP. Grades .....		10.000,00
1 AVIÃO INFANTIL. Torre de ferro. 8 aviões, motor elétrico. Grades .....		10.000,00
1 AUTO-PISTA INFANTIL. Coberta em chapa, com 10 autos duplos. 2 motores de 1 HP. Tubos .....		80.000,00
<b>PARQUE DO NORTE</b>		
1 AUTO-PISTA-Pavião de chapa e madeira. Cobertura de zinco. Tela de arame. Painéis internos de madeira. 20 autos. Motores elétricos. Assoslhado de madeira e chapas, teto de chapa de ferro		300.000,00
1 POLVO, base central com 6 braços de ferro. 6 Carros duplos de alumínio. 12 caçambas. Grades. Cabine. Transmissão e motores elétricos .....		150.000,00
1 LIND-LOOP. Aparelho circular. Cavaletes com trilhos. 12 carros duplos em cantoneira de ferro. Armação e longarinas em tubos e ferro. Estrados de madeira. Gradil em tubos manemann. Grades. Motor. Transmissão .....		100.000,00
1 RODA GIGANTE. Americano original. 12 cadeiras em madeira e ferro. Cabo de aço. Motor e grades.		100.000,00
1 LOOP AND LOOP digo LOOPING THE LOOP "TIRA PROSA", duplo, com 2 martelos. Coluna central. Caçambas de alumínio. Cabine de Comando. Motor. Plataforma de madeira. Grades .....		100.000,00
1 ACROPLANO, em chapa de ferro, montado em uma forquilha com motor e grades .....		20.000,00
1 APARELHO INFANTIL, com estrado de madeira, giratório e 10 cadeiras de chapa e madeira 4 velocípedes fixos, motor e grades .....		10.000,00
1 AVIÃO INFANTIL. Torre de ferro, com 6 aviões de chapa e ferro. Longarina de ferro. Motor e grades .....		20.000,00
1 AUTO-PISTA INFANTIL. Circular, descoberta, com estrado de madeira e 12 carros. Motor e grades		30.000,00
1 AUTO-DROMO, com 5 carros com motor à gasolina		50.000,00
Material elétricos e ferramentas .....		19.063,60
TOTAL .....		5.900.000,00

IMPORTA EM CINCO MILHÕES E NOVECENTOS MIL CRUZEIROS O PRESENTE INVENTÁRIO QUE É ACHADO DE ACÓRDO COM OS SÓCIOS/COTISTAS DA FIRMA EM ORGANIZAÇÃO "DIVERSÕES SHANGHAI DO BRASIL LTDA."

DE ACÓRDO:

*Fernando Bicalho Veiga*  
 ENRIQUE PIO GASPAR ZARAGUETA.  
*Angelo Beerra*  
 ANGELO BEERRA.

17.º  
 A. P. P. de  
 Recon.  
 S. Pat.  
 Em te.  
 CARLO